

O PASTOR DESCARTÁVEL

A REDESCOBERTA DO CHAMADO

MARVA J. DAWN & EUGENE H. PETERSON
(Org. Peter Santucci)



O PASTOR DESCARTÁVEL

A REDESCOBERTA DO CHAMADO

MARVA J. DAWN & EUGENE H. PETERSON
(Org. Peter Santucci)

O pastor descartável © 2017, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente em inglês com o título The unnecessary pastor, Marva J. Dawn & Eugene Peterson © 2000 por Wm. B. Eerdmans Publishing Co. 2140 Oak Industrial Drive N.E., Grand Rapids, Michigan 49505. Todos os direitos são reservados.

Conselho Editorial

Cláudio Marra (Presidente)

Filipe Fontes

Heber Carlos de Campos Jr

Hermisten Maia Pereira da Costa

Joel Theodoro da Fonseca Jr

Misael Batista do Nascimento

Tarcízio José de Freitas Carvalho

Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Produção Editorial

Tradução: Cláudio Fava Chagas

Revisão: Mauro Filgueiras Filho Luís Paulo Fiuza Marques Wilton Vidal de Lima

Editoração: Fernando Simões Macedo

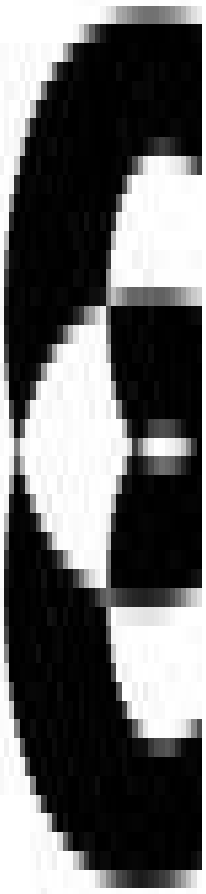
Editoração para ebook: Tiago Dias

Capa: Lucas Gonçalves

D271p Dawn, Marva J. O pastor descartável / Marva J. Dawn e Eugene Peterson

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.


Respeite o direito autoral



EDITURA CULTURA CREȘTINĂ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

(11) 3207-7099 / cep@cep.org.br

www.editoraculturacrista.com.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Introdução

EUGENE H. PETERSON

1. Sobre ser descartável

EUGENE H. PETERSON

2. Prelúdios à redescoberta

MARVA J. DAWN

3. O chamado a ser uma doxologia viva

MARVA J. DAWN

4. Paulo: terminando em Roma

EUGENE H. PETERSON

5. O chamado para triunfar sobre os principados e as potestades

MARVA J. DAWN

6. Timóteo: assumindo em Éfeso

EUGENE H. PETERSON

7. O chamado para ser formado e transformado pelo Espírito do Cristo ressurreto

MARVA J. DAWN

8. Tito: iniciando em Creta

EUGENE H. PETERSON

9. O chamado à edificação da comunidade

MARVA J. DAWN

Leituras adicionais

Introdução

EUGENE H. PETERSON

Sempre fico um pouco nervoso ao compilar um livro como este. Os livros são maravilhosos. Eu gosto de lê-los; gosto de escrevê-los. Mas há um tipo de falsidade embutida no que Marva e eu estamos fazendo aqui, porque um livro é um objeto inevitavelmente enganoso. Todas as sentenças terminam com um ponto. Todos os pontos e vírgulas estão no lugar certo. Todas as sentenças têm sintaxe correta. Todas as páginas são numeradas em sequência; você não tem de pular coisa alguma. Todos os títulos dos capítulos se revelam a você de maneira ordenada. Os livros têm capas, que dão uma falsa sensação de completude. Está tudo lá, disposto de maneira agradável e ordenada para você.

Mas a vida não é assim. Nem o ministério, nem a espiritualidade é assim. Eu não sou assim e Marva, também não. A vida é cheia de partidas e paradas, becos sem saída, desvios decepcionantes e suposições errôneas. Eventualmente, pela graça de Deus, encontramos nosso caminho para atos de obediência, atos de louvor. Mas, ao longo do caminho, gastamos um tempo considerável desembaraçando-nos de espinheiros e coçando a cabeça. Penso que será útil parar, ler e orar ao longo de tudo isso — e, melhor ainda, fazê-lo com um colega, cônjuge ou amigo. Mas você não deverá supor que Marva e eu estamos operando em um nível mais elevado do que você. Não existem níveis mais elevados na vida de Cristo — existe somente seguir a Jesus e obedecê-lo, dia após dia, lutando contra o pecado e os pecadores, e ser surpreendido pela graça e pela ressurreição.

O que estou querendo dizer é: a espiritualidade e o ministério são sempre locais e específicos, sempre ocorrendo sob condições. Não estamos operando com um conjunto de verdades, abstrações e generalidades, mas com um hábito cultivado

do coração e uma determinação para nos imergirmos em nosso lugar, nossa cidade, nossa congregação, à maneira de Jesus na Galileia e em Jerusalém, de Paulo em Roma, de Timóteo em Éfeso e de Tito em Creta.

Assim, no tocante a compilar um livro sobre ministério, sinto-me como alguém que passou a maior parte da vida trabalhando em uma oficina mecânica, debaixo dos carros, com graxa no rosto e sob as unhas. E, então, alguém me põe sob um chuveiro, me faz esfregar fora a sujeira, me veste, me põe diante de um grupo de pessoas e diz:

"Diga-lhes o que você faz". "Bem, eu trabalho com carros."

"Ora, realmente, você não se parece com alguém que trabalha com carros. O que você faz neles?"

"Bem, isso depende. É um Pontiac, um Chrysler ou um BMW? O que está errado: a transmissão, o carburador ou as velas de ignição? Preciso de uma chave inglesa ou de uma chave de boca de cinco milímetros? Faça-me uma pergunta." Então você faz e eu digo: "Não faço a menor ideia".

Há um programa de rádio maravilhoso, chamado Car Talk [Conversa sobre carros], que amo escutar, mesmo não sabendo muita coisa sobre carros. Nele, dois irmãos, Click e Clack, respondem as perguntas de ouvintes sobre problemas de carros. Esses dois irmãos espirituosos e irreverentes brincam o tempo todo, mas sabem tudo sobre carros. Mesmo que você tenha um carro velho a partir de 1932, eles sabem exatamente de que você está falando. E, no prazo de trinta, quarenta ou cinquenta segundos no rádio, diagnosticam o problema do seu carro. Eles não teorizam, não fazem grandes pronunciamentos, não dizem coisa alguma de natureza geral. Eles se deleitam com os detalhes. Você nunca saberá se eles estavam certos ou não. Mas eles atuam com confiança e as pessoas que ligam

parecem ficar satisfeitas.

Sempre que os ouço, penso que gostaria de ser um pastor daquela maneira. Eu gostaria de saber tanto sobre as almas, pois poderia diagnosticá-las com a mesma rapidez, entendê-las com a mesma precisão e saber o que estou fazendo. Então, penso que há muitas diferentes marcas de carro, mas há muito mais diferentes marcas de alma. Tudo que pode dar errado com um carro é algo mecânico. E, dadas à física e à materialidade, há apenas um número finito de maneiras pelas quais os problemas podem ocorrer e ser consertados. Mas o pecado é exponencial. Você não é capaz de imaginar todas as maneiras pelas quais o pecado pode destruir uma vida. Então, desisto disso e fico contente por ser um pastor que não sabe muito e tem de descobrir as coisas enquanto avança. Mas, pelo menos, Click e Clack me dizem: não enfeite seu caminho com grandes ideias, visões grandiosas, verdades eternas arrebatadoras — mergulhe nos detalhes. Você não pode fazer a obra pastoral em âmbito geral ou com objetividade — você está nela.

Lembro-me de que, quando eu era estudante, me contaram sobre o "método científico" pelo qual os cientistas de laboratórios faziam esforços rigorosos para realizar experimentos totalmente objetivos, sem contaminação humana subjetiva. O propósito era criar um ambiente absolutamente estéril que assegurasse resultados puramente factuais, que depois pudessem ser precisamente duplicados em qualquer lugar e a qualquer momento. Então, eles descobriram que a própria presença do observador afetava o experimento. Só o fato de estar lá mudava as coisas.

Se os cientistas, trabalhando em condições controladas, não conseguem produzir uma objetividade pura que se traduza em previsibilidade precisa, é certo que nós não conseguiremos. Isso ocorre porque nós trabalhamos no outro extremo do espectro de controle: coloque um pastor e uma congregação juntos e o que você terá é, principalmente, uma espécie de caos, que em Gênesis 1.2 é denominado no hebraico de tohu wabohu, "sem forma e vazio". Isso pode não parecer muito promissor, mas você tem também o Espírito de Deus pairando sobre esse caos, e

a Palavra de Deus sendo falada, trazendo à existência um mundo de criação e salvação. Todo o ministério ocorre em condições de pecado, sobre o qual o Espírito de Deus paira e sobre o qual é falada a Palavra de Deus, que cria mundos e transforma vidas.

Então, sento-me para escrever um livro ou dar uma série de palestras e me sinto novamente como Click e Clack — ou, neste caso, Marva e Eugene —, cheio de respostas claras e objetivas. Provavelmente, Marva e eu pareceremos saber mais do que realmente sabemos. Mas esperamos que isso não acabe acontecendo. Nosso objetivo é colocar algumas passagens bíblicas diante de vocês — as Cartas Pastorais e Efésios — de uma maneira tal que elas possam moldar a sua compreensão daquilo que vocês foram chamados a ser como pastores e ministros leigos.* Queremos ajudá-los na formação de uma identidade pastoral bíblica, a partir da qual poderão ministrar nos detalhes complexos e confusos das almas confiadas aos seus cuidados por Deus.

Tanto quanto amaríamos emular a facilidade, a inteligência e as soluções específicas de Click e Clack, Marva e eu nos contentamos com pintar o quadro geral com a máxima precisão que conseguirmos, para que vocês possam acrescentar os detalhes de sua vida no ministério. Se tivermos conseguido fazer isso, estaremos contentes.

Eugene H. Peterson

Capítulo 1

Sobre ser descartável

EUGENE H. PETERSON

Introdução

Começamos com o óbvio: o evangelho de Jesus Cristo é profundamente contra-cultural. Jesus disse: “Eu vim para lançar fogo sobre a terra, e bem quisera que já estivesse a arder” (Lc 12.49).

Há poderosas forças culturais determinadas a transformar Jesus num aldeão sábio, afável e nômade que ministra sabedoria simples, despertando nosso desejo por Deus e aguçando nosso apetite por verdades mais elevadas — coisas que, em si mesmas, são boas. Essas mesmas forças estão igualmente determinadas a nos transformar, os pastores e líderes da Igreja, em figuras amavelmente religiosas, homens e mulheres que forneçam orientação em momentos difíceis, que distribuam inspiração e bom ânimo numa base semanal, que proporcionem uma reafirmação favorável de que “Deus está em seu céu…” e mantenham nossas congregações ocupadas com tarefas que fortaleçam a sua autoestima — tudo que, em si, são coisas boas.

E se as pessoas não nos transformam em pessoas meramente agradáveis, elas nos transformam em réplicas dos nossos líderes culturais, que estão em busca de poder, influência e prestígio. O tempo todo ouvimos essas vozes insistentes

dizendo que nós, pastores, devemos nos espelhar nos executivos e artistas de sucesso que chegaram ao topo, de modo que possamos dar visibilidade às nossas igrejas e ter grande sucesso no mundo.

Nesse tipo de cultura, é continuamente difícil cultivar uma identidade cotidiana derivada do Jesus Cristo crucificado e ressurreto. Independentemente de quantas cruzes penduramos no pescoço, colamos no para-choque e colocamos na nossa igreja, a vida radical de arrependimento e batismo é extremamente difícil de sustentar.

Porém, o cristão é testemunha de uma nova realidade que é totalmente contrária à cultura. A fé cristã é uma proclamação de que o Reino de Deus chegou em Jesus, uma proclamação que coloca o mundo em risco. A verdade que o próprio Jesus proclamou, e da qual testemunhamos, é que o mundo egocêntrico e imerso no pecado está condenado.

Os pastores são encarregados de manter clara a distinção entre as mentiras do mundo e a verdade do evangelho. Evidentemente, isso não vale apenas para os pastores, uma vez que todo cristão batizado faz parte disso, mas os pastores são colocados numa posição estratégica, contracultural. Nosso lugar na sociedade é, em alguns aspectos, singular: ninguém mais ocupa esse exato nicho que parece tão inofensivo, mas que é, de fato, muito perigoso para o status quo. Temos o compromisso de manter viva a proclamação e de cuidar das almas em uma era que nega e banaliza a alma.

No entanto, isso não é fácil. Forças poderosas, tanto sutis quanto óbvias, tentam domesticar os pastores para servirem à cultura como ela é ou nos seduzir a usar nossa posição para nos tornarmos poderosos e importantes nos termos do mundo. Por isso, necessitamos de toda a ajuda que pudermos obter para manter a nossa identidade evangélica.

Algumas palavras acerca deste livro e seu título

O propósito deste livro é, então, reconectar os pastores com as passagens bíblicas e teológicas que nos capacitam como servos contraculturais de Jesus Cristo. Queremos ser livres da escravidão egípcia à cultura e livres para servir ao nosso mundo de deserto em nome de Jesus.

A principal premissa é que os pastores são “desnecessários”, mas desnecessários num sentido definido. Com isso, não quero dizer inúteis, irrelevantes ou indolentes. Quero dizer desnecessários de três maneiras em que, com frequência, nos consideram necessários:

1. Somos desnecessários para o que a cultura supõe ser importante: como exemplos de bondade e gentileza. A cultura tem uma estima bastante elevada por pastores como guardiões da ordem moral. Somos vistos como pessoas que fornecem uma base para a estabilidade social, são úteis em tempos de crise e servem como símbolos de significado e propósito. No entanto, não somos necessários em nenhuma dessas maneiras.

Há alguns anos, fui convidado a ir ao Pentágono para uma reunião com os capelães dos diversos serviços — Exército, Marinha, Força Aérea, Fuzileiros Navais —, para falar sobre a difícil situação em que eles se encontravam. Estávamos desfrutando de tempos de paz havia vários anos, e o Pentágono estava tentando reduzir o orçamento para capelães. Estes não eram figuras vistas como necessárias, de alto nível, sendo assim eles haviam apelado a mim para tentar convencer seus superiores de que eram necessários, de que deveriam estar lá. Eles estavam sendo utilizados em todos os tipos de programa — aconselhamento sobre drogas, aconselhamento matrimonial. Estavam reunindo toda sorte de meios para manter seus empregos, e nenhuma dessas razões tinha a ver com o que pensavam quando se alistaram para ser capelães. No meio de tudo isso — e não fui de grande ajuda para eles, pois estava pensando no que estou lhe falando —, eles me disseram que, em tempos de guerra, na frente de batalha,

todo capitão, todo coronel, todo líder de uma força exige ter um capelão. Quando as balas estão voando e as bombas estão explodindo, eles querem um capelão bem ao lado. Capelães são importantes; todos sabem que são importantes. Eles são pessoas para a vida e para a morte. Mas, em tempos de paz, quem precisa de um capelão? E, no decorrer de tudo isso, um dos homens deu um soco na mesa e disse: “O que precisamos é de uma guerra!”.

Três semanas depois, a Guerra do Golfo irrompeu e os empregos deles foram assegurados.

2. Somos também desnecessários para o que nós mesmos sentimos ser essencial: como o pivô que mantém uma congregação unida. Alguns de nós foram criados com a ideia de que ser pastor é o ponto alto do ministério — detemos a posição mais alta na hierarquia dos que servem em nome de Jesus. A nós são confiadas a Palavra de Deus e a alma de homens e mulheres — ninguém mais ocupa essa posição privilegiada da maneira como nós a ocupamos. Passamos a nos levar muito a sério. Porém, não somos necessários nesses modos presunçosos. Nenhum de nós é indispensável. A mensagem de Mordecai a Ester nos coloca em nosso lugar: “… se de todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento” (Et 4.14). Temos um trabalho importante a fazer, mas, se não o fizermos, Deus sempre poderá encontrar outra pessoa — e, provavelmente, não um pastor.

3. E somos desnecessários para o que as congregações insistem que precisamos fazer e ser: os peritos que as ajudam a permanecer à frente da concorrência. As congregações querem pastores que as conduzirão ao mundo da competição religiosa e proporcionarão uma alternativa segura aos caminhos do mundo. Elas querem pastores que liderem. Elas querem pastores da maneira como os israelitas queriam um rei — para fazer picadinho dos filisteus. É da cultura, e não das Escrituras, que as congregações obtêm as suas ideias acerca da função de um pastor: elas querem um vencedor; elas querem ter suas necessidades satisfeitas; elas querem fazer parte de algo entusiástico e glamoroso. No momento, estou conversando com aproximadamente uma dúzia de homens e

mulheres que estão sendo preparados para se tornar pastores e esperam ser chamados por uma congregação. E estou tendo a experiência deprimente de ler descrições congregacionais do que essas igrejas querem em um pastor. Com raras exceções, elas não querem um pastor em tudo — elas querem um gerente para a sua empresa religiosa.

Elas querem um pastor que possam seguir para que não tenham mais que se preocupar em seguir Jesus.

Marva e eu…

Marva Dawn e eu trabalharemos na construção de uma identidade de desnecessidade, para contrariar as expectativas da cultura, do ego e da congregação. É nossa convicção que só quando percebermos como somos desnecessários seremos livres para fazer a "única coisa necessária" — a necessidade do evangelho imposta à vida gloriosa, mas maltratada, do pastor.

Marva e eu nunca havíamos alinhado nosso pensar e sentir como agora, mas, há vários anos temos tido uma amizade que nos preparou para isso. Todos os anos, Marva vem a um acampamento luterano em Montana para treinar a equipe de verão. O acampamento não fica longe de onde Jan e eu moramos. Durante anos, Marva e eu lemos os livros um do outro e, então, descobrimos ser vizinhos durante uma semana por ano. Por isso, agora temos o hábito de desfrutar juntos de uma refeição e uma rica conversa no início de junho. Ao longo de nossa leitura e conversação, não demorou muito para percebermos que, de alguma maneira, a partir de nossas origens bastante diferentes havíamos chegado a convicções e compreensões do evangelho semelhantes. Talvez fosse a conexão Montana…

O entendimento e a convicção que nos reúnem neste livro são que a obra

pastoral tem origem e é moldada pela revelação de Deus em Jesus Cristo. Ela acontece na cultura do mundo, mas não é causada pela mesma, pois está intimamente envolvida no mundo, mas não é definida por ele. O evangelho é livre, não apenas no sentido de que não temos de pagar por ele, mas também no sentido mais fundamental de que ele é uma expressão da liberdade de Deus — não é causado pelas nossas necessidades, mas pela graça de Deus. A Trindade — e não a cultura, não a congregação — é o contexto primário para a aquisição de treinamento e compreensão na vocação pastoral.

Em nossa tradição há extensas discussões teológicas sobre a liberdade de Deus. Este é absolutamente livre. Ele não faz o que quer que seja porque tem de fazê-lo. Não há necessidade em Deus. Ele não faz parte da sequência de causa e efeito das coisas. Ele opera por amor livre — sem restrições. E há subsequentes reflexões de que, embora nenhum de nós seja livre dessa maneira, ao adorarmos e obedecermos a Deus em sua liberdade, participamos de sua liberdade e ministramos em decorrência dela, vivendo não por restrições, impulsos ou necessidades, mas por graça e amor — dois aspectos elementares da liberdade. Esse tipo de reflexão teológica paira como pano de fundo das próximas páginas.

Uma palavra aos que não são pastores

Antes de prosseguir, quero dizer algo aos que não são pastores, pois a maioria das pessoas que trabalham na vinha do evangelho está ministrando de maneira que não se enquadra no rótulo “pastor”.

Tenho amigos que pensam ser virtualmente impossível ser um pastor honesto, que honra a Deus, em nossa cultura atual. Eles estão convencidos de que o próprio papel, formado, como tem sido agora, num século de consumismo de “compre-o” e psicologismo de “corrija-o” se tornou tão poderoso que derrota todos os esforços individuais para operar dentro dele. Agora, o papel do pastor está tão secularizado e tão politizado pela cultura que, mesmo com a melhor das intenções, não está mais disponível como sede de um ministério

verdadeiramente cristão.

Às vezes, o século 16 é citado como precedente, seguindo alguns dos reformadores que estavam convencidos de ser impossível liderar a igreja de Cristo como monge, freira ou padre. George Fox, que cem anos depois lançou anátemas sobre clérigos de qualquer grau ou tempo de formação, é outro que, por vezes, é considerado um precedente. Então, a única liderança autêntica em tempos como esses deve vir do laicato, o povo de Deus não definido por considerações de natureza profissional.

Certamente, há uma defesa a ser feita a essa posição e não a repudio com leviandade. Em uma época como a nossa, em que caracteristicamente entregamos a gestão de nossas vidas a especialistas, nossa única ligação com o que é verdadeiramente humano é o amador, o leigo. Vivemos, de fato, numa época em que o conhecimento tem sido tão informatizado e institucionalizado que toda a sabedoria foi espremida para fora dele, deixando-nos numa condição em que a sabedoria real quase só pode ser encontrada fora das fileiras das escolas e dos formados por elas.

Muitos dos movimentos de renovação em nossos dois mil anos de história cristã se originaram no laicato. A fé cristã tem se formado e se reformado, não raramente, contra a instituição religiosa. O chamado laicato, o povo de Deus não definido por trabalho, status ou certificação, é uma lagoa da qual líderes continuam a vir à tona em momentos críticos e, com frequência, de maneiras inesperadas, para dar urgência e clareza ao evangelho de Jesus Cristo neste velho mundo. O próprio Jesus, juntamente com Pedro e o restante dos Doze, era leigo, operando fora dos parâmetros clericais da cultura. Nem ele, nem eles, vieram de uma casta educacionalmente formada ou profissional.

Todavia, não estou convencido. Não sou pessimista quanto à possibilidade de pastores viverem e operarem como servos de Jesus Cristo. Mas nós precisamos de toda a ajuda que conseguirmos, e grande parte da ajuda virá de você que não

é pastor, que se vê chamado a servir a Jesus em outras formas de trabalho.

Permanece o fato de que temos pastores e, provavelmente, continuaremos a tê-los. Minha abordagem em tudo isso é fazer o que puder para dar dignidade a todos os ministérios leigos, dos locais de trabalho, feitos em nome de Jesus; e, ao mesmo tempo, cultivar a humildade entre os ministérios clericais, da igreja. Ministério é ministério, independentemente de quem o faz, quando é feito em nome de Jesus. Mas os pastores têm condições distintas para trabalhar e responsabilidades distintas. Penso que compreendemos e praticamos melhor os nossos respectivos ministérios, leigos e clericais, quando o fazemos juntos, leigos e clérigos, no mesmo recinto.

Lembro-me de, quando menino, ficar sentado ao lado da conversa obrigatória sobre sexo no acampamento de verão. Os meninos e as meninas eram segregados para essa ocasião solene. O que mais ocupava as nossas mentes era o que estaria sendo dito ao outro sexo, na outra sala. Sexo não é algo que faz muito sentido sem a presença do outro, o conhecimento do outro. De semelhante modo, temos seguido uma estratégia paralela ao falar sobre o ministério, segregando os profissionais e os não profissionais, os clérigos e os leigos, e acabamos com uma grande quantidade de desinformação recíproca. Porém, espero que isso não ocorra aqui. A maior parte do que se segue é tão relevante para a vida dos não pastores quanto para a dos pastores; e o pouco que não é lhe dará uma visão para oração e incentivo aos pastores.

Meu principal impulso é cultivar a humildade entre os pastores, mas as mesmas palavras, com uma mudança de vocabulário, podem ser usadas para dar dignidade a todos os que se juntam a Deus em sua obra de ministério.

As Epístolas Pastorais

Quando me tornei pastor, descobri que a maior parte dos conselhos e orientações que recebi não vieram da Escritura, mas da cultura. A maioria era formada por bons conselhos — fazia sentido, era responsável. Se eu os tivesse seguido, provavelmente não teria feito mal algum. Mas não os segui; eu queria que não somente a minha vida, mas também o meu ministério, fossem moldados pelo evangelho cristão revelado em Jesus. Nenhum dos meus conselheiros eruditos jamais sugerira que eu desistisse da minha fé cristã para poder ser bem-sucedido no ministério; mas o que eles fizeram implicitamente foi sugerir que eu desistisse da Escritura como base definitiva para a vocação pastoral na América do Norte contemporânea. A Escritura era boa para a pregação, mas, no tocante a dirigir uma igreja, organizar uma congregação, gerir conflitos, treinar professores para a escola da igreja e fazer publicidade sobre a nova ênfase em missões, as Sagradas Escrituras não ofereciam muito. Afinal, Isaías nunca teve de fazer uma campanha de mordomia; Jeremias não sabia sequer o mínimo sobre gestão de conflitos — de fato, ele passou a maior parte de sua vida em apuros com seus colegas religiosos em Jerusalém. Meus conselheiros ficaram felizes em fornecer-me textos atualizados, escritos por diversos especialistas na área, que mostravam como ser relevante para a cultura.

Mas eu sabia que havia homens e mulheres que tiveram o seu trabalho pastoral moldado pela Sagrada Escritura. Eu os admirava e queria aquilo para mim mesmo. A maioria dessas pessoas que eu admirava estava nos cemitérios, mas haviam deixado livros escritos, que me deram o suficiente para seguir em frente, o suficiente para me convencer de que a Escritura, não a cultura, era o ponto onde começar. De domingo a domingo, eu vasculhava a minha Bíblia, procurando a ajuda de que precisava. Não demorei muito para encontrá-la e muitos dos meus livros vieram diretamente dessa busca bem-sucedida. Em primeiro lugar, descobri os Salmos e Jeremias; em seguida, os cinco pequenos pergaminhos hebreus — Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester; e depois, alguns anos atrás, fui surpreendido por Jonas. Mas um interesse nas Epístolas Pastorais antecedeu todos eles. Logo no início, resolvi que, se alguma vez alguém me pedisse para dar um curso num seminário sobre ministério pastoral, eu usaria as Epístolas Pastorais como texto base. Ninguém chegou a pedir e, assim, essas três Epístolas Pastorais, 1 e 2 Timóteo e Tito, têm ficado ali todos esses anos, apenas esperando uma chance.

Então me pediram para falar na conferência de pastores no Regent College (da qual este livro nasceu); minutos após receber o pedido, eu sabia que queria usar as Pastorais. Falei sobre isso com Marva, que também havia sido convidada, e ela pensou que Efésios forneceria a voz certa para fazer surgir um diálogo. O tema, o pastor desnecessário,* surgiu de nossas conversas. E aqui estamos nós.

Por isso, as Epístolas Pastorais serão o nosso texto orientador, tomando três pastores da Igreja Primitiva trabalhando em três cenários bem diferentes, mas, em cada caso, trabalhando em espírito de oração, de modo inteligente e com insistência contra a cultura dominante. A exposição de Marva sobre Efésios definirá o contexto mais amplo em que ocorrem toda a vida e o ministério cristãos.

Eis aqui o pano de fundo para o meu interesse nas Epístolas Pastorais em relação à obra pastoral contemporânea. Quando me tornei pastor, eu estava determinado a ser um pastor radical. Eu queria fazer as coisas à maneira do primeiro século — voltar às bases, com nenhum dos vinte séculos de aterro sanitário se interpondo; sem acomodação à cultura, mantendo as tradições, em conformidade com a religião institucional. Ninguém dormiria na minha congregação. Ninguém que eu pastoreasse serviria a dois senhores.

Então, após alguns meses no cargo, percebi que havia contas de aquecimento e eletricidade a pagar, uma creche para crianças pequenas e bebês para fazer funcionar. Certo domingo, ao acordar, vi 30 centímetros de neve e percebi que, não havendo previsto neve no meu planejamento, não havia providenciado um responsável por esse tipo de obra evangélica. Naquele domingo, passei três horas preparando-me para a adoração removendo neve com uma pá. Além disso, havia as pessoas que queriam ajuda para criar seus filhos, para lidar com seus cônjuges. Fizemos reuniões de comitês para planejar que tipo de carpete colocar no berçário.

Como você passa três dias fazendo a exegese do texto “Estou crucificado com

Cristo", fica acordado metade da noite de sexta-feira em retiro com os jovens ouvindo o rock deles, participa de uma reunião de sábado com seus diáconos tentando decidir quanto reservar no orçamento para os serviços de zeladoria, e sobe no púlpito na manhã de domingo como um pastor radical?

Para ser pastor, eu teria de lidar com as responsabilidades ligadas a viver em comunidade com pessoas que levavam seus empregos a sério, levavam seus filhos ao dentista fielmente e controlavam seus talões de cheques todo mês. Eu conseguiria ser também um pastor radical? Eu tive de desistir de ser "radical" no momento em que concordei em compartilhar as responsabilidades de uma vida comunitária moral e justa?

Foi então que descobri as Epístolas Pastorais.

Porém, essas três cartas estavam machucadas e esfarrapadas, tendo sido tratadas com considerável condescendência pelos estudiosos do Novo Testamento nos últimos 150 anos. A visão predominante até bem recentemente era que elas denotam um Paulo de segunda classe, um Paulo requentado. Este não poderia tê-las escrito: ele era radical, ardente, evangelista/missionário intransigente, dentro e fora da prisão, perturbador da paz, agitador — inquietando as pessoas e provocando oposição de todos os lados — sempre em movimento, indo incansavelmente de uma cidade a outra. A única maneira de mantê-lo quieto durante muito tempo era colocá-lo na prisão. Mas as Epístolas Pastorais, embora afirmassem terem sido escritas por Paulo e contivessem algumas frases e ideias paulinas, não têm a paixão dele. O leão paulino fora transformado em um gato doméstico. O verdadeiro Paulo esperava a vinda de Cristo a qualquer momento — a vida era vivida no fio da expectativa —, mas as Epístolas Pastorais haviam sido preparadas para o longo prazo, elaborando maneiras de manter a ordem e a continuidade. Elas refletem uma igreja que chegou a um acordo com sua relação com o mundo. Esse não poderia ser Paulo.

Para descrever essas três cartas, estudiosos alemães usaram o termo christliche

Burgerlichkeit: cristianismo burguês, cristianismo de classe média, cristianismo respeitável. A tensão entre a Igreja e o mundo acabou. A igreja se adaptou. A frase “vida tranquila e mansa” (1Tm 2.2) é representativa das Pastorais. Não balance o barco; não faça ondas. Philip Towner escreve: “A vida em Cristo se fundira com a vida no mundo”.1 Então, há Tito 2.11-14: “Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras”. E Tito 3.1: “Lembra-lhes que se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, estejam prontos para toda boa obra…”.

Mas estudos mais recentes descobrem que esse não é um Paulo domado; é o mesmo evangelho de sempre — expectante, radical, fervoroso —, mas agora elaborado em condições pastorais, condições que envolvem lidar com família e comunidade em longo prazo. Essa é a mesma paixão paulina, uma paixão pastoral. Fresca, nova e intensa — mas no mundo, e lidando com as condições deste. E essa é a perspectiva em que me basearei.

Recentemente, uma aluna do Regent me contou que, quando ela e seu marido se casaram, eles decidiram que seriam “ciganos para Jesus” — sem vínculos, soltos, livres e falando somente sobre Jesus. Mas, agora que está se formando, ela disse: “O que eu realmente quero agora é ser pastora. Tudo que quero é me enraizar numa comunidade e conhecer as pessoas, cuidar delas, servi-las. Não penso que Matt e eu sejamos menos radicais do que antes, mas não queremos mais ser ciganos. Queremos fazer parte da família de Deus”. Isso é o que estamos procurando. Não um cristianismo burguês, mas, de alguma forma, operar no mundo da burguesia, o confortável, o estabelecido; e, de algum modo, levar a ele essa paixão por Cristo. Isso é o que Paulo busca nas Epístolas Pastorais.

Votos — colocando proteções

Acabo de comemorar o quadragésimo ano de minha ordenação para o ministério do evangelho. Ao longo desses 40 anos, passei muito tempo tentando permanecer honesto, devoto e bíblico ao servir a Jesus nesse papel. Fiquei consternado com a deserção generalizada de muitos dos meus amigos para oficiarem em santuários de Baal e bosques de Astarote — esse incrível renascimento da antiga religião cananeia no continente norte-americano. Você teria pensado que homens e mulheres que tiveram suas cabeças cheias de Elias, Isaías e Jeremias teriam sido provas contra uma religião que foi projetada para juntar as necessidades das pessoas, da forma como elas as entendem, apelando ao seu orgulho, nutrindo sua ganância e fornecendo fantasias escapistas que as incapacitam a fiéis e comprometidos relacionamentos e trabalhos. Mas olhamos à nossa volta — e também dentro de nós — e percebemos não haver muita correspondência entre esses profetas ferozes e o que está sendo mostrado nos dias de hoje como um pastor bem-sucedido. (Quando propus inicialmente a frase "O pastor desnecessário" como título para a conferência no Regent College, disseram-me: "Você não pode chamá-la assim; ninguém virá. Nenhum pastor da América do Norte quer que lhe digam que ele é desnecessário. Encontre uma frase mais positiva, mais encorajadora". Mas a palestra ficou totalmente lotada de homens e mulheres em busca de arrancar a identificação cultural e prosseguir com um ministério bíblico.)

Ao me aproximar desse quadragésimo aniversário da minha ordenação, tive a oportunidade de voltar e rever os oito votos que fiz na época. Um deles, o sexto voto, me pareceu ser genérico para todos os pastores; quero usá-lo agora para dar foco ao espírito que inspira essas epístolas pastorais e ao que estamos fazendo aqui. O voto foi: Em sua própria vida, você está disposto a procurar seguir o Senhor Jesus Cristo, amar aos seus próximos e trabalhar pela reconciliação do mundo?

A cerca de 95 quilômetros de Vancouver, subindo a costa do sol, há uma montanha popular entre os escaladores — Stalamus Chief. Ela se apresenta

como uma laje vertical de granito liso de 600 metros de altura. Ela parece uma folha de vidro. Em dias de verão, escaladores se espalham em diferentes níveis de subida ao longo de toda a sua face. Ocasionalmente, eles passam a noite em redes (o que eles denominam bivacar), pendurados como casulos ligados a tapumes de celeiro. Isso sempre me parece uma maneira muito perigosa de diversão.

Sou fascinado pela vista e, quando estou nas proximidades, saio da estrada e observo durante algum tempo com meu binóculo. Não é a ação que prende a minha atenção, porque, certamente, não há muita ação lá em cima. Os escaladores se movem lentamente, com cautela, cada movimento é testado e calculado. Não há espontaneidade nesse esporte, não há emoções. Exceto, talvez, a definitiva emoção de não cair — não morrer. Possivelmente, o que prenda minha atenção seja a morte, o risco de morte — a vida pendurada por um fio.

Ainda assim, por mais perigoso que seja, eu sei que não é tão perigoso quanto parece. Olhando do fundo do vale a olho nu, os escaladores parecem estar improvavelmente isentos da gravidade. Mas, com meu binóculo, posso ver que cada um deles está equipado com cordas, mosquetões e pitões (ou calços, cunhas e firmadores de cordas). Os pitões, cavilhas resistentes feitas de metal leve, são básicos. Meus dois filhos são os dois escaladores e eu os ouvi planejando as suas subidas. Eles passam tanto ou mais tempo planejando as escaladas do que na escalada real. Eles traçam meticulosamente a sua rota e depois, ao subirem, colocam aquilo que denominam “proteções” — pitões martelados em pequenas fendas na face da rocha, com cordas anexadas que interromperão uma descida rápida para a morte. Os escaladores que não colocam proteções têm carreiras curtas.

Recentemente, enquanto observava vários desses escaladores, de repente me ocorreu que, nos últimos quarenta anos, meus votos de ordenação haviam funcionado como pitões, cavilhas firmemente implantadas na face da rocha vertical (que se estende entre o céu e a terra) na qual o ministério cristão é desempenhado. Os votos são cavilhas, proteções contra disposições e condições

atmosféricas, erros de cálculo e fadiga. Visão e chamado, risco e inspiração são aquilo de que temos mais consciência e que os outros veem quando nos tornamos pastores ou assumimos cargos de liderança na igreja, mas, se não houver “proteção”, as chances de sobrevivência são poucas. É por isso que fazemos votos. Diversas igrejas e denominações têm maneiras diferentes de colocá-los em palavras, mas todos eles se referem à mesma coisa: proteção.

Eis novamente o que quero propor para exame: Em sua própria vida, você está disposto a procurar seguir o Senhor Jesus Cristo, amar aos seus próximos e trabalhar pela reconciliação do mundo?

Parece estranho incluir uma pergunta como essa em votos de ordenação. Essa é uma pergunta a ser feita a alguém que está entrando na vida cristã, preparando-se para o batismo. Essa é uma pergunta para principiantes, um voto que nos faz começar com o pé direito. Mas lá estava eu, me preparando para ser pastor, e esse voto — o sexto de uma sequência de oito perguntas de ordenação —, que nada tem a ver com pastoreio, vem à tona. Os fundamentos já foram avaliados com muito cuidado, certificando-se de que o ordenando é cristão confesso (no 1), submisso à autoridade das Escrituras (no 2), em conformidade com as tradições da minha igreja (no 3), conhecedor do ofício para o qual estou sendo ordenado (no 4) e disposto a ser membro de uma comunidade de pares (no 5). Mais dois votos seguem o sexto, deixando claro que o ordenando sabe que as pessoas devem ser servidas assim como Jesus (no 7) e que essa ordenação não é um lugar de privilégio, mas de serviço diligente, que exige toda uma vida de energia e determinação (no 8).

Embutido na sequência de oito votos está esse sexto, que não parece fazer parte do contexto da ordenação. Os fundamentos para a ordenação já não foram amplamente avaliados nos primeiros cinco e nos dois últimos? Um compromisso cristão básico não está assumido? Esse não é redundante?

Sim. Mas não. Sim, já está tudo lá. Mas uma longa experiência nesse labor nos

faz ficar alertas na detecção de brechas. Neste caso, a brecha tem a ver com tornar-se tão diligente em ser pastor, trabalhar para Jesus, que expulsa a vida pessoal de viver para Jesus. A frase eficaz no sexto voto é “em sua própria vida”.

O perigo constante para quem adentra as fileiras dos ordenados é assumir um papel religioso profissional, que gradualmente destrói a vida da alma.

O sexto voto especifica três áreas de proteção contra isso: (1) seguir o Senhor Jesus Cristo; (2) amar aos próximos; (3) trabalhar para a reconciliação do mundo. Ao que parece, esse sexto voto de ordenação nada tem a ver com ser um pastor como tal; ele é um voto para, diligentemente, guardar e nutrir o nosso compromisso básico como cristão. Muitos cristãos perderam sua alma ao serem ordenados. Esse voto nos reconduz à vocação básica de ser um cristão, um simples cristão.

Isso é necessário porque, na ordenação, não nos formamos em certo nível avançado de religião que nos diferencia ou coloca acima de nosso status anterior como cristãos. Mas não é fácil manter essa consciência. Karl Barth foi eloquente em sua insistência em que somos sempre iniciantes nessa vida cristã. Independentemente de quão bem preguemos, sejamos conhecedores de teologia, competentes em governo e diligentes no desempenho dos deveres que nos foram atribuídos, somos sempre principiantes; nunca nos formamos como “cristãos” e passamos ao trabalho avançado em “ministério”. Nem a vida cristã, nem o ministério cristão pode jamais “ser algo além de obra de novatos. … O que os cristãos fazem se torna uma autocontradição quando toma a forma de uma rotina treinada e dominada, de uma arte aprendida e praticada. Eles podem e conseguem ser mestres e até mesmo virtuosos em muitas coisas, mas nunca naquilo que os torna cristãos, filhos de Deus”.2

O sexto voto estabelece uma proteção contra assumir o papel de especialista e, em seguida, tomar o trabalho de liderança do Cristo em cujo nome somos ordenados.

“Em sua própria vida, você está disposto a procurar

seguir o Senhor Jesus Cristo…?”

A ordenação nos coloca em uma posição de liderança. À medida que nos tornamos bons em liderança, nos acostumamos a ter pessoas nos seguindo. Elas nos procuram para orientação, esperam iniciativa de nós e, não raro, nos transferem a responsabilidade por suas vidas, esperando que removamos a folga resultante de sua indolência e passividade. Os líderes costumam trabalhar mais do que os seguidores. Caracteristicamente, os líderes aceitam mais responsabilidade do que seguidores.

Às vezes, os seguidores nos admiram; outras vezes, nos criticam; mas, em qualquer caso, somos tratados como uma classe à parte; somos líderes.

As palavras de Jesus “… se não vos… tornardes como crianças…” (Mt 18.3) não perdem pertinência no ato da ordenação. Mas o ato de ordenação facilita o seu uso primariamente pelo bem de outras pessoas, as pessoas que estamos liderando. Ser como criança é uma qualidade maravilhosa em um seguidor; fica muito mais fácil sermos líderes quando somos seguidos com confiança e sem questionamentos. Mas, após alguns anos no comando de filhos de Deus, torna-se espantosamente difícil sermos crianças. A humildade recua à medida que a liderança avança.

Trata-se de algo sutil e que costuma levar anos para acontecer, mas, sem “proteções” — sem aquele pitão encravado na face da rocha —, quase inevitavelmente o papel de líder substitui o papel de seguidor. Em vez de continuarmos como seguidores do Senhor Jesus Cristo, tornamo-nos chefes em nome do Senhor Jesus Cristo. Às vezes, somos muito bons chefes, buscando o bem-estar dos nossos funcionários; outras vezes, valentões piedosos mal

disfarçados.

“Em sua própria vida, você está

disposto a… amar o seu próximo…?”

Ocorre uma coisa estranha: geralmente, a primeira baixa nos campos da liderança ordenada é o próximo. Os homens e mulheres com quem vivemos e trabalhamos são transformados em objetos ao longo do nosso trabalho; em vez de serem, primariamente, pessoas a quem amamos, seja por afeição natural (cônjuge, filhos, amigos) ou pelo mandamento de Cristo (amarás o teu próximo como a ti mesmo), eles se tornam gradualmente funcionalizados. Sob a pressão de “trabalhar para Jesus” ou “realizar a missão da Igreja”, esses ex-próximos são tratados em termos funcionais: eles passam a ser vistos como “recursos” ou “pesos mortos”, como “ativos” ou “passivos”, como “homem ou mulher de ponta” ou “disfuncionais”. Nos últimos anos, desenvolvi uma forte alergia à palavra “disfuncional” quando aplicada a pessoas, especialmente pessoas batizadas. Essa palavra é útil para descrever máquinas, não pessoas. O relacionamento comandado do amor dá lugar a considerações de eficiência e começa a ser interpretado pelas abstrações de planos e programas, metas e visões, estatísticas de evangelismo e estratégias de missão. Afinal de contas, somos ordenados para algo que ultrapassa e é mais intenso do que simplesmente “cristão” — temos trabalho a fazer. Essas pessoas, com quem nos encontramos colocados numa posição responsável da liderança, precisam ser colocadas na obra do reino ou, pelo menos, no trabalho da igreja. Amar os próximos recua para o pano de fundo à medida que saímos fazendo recrutas, alinhando aliados, argumentando com a oposição para que esta entre em conformidade, motivando os letárgicos e inscrevendo participantes para garantir o sucesso de um projeto ou programa. Se eles não o fazem, são disfuncionais.

Você vê o que acontece quando substituímos uma palavra bíblica como “pecador” por uma palavra secular como “disfuncional”? O que está errado no pecador é algo que tem a ver com o seu relacionamento com Deus; o que está errado na pessoa disfuncional tem a ver com não se adequar aos meus projetos.

Todo o cuidado é pouco com as palavras que usamos, porque elas revelam a maneira como vemos e vivemos as nossas vidas.

Em Você e eu, um dos livros mais importantes do século para pessoas como nós, Martin Buber mostrou como é fácil e comum tratar as pessoas como "coisa" em vez de como "você". Ele também mostrou quão terrível é transformar em terra árida despersonalizada de papéis importantes e funções eficientes o que Deus criou como uma comunidade humana de homens e mulheres cuja glória é amarem uns aos outros. Buber também admitiu que não conseguimos manter continuamente a intimidade aberta de "eu/você" em nossos relacionamentos — seria totalmente exaustivo; precisamos ser capazes de escapar, em certas ocasiões, para a região menos exigente de papel e função a fim de desempenhar algumas de nossas rotinas básicas. Porém, no momento em que a região funcional se torna a nossa residência permanente e o próximo se torna um objeto, uma "coisa" a ser usada, independentemente de quão justo e glorioso seja o uso, um sacrilégio foi cometido.

O sexto voto coloca proteções contra deixar a ordenação evoluir para uma sutil despersonalização (e condenação) para funções e projetos das próprias pessoas que Cristo nos ordenou a amar.

"Em sua própria vida, você está disposto a… trabalhar

pela reconciliação do mundo?"

A frase de João "… Deus amou ao mundo de tal maneira …" (Jo 3.16) estabelece o contexto para a obra em que assumimos responsabilidades específicas quando somos ordenados. Ele é um contexto surpreendentemente grande e abrangente: mundo. Nessa frase, "mundo" significa a coisa toda — continentes e oceanos, cortiços pelas cidades e pátios de celeiros pelos países, almas e sociedades, bebês no útero e homens e mulheres perseguindo vigorosamente cada local imaginável para ganhar dinheiro, ajudando os

necessitados, ávidos por poder, explorando os fracos, descobrindo a verdade, cultivando alimentos, fazendo arte, cantando e tocando. “Mundo” está repleto de bem e de mal. Foi para ele que Cristo veio e morreu, no qual somos enviados a batizar e fazer discípulos e para sermos “ministros da reconciliação”.

Como, então, ocorre com tanta frequência que ser feito pastor tem o efeito de nos puxar para fora deste imenso mundo e nos pôr a trabalhar numa instituição religiosa que exerce a sua atividade praticamente segundo os seus próprios termos e com a sua própria agenda? De dentro da instituição que ordenou é fácil olhar para o mundo que Deus ama e reclassificá-lo como inimigo, como concorrente, como distração. Depois, nós, que somos ordenados, somos colocados para trabalhar em comitês e projetos que nos deixam sem tempo e energia para o mundo e cada vez menos interessados nele. Os assuntos eclesiásticos exigem exércitos de homens e mulheres ordenados para manter o seu funcionamento, e isso não muito antes que a ordenação, em vez de nos colocar na linha de frente de conciliar o amor pelo mundo, nos tenha alistado compulsoriamente em atividades e agendas que efetivamente nos afastam exatamente do mundo cujo apuro é a razão primeira da nossa ordenação. A obra própria do diabo é nos deixar tão ocupados em atacar, evitar ou competir com o mundo, que já não estamos mais disponíveis para o trabalho crítico e chave da reconciliação: a obra de Cristo para a qual fomos ordenados.

Isso não significa que a nossa vida pós-ordenação precise ser conspicuamente exposta ao mundo, realizando coletivas de imprensa e marchando com manifestantes. Boa parte, talvez a maior parte, da obra de reconciliação ocorre em maneiras e lugares que o próprio mundo nunca percebe: em oração solitária, em estudo tranquilo, em retiros renovadores das energias, em comitês para clarificação da visão. Ainda assim, em algum nível, tudo que fazemos e dizemos, pensamos e oramos, requer um relacionamento de crença e obediência ao amor de Deus pelo mundo, à obra reconciliadora de Cristo no mundo. Quando o nosso trabalho para Jesus como pastores e testemunhas embota a nossa consciência do mundo, nos distrai deste, nos coloca em concorrência com ele ou é simplesmente uma evasão do mesmo, nossa ordenação é falsificada.

O sexto voto estabelece as proteções essenciais contra a perda de contato com a obra primária em que o próprio Cristo está envolvido e para a qual somos ordenados. Recebemos considerável conselho e orientação para nos mantermos responsáveis em nossos ministérios; esse voto nos mantém vivos.

Minha tarefa é mostrar a você três pastores “desnecessários” do Novo Testamento — pastores que responderam a, mas não foram definidos por cultura, ego ou congregação; os três pastores cujos nomes são agrupados na companhia das epístolas pastorais: Paulo, Timóteo e Tito. Capítulos alternados escritos por Marva Dawn fornecem o maior contexto evangélico possível para a compreensão desses três “pastores desnecessários”.

Primeiramente, Paulo, terminando em Roma. Quase no fim de sua vocação pastoral, de bom grado e graciosamente, ele abre mão de sua autoridade e posição. A vocação pastoral não é localizada nele. Ele demonstra uma liderança de humildade.

Depois, Timóteo, assumindo em Éfeso. Ele entra em uma confusão congregacional com o objetivo de corrigi-la. Ele herda tanto o legado (de Paulo) quanto os problemas (de Himeneu e Alexandre) pelos quais outros eram responsáveis. A vocação pastoral não começa com uma tela em branco. O sofrimento é inerente ao trabalho. Timóteo reforma uma igreja corrupta.

Por fim, Tito, iniciando em Creta. Na recém-evangelizada ilha de Creta, ele estabelece as bases da comunidade cristã em uma cultura que não sabe muito sobre comunidade espiritual ou vida de discipulado. Tito é enviado para estabelecer uma base sólida.

Esses três são bons representantes de pessoas que exerceram o ministério pastoral antes de nós. Eles não o exerceram com perfeição, mas de uma maneira

que revela a verdade de Deus no que eles fizeram.

Capítulo 2

Prelúdios à redescoberta

MARVA J. DAWN

Comecemos pensando em um par de frases que a Igreja1 vem dizendo em seus cultos de adoração há centenas de anos. Eu as considero inestimáveis para conectar-me à comunidade quando falo a grupos em que não conheço muito os participantes. Eu digo às pessoas: “O Senhor esteja com vocês” e a congregação responde: “Com você também”. Nós dizemos essas frases para lembrar que somos uma comunidade escutando Deus juntos. Não posso ensinar bem se os presentes não acompanharem o tema comigo, lado a lado.

Se você e eu estivéssemos juntos no mesmo recinto, a sua participação comigo seria tão importante quanto o que quer que eu tivesse a oferecer, porque você evocaria em mim novas possibilidades de estar aberta à operação do Espírito por meu intermédio. Dado que o conteúdo deste livro foi apresentado pela primeira vez a uma plateia em uma conferência ao vivo, eu imagino você, leitor, comigo enquanto escrevo — e oro para que, enquanto você lê, você também se imagine em um vívido processo interativo comigo em minha parte deste livro.

Ao fazer sermões infantis sobre frases litúrgicas da Igreja, pergunto às crianças: “O que o pastor faz quando diz: ‘O Senhor esteja com vocês’?” e todas sabem que o clérigo estende as duas mãos para abençoar. Então, eu lhes pergunto: “E o que você faz então?” Certamente, elas dão respostas muito interessantes, mas, em geral, não percebem que também são ministros — que o pastor precisa que

elas lhe retribuam a bênção. Então, sempre as exorto a fazê-lo fisicamente, com os braços estendidos. De fato, agora muitas das pessoas da congregação a que pertenço estendem suas mãos em direção ao nosso pastor quando o abençoamos. Ao dar nossa resposta com nosso corpo inteiro, estamos realmente orando para que o pastor ou líder seja capaz de servir bem, estar aberto ao Espírito, saber que o nosso amor e apoio estão com ele ou ela. Essa é uma longa introdução para pedir que, quando escrevo “O Senhor esteja com você”, você se comprometa a participar ativamente com este livro, respondendo em sua mente: “Com você também”.

O Senhor esteja com você…

Oremos: Deus triúno, Pai, Filho e Espírito Santo, somos dominados pela magnificência da tua graça. Percebemos que somente por meio da tua misericórdia podemos nos reunir em espírito, que tudo que fazemos é totalmente dependente de ti. Por isso, te pedimos para eliminar de nossas mentes, almas e corpos qualquer coisa que possa nos distrair daquilo que o teu Espírito quer dizer hoje às igrejas. Pedimos que tu fixes os nossos corações em ti e transformes as nossas vidas por meio da tua Palavra. Nós confiamos em tua promessa de que a tua Palavra não voltará vazia e, por isso, cremos que seremos transformados pelo que ouvimos e lemos. Também pedimos que tu nos formes para sermos os servos que tu nos chamaste a ser, para tua honra, tua glória e teu louvor, pelos séculos dos séculos — e pelo bem do teu mundo. Amém.

Antes de nos lançarmos à brilhante música da carta de Paulo aos Efésios2 em uma tentativa de ver como ela pode moldar uma identidade pastoral, precisamos fazer um trabalho de fundo preliminar preparatório. Isso incluirá algumas notas de advertência, bem como algum ressoar do cantus firmus sobre o qual construiremos novas melodias e harmonias.

Imagens cintilantes

Preciso confessar que, na conferência que deu origem a este livro, fiquei fortemente impressionada ao cooperar com Eugene Peterson. Eu o admiro há tanto tempo que me sentia terrivelmente inadequada para ensinar lado a lado com ele, mas essa sensação de inferioridade me permitiu introduzir meu primeiro argumento — bem encapsulado no título do livro Glittering images [Imagens cintilantes], de Susan Howatch.3 No meio do romance, a personagem central do livro, Charles Ashworth — cujo sobrenome é, certamente, importante na descrição de como ele se sente a respeito de si mesmo* — reconhece, por meio da hábil intervenção de um diretor espiritual maravilhoso, que vem se escondendo atrás de uma "imagem cintilante". O resultado é que seu verdadeiro eu não foi autorizado a se revelar. À medida que o diretor espiritual continua a guiá-lo, ele discerne a maneira como usa as diversas habilidades e ferramentas de sua imagem cintilante em suas tentativas de conquistar a aprovação dos outros, enquanto seu verdadeiro eu preferiria ser fiel em servir a Deus sem levar em conta a reação dos outros.

Recentemente, peguei-me na mesma tentação de me esconder atrás de uma imagem cintilante. Eu estava falando sobre adoração em uma conferência denominacional para os pastores sêniores de igrejas muito grandes e sabia que algumas palavras proféticas tinham de ser proclamadas. Entretanto, em vez disso, uma enorme parte de mim queria esconder-me numa figura mais agradável e em palavras mais atraentes do que aquelas incisivas de que os participantes não gostavam, mas realmente precisavam ouvir. Talvez também para você o púlpito seja um lugar de extrema facilidade para assumir imagens cintilantes.

O vestuário que usei no primeiro dia da conferência no Regent College, que levou a este livro, teve a intenção de oferecer uma vívida ilustração visual do nosso problema humano comum — já que tenho uma perna de "imagem cintilante" e outra aleijada. Esta última exige um aparelho ortopédico que, embora um tanto desengonçado e feio, impede-me de fraturá-la novamente, o que exigiria sua amputação. A perna não ficou reta quando a fraturei após a reconstrução do meu pé destruído, então não me atrevo a colocar peso sobre ela

sem usar o aparelho. Quando quero usar sapatos formais, preciso de um sapato ortopédico muito desajeitado com uma cunha para me impedir de cair, em razão da perna ser bastante arqueada. No meu pé sadio, gosto de usar uma sandália mais atraente da mesma cor, em vez do pesado sapato ortopédico correspondente, mas o problema é que a sandália não é muito estável para caminhar.

Isso não é, frequentemente, verdadeiro para nós em nossos papéis pastorais? (Nesta conversa, eu uso a palavra pastoral para todos nós, quer sirvamos como profissional/ordenado ou ministremos de outras maneiras pela causa do evangelho.) Somos tentados a nos esconder atrás das nossas imagens cintilantes e esperar que, assim, os outros nos aprovem. Preferimos não reconhecer os nossos "eus" alquebrados, os nossos "eus" com problemas, com falhas secretas que preferiríamos que ninguém conhecesse.

É muito mais fácil — e mais benéfico para toda a Igreja — poder manifestar nosso verdadeiro eu. Essa honestidade, por si só, pode levar a crescimento e estabilidade genuínos. Por conseguinte, após o primeiro dia na conferência do Regent, eu usei meus tênis com cunha nada elegante, como um lembrete para todos nós que, para andarmos bem como filhos de Deus, precisamos lançar fora nossas imagens cintilantes e levar na esportiva as nossas respectivas dificuldades.

Deixe-me incentivar um pouco cada um de vocês a dedicar tempo a uma reflexão tranquila considerando as maneiras como se mostram a sua imagem cintilante e os motivos pelos quais elas poderiam existir. Às vezes fingimos ser diferentes do que somos? Fazemos isso pelo bem dos "nossos" ministérios? Então, estamos fazendo as coisas "necessárias" em vez de nos compreendermos no papel "desnecessário" que Eugene Peterson estabeleceu para nós no primeiro capítulo deste livro? Contemplemos de que modo podemos, em vez disso, recuperar os nossos verdadeiros "eus".

Charles Ashworth aprendeu, com a orientação do seu diretor espiritual, que seu verdadeiro eu era aquele que queria servir a Deus — e servir a Deus fielmente, independentemente do que acontecesse. É claro que isso não tem o objetivo de defender a falta de tato, mas de reconhecer que o papel profético ao qual, às vezes, somos chamados pode despertar nos outros raiva em vez de aprovação. A única maneira de poder ter a coragem de viver sem uma imagem cintilante é reconhecer absolutamente que tudo que fazemos bem como servo pastoral da Igreja é totalmente capacitado pela graça. Então, não precisamos de uma imagem cintilante, porque serão a autoridade de Deus e a misericórdia de Deus operando por nosso intermédio.

Cores primárias

Minha segunda palavra de introdução tem o objetivo de conectar a advertência contra as imagens cintilantes às cores primárias da música de Efésios que explorarei neste livro. Uma vez que o caráter de Deus e a obra interveniente por nosso intermédio formam a base para a nossa liberdade de sermos seus servos, nosso primeiro tópico importante após esses prelúdios será Doxologia. Ao contemplar quem Deus é e como ele opera por meio de nós, não teremos de nos esconder atrás de um falso eu. Em vez disso, aprenderemos a glória e o mistério do louvor, para que possamos ser libertos de nós mesmos para fazer o nosso trabalho desnecessário.

Neste livro, não é possível estudar em profundidade toda a Carta aos Efésios (o que resultaria em um comentário, não em reflexões sobre os nossos papéis pastorais). Em vez disso, nosso objetivo em cada capítulo será focar um tema específico por meio de um texto específico, pelo bem do que é “desnecessário”. Esses temas fornecerão as cores dos tons primários da nossa música, a partir dos quais todos os tipos de elaboração poderão ser feitos quando você refletir sobre a sua própria situação pastoral específica.

Batizados para o sacerdócio

Para ouvir a música da Carta aos Efésios em particular — e para ouvir mais genericamente toda a música das esferas, tudo que Deus quer cantar para o nosso mundo —, precisamos de todos os instrumentos da orquestra. Para que cada um de nós reconheça o seu papel de servo, precisamos entender o que significa ser Igreja e quão verdadeiro é que cada um de nós da comunidade é um sacerdote dessa Igreja. Seja qual for o seu emprego — quer você sirva a uma congregação profissionalmente ou trabalhe em alguma outra ocupação como um veículo para a sua verdadeira vocação de levar o reino de Deus aonde quer que vá —, você é um membro honrado do "sacerdócio de todos os crentes".

Eu não sou um membro ordenado do clero — principalmente porque nunca fui chamada a servir alguma congregação local desde que terminei o meu Mestrado em Divindade; em vez disso, tenho atuado como freelancer em tempo integral para servir à Igreja maior palestrando em várias conferências, seminários e faculdades. Todavia, não ser ordenada foi uma grande vantagem para os meus objetivos de ensino, porque, se as pessoas perguntam, respondo que fui ordenada ao ser batizada aos 29 dias de idade e acolhida na comunidade cristã como um servo chamado de Deus. Não importa se a denominação a que você pertence defende, ou não, o batismo infantil; todos nós, que somos santos de Deus, podemos dizer que o dia do nosso batismo é o dia da nossa ordenação ao sacerdócio de todos os crentes.

Notas falsas: a ciência e o mito da modernidade

Igrejas e estudiosos erraram muito na era modernista (a ser diferenciada dos nossos atuais tempos mais pós-modernos) escondendo-se atrás da imagem cintilante de ferramentas histórico-críticas. Não estou negando a utilidade dessas ferramentas, mas, anteriormente, elas foram usadas excessivamente e abusadas pelos acadêmicos convencidos pela ambição vazia do projeto iluminista de avaliar tudo por meios científicos. Nós assumimos o encargo de tornar a fé intelectualmente crível por aqueles que pensavam que o cientificismo racionalista era o único modo de pensar e, assim, tentaram provar a fé por meio

de bases históricas supostamente objetivas. Como resultado, nós permitimos que as ferramentas atomizassem as Escrituras a tal ponto que os textos já não eram mais capazes de nos formar! Eu considero muito valiosas várias ferramentas críticas, mas se fazemos mau uso delas acabamos dilacerando Jesus e transformando-o em nada mais do que um “sábio nômade”.4

Uma abordagem cirúrgica semelhante foi feita nos escritos de Paulo, no sentido de que os estudiosos afirmam enfaticamente que ele não poderia ter escrito a Carta aos Efésios — sem se perguntarem o que poderia ser adquirido meditando-se sobre a tradicional transmissão do livro com a seguinte abertura: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, aos santos que vivem em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus …” (1.1). Em vez disso, poderíamos perguntar: De que maneira contemplar a paixão de Paulo renova a nossa interpretação de Efésios e aprofunda o nosso amor por sermos a Igreja?

Vários anos atrás, Luke Timothy Johnson, professor de Novo Testamento na Candler School of Theology da Universidade de Emory, surpreendeu o mundo acadêmico por criticar seus colegas acadêmicos em um artigo no Christian Century, que sugeria:

Quando foram contestados por serem republicanos, os estudantes de ciências políticas não foram, por isso, privados do direito de votar; quando foram desafiados quanto aos méritos do capitalismo, os estudantes de economia não foram, por isso, impedidos de adquirir cadernos. Mas, quando os estudantes foram informados de que tudo que haviam aprendido sobre sua religião antes de entrar nessa classe [de seminário] estava errado, nós sabíamos — ou nos importávamos — se a sua capacidade de atuar religiosamente de uma maneira madura seria diminuída?5

Ele admitiu ter começado a se perguntar sobre o seu ensinamento das ferramentas histórico-críticas, já que muitos dos seus alunos do seminário necessitavam muito mais ser, inicialmente, apresentados à tradição cristã antes

de serem ensinados a pensar criticamente a respeito dela. Ao mesmo tempo, ocorriam críticas crescentes às ferramentas no meio acadêmico, com professores levantando questões sobre "os objetivos do paradigma histórico-crítico e sua capacidade de atingir essas metas". Johnson reconheceu que "o suposto caráter 'científico' e 'desinteressado' do paradigma histórico-crítico, por exemplo, é cada vez mais reconhecido como um disfarce para uma pauta teologicamente tendenciosa".6

Essa foi uma grande confissão por parte de um teólogo acadêmico, mas Johnson não se deteve aí; ele continua a disseminar essa tendência reducionista e exterminadora da fé. Em seguida, ele produziu um livro, The Real Jesus is the Christ of Faith [O verdadeiro Jesus é o Cristo da fé], no qual foi persuasivo em desmascarar grande parte do movimento do Jesus histórico e, mais particularmente, o notório Seminário sobre Jesus.7 Em seu livro mais recente, Living Jesus [O Jesus vivo], ele insiste em que precisamos parar de tratar com um Jesus morto e, em vez disso, reconhecer o fundador ressurreto do cristianismo que está vivo em seu povo, nas tradições cristãs e nas Escrituras, e que é "aprendido" nas práticas da Igreja.8 Jesus está vivo! Portanto, precisamos perguntar: Que diferença isso faz?

Com o crescente desvio da nossa sociedade em direção a modos pós-modernos de pensamento, as perguntas e metas modernistas têm sido cada vez mais reconhecidas por seu vazio. Nós simplesmente somos incapazes de provar Deus. Se rasgarmos textos fielmente mantidos pelo povo de Deus para as gerações futuras, não nos restará mais meio algum para saber como é seguir a Cristo. Por outro lado, se podemos confiar em que o Espírito Santo realmente supervisionou o processo de transmitir as Escrituras e tem supervisionado o crescimento da Igreja de Cristo, então nós, como parte dessa Igreja, podemos confiar nesses textos, imergir-nos neles e ser formados por eles. Várias novas ferramentas para o estudo das Escrituras deveriam ser mencionadas aqui, especialmente porque elas mostram a todos nós, tanto estudiosos quanto leigos, a necessidade de ser desnecessário. Ou seja, essas ferramentas nos permitem ser imersos nos textos para que estes possam fazer a sua obra em nós, em vez de nós fazermos a "nossa" obra neles. A crítica canônica busca compreender a Bíblia como um todo, para ver a sua unidade e a unidade de diversos livros conforme foram

transmitidos pelo povo de Deus ao longo da História. A crítica literária nos ensina a ler textos, a observar as suas estruturas e as características de sua escrita, para que possamos ser formados pela maneira como o povo de Deus registrou os seus relatos de fé. Ao estudar a música de Efésios, perceberemos diversas cores, temas e as notas específicas de determinadas palavras, a fim de construírem a harmonia da canção até que possamos cantar as suas melodias e ser formados por elas. Quando mergulhamos nas harmonias bíblicas, somos transformados.

Improvisando o ato faltante

N. T. Wright oferece uma analogia especialmente útil para lidar com a questão de como aplicar os textos bíblicos às nossas vidas. Frequentemente, os ultraconservadores tomam textos e os aplicam à situação atual, sem qualquer preocupação com as culturas originais ou atuais e como as diferenças entre elas poderia afetar o modo como aplicamos as Escrituras pelo menos dois mil anos após elas terem sido escritas. Por outro lado, frequentemente os liberais radicais reagem insistindo que a Bíblia não tem algo específico a dizer diretamente a esta cultura, que só podemos abstrair do texto algum tipo de princípios etéreos. Como uma alternativa criativa, contudo fiel, aos dois lados, Tom Wright sugere uma brilhante comparação.9

Suponha que tenhamos encontrado uma peça inacabada de William Shakespeare. Como poderíamos produzi-la? Se tivermos descoberto os cinco primeiros atos e a última parte do sétimo,10 poderemos tentar escrever as partes faltantes — mas seríamos capazes de escrever tão bem quanto Shakespeare? Além disso, o autor já não está mais vivo para verificarmos com ele as nossas tentativas.

Em vez disso, poderíamos ir a Ashland, Oregon, que tem um dos melhores festivais de Shakespeare do mundo, e ali obteríamos os melhores atores shakespearianos que se podem encontrar — pessoas que atuaram em muitas de suas peças, que conhecem os seus estilos, as suas idiossincrasias, suas

reviravoltas de linguagem. Eles fariam uma imersão nos atos que temos e, então, nós os deixaríamos improvisar as partes que estão faltando. Uma vez que a plateia seria diferente a cada vez em que a peça fosse encenada, ela seria improvisada de uma maneira diferente a cada dia, conforme quem está lá e o que está acontecendo. Isso não seria maravilhoso?

De semelhante modo, a comunidade cristã transmitiu o drama inacabado de Deus. O primeiro ato da peça, a criação, nos ensina que todos nós somos criados igualmente para exibir a imagem de Deus, que somos responsáveis por cuidar uns dos outros e do cosmos. O segundo ato, a queda, nos permite compreender a ruptura e destruição do mundo. O terceiro e o quinto atos apresentam, respectivamente, as histórias de Israel e dos primeiros cristãos, para nos oferecer exemplos de desobediência e de confiança e para demonstrar as consequências de nossas rebeliões e de nossa submissão. O quarto ato dá conta da vida, do sofrimento, da morte, ressurreição e ascensão de Jesus como a culminação de todas as promessas de Deus para Israel no terceiro ato e a base para toda a obra do Espírito Santo por meio dos santos no quinto ato. Esses cinco atos estão completos, mas o sexto ato está faltando e temos somente um fragmento do fim do drama (sétimo ato), no livro de Apocalipse. O que sabemos do grande desfecho do mundo, quando Cristo voltar e destruir o mal e a morte para sempre, é apenas um esboço destinado a nos encorajar nas lutas e nos sofrimentos do presente.

Como aplicamos as Escrituras? Nós mergulhamos nos primeiros cinco atos e no último ato parcial do drama, em todos os textos transmitidos como a grande história bíblica de Deus e seu povo. Por meio dos mandamentos, discursos, narrativas, poesias, avisos, promessas e canções de toda a Revelação, somos formados com o caráter do povo de Deus para imitar as virtudes e os atos do próprio Deus. Em todo o mundo, os cristãos estão improvisando a história bíblica — de maneira diferente em cada lugar, em relação ao público e às circunstâncias à sua volta. E temos uma grande vantagem sobre os atores shakespearianos, porque, ao improvisar o sexto ato segundo o espírito das demais partes do drama, podemos conferir constantemente as nossas tentativas com o Autor, que ainda está vivo!

A fé como idioma

Ao improvisar a vida cristã, precisamos traçar outra perspectiva, diferente das polaridades entre os conservadores e os liberais. Os conservadores deturparam frequentemente a fé como um acordo simplesmente intelectual com proposições doutrinárias. Em reação a isso, os liberais compreenderam erroneamente a fé como sendo as variadas expressões de experiências religiosas comuns — postulando, assim, a inexistência de diferenças entre o cristianismo e outras religiões do mundo. A primeira perspectiva foca excessivamente o conhecimento intelectual, enquanto a segunda depende primariamente da expressão emocional. (Isso não deve ser confundido com o que está acontecendo atualmente na adoração, na qual muitos grupos evangélicos acentuam excessivamente a intensidade emocional, enquanto as principais denominações liberais focam a justiça.)11 Todos esses excessos e deficiências podem ser corrigidos se compreendermos, juntamente com o teólogo George Lindbeck, que a fé é um idioma, uma cultura, um modo de vida.12

Só podemos aprender verdadeiramente um idioma quando estamos imersos nele (veja o capítulo 7). Só podemos aprender a cantar a música da fé somente quando a praticamos. Precisamos de toda a comunidade cristã para aprender a ser cristãos (veja o capítulo 9). Precisamos falar a linguagem dos santos, cantar a linguagem fiel como fazem os melhores dos nossos hinos, para falar com a Igreja ao longo dos tempos, pois ela expressa o significado de seguir Jesus. Precisamos de uma imersão vitalícia nos textos das Escrituras — imergindo-nos no idioma para que, quando fecharmos nossas Bíblias, possamos improvisar expressando esse idioma em tudo que encontrarmos.

Afinados para a doxologia

Assim como a Carta aos Efésios começa com uma doxologia maravilhosa, esse

também precisa ser o nosso procedimento. A palavra doxologia provém de duas palavras gregas, que significam “glória” (doxa) e “palavra” (logos). Assim, numa definição simples, doxologia significa palavras sobre a glória, palavras que expressam louvor, verdadeiro louvor. É importante ter cuidado ao definir louvor no início do século 21, porque há, nos grupos de adoração, uma enorme confusão entre louvor e canções felizes. O louvor não é meramente algo animador ou otimista. Pelo contrário, é a citação de atributos, caráter e/ou ações de quem está sendo louvado. Louvar a Deus não significa apenas dizer: “Eu te louvo; Eu te amo; Eu te adoro”, mas dizer por que, por quais motivos. Os salmos frequentemente começam com um chamado ao louvor ou com uma declaração de louvor, mas não param por aí. Eles continuam a citar as intervenções específicas de Deus que inspiraram o louvor; eles declaram como Deus tem se relacionado com o seu povo e, portanto, como ele pode ser percebido no mundo.13 Assim, doxologia é o louvor que explicita a glória e ajuda a vê-la aqueles que a ouvem.

Se eu perceber um pôr do sol glorioso, não ficarei meramente sentado ali murmurando “belo pôr do sol”. Um pôr do sol magnífico arranca uma resposta das nossas profundezas — e nos estimula a compartilhá-la com outras pessoas. De semelhante modo, quando realmente vemos quem Deus é e testemunhamos seu amor, misericórdia, fidelidade e justiça em ação, somos impelidos a louvar. O louvor é arrancado de nós de uma maneira quase irresistível; teremos de exclamar sobre o nosso Deus.

A doxologia específica que dá início à Carta aos Efésios (1.3-14) gira em torno dos versículos 6, 12 e 14, com sua expressão “para louvor da sua glória”. Ao verificar com atenção, descobrimos que o assunto dos versículos 3 a 6 é o Pai celestial, que os versículos 7 a 12 tratam do Filho e que os versículos 13 e 14 dizem respeito ao Espírito Santo. Tudo que aprendemos sobre o Pai na primeira parte é uma notícia tão boa que não podemos fazer outra coisa senão viver para o louvor da sua glória. Tudo o que a próxima parte nos diz a respeito do Filho e do que ele fez por nós nos emociona tanto que não podemos deixar de viver para o louvor da sua glória. A confiante segurança que obtemos da parte final sobre o Espírito Santo nos inunda com tanta alegria que não podemos fazer outra coisa senão viver para o louvor da sua glória.

Parte da fraqueza de muitas igrejas no início do século 21 é que a nossa doxologia não é suficientemente trinitária. Não é verdade que algumas igrejas se especializam no Espírito Santo e dão pouca atenção ao Pai ou ao Filho, enquanto outras enfatizam exageradamente Jesus a ponto de excluírem os outros dois membros da divina Trindade? Sem uma ênfase igualmente forte em todas as três pessoas da Trindade, nossa fé fica um pouco desequilibrada. Se eu pensar somente em ter um relacionamento pessoal íntimo com Jesus, perdi o temor que é essencial para o que as Escrituras denominam “o temor do Senhor”.14 Se eu pensar apenas no Espírito Santo e sua transmissão de poder, faço pouco caso do imenso sacrifício de Jesus Cristo que me possibilitou receber o poder e perco a noção do infinito amor do Pai em entregar seu Filho pelo bem do mundo. Por nos ser muito fácil distorcer (sutil ou abertamente) as nossas trindades, é vital que as nossas comunidades cristãs fortaleçam um genuíno pensamento trinitário, para que possamos compreender quem somos e, então, ser continuamente renovados e reformados em resposta ao Deus Triúno.

Lamentos pela morte da profundidade

Parte da nossa canção introdutória neste capítulo precisa ser um lamento, ao considerarmos por que as igrejas perderam um trinitarianismo adequado e outros importantes aspectos fundamentais da nossa tradição de fé. O livro Deep Symbols, de Edward Farley, é especialmente útil no diagnóstico do problema de que nossa cultura perdeu as suas palavras de poder. Vivemos em uma sociedade descrita pelo conjunto de trechos sonoros denominado “noticiário da noite” e impulsionada pelos bilhões de propagandas que recebemos todos os dias — e, virtualmente, a todo lugar aonde vamos — por meio de outdoors, rádio, televisão e internet. Nossas palavras de poder foram esvaziadas de conteúdo de peso. (É interessante que a palavra hebraica habitualmente traduzida como “glória”, kabod, também significa “peso”.)

Correlativamente, nossas conversas se tornam cada vez mais superficiais. No verão passado, meu marido e eu estávamos tendo uma profunda discussão

teológica com alguns novos amigos da Austrália quando, de repente, um deles exclamou: “Desde que cheguei aos EUA, esta foi a primeira vez em que falei sobre algo importante durante tanto tempo, sem alguém mudar de assunto para fugir dele”.

Farley ressalta a gravidade do problema; ele enfatiza que muitos dos nossos problemas sociais atuais surgem, em parte, como:

o resultado de uma perda ou diminuição no cerne da cultura — alguns diriam a perda da própria cultura —, especificamente uma perda dos poderosos símbolos profundos da sociedade. Sem tais coisas, uma sociedade se torna alienada da sabedoria do passado, desenvolve instituições que têm pouca conexão com fontes de humanização, e instiga estilos de vida cotidiana cuja função primária é o entretenimento efêmero e os confortos triviais. A diminuição e a doença de todos os símbolos profundos, isto é, palavras de poder restritivas e orientadoras, é, no mínimo, um dos fatores operantes na maior enfermidade da sociedade.15

Por conseguinte, é fundamental que nós, líderes espirituais, reconheçamos a gravidade dessa perda da sociedade, a profundidade desse esvaziamento de conteúdo, e não caiamos, nós mesmos, na “necessariedade” de sermos culturalmente relevantes. Muitas igrejas que aderiram ao modismo cultural sacrificaram, com isso, os seus símbolos profundos.

Frequentemente, a resposta dada é: “Sim, mas esses símbolos profundos são inacessíveis”. Pelo contrário, não há motivo algum pelo qual não possamos instruir, educar, formar e alimentar as pessoas para imergi-las nas profundezas dos símbolos. Não nos atrevemos a esvaziar a nossa fé e a torná-la superficial. Conforme observado por muitos especialistas, as igrejas dos EUA têm “1.600 quilômetros de extensão e 15 centímetros de profundidade”.

Faço aqui um apelo ousado: reinvestir nos símbolos da Igreja. Todos nós — pregadores, músicos, professores de escola dominical, autoridades ou líderes congregacionais, ou apoiadores de todos esses servos — somos importantes para o sério esforço que será necessário para recuperar os nossos símbolos profundos para que eles possam ser ensinados e transmitidos à próxima geração de crentes e aos que, atualmente, estão fora das comunidades da Igreja. Os símbolos precisam ser reinvestidos de toda a plenitude dos seus significados originais e múltiplos.

Por exemplo, tome a palavra tradição, repetidamente combatida atualmente pelos gurus do marketing.16 Por que a nossa cultura é tão hostil à tradição?

Grande parte da antipatia surge de uma confusão entre tradição e tradicionalismo. A brilhante distinção do historiador Jaroslav Pelikan é eternamente adequada: o tradicionalismo é a fé morta dos vivos, ao passo que a tradição é a fé viva dos mortos. Nas dificuldades das nossas igrejas em lidar com questões como, por exemplo, formas e estilos de adoração, o tradicionalismo costuma se tornar uma idolatria do “modo como sempre foi feito”. Em contraste, valorizar a tradição da Igreja é reconhecer que os nossos antepassados na fé tiveram muitas revelações sobre o significado de adoração, que seus hinos, liturgias e símbolos conduziram bem a fé e que, portanto, aquelas ferramentas e formas são vitais para nos imergir na presença de Deus. Valorizar a tradição não significa ser fechado a novas expressões de fé — a Igreja sempre usou (pelo menos desde Cl 3.16 e Ef 5.19) “salmos, hinos e cânticos espirituais” de todo o seu patrimônio passado e presente. Então, por que as igrejas se envolvem em brigas entre os “tradicionalistas” e os “contemporanistas”? Os dois lados estão errados se não conseguem fazer a pergunta mais profunda e crucial: Qual será a melhor maneira de ouvir e adorar a Deus? Uma vez que, provavelmente, Deus tem gostos amplamente ecléticos e que ele é muitíssimo mais do que seríamos capazes de imaginar, descrever suficientemente e louvar dignamente, certamente necessitamos de uma ampla gama de sons musicais e formas de adoração para nos imergir em uma percepção mais adequada de tudo que ele é!17

A tradição é essencial para compreendermos os símbolos profundos da fé. Nós fazemos uso da sabedoria de todos os santos de toda a história da Igreja (incluindo a presente) para recobrar e reinvestir os nossos símbolos. Como podemos descobrir novamente a magnífica importância da Trindade? Do louvor? Do nome pastor? No capítulo anterior, Eugene explanou de maneira muito clara por que perdemos o significado de ser um pastor; nossa intenção é de que este livro reinvista esse símbolo para o bem da Igreja. O próximo capítulo é a minha tentativa de inundar a palavra louvor com maior prodigalidade e um conteúdo mais rico.

Uma maneira de redescobrir a riqueza de significados em nossos símbolos da fé é por meio de boa arte. Frequentemente, nas minhas aulas ou seminários eu mostro uma pintura feita há muitos anos por meu aluno Tom Mouchet. Ele ilustrou a Trindade com as seguintes cores litúrgicas: verde, a cor da vida e da criação, exemplifica o Pai; branco, a cor da vitória e da Páscoa, reflete o Filho; rosa, a cor litúrgica para a alegria, anuncia a obra do Espírito Santo. Usando essas cores em faixas largas, Tom pintou em uma placa preta uma cruz intrincada, na qual cada uma das cores forma uma cruz dentro e fora das cruzes das outras cores. Dessa maneira, ele descreve o relacionamento constante e entrelaçado da Trindade de uma maneira impressionantemente sugestiva. Com demasiada frequência, separamos de mais as pessoas da Trindade e nos tornamos modalistas que só compreendem Pai, Filho e Espírito Santo em termos dos métodos de sua atuação. Em razão de todas as nossas metáforas para a Trindade serem inadequadas, nossas diversas analogias acabam se decompondo. Em vez disso, a cruz de Tom nos oferece uma maneira evocativa de vislumbrar a Trindade como mistério que nos envolve, que vai muito além da nossa capacidade de compreender ou de enunciar.

Uma enorme parte do nosso papel pastoral deve ser surpreender-nos com a profundidade dos símbolos da fé cristã e ajudar os outros a imergirem em sua importância. Esse é um chamado extremamente necessário — e tanto mais crucial quanto a nossa sociedade rejeita cada vez mais a sua urgência.

A recuperação da mente e do coração e a submissão das emoções

É claro que, para recuperar os nossos símbolos, temos de restaurar a correlação bíblica entre a mente e o coração — ou seja, o agrupamento na proporção adequadamente, emoções e vontade. Em nossas igrejas, é essencial que os membros recuperem as intenções originais da palavra bíblica coração. Nossa cultura usa a palavra metaforicamente para significar emoções, mas os escritores do Primeiro Testamento18 empregam a palavra hebraica para "rins"; os autores do Segundo Testamento utilizam a palavra grega para "entranhas" para enfatizar os sentimentos. (Meus dois rins e os nervos associados às entranhas estão falhando; por isso, essas palavras me parecem mais adequadas para nos impedir de confiar nas emoções, que, embora importantes, nos falham se baseamos nossa vida nelas.) Em vez disso, os escritores bíblicos entendem que as palavras para "coração" dão a conotação de uma convergência mais profunda, na vontade, de processos mentais, espirituais e psicológicos. C. S. Lewis descreveu a importância dessa compreensão em seu ensaio Homens sem peito, no qual ele lamentou a perda da vontade que resulta quando as emoções não são canalizadas pela mente para propósitos mais elevados.19

Quão desesperada é, em nossa sociedade, a necessidade de domínio mais ativo da vontade sobre os sentimentos! Os seres humanos não têm de agir com base em nossas paixões e desejos distorcidos, nossos objetivos equivocados e ambições vãs. Em vez disso, podemos construir a nossa conduta sobre o que conhecemos — e para aqueles de nós que são cristãos, especialmente no que conhecemos acerca de Deus e do nosso relacionamento com ele.

Por exemplo, voltemos ao assunto do louvor. Quando me aproximo da Trindade, primeiramente por meio da "renovação da mente" originária da transformação do Espírito Santo (Rm 12.1-2) e, assim, sou aberto à completa transformação do meu ser, chego-me a Deus intelectual e emocionalmente e, acima de tudo, voluntariamente — não no sentido de uma criança insatisfeita, mas cheio de vontade de atuar com base naquilo que sei. Então, louvarei a Deus, quer tenha vontade, quer não, porque sei que Deus é digno de ser louvado. Quanto mais eu

aprender sobre os atributos e atos de Deus, mais o louvarei. Frequentemente, isso também será acompanhado por emoções (o que, é claro, é maravilhoso e deve ser apreciado), mas, às vezes, não, e não há problema algum nisso.

No tocante à nossa cultura, estou terrivelmente preocupada com o que Neil Postman chama de "Baixa Relação Informação-Ação", causada pela infinidade de informações sem contexto na nossa sociedade. O resultado de sermos bombardeados com uma quantidade excessiva de dados é a paralisia — não somos capazes, ou deixamos de ter a disposição, de atuar sobre o que vemos e ouvimos. De fato, a televisão nos tem treinado a NÃO agir segundo o que aprendemos.20 Assim, a relação entre ação e a quantidade de informações recebidas decresce continuamente. Perceba que o acrônimo é a palavra MENTIROSO.** Fazemo-nos mentirosos ao ler as Escrituras e não agir segundo os mandamentos de Deus, ao ouvir sermões e não colocá-los em prática. Fazemo-nos mentirosos ao ler o que estou escrevendo aqui e, depois, continuarmos inalterados, querendo expressar nossas emoções ou exigindo "estarmos a fim de" louvar a Deus, em vez de nos lembrarmos de que o louvor é um ato de volição. O que aconteceria se todos os cristãos desenvolvessem, em vez disso, uma alta relação informação-ação e só quisessem buscar as coisas que a refletem?

Exatamente a palavra certa

As meditações sobre Efésios que se seguem nos capítulos 3, 5, 7 e 9 envolvem alguns estudos de palavras segundo domínios semânticos. Um novo léxico grego foi desenvolvido pelas Sociedades Bíblicas Unidas para ajudar na conexão com a tradução bíblica em todo o mundo. Esse léxico reúne em um único campo todas as palavras gregas que têm basicamente o mesmo significado, para que possamos ver como diferem suas nuances de significado e uso. Isso nos ensina a perguntar não só o que uma palavra poderia denotar, mas também por que determinado autor poderia ter escolhido essa palavra em vez da outra. Dado ser esse um campo semântico, ilustremos o método com os termos para "vaca". Poderíamos sugerir essas designações como novilho, boi, touro, vitela, carne,

bovino, bezerro. Se, de todo o campo semântico eu escolhesse a palavra bezerro, por que eu poderia ter feito isso? Talvez eu pretendesse enfatizar a sua juventude, fraqueza, impotência ou dependência de sua mãe.21 De semelhante maneira, Paulo escolhe usar a palavra amados em pontos estratégicos em suas cartas; ele chama seus destinatários “irmãos [e irmãs]” por motivos importantes.

Alguns dos meus professores de pós-graduação criticariam os meus esforços em estudos da palavra e insistiriam em que determinadas escolhas de palavras não eram tão importantes para os escritores bíblicos, mas, como escritora, discordo enfaticamente. Antes da publicação do meu livro sobre a guarda do sábado, o texto incluía a frase “antes do advento do cervo”, mas, na prova de granel, minha editora (não a atual!) a alterou para “antes da vinda do cervo”. Que terrível redução! Insisti em que ela restaurasse a minha frase original, pois eu havia escolhido “advento” por seu simbolismo, para evocar mais do que uma mera vinda. Vindo misteriosamente, vindo com poder, talvez, vindo após muita espera — o uso de “advento” pode ser altamente sugestivo.

Analisemos com atenção os capítulos que se seguem às escolhas de palavras na Carta aos Efésios. Paulo era um grande defensor de opiniões, uma pessoa que argumentava com cautela; por isso, não escolheria as suas palavras com leviandade (especialmente sob a influência do Espírito Santo). Além disso, Paulo frequentemente elabora uma construção teológica. Ele acumula frase sobre frase, uma palavra precisa sobre outra, com o intuito de construir um conjunto ordenado de motivos para o louvor. Todas as suas pilhas de descrições nunca são suficientemente grandes para proclamar Deus, nunca suficientemente meticulosas para explicar o mistério da Igreja — de modo que, em última análise, somos sempre levados a nos maravilhar. Se há algo que falta a uma cultura tecnicista, esse algo é a maravilha. Não é verdade?

Oremos: Deus Triúno, dá-nos palavras para louvar-te. Forma as nossas vidas, querido Senhor, de modo a refletirem a tua glória. Chama-nos a nos maravilharmos e a nos enchermos com a tua alegria. Amém.

Capítulo 3

O chamado a ser uma doxologia viva

MARVA J. DAWN

Renovemos o nosso compromisso de pensar e viver na presença de Deus como uma comunidade unida. O Senhor esteja com vocês! [Com você também!]

Oremos: Deus Triúno, abre os nossos olhos para ver a tua graça. Abra as nossas vidas para ser o teu louvor. Amém.

Estou ansiosa para mergulhar com você no texto de Efésios. Comecemos pela saudação de Paulo:

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, aos santos que vivem em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus, graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Efésios 1.1-2[1]

Paulo sabe quem ele é e o que está prestes a fazer. Perceba sua clareza ao insistir

para o quê ele serve em seu papel como apóstolo por vontade de Deus. A questão de quem somos permanecerá sempre em segundo plano ao considerarmos aqui o nosso papel como pastores “desnecessários”. A vontade de Deus é uma consideração desnecessária segundo os padrões do mundo. Nós a procurarmos é resistir às armadilhas da nossa cultura consumista. Se soubermos com certeza que aquilo em que estamos engajados é a vontade de Deus, não precisaremos vestir uma imagem cintilante de necessariedade com o intuito de esconder a nossa irrelevância diante das ideias do mundo.

Outro aspecto da introdução de Paulo que nos leva a uma nova clareza é ele estar escrevendo “aos santos”. Quantos de nós se consideram santos? O que aconteceria nas nossas igrejas se atingíssemos uma grande mudança de paradigma, pela qual todas as pessoas se entendessem como santas? Certamente, a descrição de Paulo não é determinada por agirmos ou não como os santos que somos. Consequentemente, Paulo mencionar santos desperta imediatamente a nossa consciência de quão desnecessário somos, pois nenhum de nós se tornou santo pelos nossos próprios esforços. Nós não nos tornamos santos por nos empenharmos mais, mas totalmente por puro e legítimo presente. Absolutamente todos os nossos esforços são desnecessários.

Só quando compreendemos isso podemos passar para a próxima frase do versículo 1 — “… os santos… e fiéis…”. A nossa fidelidade também não surge de empenho nosso. Ela é um presente, tanto quanto a nossa santidade. A maioria das pessoas provavelmente presumiria que “fidelidade” descreve quão bem estamos nos saindo. Todavia, façamos uma pausa para considerar em que se baseia a nossa fidelidade. Sou fiel a Deus porque me empenho na fé ou porque Deus é absolutamente digno de fé? A imensa e graciosa fidelidade de Deus, que me liberta para ser fiel, e sua misericórdia, que me perdoa quando não o sou — esses aspectos do seu caráter exigem qualquer fidelidade que eu demonstre. Eu não creio porque sou um bom crente ou bom em crer. Eu creio porque Deus é crível.

Essa verdade realmente nos ajuda a compreender quão desnecessários somos,

não é mesmo? Nós não fabricamos a nossa fé. Nós não acumulamos uma melhor crença e não nos forçamos a uma fidelidade mais aprimorada. Deus a concede como dom em nós e por meio de nós.

É claro que não estou dizendo que você é irrelevante, pois é realmente você quem Deus está levando à fidelidade. Entretanto, somos colocados em nosso devido lugar ao saber que somos os destinatários abençoados e amados de fé e fidelidade.

O versículo 2 nos capacita a saber como isso é possível — especificamente, graças à graça e paz, favor e perdão imerecidos de Deus, sua magnanimidade que nos liberta do nosso pecado, e sua shalom que nos liberta da nossa culpa para com ele. Que maravilha podermos ser libertos da nossa queda e de quão mal nos sentimos quanto aos seus resultados!

A paz é uma sensação ou um fato? No que diz respeito à paz de Deus, ela é um fato, é claro. A palavra hebraica shalom começa na reconciliação com Deus e somente por causa dessa expiação podemos entrar em shalom conosco mesmos e com os outros. Uma vez que nós, cristãos, sabemos que Deus aperfeiçoou a sua shalom na cruz, podemos afirmá-la como um fato e deixar que isso nos dê poder para trabalhar pela sua manifestação nos assuntos humanos.2

Isso é especialmente importante para o nosso papel desnecessário, uma vez que, em grande parte do tempo, o mundo à nossa volta não gostará do que estamos fazendo. Ainda assim, podemos afirmar o fato da paz, mesmo quando não a sentimos. A shalom de estar no centro da vontade de Deus pela vontade de Deus nos liberta para experimentarmos essa paz. Em decorrência disso, muitas vezes nos sentiremos realmente em paz até mesmo em meio a um tumulto. No entanto, a sensação não será necessária, pois a chave será lembrar que Deus criou a shalom e nos convidou a entrarmos nela.

Leia mais uma vez Efésios 1.2, pois ele parece contradizer minha ênfase, no capítulo anterior, em ser trinitária. Graça e paz são oferecidas apenas por Deus nosso Pai e pelo Senhor Jesus Cristo. Onde está o Espírito? Parece-me que o Espírito se encontra na comunicação da graça e da paz. Jesus nos disse que, quando o Pai enviasse o Espírito em seu nome, esse Espírito nos traria à lembrança tudo o que Jesus ensinou. Então, o meu entendimento se amplia quando reconheço a presença do Espírito Santo na conexão criada entre nós e Deus, que nos concede graça e paz.

Esses versículos introdutórios nos convidam a várias questões para uma reflexão mais profunda acerca do nosso chamado. Quem sou eu pela vontade de Deus? Por quais meios posso aprender mais claramente quem eu sou pela vontade de Deus? Provavelmente, assim como eu, você luta continuamente com questões vocacionais. Independentemente de quais confusões as circunstâncias da minha vida gerem, eu sempre posso voltar para a única coisa que conheço claramente: minha santidade. Além disso, essa santidade deve ser vivida na graça e paz trinitárias. Novamente, sou chamada a descobrir a melhor maneira de poder transmitir graça e paz aos outros. Qual a melhor maneira de segui-las, ensiná-las, compartilhá-las, evocá-las? Todas essas perguntas se tornam mais fáceis se começarmos pela doxologia.

Doxologia: a primeira pessoa da Trindade

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo…

Efésios 1.3

É importante começarmos a estudar esse versículo pensando na palavra grega eulogétos (“bendito seja”) em termos de dignidade para ser louvado ou elogiado

(SD 33.362). Caso contrário, poderíamos achar difícil pensar em “abençoar” Deus, já que Deus certamente não precisa da nossa bênção. Os nossos louvores não mudarão Deus, em absoluto. Talvez louvá-lo seja “uma real ‘perda’ de tempo”.

De fato, usei essa frase como título do meu mais recente livro sobre adoração, especificamente para que reconhecêssemos a inutilidade do nosso louvor. Assim que conseguirmos parar de fazer a adoração ser utilitária (primariamente na atual corrente de tornar a adoração “atraente” para “apelar” aos novos membros), talvez possamos voltar à genuína adoração.3 É improdutivo abençoar Deus — Deus não precisa disso e, se formos suficientemente altruístas para adorá-lo verdadeiramente, isso poderá não nos fazer sentir melhor. Mas, de fato, que alegria é — alegria não é o mesmo que felicidade — responder despretensiosa e sinceramente a tudo que Deus é. Quanto nos mudará passarmos aberta e sinceramente a abençoar Deus!

Poderíamos ser capazes de chegar à maturidade de simplesmente abençoar Deus sem a necessidade de prosseguir no versículo 3 para nos lembrarmos de quão ricamente Deus nos abençoou? Quando consideramos a plenitude dos seus presentes de “toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo”, claramente temos de responder com ações de graças e adoração. Entretanto, conseguiríamos ser suficientemente altruístas apenas para louvar Deus por quem ele é, mesmo que disso resultasse não receber absolutamente nenhum benefício?

Sabemos que a resposta é NÃO, em parte porque o caráter de Deus é tal que ele precisa nos abençoar para ser fiel a si mesmo. Em parte a resposta é NÃO porque sempre seremos os nossos “eus” pecadores até o fim dos tempos, quando Deus nos livrar absoluta e totalmente desse “corpo de morte e pecado”. Todavia, certamente é para nós uma disciplina espiritual benéfica contemplar o puro louvor para o propósito de ampliar a nossa capacidade de não ser tão exigentes da bênção de Deus. Talvez deva ser perguntado a nosso respeito o que Satanás (ou seja, o “acusador”) perguntou a Deus no livro de Jó: “Porventura, Jó debalde teme a Deus?” — ou, na versão magistral de Eugene Peterson,

“Então pensas que Jó faz tudo isso por pura bondade de seu coração? Ora, ninguém nunca esteve tão bem! Tu o mimas como um animal de estimação, te certificas de que nada de ruim aconteça a ele, à sua família ou aos seus bens, abençoas tudo que ele faz — ele não tem como perder!” “Mas o que pensas que aconteceria se estendesses o teu braço e tirasses tudo que ele tem? Ele te maldiria sem constrangimento — isso é o que aconteceria.” Deus respondeu: “Veremos…”[4]

O que Deus descobriria se fôssemos testados?

O que nos liberta para passar no teste é a prática da doxologia, o louvor de Deus até que se torne nosso hábito, pois é o hábito de Deus ser eminentemente digno de nosso louvor e gratidão. De fato, Efésios 1.3 nos lembra de que cada bênção que possuímos veio de Deus.

Algumas pessoas poderiam pensar que “toda sorte de bênção espiritual” se refere apenas às coisas teológicas ou eclesiásticas, mas isso ocorre porque nós fizemos uma distinção totalmente antibíblica entre corpo e espírito, que resultou em presumirmos que as bênçãos espirituais não são materiais. Entretanto, em vez de uma linha central para dividir as coisas intangíveis ou celestiais/etéreas das tangíveis e terrenas, imagine um enorme círculo de bênção espiritual, dentro do qual está o componente menor dos presentes corporais. A bênção espiritual não é externa e periférica à bênção corporal; ela engloba todos os tipos de bênção, incluindo a material, pois, certamente, o Espírito de Deus é residente em tudo.

Sabendo que a bênção espiritual está na categoria mais ampla, somos ajudados a compreender melhor as diversas provações de nossa vida diária. Eu tenho um corpo particularmente aflitivo. E minha luta com obstáculos de todos os tipos, eles serão santificados se eu os situar na grande esfera de toda bênção divina que se possa imaginar.

Aplique o discernimento à sua própria vida ministerial. Independentemente do que está se passando na sua congregação, isso está dentro do reino maior das bênçãos espirituais. Você pode dizer: “Mesmo neste conflito, Deus pode produzir dons espirituais”. “Mesmo nessa escassez de dinheiro, Deus pode gerar outros bens.” “Mesmo neste momento de tanto sofrimento, Deus pode criar Alegria.”

Tudo está “nos lugares celestiais”. Isso não significa simplesmente “uma recompensa celestial quando você morrer”; em vez disso, enfatiza a abrangência de todo o reino de Deus. (O original grego tem apenas o adjetivo celestial no plural, sem um substantivo como “lugares”. Eu o traduzo como “celestiais” para que não limitemos as bênçãos de Deus a um local em algum lugar lá em cima.) Penso que, aqui, “celestiais” tem a conotação da presença de Deus, assim como na literatura judaica “o reino dos céus” é um modo menos direto de dizer “o reino de Deus”. O benefício de todas as bênçãos que recebemos provém de elas serem sinais de Deus, cuja presença nos é dada a conhecer mais claramente, como conclui o versículo, “em Cristo”. Assim, passamos das bênçãos de Deus para o Deus da bênção. Paulo faz uma progressão semelhante em sua Carta aos Filipenses, quando insiste em que “a paz de Deus” guardará as nossas mentes e os nossos corações em um estado de tranquilidade ou segurança (4.7) e então, após exortar seus leitores a pensarem sobre tudo que for verdadeiro, respeitável, digno de louvor, e assim por diante, promete que “o Deus da paz” será com eles (4.9).

… assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor…

Efésios 1.4

Recentemente, ouvi uma palestrante contar a história do chamado de Deus em

sua vida. Ela falou de um passado cheio de abuso de drogas e sexo promíscuo. Periodicamente durante o seu relato ela repetia a frase “mesmo assim, Deus me escolheu antes da fundação do mundo”. Ela nos contou como, finalmente, um homem de negócios para quem ela queria trabalhar a repreendeu com mansidão, dizendo: “Você não trabalhará aqui vestida desse jeito” e, quando ela respondeu com uma maldição: “Você não trabalhará aqui se falar assim”. Sua repreensão a acordou; ela percebeu que tinha uma profunda fome de uma vida melhor. O cuidado contínuo daquele empregador cristão a ajudou a compreender que a fome vinha de um Deus que a havia escolhido antes da fundação do mundo.5

Aqueles de nós que têm sido cristãos durante toda a vida talvez não reconheçam tão profundamente quanto alguém cuja vida foi profundamente ferida a maravilha disto: independentemente de quão terrível tenha sido o nosso passado ou de quão egocêntrico seja o nosso presente, Deus ainda nos escolheu! O verbo (eklegomai) enfatiza a seleção dentre uma ou mais alternativas possíveis (SD 30.86), “uma escolha especial com base em preferência significante, frequentemente implicando uma atitude fortemente favorável pelo que é escolhido” (SD 30.92).

Então, é surpreendente que, dentre todas as possíveis pessoas do mundo, Deus escolheu você para o ministério para o qual ele o chamou, qualquer que possa ser esse ministério. Mas ele separou você para muito mais do que isso — especificamente, para sair desse ambiente de pecado e entrar no relacionamento que ele cria para você ser santo e irrepreensível na presença dele em amor. Isso não é simplesmente assombroso? Dificilmente poderemos fazer algo além de dizer: “Ah!”

É claro que você ser santo e irrepreensível é impossível — então, desista de todos os seus esforços! Deixe Deus fazer você santo e irrepreensível, agradeça-lhe por isso e, então, expresse o santo que você é, com toda a liberdade de tal santidade. Não é maravilhoso como este texto continua voltando a quão desnecessários somos graças à imensidão da graça de Deus? Deus é o único que nos santifica e nos torna irrepreensíveis. Somos declarados justos no sangue de

Jesus Cristo — e o Espírito Santo nos transforma continuamente para que atuemos mais como os santos que somos. Que graça surpreendente: você é escolhido para ser santo e irrepreensível!

… em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade…

Efésios 1.4-5

O verbo principal no quinto versículo é frequentemente traduzido como "predestinou", mas prefiro evitar termos que levem muitos a pensar em uma dupla predestinação antibíblica,* na qual Deus já designou algumas pessoas à perdição. Em vez disso, o verbo enfatiza que Deus nos escolhe e convida previamente (no nosso entendimento humano de tempo) a reconhecer o desejo eterno de Deus de que todos fossem salvos, de que todos chegassem ao conhecimento da verdade (1Tm 2.4). Deus deseja que todos sejam seus servos no mundo.

Deus preordenou que, por meio de Jesus Cristo, sejamos adotados como filhos. A crítica feminista contemporânea gostaria de eliminar a palavra filho aqui, uma vez que a palavra grega para adoção também pode significar uma filha. Todavia, prefiro usar a palavra por outro motivo. Um dos problemas nas igrejas nos dias de hoje é que temos demasiados adolescentes e um número insuficiente de filhos. Ser um adolescente ainda é clamar por gratificação instantânea. Ser um filho no sentido usado pelos escritores bíblicos é ser treinado para cumprir a missão do Pai e saber que, com os direitos da filiação, sempre vêm responsabilidades inerentes. Ser um filho é ser o agente do Pai e fazer a obra do Pai. Isso requer obrigação, comprometimento e responsabilidade.

Todavia, é também um imenso privilégio; então eu, como mulher, estou

entusiasmada com a minha filiação em Cristo. A Igreja cristã primitiva era conspícua na sociedade por incluir as mulheres em todos os direitos e responsabilidades da filiação. Efésios 1.5 conclui que essa preordenação para a adoção era "… segundo o beneplácito de sua vontade [de Deus] …"; a palavra grega que Paulo escolhe para "beneplácito" enfatiza que ele é favorecido com base no fato de ser benéfico (SD 25.8). A vontade de Deus deseja o que é bom para nós.

Não somente Deus prefere a filiação para nós; a sua vontade também a afeta. Novamente voltamos à graça. Presente absoluto, puro, não adulterado! A doxologia continua nos impulsionando a voltarmos a nos maravilhar diante da imensidão de como Deus nos capacita a nos tornarmos e a realizarmos o que ele nos chamou a ser e fazer.

… para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado…

Efésios 1.6

Eis aqui aquela maravilhosa construção teológica de Paulo! Embora o sujeito e o verbo não sejam especificados aqui, a frase pode ser entendida como enfatizando que Deus quer que vivamos dessa maneira: "para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado". A nossa adoção como filhos será expressa em e como adoração de Deus para a plenitude do seu relacionamento conosco.

A palavra glória será mais rica para nós se pensarmos nela em termos do Primeiro Testamento. Lembre-se daquela história extraordinária em que Moisés quer ver a glória de Deus, mas o Senhor responde que, embora mostrasse a Moisés o seu caráter, Moisés não poderia ver a face do Senhor, porque ninguém

pode ver Deus e viver (Êx 33.18-20). Todavia, o Senhor condescende em esconder Moisés na fenda da rocha e cobri-lo com a mão até passar por ele. Quando o Senhor retirar a sua mão, Moisés o verá pelas costas, mas seu rosto não será visto (v. 21-23). O Senhor cumpre a sua promessa, passa pela frente de Moisés e proclama quem é — "… Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente, e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade…" (34.6) — e a reação de Moisés é "imediatamente" curvar-se para a terra, para adorar (34.8).

Esse esplêndido relato me faz pensar que Moisés recebeu o que pediu — ver a glória de Deus —, mas nas condições de Deus (com a finalidade de proteger a vida de Moisés), de ver somente as costas do Senhor. Sejamos líricos com essa imagem, sugerindo que a glória do Senhor seja as suas costas, que não podemos ver a face de Deus, mas podemos ver que ele esteve ali. Uma vez que Jesus não está mais caminhando na terra, não podemos conhecer Deus face a face, mas podemos ver onde ele esteve, o que ele fez, como interveio no mundo e deixou nele a sua marca. Nós sabemos quem é Deus pelos frutos do seu ser. Uma vez que o seu caráter está elusiva e infinitamente além do nosso alcance, só podemos conhecê-lo pelo resultado de ele ter estado aqui. Se nossas vidas estiverem ativamente compromissadas com o louvor da sua glória, elas oferecerão aos outros a manifestação visual da graça de Deus operando por meio de nós e em nós. De que maneira os nossos ministérios podem ajudar as pessoas a perceberem as costas de Deus?

Isso aconteceu, é claro, mais especificamente em Cristo. Jesus tornou Deus perfeitamente visível na carne. Foi nele, "no Amado", que Deus nos concedeu a graça. (Em grego, o substantivo final em "louvor da glória de sua graça" e o verbo "que ele nos concedeu gratuitamente" provêm da mesma raiz.) Todos os grandes presentes sobre os quais falamos até agora — Deus nos abençoando, escolhendo, preordenando e adotando — são derramados gratuitamente em nós em indissociável relação com o próprio Filho amado de Deus. Assim, voltamo-nos a ele agora nos próximos versículos da doxologia de Efésios.

Doxologia: a segunda pessoa da Trindade

[…no Amado], no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência…

Efésios 1.7-8

No Amado de Deus nós somos libertos! Com muita facilidade, tomamos isso como banal porque nos esquecemos muito facilmente de todas as coisas a que somos subjugados. Mas fomos resgatados, libertados, arrebatados de escravidões inevitáveis! Um dos grandes presentes da Igreja que não estamos sendo diligentes em dar à nossa cultura é esse grande arrebatamento.

Ponderemos sobre as escravidões horríveis a que os nossos próximos — e nós — se tornam condenados. No capítulo 5, voltaremos a analisar os "principados e potestades" de Efésios 6; mas, neste momento, é importante admitirmos os nossos vícios, reconhecermos as nossas escravidões, confessarmos os nossos servilismos, identificarmos o que nos aprisiona. Mas, mais importante ainda é que celebremos a nossa libertação!

Eu amo a maneira como fazemos isso, com a orientação da liturgia histórica, no culto matinal de domingo. Nós admitimos:

Confessamos que estamos na escravidão do pecado e não somos capazes de libertar-nos. Pecamos contra ti [Deus] em pensamentos, palavras e atos, pelo que fizemos e pelo que deixamos de fazer. Nós não te amamos com todo o nosso coração; não amamos os nossos próximos como a nós mesmos. Pelo teu Filho, Jesus Cristo, tem piedade de nós. Perdoa-nos, renova-nos e nos conduza, para que possamos nos deliciar com a tua vontade e andar nos teus caminhos, para a

glória do teu santo nome. Amém.

É uma alegria colossal ouvir, a cada semana, estas palavras de confiança:

Deus Todo-poderoso, em sua misericórdia, deu o seu Filho para morrer por nós e, por amor a ele, nos perdoa de todos os nossos pecados. Como ministro chamado e ordenado da Igreja de Cristo, e pela sua autoridade, eu declaro a você o total perdão de todos os seus pecados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.[6]

Essa é a mais poderosa libertação que alguém poderia receber!

Fizemos da redenção uma coisa muito acanhada. Nós transformamos o símbolo profundo da salvação em uma coisa relativamente pequena ao relegá-la ao futuro. A literatura hebraica é muito mais tangível. Um dos seus substantivos para salvação (yeshuwah, relacionado ao nome Jesus) provém de uma raiz verbal que enfatiza uma amplitude ou abertura. A libertação de Deus nos dá muito espaço — espaço para respirar, libertação das nossas angústias tensas e de cativeiros confinantes. Além disso, Deus está continuamente fazendo isso por nós agora, não apenas em um futuro muito distante. Nós reconhecemos o seu gracioso arrebatamento quando ele nos resgata e nos liberta das nossas diversas escravidões na vida?

Essa emancipação acontece por meio do sangue, que é outro símbolo profundo que poderíamos explorar durante um longo tempo. Certamente, como símbolo, o sangue de Cristo representa todo o seu sacrifício por nós — não apenas a sua rendição final à morte na cruz, mas os sacrifícios de toda a sua vida na terra.

Colocamos a vírgula no lugar errado no Credo Apostólico e, como resultado, reduzimos a obra de Cristo por nós a apenas uma parte (embora a principal) da sua totalidade. Nós dizemos:

nasceu da virgem Maria,

padeceu sob Pôncio Pilatos,

foi crucificado, morto e sepultado.

Devemos dizer:

nasceu da virgem Maria,

padeceu, sob Pôncio Pilatos

foi crucificado, morto e sepultado.

Você percebe a imensa diferença que isso faz? Jesus não sofreu somente sob Pôncio Pilatos. Ele sofreu desde o início — até mesmo no útero, onde a sua vida estava ameaçada de futura marginalização e pobreza se José decidisse “deixar Maria secretamente”.7 Jesus sofreu ao nascer e ser deitado em uma manjedoura; em amargo contraste com as nossas cenas caseiras de Natal, nas quais tudo é romantizado e retratado como lindo, o estábulo era, sem dúvida, um lugar fedido, desconfortável, sujo, miserável. Ele sofreu com as multidões e sua

agressividade, os romanos e suas opressões, os discípulos impossíveis e sua fenomenal incapacidade de entender qualquer coisa corretamente. E ele sofre por você!

Portanto, quando dizemos que somos libertos por meio do sangue, lembremo-nos de que Deus está sempre sofrendo para nos libertar. Em seu excelente livro The Suffering of God [O sofrimento de Deus], Terrence Fretheim, professor de Primeiro Testamento do Luther Seminary, delineia todas as maneiras pelas quais Deus sofreu desde a eternidade — e continua a sofrer — por nós, por causa de nós, em nosso lugar.8

Graças ao arrebatamento, sangue e sofrimento de Deus, todo o seu sacrifício, podemos adicionar ao acúmulo de bênçãos o perdão de Deus de nossos passos em falso, o seu perdão pelas nossas transgressões. Sempre que leio a palavra grega para transgressões, paraptomaton, lembro-me do meu professor de confirmação enfatizando que ela conota todas as maneiras em que "erramos o alvo" ao transgredir a vontade de Deus. No ano seguinte, no ensino médio, tive aula de arco e flecha com várias outras alunas, incluindo uma perceptivelmente novata, que entortou demais o seu arco, de modo que a flecha não só errou totalmente o alvo, mas também voou em direção à pista à nossa direita, onde entrou direto na cauda muito espessa de um cão que corria por ali. O cão não ficou ferido, mas, confuso, disparou por todo o campo, enquanto a flecha encaixada se implantou em minha mente como uma imagem gráfica das andanças fatais da nossa pecaminosidade. Nossa transgressão não se limita a errar o alvo; frequentemente, ela atinge alguém mais.

O símbolo profundo do pecado é frequentemente banalizado por nós quando o denominamos meramente um erro. Nós eufemizamos muitos pecados; por exemplo, rotulamos fornicação de "dormir juntos", que soa tão agradável e aconchegante. Nós chamamos de "jeitinho em nosso imposto de renda" quando enganamos o governo; ou de "mentirinha branca" quando defraudamos a verdade. Dado que, em nossa cultura, não damos ao pecado o nome desprezível de pecado, raramente reconhecemos quão verdadeiramente mortos estamos (veja

Ef 2.1-3).

Somos escravizados pelo pecado. Não há como escapar dele, como Martinho Lutero salientou de maneira tão inesquecível em seu grande tratado A escravidão da vontade.9 Lutero reconheceu que essa escravidão ao meu eu pecaminoso até impossibilita chegar à fé; por isso, em sua explicação do Terceiro Artigo do Credo Apostólico, ele ensinou "que eu não posso, por minha própria razão ou força, crer em Jesus Cristo, meu Senhor, ou vir a ele …" Somente devido a Deus nos chamar, libertar, iluminar e conceder graça nós podemos ser libertos para a fé.

Vimos acumulando essa construção dos símbolos importantes de Paulo para não perder o nosso maravilhar pela medida monumental da graça de Deus para nós. Tudo que o sangue traz, tudo de que Deus nos arrebata, toda a absolvição de Deus para os nossos erros e rebeliões — todas essas graças são derramadas abundantemente sobre nós por ele com perfeita sabedoria, discernimento ou capacidade de compreensão. Nunca Deus derrama a sua misericórdia de maneiras que não são boas para nós.

… desvendando-nos o musterion da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo…

Efésios 1.9

Mistério! Eis aqui, agora, um símbolo profundo que foi esvaziado de conteúdo. Em nosso idioma, reduzimos a noção de mistério a descobrir se foi o mordomo ou a criada quem matou o homem rico. Costumo dizer e escrever essa palavra em grego, porque o seu significado bíblico é muito diferente. Em vez de significar algo que estamos tentando descobrir, mas não conseguimos compreender, a palavra grega enfatiza o conteúdo daquilo que agora foi

revelado. Em Mateus 13.11, Jesus diz aos seus discípulos: “a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus” (SD 28.77).

O desejo de Deus, planejado de antemão, era que, em Cristo, nós seríamos conhecedores dos segredos do seu reino. Caso contrário, ele está tão incomensuravelmente, implacavelmente, indizivelmente além de nós, que não conseguiríamos sequer começar a conhecê-lo. Contudo, Deus condescende — uma grande misericórdia — em nos dar essas pistas, em revelar o que é demasiadamente grandioso para nós, em se tornar realmente encarnado para que pudéssemos vê-lo, tocá-lo e ouvi-lo em carne. O reino foi trazido para perto na pessoa de Jesus Cristo, pelo poder do Espírito Santo. Esse é um mistério revelado e, em razão de todos nós juntos sermos a Igreja, continuamos a aprender mais do mistério. É claro que ele permanecerá estupendamente enorme demais para nós o compreendermos. Deus persistirá em ser indescritível, além do nosso alcance, ilimitadamente velado em seu glorioso esplendor. Precisaremos de toda a eternidade para conhecê-lo.

… fazer convergir nele [Cristo], na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu, como as da terra…

Efésios 1.10

Tendo revelado o segredo do seu reino, como pretendia, Deus nos capacita a sermos parte da sua “economia”. Várias traduções costumam representar como plano ou administração a palavra grega oikonomia, mas eu gosto de pensar sobre como nós usamos a palavra economia e o que isso pode nos dizer sobre o nosso papel “desnecessário”. Quando economizamos, nós tentamos obter o máximo do nosso dinheiro; tentamos o gerir da melhor maneira possível. De semelhante modo, o plano de Deus administra totalmente os momentos oportunos para que, em última instância, tudo seja reunido na liderança de Cristo. Que maravilha que o caminho de Deus para economizar é usar-nos! Ele nos dá a conhecer o segredo do seu reino por meio de Cristo e nos permite ser parte dele.

Na perfeição do seu tempo, algum dia Deus “recapitulará” todas as coisas (o verbo grego é anakephalaioo). Por assim dizer, ele colocará a cabeça de volta ou “reunirá tudo em termos de algum princípio ou pessoa unificador” (SD 63.8) — especificamente, Cristo. Deus está no processo de recuperar tudo — o cosmos inteiro, celeste e terreno — para o seu reino. Enquanto isso, você e eu somos também engajados nessa “recapitulação” por meio da obra de reconciliação do mundo, mencionada por Eugene no capítulo 1. Deus tem de reunir o que foi rasgado em pedaços pela entrada do pecado no mundo.

… no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade…

Efésios 1.11

Mais uma vez, lemos uma grande construção teológica para nos certificarmos de que nunca devemos esquecer quanto isso é puro presente, uma herança real. Há uma grande variedade de traduções do primeiro verbo do versículo. Algumas versões salientam que, em Cristo, somos “destinados”, “escolhidos” ou “escolhidos para ser o seu próprio povo”; outras enfatizam que nele recebemos uma herança ou que nos foi “dada a nossa parte na herança”. A Bíblia Viva insiste em que “… devido àquilo que Cristo fez, nós fomos oferecidos a Deus como dádivas nas quais ele [Deus] se compraz”. Considero especialmente esclarecedora a Bíblia de Jerusalém, que traduz: “Nele… fomos feitos sua herança”, reunindo todas as ideias presentes na raiz grega — de escolha, de designação e de ganhar uma quota por sorteio. Independentemente da maneira como interpretamos esse primeiro verbo, segundo o plano de Deus nós fomos predestinados a ele — e este cumpre infalivelmente o seu plano, porque seu conselho abrangente e sua vontade absoluta estão por trás disso. Seus propósitos perfeitos e suas intenções impecáveis não são frustrados.

Por que pensamos ser necessários para isso? Como se explica termos nossos típicos complexos pastorais de messias e pensarmos ser essenciais para o que quer que precise acontecer em nossas congregações?10 Por que temos medo de nos ausentar em um dia sabático? Por que nossas igrejas precisam de nós tão desesperadamente?11 O mundo funcionava muito bem sem nós antes de chegarmos. Efésios 1.11 nos liberta novamente para nos deleitarmos com tudo que Deus é e faz. Só podemos responder com o louvor do versículo 12.

… a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo…

Efésios 1.12

Recentemente, Martin Marty me deu o presente dessa belíssima sentença do teólogo romano Guardini: que a adoração é zwecklos aber doch sinnvoll — "inútil, mas, mesmo assim, repleta de significado" ou "de sinais". Nosso louvor é zwecklos, inútil, desnecessário — mas, ao mesmo tempo, repleto de intenção, repleto de importância, repleto de encarnação. Nós vivemos, nós cantamos, nós SOMOS para o louvor da glória de Deus. Nossas vidas se tornam um sinal do que Deus é, de onde ele operou, de como ele concede graça. Nós demonstramos a nossa esperança vivendo como um louvor. Deus habita em nossos louvores e se revela ao mundo à nossa volta.

Doxologia: a terceira pessoa da Trindade

Agora chegamos à terceira pessoa da Trindade: o Espírito Santo. Perceba que o prelúdio ao Espírito Santo é que, no Amado, nós ouvimos a palavra da verdade — comunicada, como o versículo 2 poderia sugerir, pelo Espírito.

… em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória.

Efésios 1.13-14

Batismo! Eu amo o rito do batismo nas igrejas luteranas, porque ele inclui um ritual de selagem. As instruções dizem:

O ministro marca o sinal da cruz na testa de cada um dos batizados. Pode ser usado óleo preparado para esta finalidade. Ao fazer o sinal da cruz, o ministro diz: “[nome do batizado], filho de Deus, você foi selado pelo Espírito Santo e marcado com a cruz de Cristo para sempre. Amém”. [12]

Que maravilhoso recurso visual para o fim da doxologia de Efésios 1! No dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro prometeu que aqueles que são batizados recebem o perdão dos pecados e o dom do Espírito Santo segundo a promessa feita a todos nós — jovens e velhos, próximos e distantes, judeus e gentios (At 2.38-39). Testemunhar o batismo de uma criança ou de um adulto me faz lembrar de que Deus me concedeu graça muito antes de eu poder fazer qualquer coisa a esse respeito e, no meu batismo, deu-me o presente da salvação e o Espírito da promessa. Desde então, esse Espírito tem operado na minha vida por meio da Palavra e da comunidade.

Para aqueles que vieram à fé já adultos, a selagem ocorreu ao ouvir a Palavra da verdade e crer nela. Seja como for, o Espírito é o sinal, a entrada, o depósito que nos garante que Deus cumprirá todas as suas promessas feitas a nós.

De fato, se você der uma grande entrada por uma casa, certamente não deixará de saldar sequer uma das prestações da hipoteca, não é? Não, nós não gostaríamos de perder a casa — ou o dinheiro que demos de entrada. Então, se Deus deu o Espírito como sua garantia, certamente não falhará em coisa alguma, falhará? Se nós recebemos este presente monumental do Consolador, o Parácleto (literalmente, o "ajudador"), não podemos confiar em que toda a herança será derramada também a nós?

Perceba, também, que a selagem e a herança nos tornam propriedade de Deus. Esse é um tema atraente e reconfortante presente nas Escrituras, com base em Êxodo 19.5 e Deuteronômio 14.2, e aparecendo também em Tito 2.14 e 1Pedro 2.9-10. Ele é também um grande ponto culminante da nossa desnecessidade. Nós somos propriedade de Deus porque o seu Espírito nos possui — nos habita, nos transforma, nos cria para sermos louvor. O mundo à nossa volta pensa em propriedades de um modo totalmente diferente, mas a inclinação de Deus a isso nos liberta da escravidão do entesouramento da nossa cultura. Nós somos libertos de todas as coisas que nos possuiriam para nos entregarmos totalmente ao louvor a Deus. Somos libertos da compulsão de sermos necessários e emancipados para a alegria totalmente desnecessária de celebrar a glória de Deus.

Pause durante um momento para considerar o lugar da doxologia na sua vida — privada, pública e eclesiológica. Como as nossas igrejas podem aprofundar o envolvimento delas em doxologia? Como ela nos molda, pessoalmente e como corpo? Se a mesma faltar — especialmente se não for adequadamente trinitária —, como poderemos nos arrepender disso e ser mais abertos a Deus operar a doxologia em nós?

Oremos: Deus Triúno, Pai, Filho e Espírito Santo, envia-nos perante tua Palavra, intimidados de temor pela imensidão da tua graça e ansiosos por responder — para o louvor da tua glória. Amém.

Capítulo 4

Paulo: terminando em Roma

EUGENE H. PETERSON

Uma das dificuldades com que nos deparamos ao ler as Epístolas Pastorais é tentar encaixá-las na vida de Paulo, conforme narrada em Atos dos Apóstolos. Essa é uma razão dada por alguns para negar a autoria paulina. A última informação que temos de Paulo em Atos é de que ele está em prisão domiciliar, à espera de julgamento. Usando isso como dado, algumas cronologias paulinas presumem que esse confinamento foi seguido por um julgamento que terminou na sua execução. E, por não haver nos relatos de viagem de Lucas qualquer menção ao trabalho missionário de Paulo em Creta, não há documentação histórica para o que está contido na carta a Tito.

Por isso, aqueles que, por motivos internos, pensam que uma autoria paulina é uma conjectura plausível de que Paulo foi libertado daquele primeiro aprisionamento em Roma, fez sua visita muito aguardada à Espanha, voltou e, dentre outras coisas, fez a obra missionária e evangelística em Creta, depois foi preso uma segunda vez em Roma e, depois, foi executado. Se o que aconteceu foi isso, temos de reordenar as três Epístolas Pastorais, pois 1Timóteo e Tito mostram Paulo ainda viajando. Escrevendo a Timóteo em Éfeso, Paulo diz: “Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar…” (1Tm 3.14-15). Obviamente, ele não está na prisão nessa época. E a Tito ele escreve: “… apressa-te a vir até Nicópolis ao meu encontro. Estou resolvido a passar o inverno ali” (Tt 3.12). Nicópolis está situada em Épiro, na costa ocidental do continente grego, com a Itália no outro lado do mar; assim, claramente, Paulo não estava em uma prisão em Roma.

Entretanto, em 2Timóteo Paulo está na prisão em Roma. Ele fala de Onesíforo, que "… nunca se envergonhou das minhas algemas; antes, tendo ele chegado a Roma, me procurou solicitamente até me encontrar" (2Tm 1.16-17). Ele diz que está "… sofrendo até algemas, como malfeitor…" (2.9). Ele convoca Timóteo a ir ter com ele: "Apressa-te a vir antes do inverno…" (4.21). Ele está solitário e se sentindo abandonado: "Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram…" (4.16). Ele espera o pior: "Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé" (4.6-7).

Parece, então, haver dois aprisionamentos em Roma; o primeiro, mencionado no fim de Atos; o segundo, referido em 2Timóteo. Entre as duas prisões, Paulo viajou e escreveu a primeira carta a Timóteo em Éfeso e a carta a Tito em Creta.

Então, lemos as cartas nessa sequência: 1Timóteo (a Timóteo em Éfeso), Tito (a Tito em Creta) e, finalmente, 2Timóteo (escrita em sua prisão em Roma). Depois disso, segundo a tradição, Paulo foi executado sob o imperador Nero. Tomarei, portanto, 2Timóteo como base de trabalho ao considerá-lo um pastor — Paulo terminando em Roma, abandonando sua liderança, olhando para trás sem arrependimentos, preparando-se para morrer. E, por ele estar escrevendo de Roma, usarei sua Carta aos Romanos extensivamente ao considerar sua obra como pastor.

Estou interessado na Carta de Paulo aos Romanos como um documento fonte do Espírito Santo para a teologia pastoral, uma peça escrita que é uma demonstração operante da formação espiritual na comunidade cristã. Meu interesse é despertado por viver em uma época em que a obra de grande parte da liderança da Igreja não é nem pastoral, nem teológica. As dimensões pastorais da liderança da igreja estão muito corroídas por tecnologias e influências gerenciais. As dimensões teológicas da liderança da igreja foram marginalizadas por preocupações terapêuticas e mercadológicas. A obra evangélica de dar liderança à comunidade dos fiéis cristãos foi alienada da sua origem. Entre os

líderes, pelo menos, a mente racionalista invadiu as escolas, e a atitude funcionalista prevaleceu nas igrejas, a ponto de a teologia pastoral ser quase irreconhecível como tal. O racionalismo e o funcionalismo, ambos redutores, deixaram a teologia pastoral magra e anêmica.

Paulo, o primeiro e mais duradouro teólogo da Igreja dotado de autoridade, era um teólogo pastoral. Todos os pensamentos e textos, ensinos e pregações de Paulo a serviço de Deus (isto é, a sua teologia) eram, ao mesmo tempo, realizados no serviço a uma comunidade de almas (ou seja, eram pastorais).

Dada a destacada eminência de Romanos no mundo como documento teológico, talvez seja necessário repetir que ela é uma carta escrita a cristãos para ajudá-los a viver suas vidas cristãmente; ou seja, seu objetivo era inteiramente pastoral.

Como todos os documentos compreendidos pelas nossas Escrituras, ela é dirigida à maneira de viver. Nada aqui é meramente intelectual. A mente de Paulo, um dos intelectos mais vigorosos da história da Igreja, opera inteiramente no contexto de uma congregação de almas, homens e mulheres que se encontram chamados a arrepender-se e crer, obedecer e amar, orar e perdoar no transtorno, emaranhado no pecado, de família e cultura, mundo e trabalho.

Portanto, a Carta aos Romanos, nosso mais importante texto teológico, é mais bem compreendida e aplicada quando lida como teologia pastoral. Ela não é uma teologia abstraída do mundo em que as pessoas vivem; ela é uma teologia realizada no mundo em que as pessoas vivem — teologia pastoral. Durante um tempo demasiadamente longo, os pastores não foram tratados como teólogos; a teologia foi retirada das nossas vidas. Ao mesmo tempo, os pastores foram informados de que não são pastores, mas conselheiros e pessoas que administram igrejas. Romanos restaura os aspectos teológicos e pastorais das nossas vocações.

Designar Paulo (juntamente com Timóteo e Tito) como “pastor” pode não ser estritamente preciso, pelo menos em termos do uso contemporâneo da palavra, pois Paulo não vivia entre os romanos a quem escreveu. Ele estava lidando com eles a partir de certa distância, não tendo ido à sua cidade e caminhado pelas ruas, nem estado em suas casas e feito refeições com eles, e não era intimamente familiarizado com as condições em que eles trabalhavam e criavam suas famílias. Para a maioria de nós hoje, “pastor” conota imersão diária em uma comunidade que adora e trabalha. Normalmente, o trabalho do pastor não é generalizado; ele é específico a determinada comunidade de determinado lugar. Nós não seremos capazes de copiar Paulo: não temos ideia do que ele faria se tivesse de lidar com equipes de música e buracos no estacionamento, resolver um orçamento, enterrar adolescentes suicidas e casar jovens confusos, administrar um programa para jovens e posar como um genial homem de Deus no piquenique anual da igreja.

Mas ele não nos fornece uma orientação, uma forma de abordar a sua obra. Mesmo não estando presente em sua obra com os cristãos romanos, Paulo estava intensamente envolvido em ajudá-los a viver a vida cristã de modo verdadeiro e correto. Tudo o que escreveu em sua famosa carta a eles estava a serviço da vida, viver com prontidão, fé e obediência, como discípulos de Jesus Cristo. Embora Paulo seja um teólogo pensador, ele é, simultaneamente, um pastor operante: a Carta aos Romanos é um importante documento-fonte que o mostra pensando teologicamente ao desenvolver a sua obra pastoral. Há pouca probabilidade de não se notar a importância de Romanos em estabelecê-lo como mestre teólogo; ele é um dos “gigantes na terra”. Porém, a maneira pela qual Romanos mostra Paulo operando no cuidado das almas, em sua obra designada na comunidade cristã, é perdida na maior parte do tempo, tanto pelos pastores quanto pelos estudiosos.

Com grande frequência, pastores que se agradam em sentar-se aos pés do Paulo teólogo se unem a psicólogos e consultores em gestão para obter conselhos de especialista no tocante a conduzirem sua obra diária no reino. Isso é compreensível, porque cuidar de almas é um trabalho respeitado e exigente; quem entrega sua vida a ele precisa de toda a ajuda que conseguir obter. Mas, sem teologia, cuidar de almas pode facilmente transformar-se em manipular ou

seduzir “eus”, e “… o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro…” (Mt 12.45).

Frequentemente, os estudiosos para quem Paulo é o santo padroeiro da vida aprendida minimizam a maneira pela qual usou sua mente no serviço imediato a Deus e às almas, preferindo, assim, trabalhar em ambientes protegidos contra interrupções. O estudo teológico e exegético é um trabalho honrado e exigente, mas, abstraído das condições reais da comunidade e da congregação, perde facilmente a conexão com o Deus que ama o mundo e se entregou por ele. Ter uma mente, uma glória que temos em comum com os anjos, é ótimo. Cultivar a vida do intelecto é essencial à sanidade da igreja de Cristo. Mas o uso da mente pode nos levar tão facilmente ao orgulho quanto à verdade. Isso acontece quando ele se dissocia do pastoral.

Quero identificar na elaboração de Romanos por Paulo quatro elementos que contribuem para a sua influência formativa em teologia pastoral: sua submissão à Escritura, seu abraçar do mistério, seu uso da linguagem e sua imersão na comunidade.

Submissão à Escritura

Em 2Timóteo 3.16-17 temos a bem conhecida indicação, por Paulo, da centralidade e autoridade da Escritura: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. Usando Romanos, podemos vê-lo escrevendo em decorrência dessa autoridade.

Logo no início da leitura de Romanos, torna-se claro que Paulo não é um pensador independente, que descobre as coisas por conta própria. Nem é um

pensador especulativo, que brinca com ideias, procurando alguma verdade suprema. Seu pensamento está subordinado a tudo que Deus revelou, sobre si mesmo e os seus propósitos, na Sagrada Escritura. Para Paulo, a Escritura é a Bíblia hebraica, que hoje denominamos Antigo Testamento. Quando Paulo escreveu aos romanos, seu intelecto estava totalmente atrelado às, e embebido das, Escrituras.

"Arrogante" é a acusação frequentemente dirigida contra o intelectual profissional — o exultante deleitar-se nos poderes da mente. Ela é uma acusação fácil de compreender e de fundamentar. Homens e mulheres de notável capacidade mental adquirem facilmente um senso de superioridade sobre os menos bem dotados. Esse senso de superioridade se desenvolve facilmente em uma atitude de orgulhosa condescendência. O pressuposto subjacente ao pecado é que a capacidade de pensar é a glória distintiva do ser humano — característica que somente nós e os anjos partilhamos. Portanto, quanto mais pensamos bem, melhores seres humanos nos tornamos. A nossa condição humana é avaliada em termos das nossas mentes: um homem que escreve livros excelentes é superior a um trabalhador migrante analfabeto colhendo frutas; uma mulher que gere os assuntos financeiros de uma grande corporação vale muito mais do que a mulher que limpa os vasos sanitários em um banheiro público. Essa categorização para a qual tão facilmente deslizamos simplesmente não coincide com o Paulo que vemos no Novo Testamento.

Paulo, uma das mentes mais competentes da História, não demonstra traço algum dessa soberba intelectual. E o motivo disso é que todos os seus processos mentais são subjugados e submissos ao que lhe foi entregue por revelação na Escritura. Ele não está usando a sua mente para descobrir as coisas; ele não está usando a sua mente para adquirir o tipo de conhecimento que representa poder; ele não está usando a sua mente para sondar as fronteiras do pensamento, conquistando a ignorância e estabelecendo-se como um senhor de mentes.

Não que ele seja incapaz de raciocínio rigoroso. A precisão gramatical de conectivos lógicos frequentemente usados, como hina e hoti, hoste e oun é

evidência de uma mente aguçada disciplinada aos padrões de linguagem desenvolvidos por intelectuais gregos e romanos. O cuidadoso emprego de modos e vozes verbais demonstra a sua habilidade de usar nuances e modulações para transmitir significado. Não pode haver dúvida de que Paulo pensa bem. Mas ele não está usando a sua mente como um aventureiro, conquistador ou senhor — ele usa os seus consideráveis poderes mentais para adentrar aquilo que já foi dado a conhecer, o que Deus "… revela… de fé em fé…" (Rm 1.17).

As palavras da revelação bíblica são o meio pelo qual Paulo raciocina. Alguns consideram uma vergonha ele não fazer uma exegese da Escritura segundo padrões modernos — é divertido observar estudiosos se confundindo para obter explicações sobre o que ele está fazendo —, mas nem por isso deixa de ser um exegeta. Paulo não usou a sua mente de maneira isolada da sua vida — a relação dele com as Escrituras não era como a de um estudante descobrindo o que estava lá, mas como a de um discípulo vivendo o texto. Paulo, dotado de ótimo intelecto, tinha uma mente bem treinada e havia adquirido um conhecimento abrangente das Escrituras. Ele passou a primeira parte da sua vida como um fariseu, usando as Escrituras com zelo, mas de maneira errada; ele passou a segunda parte da sua vida como cristão, vivendo essas mesmas Escrituras de maneira igualmente zelosa, mas muito diferente. A diferença entre a sua vida como fariseu e como cristão não estava na sua capacidade intelectual, nem no seu conhecimento da Escritura, mas na sua relação com esta: como fariseu, ele usou a Escritura; como cristão, ele se submeteu a ela.

É na sua relação com a Sagrada Escritura que vemos uma característica primária da sua obra como teólogo pastoral: as Escrituras são nada menos do que o texto que preenche o seu vocabulário, molda a sua imaginação e dá forma à sua vida. Os textos por ele citados não são dispostos meramente como provas em um argumento; eles são presenças vastas, sugerindo os imensos horizontes dentro dos quais ele escreve.

Em sua Carta aos Romanos há 65 citações extraídas de 16 dos 39 livros do Antigo Testamento. Isaías (com 18 citações) e Salmos (com 13) são os seus

favoritos, mas ele varia amplamente, cobrindo grande parte do território de Gênesis a Malaquias com inventividade e despreocupação. Mas não é só isso o que ele cita; ele habita na história, dá a impressão de ser familiarizado com tudo que foi escrito por seus antepassados profetas, totalmente à vontade nessa narrativa ricamente expansiva da Palavra de Deus. As Escrituras se tornaram para ele, nas palavras de Alexander Whyte, "totalmente autobiográficas". Por exemplo, ele dá à imagem da criação de Gênesis usos novos, mas muito diferentes: primeiro, ao escrever sobre o pecado culpável no capítulo 1 ("… eles mudaram a verdade de Deus em mentira…" [1.25]) e, mais tarde, ao escrever sobre o sofrimento inevitável no capítulo 8 ("… toda a criação… geme e suporta angústias…" [8.22]).

Paulo não cita textos tanto quanto evoca presenças. Adão e Abraão, Sara e Rebeca, Moisés e Elias estão vivos em sua imaginação; mas ele não usa a mente para inventar detalhes plausíveis emocionais e de interesse humano para elaborar a história; ele discerne a ação, os propósitos e a presença de Deus nessas vidas e reconta a história de salvação aos seus leitores, com seus antepassados vivos e presentes nela. Vemos isso de diversas maneiras. Por exemplo, no processo de discutir a igualdade de judeus e gentios como pecadores diante de Deus (3.10-18), ele usa seis trechos do texto da Escritura fora de seus contextos nos livros de Salmos e Isaías e os entretece formando um brilhante poema profético, a obra de arte retórica mais magistral com que estamos propensos a nos deparar (Sl 14.1-3; 5.9; 140.3; 10.7; Is 59.7-8; e Sl 36.1). E ele faz isso sem violar ou distorcer o significado de qualquer um dos seis. Há uma percepção de que, para Paulo, nada na Escritura está "fora de contexto", em momento algum. Ele se sente tão em casa em todo o país da Escritura que tem um senso intuitivo de o que se encaixa e onde o deve fazer. Ele não usou o seu intelecto para reorganizar, corrigir ou aprimorar o que lhe foi dado; ele o adentra como um convidado e recebe com gratidão tudo que é colocado diante dele, confiando que o Anfitrião suprirá as suas necessidades.

Como pastores sob a autoridade da Escritura, é importante adquirirmos essa maneira de viver com a Escritura, para que não a usemos como um livro-fonte para citações, provas ou aplicações, mas para que possamos adentrá-lo como um mundo de revelação. Não queremos viver — e ensinar nossas congregações a

viverem, por meio do nosso exemplo — em um pequeno mundo que tem versículos da Bíblia colados nele para validação. Queremos viver de toda a revelação, a ponto de, mesmo nos faltando citações para situações ou questões específicas, saber que ainda estamos vivendo biblicamente.

Ao escrever a Timóteo, Paulo disse: "… permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras…" (2Tm 3.14-15). A frase "de quem" é essencial. Esses versículos têm uma voz pessoal — eles são evocativos, contemporâneos, vivos. Eles nunca são apenas livros em uma prateleira, mas têm voz. "De quem?"

Um pastor necessário busca controlar a Escritura, manejando-a para os seus próprios fins. Um pastor descartável encontra um lar e um país dentro das Escrituras e é moldado por elas.

Abraçar do mistério

Outra característica da obra pastoral de Paulo é o seu senso de mistério. Ele escreveu a Timóteo: "Evidentemente, grande é o mistério da piedade…" (1Tm 3.16).

Esse senso é incorporado na Carta de Paulo aos Romanos, em que há um extravagante abraçar do mistério. Paulo é confortável com este, se deleita nele e aceita-o. Sua famosa e alegre explosão em 11.33-36 é característica:

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus!

Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!
“Quem, pois, conheceu a mente do Senhor?

Ou quem foi o seu conselheiro?” [Is 40.13-14] “Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído?” [Jó 35.7; 41.11]

Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas.

A ele, pois, a glória eternamente. Amém!

Uma das coisas que estou tentando combater é o racionalismo — a redução da realidade ao que você pode descrever ou explicar. Eu sou um feroz opositor do racionalismo e Paulo também não é adepto dele. É importante que essa postura reverente, porém exuberante, perante o Deus que não pode ser desvendado ou diagramado apareça no contexto de alguns dos mais vigorosos raciocínios de Paulo (capítulos 9–11). Com isso ele está dizendo, com efeito, “Eu quero que você entenda isso, mas você não consegue — isso é maior do que você”. Para Paulo, mistério não é o que sobra depois de termos nos esforçado ao máximo para raciocinar as coisas por nossa própria conta; ele é inerente à própria natureza de Deus e das suas obras.

Seu deleite no mistério dos caminhos de Deus, pessoalmente expressado em 11.33,36, embute (sem notas de rodapé!) linhas de Jó e de Isaías, que também dão testemunho do “mais” que sempre encontramos em Deus — mais do que jamais esperamos, mais do que jamais seremos capazes de compreender, mais do que somos capazes de explicar. Mas o “mais” não é um segredo mantido escondido de nós, provocando a nossa curiosidade; ele não é esoterismo, do qual as pessoas comuns são excluídas, mas ao qual adeptos privilegiados são admitidos.

Em outras palavras, mistério não é uma palavra elegante ou espiritual para a ignorância que podemos vencer por meio de mais conhecimento; nem designa um segredo que somos capazes de penetrar por meio de pesquisa meticulosa. Algumas sentenças antes de sua famosa exclamação, Paulo é explícito quanto a isso: "… não quero, irmãos, que ignoreis este mistério…" (11.25). Ignorância e mistério não são sinônimos; segredo e mistério, também não. O assunto de Paulo é "… a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer…" (16.25-26).

Há um tipo de mente, muito comum entre nós, que é impaciente em relação ao mistério. Essas mentes presumem que mistério é aquilo de que os pastores e os teólogos são pagos para livrar-se. Elas presumem, e não sem provas, que o que não sabemos é um terreno fértil para a superstição e a incerteza. Se não tivermos uma visão clara e concisa do que precisamos saber, como poderemos pensar corretamente sobre Deus? E se não conhecermos a topografia do terreno, os problemas que enfrentamos nas nossas vidas diárias, como poderemos conceber um plano eficaz ou estabelecer metas exequíveis? A tarefa da mente humana é saber; se ela não sabe algo, procura descobrir.

A capacidade do intelecto para adentrar o desconhecido e torná-lo conhecido, para penetrar áreas de ignorância e mapear a realidade é, evidentemente, formidável. Esse tipo de trabalho intelectual agressivo foi primariamente associado à ciência; seus resultados, sempre impressionantes, deixam assombrada a imaginação em nosso mundo moderno. Certa vez, Robert Frost comparou a moderna aceleração dos resultados adquiridos pela mente científica, vencedora da ignorância, a uma corrida de 100 metros rasos seguida de um salto com vara. Por isso, é compreensível que a mente moderna, acostumada a ver o matagal emaranhado do "mistério" ser aberto pelos tratores do "conhecimento", apreciaria pouco o tipo de mistério de que Jó, Isaías e Paulo falam, um mistério que se aprofunda à medida que o nosso conhecimento aumenta.

Mas a concepção de mistério como uma qualidade do desconhecido nunca

satisfez as percepções mais profundas do espírito humano. Crianças e poetas, amantes e sacerdotes têm, nas palavras de Jaroslav Pelikan, “repetidamente passado a reconhecer a qualidade misteriosa do Conhecido”.1

O mistério a que Paulo dá testemunho não é o mistério de uma escuridão que precisa ser dissipada, mas o mistério de uma luz que pode ser adentrada. Não se trata de algo que não conhecemos, mas de algo que é demasiadamente grande para ser conhecido. Deus e suas operações não podem ser reduzidos ao que somos capazes de conhecer, explicar e reproduzir.

Para abraçar este mistério é necessária uma considerável humildade, porque na presença de mistério não estamos em posição de controlar qualquer coisa, de prever ou administrar, de posar como autoridades, de, como se diz, “dominar o assunto”. Mas ele deixa muito espaço para a adoração, pois não há adoração onde não há mistério.

Gabriel Marcel fez uma distinção entre abordar a vida como um problema e adentrá-la como um mistério. Se lidamos com a vida como um problema, nós a reduzimos a uma coisa a respeito da qual podemos fazer algo; estamos preocupados em descobrir e corrigir. E, embora seja importante descobrir as coisas e corrigi-las, se isso é tudo que fazemos, tornamo-nos míopes, gerentes e mecânicos do que está imediatamente à nossa frente, sem visão periférica e sem horizontes. Perdemos a maior parte da vida. Mas, se abordamos a vida como um mistério, estamos sempre descobrindo significados que excedem nossas definições, energia e recursos não contemplados em nossos cálculos. “Mistério não é a ausência de significado, mas a presença de mais significado do que somos capazes de compreender.”2

A Escritura não é o livro de respostas para todos os nossos problemas, mas uma porta para o mundo do mistério de Deus. E um dos mistérios desta vida é que ele não está interessado em resolver todos os nossos problemas da maneira como pensamos que eles devem ser resolvidos. A Carta de Paulo aos Romanos lida

com uma abundância de problemas, tanto de comportamento quanto de pensamento, como todo teólogo pastoral precisa fazer. Mas a carta não trata de problemas. Ela trata de Deus e dos seus caminhos, que só podem ser abordados corretamente como mistério — o "mais" que continua a nos surpreender com nova luz e graça. Esse "mais", este mistério, nunca é usado por Paulo como desculpa para parar de pensar e nunca é invocado como desvio de fazer o que precisa ser feito para Deus. Este, em vez disso, leva Paulo (e nós) cada vez mais a um pensamento vigoroso e uma obediência ativa. Ele é um pensamento que não dissipa o mistério, mas o aprofunda. "Glória", a luz de Deus que excede a nossa capacidade de apreender tudo, é a palavra habitualmente usada nas nossas Escrituras para caracterizar esse mistério; ela é uma palavra que Paulo usa com facilidade e frequência: "… A ele, pois, a glória eternamente…" (11.36 e, frequentemente, em outros textos).

Pastores necessários operam dentro dos limites do conhecido e controlado, especializando-se em explicações e solução de problemas. Pastores desnecessários não precisam descobrir tudo, mas vivem no temor do Deus de mistério, felizes em saber que há mais coisas acontecendo do que eles veem ou são capazes de abranger com suas mentes.

Uso da linguagem

A maneira como Paulo usa a linguagem, em particular o emprego da metáfora, é outro elemento na formação de uma teologia pastoral. A linguagem é essencial na obra do evangelho. Isso não causa surpresa, uma vez que ela é primordial na própria criação do evangelho: "… A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração…" (Rm 10.8). E, é claro, Jesus é a Palavra. Todas as palavras são derivadas da Palavra, seja com o intuito de adoração ou de blasfêmia, quer a serviço da verdade de Deus ou das mentiras do diabo. A linguagem, uma das características definidoras de sermos humanos, é parte integrante da maneira como Deus se revela e opera. Segue-se que a maneira como a usamos, não simplesmente o fato de a usarmos, é importante.

Charles Williams observou que Paulo produziu “praticamente um novo vocabulário. Chamá-lo poeta poderia ser impróprio (além de ignorar o fato menor, mas importante, de ele haver escrito em prosa). Mas ele usou as palavras como os poetas o fazem; ele as concebeu de novo”.3 O seu uso da metáfora é conspícuo nessa elaboração de palavras “como os poetas o fazem”. Esse recurso no uso que Paulo faz da linguagem requer comentário, por ser um elemento importante no preenchimento de sua identidade como teólogo pastoral.

Como usamos as palavras? Para tornar as coisas precisas e claras ou para evocar o mistério de Deus? O uso da metáfora não é um uso preciso da linguagem; de fato, é totalmente o oposto. Em vez de definir um significado, uma metáfora o deixa solto. Ela não define ou rotula tanto quanto expande, forçando a mente a uma ação participativa. Usar “rocha” como uma metáfora para Deus, como em “O Senhor é a minha rocha” (Sl 18.2), uma prática comum nas nossas Escrituras, não define Deus. O sentido literal da afirmação é absurdo. O que ele faz é forçar a mente a agir para encontrar significado em outro nível, “envolvendo a imaginação em uma exploração cognitiva e afetiva do assunto, em e por meio de relacionamentos que parecem estranhos, mas, de fato, são mais esclarecedores do que a afirmação literal”.4

A metáfora nos impede de ser espectadores da linguagem, forçando-nos a ser participantes dela. Não é isso o que estamos procurando? Nós não queremos que nossas congregações sejam aprovadas em exames de Bíblia, mas que vivam pela Palavra viva. Infelizmente, alguns exegetas tentaram eliminar as metáforas terrenas da Escritura substituindo-as por verdades abstratas. Mas a metáfora não é uma verdade; tomada literalmente, ele é uma mentira — uma mentira intencional para arrancar você da sua complacência de espectador e envolvê-lo na própria linguagem.

Sem dúvida, Paulo adquiriu o seu gosto linguístico pela metáfora e a sua habilidade em usá-la nas Escrituras hebraicas, em que ela é usada extensivamente. Ao fazê-lo, ele a estabeleceu no centro da teologia pastoral. Se a linguagem utilizada no trabalho pastoral diverge demais desse centro,

inevitavelmente vagueia para um deserto de definição e explicação.

Uma das características da metáfora é a sua acessibilidade — as metáforas provêm da experiência sensorial comum. Se, graças à formidável reputação de Romanos como um documento teológico, supomos que precisamos de um dicionário pesado para compreender o significado das sentenças de Paulo, uma leitura real do texto é uma feliz surpresa. Ele adotou a linguagem da metáfora (e sua irmã, a metonímia) que provém do mesmo mundo em que todos nós crescemos e vivemos em todas as nossas vidas. Uma consequência dessa acessibilidade por meio da metáfora é que as mesmas sentenças sobre as quais os estudiosos escrevem livros eruditos também são lidas e compreendidas por motoristas de caminhão e garçonetes em uma conversa durante o café. Esse tipo de linguagem não se limita a informar as nossas mentes, embora certamente o faça; ele nos engaja numa participação de crer/ obedecer. Não podemos ser passivos diante de uma metáfora; temos de imaginá-la e adentrá-la.

O discurso metafórico realista de Paulo ocorre em virtualmente todos os parágrafos. Quando comecei a contar, cheguei a 75 e parei. Eis aqui uma rápida amostra:

… conseguir… algum fruto… (1.13);

… gravada no seu coração… (2.15);

A garganta deles é um sepulcro aberto… (3.13);

… pecados são cobertos (4.7);

… amor… é derramado em nosso coração… (5.5);

… por meio de um só [homem], reinou a morte… (5.17);

… foi crucificado… o nosso velho homem… (6.6);

… o salário do pecado… (6.23);

… vendido à escravidão do pecado (7.14);

… a criação… geme e suporta angústias… (8.22);

… oliveira brava… (11.17);

… enxertado… (11.24);

… sacrifício vivo… (12.1)

… amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça (12.20);

… armas da luz (13.12);

… fundamento alheio (15.20);

… esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás… (16.20).

Amantes, contadores de histórias, crianças e poetas falam continuamente em metáfora. Eles são vivos e nos avivam. Mas há teólogos e pastores que gostam das coisas limpas e arrumadas, sem pontas soltas e desprovidas de ambiguidade. Intelectuais de torre de marfim e pragmáticos realistas gostam das coisas organizadas e ordenadas, sob controle, seja por um sistema de pensamento ou um plano de gestão. Mas o nosso primeiro teólogo pastoral não era um teólogo preciso ou proposicional e era inocente de "sistemática". Ele não usava palavras para definir, mas para evocar. Ele não estava interessado em conter e preservar toda a verdade de Deus em sua linguagem, protegendo-a de contaminação e, depois, apresentando-a para exame, como uma amostra num laboratório. Paulo não a usava dessa maneira; ele não decompunha sentenças tentando arrancar delas a verdade. Ele não "assassinava para dissecar", como disse Wordsworth.

Paulo trata a linguagem como um campo de energia viva. As palavras não são recipientes estanques de "significado", mas evocações de discurso, que proliferam nuance e implicação. Ele não desenvolve um jargão especial e disciplinado só para ser preciso acerca de Deus; ele emprega a linguagem do discurso comum, sempre sugestiva de metáfora — coisas comuns e ações comuns — e a usa livremente, sentindo-se à vontade com as ambiguidades necessariamente inerentes a ela. E, ao usar a linguagem dessa maneira, ele estabelece o estilo para ela na teologia pastoral.

Pastores necessários usam a linguagem para definir e distribuir porções da verdade. Pastores desnecessários evocam e se envolvem naquilo que não deve

ser excluído.

Imersão na comunidade

Um quarto elemento da Carta aos Romanos que a torna seminal para a teologia pastoral é uma preocupação apaixonada pela comunidade. A preocupação permeia a carta, fornecendo um contexto abrangente de relacionamento pessoal. A teologia pastoral, no modo como Paulo a vive e escreve, é relacional — as pessoas estão envolvidas como pessoas num relacionamento.

O evangelho de Paulo nunca é uma questão de apresentar as ideias da maneira correta; ele está preocupado com pessoas em comunidade com Cristo. Em 2 Timóteo, a última das suas cartas, ele cita o nome de vinte e quatro homens e mulheres: Timóteo, é claro, depois Loide, Eunice, Fígelo, Hermógenes, Onesíforo, Himeneu, Fileto, Demas, Crescente, Tito, Lucas, Marcos, Tíquico, Carpo, Alexandre, Priscila e Áqüila, Erasto, Trófimo, Êubulo, Prudente, Lino e Cláudia. As pessoas mencionadas em todas as suas cartas somam mais de quarenta nomes. Paulo as conhecia. Ele conhecia as pessoas para quem estava escrevendo. Não importa que nós mesmos não as conheçamos. Paulo as conhecia.

Essa imersão na comunidade é sinalizada na página de abertura da Carta aos Romanos, quando Paulo se dirige à congregação romana como (1.7) “A todos os amados de Deus, que estais em Roma…”, expressa o seu sentimento pessoal por eles na frase “… muito desejo ver-vos…” (1.11) e observa como, frequentemente, tem ansiado estar com eles, “… para conseguir igualmente entre vós algum fruto…” (1.13). Isso não é teologia geral — foi escrito pessoalmente para um povo específico que vivia em determinado lugar. Embora ainda não tenha ido a Roma, Paulo conhece os nomes de muitas das pessoas que vivem e adoram ali; antes do fim da carta leremos alguns dos seus nomes (capítulo 16).

Mas é fácil perder o contato com esse contexto pessoal quando Paulo se lança no corpo principal do seu texto em 1.16, pois, nesse ponto, o rico contexto interpessoal parece recuar para as sombras à medida que grandes verdades teológicas se acendem. Mas isso é só aparente, pois a preocupação do apóstolo, embora expressa em termos que se referem a categorias (judeus e gentios), em vez de a pessoas individuais, ainda tem a ver com a formação da comunidade, a "comunhão" dos santos. Paulo se vê lidando com judeus, que se sentem superiores aos gentios; e com gentios, que se sentem superiores a Israel. Mas ele se recusa a ser pastor de uma congregação dividida. A formação espiritual deles exige que vivam em comunhão aberta uns com os outros.

Em Romanos 1–8, Paulo lida com judeus, conhecedores da revelação histórica de Deus em Israel e de Jesus, que estão usando a sua distinção étnica como uma marca de privilégio, considerando-se superiores aos gentios. Ele argumenta vigorosa e incansavelmente que não há diferença, "… não há distinção…" (3.22). Todas as maiores armas teológicas de Paulo são invocadas para demolir os pressupostos dos judeus quanto a vantagem sobre os gentios, atitudes dos judeus de condescendência aos gentios. Oito capítulos disso podem parecer um exagero, mas são necessários. Os argumentos teológicos são tão brilhantemente desenvolvidos, se tornaram tão fundamentais para todo o mundo de pensamento cristão e têm implicações tão profundas, que fica fácil negligenciar o óbvio: na Carta aos Romanos, a teologia está sendo posta em uso inteiramente com o propósito imediato de estabelecer e cultivar uma comunidade cristã, uma congregação sem distinções de classe.

Nos capítulos 9–11, a situação se inverte: "Dirijo-me a vós outros, que sois gentios…" (11.13). Paulo se dirige aos gentios, advertindo-os contra desprezarem ou excluírem Israel. Vendo-se incluídos como conhecedores dos caminhos de graça e salvação de Deus, os gentios poderiam facilmente presumir um lugar de privilégio que acabava de ser tirado dos judeus e agora, por sua vez, desprezá-los ou excluí-los, invertendo o processo de discriminação.

Nos capítulos 1–8, Paulo impede os judeus de excluírem os gentios, insistindo

em que eles, os judeus, são tão pecadores quanto os gentios; nos capítulos 9–11, ele impede os gentios de excluírem os judeus, argumentando que eles só "fazem parte" por um milagre, o milagre de Deus de "enxertá-los" na árvore da salvação. A imagem de Paulo do ramo de oliveira brava a ser enxertado na oliveira cultivada, os gentios "fazendo parte" somente por obra e graça de Deus, é estabelecida juntamente com a imagem paralela do ramo natural (os judeus), que foi arrancado, mas pode ser novamente colocado de volta ("… Deus é poderoso para os enxertar de novo" [11.23]). Os gentios não ocupam uma posição privilegiada por causa do seu estado milagroso; os judeus também farão parte por meio de um milagre.

Paulo argumenta de maneira diferente para cada uma das facções da sua congregação, mas o efeito nas duas é o mesmo. O argumento do pecado ("… todos pecaram…" [3.23]), dirigido aos judeus nos capítulos 1–8, tem paralelo no argumento do milagre ("… vida dentre os mortos" [11.15]), dirigido aos gentios nos capítulos 9–11. Na comunidade cristã não pode haver categorias que separem os membros em primeira classe e segunda classe, conhecedores e não conhecedores: todos nós somos pecadores de primeira classe; somos todos milagrosamente "enxertados" na oliveira de Deus. Com efeito, "Vocês dois entram por milagre. Os dois são pecadores, mas são também milagres".

Não pode haver comunidade em que não haja mutualidade. O privilégio é um terreno fértil para o orgulho. Quando este recebe direitos desiguais, corrompe todas as pessoas. Qualquer tipo de designação de classe (judeu/gentio, rico/pobre, jovem/velho, capitalista/trabalhador, masculino/feminino, branco/preto, clero/laicato, letrado/analfabeto) é a morte da comunidade. O assustador é que, no momento em que criamos a nossa identidade a partir de uma classificação, perdemos a consciência do outro como pessoa e o evangelho de Jesus é sabotado num nível inconsciente.

Os primeiros onze capítulos refletem a intensa luta de Paulo para criar uma comunidade. Ele o consegue ao chegar ao capítulo 12. É difícil criar uma comunidade. Não se consegue simplesmente tê-la desde o início. Os capítulos 1–

11 de Romanos são necessários para estabelecê-la. Em seguida, no capítulo 12, após ter começado a fazer todos pensarem realmente uns nos outros, com suas mentes destituídas de presunções de classe causadoras de distorções, Paulo se dirige a uma comunidade, uma congregação de judeus e gentios de todos os tipos, e os instrui na vida conjunta. Eles agora estão com os pés no chão, judeus e gentios lado a lado como pares, irmãos e irmãs da mesma família, com suas identidades individuais reestruturadas pelos poderosos argumentos e imagens de Paulo. Agora, não há motivo ou desculpa para um judeu passar um gentio para trás ou para um gentio marginalizar um judeu. Nesses capítulos finais da sua carta (12–16), Paulo se dirige a eles em comum, instruindo-os nos caminhos da comunidade ("Rogo-vos, pois, irmãos…" [12.1]), e conclui a carta com uma profusão de nomes pessoais, 35 ao todo, judeus e gentios misturados, sem distinção racial ou religiosa.

Paulo se dirige a eles não como indivíduos separados, nem como uma classe genérica — eles são uma comunidade, uma comunidade que só pode ser conseguida e compreendida teologicamente, ou seja, em termos do que Deus fez em Cristo por meio do Espírito, e só podem ser tratados pastoralmente, ou seja, como pessoas inter-relacionadas. A teologia pastoral não está interessada em verdades abstratas, por um lado, nem em instâncias individuais privadas, por outro, mas na formação da comunidade em Cristo pelo poder do Espírito Santo.

Pastores necessários administram pessoas, colocando-as em caixas e grupos por idade, sexo, etnia e assim por diante. Pastores desnecessários geram comunidades em que eles mesmos participam.

Eu cresci em uma comunidade agrícola e tenho amigos fazendeiros que me contaram sobre sua experiência com herbicidas e pesticidas quando eram mais jovens. Agentes de laboratórios agrícolas do governo e vendedores de empresas químicas iam até eles com estudos e estatísticas impressionantes, instando-os a tornar seus campos mais produtivos e eficientes por meio do uso de produtos químicos poderosos para eliminar insetos devoradores e doenças destrutivas.

Impressionados pela combinação de conhecimento aprofundado e entusiasmo, eles fizeram isso. Os resultados foram maravilhosos: a produção aumentou notavelmente. Durante algum tempo. Demorou alguns anos para eles perceberem que os produtos químicos estavam matando muito mais do que os insetos nocivos e as doenças malignas. Logo os campos estavam estéreis e só poderiam ser mantidos produtivos pela abundante aplicação de fertilizantes. O solo já não era mais um organismo vivo. Enquanto isso, gradualmente ocorreu uma maior conscientização das pessoas que estavam comprando os grãos, vegetais e frutas originários desses campos e preparando refeições com eles — uma consciência de que as vitaminas nutritivas que elas estavam colocando em seus pratos estavam atadas a venenos letais. Foi aí que começou o movimento da volta ao "orgânico" — encontrar maneiras de cultivar alimentos sem matar o solo em que eles são cultivados e as pessoas que os comem.

Toda vez que ouço essas histórias — e já escutei e li muitas delas —, penso em meu próprio campo de teologia pastoral. Os "herbicidas e pesticidas" que prometiam revolucionar o trabalho da liderança espiritual são o racionalismo e o funcionalismo — os estudiosos, em sua tentativa de limpar a Escritura, e os gurus da administração da igreja, em suas tentativas de limpar a igreja —, que prometiam banir a ignorância e o erro em nosso pensamento bíblico e teológico, e livrar-se da ineficiência e do desperdício no modo como conduzimos a nossa comunidade e as nossas vidas institucionais. Nós compramos a ideia e eles, de fato, cumpriram o que prometeram — nos deixaram muito mais bem informados sobre Deus e as Escrituras, nos tornaram eficientes na gestão da religião. Porém, a um custo terrível: uma teologia cada vez menos interessada no Deus conosco; e trabalho pastoral que lida cada vez menos com pessoas interrelacionadas.

Quando pastor e teologia se separam das suas fontes bíblicas e depois, por meio de especialização, separam-se um do outro, todos perdem. Em Romanos, Paulo oferece um substancial impulso à recuperação de uma teologia orgânico-bíblico-pastoral: ele oferece a si mesmo, Paulo — submisso à Sagrada Escritura, aberto ao mistério divino, vivo para a linguagem metafórica e insistente nas condições da comunidade.

Capítulo 5

O chamado para triunfar sobre os principados e as potestades

MARVA J. DAWN

Lembremo-nos de que somos uma comunidade em que aprendemos juntos. O Senhor esteja com vocês. [Com você também.]

Oremos: Deus Triúno, ao pensarmos sobre os poderes do mal que operam neste mundo, ajuda-nos a levá-los a sério e a sempre nos lembrarmos de que tu triunfaste sobre eles na vitória de Cristo na cruz e no túmulo vazio. Por meio da vitória de Cristo, dá-nos coragem para olhar o nosso mundo de uma maneira realista. Dá-nos uma fé suficientemente forte para manter a distância as lutas que precisamos enfrentar, para que possamos ver mais claramente as suas origens e a possibilidade de conquista sobre elas. Ajuda-nos a não recorrermos aos principados e às potestades como um bode expiatório para não encararmos a nossa própria pecaminosidade; em vez disso, permite-nos reconhecer as legiões de forças diversas em nosso mundo caído, que nos afastam daquilo que somos chamados a ser como servos da tua Igreja. Que esses poderes sejam expostos no nosso estudo hoje. Que o nosso desvelamento deles os desarme e, com isso, nos juntemos ao triunfo de Cristo sobre os poderes. Pedimos todas essas coisas com confiança, porque sabemos que é a tua vontade para nós nos mantermos firmes contra todas as obras do maligno. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Sou grata porque, em capítulos anteriores, Eugene preparou o caminho, eliminando a maior parte da nossa falsa necessariedade. Todavia, nesse processo

ele me repreendeu involuntariamente ao repreender aqueles que explicam todo o mistério de Deus. Ai de mim, pois, de fato, sou uma explicadora inveterada — e assim serei especialmente neste capítulo, porque o assunto de principados e potestades é muito mal interpretado. O lembrete sutil de Eugene ajuda a me afastar de alguns dos meus hábitos menos desejáveis; por isso, oro para que as minhas explicações ainda sejam cheias de temor diante do mistério de Deus e, ao mesmo tempo, esclareçam um tema bíblico desafiador e controverso.

Alguns dos equívocos sobre o tema dos “poderes” surgem em razão da profusão de livros a esse respeito no mercado evangélico — mais particularmente, os romances de Frank Peretti.1 Não conclua que eu deprecio totalmente a obra de Peretti. Seus romances nos deram vários presentes importantes, sendo o maior de todos a contundente consciência que seus livros geram sobre o papel central da oração em nossas batalhas contra o mal. O problema, porém, é que a sua obra reduz os principados simplesmente a uma caricatura de pequenos demônios que voam ao redor e cospem enxofre. O resultado é que perdemos as muitas maneiras pelas quais os poderes estão operando no mundo — que veremos a seguir.

Outro equívoco é usar os principados e as potestades como um subterfúgio, culpá-los por todos os nossos problemas e, assim, evitar encarar o profundo fato de que nós mesmos somos grandes pecadores. Para nos conhecermos mais honestamente, necessitamos lutar contra uma dialética crucial.

Em apresentações ao vivo, sempre ilustro “dialética” com os nossos cotovelos; por isso, eu gostaria de encorajá-lo a experimentar essa postura enquanto lê. Dobre as suas mãos como se fosse orar; em seguida, levante os cotovelos até eles ficarem paralelos ao chão e apontando para fora em sentidos opostos. Agora, mude a posição dos seus dedos para que eles fiquem interligados e puxando a outra mão enquanto você puxa os dois cotovelos para fora, em direção a paredes opostas. Agora, pense que cada cotovelo representa uma verdade, mas que as duas verdades são aparentemente contraditórias. A única maneira de manter as duas verdades em equilíbrio dialético é puxar igualmente,

com as duas mãos no centro. As mãos precisam continuar se agarrando, para que você não caia para um lado ou para o outro. Continue puxando forte — então, as suas mãos representam a tensão dialética mantida em equilíbrio.

Por exemplo, no seu cotovelo esquerdo está a verdade de que Jesus é verdadeiro Deus; no direito, de que ele é verdadeiro homem. A maioria das grandes heresias da história da Igreja surgiu por causa de uma ênfase excessiva num lado ou no outro. O ebionismo negava a encarnação e insistia em que Jesus era unicamente um ser humano. O docetismo ensinava que Cristo era somente divino e que sua natureza humana era um fantasma. Ainda hoje, essas duas heresias existem em diversas "buscas de Jesus" e em equívocos gnósticos. Ao longo da História houve todos os tipos de versão dessa dialética referente às naturezas divina e humana de Jesus — um bom dicionário de religião explicará a você os alogianos e os artemonitas, aqueles que defendiam o patripassianismo, o sabelianismo, o arianismo, o apolinarismo, o nestorianismo, o eutiquianismo, o monofisismo, o monotelismo, e assim por diante. O desenvolvimento da doutrina na Igreja não é um exercício vazio de obscurecimento teológico. Pelo contrário, ele é essencial para que todos nós tenhamos estruturas doutrinárias boas e fortes, de modo que os corpos das nossas igrejas sejam bem formados, para que sejamos fiéis ao que as Escrituras nos dizem a respeito de quem Jesus Cristo era, é e será.

Uma das dialéticas mais úteis já declaradas é a visão de Martinho Lutero de que simul justus et peccata — somos totalmente santos e totalmente pecadores ao mesmo tempo. Coloque essas duas verdades em seus dois cotovelos e veja como puxá-las para o centro nos ajuda em nossa vida cristã.

Se não mantivermos essas duas verdades em equilíbrio, poderemos cair em profundo desespero quanto ao nosso pecado. Olhe atentamente para si mesmo: você pode se livrar de alguns dos seus pecados mais flagrantes, mas, em seguida, aquele sorrateiro pecado da soberba se infiltra enquanto você comemora quão bom você está se tornando. Muitos cristãos ficam arrasados com a sua apostasia, a ponto de duvidarem que têm fé. O fato cabal é que somos pecadores, peccata; essa é a nossa natureza humana, o princípio da "carne". Eu não enfatizo isso para

nos dar uma desculpa para pecar, mas a fim de nos ajudar a enfrentar essa terrível verdade e entendermos a nós mesmos. Ainda assim, esse é apenas um lado da dialética, um cotovelo no processo de conhecer a verdade.

No outro lado está o fato de que somos santos, assim declarados por Deus pelos méritos de Jesus Cristo e transformados pelo Espírito que opera em nós para expressarmos a nossa santidade, para participarmos de fato na obra de Deus por meio de nós. Saber que somos santos e viver em união com Deus nos dará a motivação e os meios para mudarmos. Nós já fomos libertados, declarados santos, entretecidos com Cristo na sua morte e ressurreição, de modo que já não somos nós que vivemos, mas é Cristo que vive em nós e por meio de nós. Lembre-se aqui de tudo que contemplamos no capítulo 3 no tocante ao profundo símbolo do sangue e a toda a obra de Cristo em nosso favor representada por essa metáfora. Quando colocamos esse sacrifício diante de nós e encaramos a nossa santidade por meio do sangue, encontramos a coragem e o desejo de mudar. Além disso, realmente não mais vivemos por nós mesmos, mas, como os ortodoxos nos ensinaram em sua doutrina da teose, participamos da obra de Deus por meio de Cristo, vivendo pelo poder do Espírito por meio de nós.2

Enquanto Deus continua a nos transformar, sabemos que nunca seremos perfeitos (até o fim dos tempos, quando as nossas más inclinações serão eliminadas para sempre); aquele cotovelo do velho pecado continuará a puxar. Mas, se voltamos imediatamente a nossa atenção para o lado santo, lembramos a verdadeira fonte da nossa remodelação. A metáfora do nosso batismo nos ajuda a conhecer toda a verdade; nas suas águas nós afogamos a velha natureza e fomos ressuscitados com Cristo vivendo uma nova vida em nós. Concentrando-nos nessa nova vida, nesse “Cristo em nós”, agimos como os santos que somos. Graças a ser totalmente “Cristo em nós”, podemos realmente aprender quão verdadeiramente desnecessários somos!

Isso é como dirigir um carro à noite em uma estrada de pista única. Evitaremos uma colisão não olhando para os faróis que se aproximam, porque, caso contrário, nossa tendência será ir em direção a eles. Em vez disso, aprendemos

no curso de motorista a manter os olhos no nosso lado da estrada. De semelhante modo, para evitar colidir com o pecado, olhamos para o lado santo e confiamos no Espírito “ajudador” e na habitação de Cristo em nós para guiarem o nosso caminho em retidão e viverem uma nova vida por meio de nós.

Todas as percepções precedentes sobre a nossa pecaminosidade são necessárias aqui para que não estudemos os principados e as potestades para nos desculparmos. De fato, as forças do mal têm a possibilidade de operar em razão da nossa cumplicidade com elas. Ao mesmo tempo, porém, não é suficiente conhecer a nossa pecaminosidade individual; precisamos também conhecer com mais precisão a decadência do mundo conglomerado e as maneiras pelas quais os poderes atuam nele.

A imagem bíblica de “principados e potestades”

Começamos considerando o domínio semântico do “mal”, que inclui palavras como estas: principados, dominadores, autoridades, poderes, morte, demônios, anjos maus, Satanás, diabo, e assim por diante.3 É um erro exegético equiparar principados e potestades a anjos e demônios,4 pois a terminologia das funções bíblicas funciona de modo diferente, embora às vezes os termos sejam usados juntos em várias combinações, em listas que enfatizam a diversidade dos numerosos agentes do mal. A Carta aos Efésios não trata de anjos, mas o capítulo 6 nos dá pistas muito autoritárias sobre os poderes para nossa compreensão e nosso combate a eles.

Agora, ponderemos sobre a nossa propensão humana a desenvolver idolatrias. Nós valorizamos adequadamente algum assunto importante, algo que precisamos levar a sério, mas, depois, ele parece ultrapassar os seus limites e se tornar excessivamente importante na nossa vida. Ele começa a usurpar o lugar de Deus. Por exemplo, em vez de Deus ser o único Deus verdadeiro em nossas vidas, podemos começar a deixar o dinheiro se tornar um deus. É claro que é certo sermos bons mordomos do nosso dinheiro. Esse é um princípio básico para a

nossa fé.

Entretanto, já deixamos esse princípio sair de controle e nos tornamos tão “bons mordomos” que não somos mais tão generosos quanto a Bíblia nos convida a ser?

Paulo deixa essa revelação mais clara em 1Coríntios 8.4, que insiste especificamente: “… sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus” — contudo, no versículo 5, acrescenta: “Porque, ainda que há também alguns que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores…” (ênfase minha). Como podemos unir esses comentários aparentemente contraditórios? Precisamos perguntar como os não deuses se tornam deuses.

Um deus que não existe na realidade tangível se torna um deus se o adoramos, mesmo que não saibamos (talvez especialmente se soubermos?) estar adorando-o. Na nossa adoração não intencional e inconsciente, criamos deuses. A idolatria é construída por nós — fazendo-nos voltar ao problema da nossa pecaminosidade humana.

Os poderes são algo semelhante, mas não inteiramente, porque já existem. Nós não os criamos. Eles já existem como uma tendência, uma força, uma possibilidade existente, uma instituição. Veremos como isso nos afeta e como nós os afetamos quando analisarmos mais atentamente Efésios 6. Neste ponto, porém, precisamos observar que a Bíblia nunca descreve a essência dos “poderes”. Não sabemos que tipo de “ser” eles têm. Só vemos realmente como eles operam, o que deu errado.5

Façamos um rápido levantamento dos principais detalhes dados pelas Escrituras no tocante aos poderes. Neste livro não há espaço para um estudo exegético

completo dessas passagens (a minha dissertação também não poderia abranger o assunto inteiramente), mas podemos reunir uma quantidade suficiente de pontos importantes para orientar a nossa leitura de Efésios.

1) … pois, nele [Cristo], foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.

Colossenses 1.16

Nesse texto, Paulo reconhece que os poderes eram, originalmente, parte da boa criação de Deus e foram criados para o bem. É essencial sublinharmos isso porque, quando eu citar alguns dos poderes que operam no nosso mundo atual, não quero que você pense que quero simplesmente voltar a uma época anterior. Por exemplo, a tecnologia é um dos poderes. Não estou dizendo que a tecnologia é ruim; ela serve a muitos propósitos bons (entre os quais está quanto ela facilita a escrita deste livro). Só insistirei em que, frequentemente, a tecnologia se torna uma força para alienação, um poder que distorce os relacionamentos humanos. Certamente, a tecnologia é criada para o bem na maioria dos casos, mas é inerente a ela uma tendência que precisa ser mantida sob controle.

Assim como você e eu fomos criados para o bem, mas somos caídos, também os principados e as potestades participam da queda do mundo e contribuem para os seus padrões de mal. Os poderes não se tornam deuses se nós os mantemos no seu devido lugar, desempenhando as funções para as quais foram criados — funções que glorificam a Deus e contribuem para o seu louvor. Entretanto, vivemos em um mundo tão doente que nada permanece dentro dos seus limites funcionais. Tudo tende a ultrapassar os seus limites. Nós também. Tornamo-nos deuses o tempo todo.

2) A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.

Romanos 8.19-21[6]

Como parte da criação caída, os poderes compartilham a sua decadência. Toda a criação geme em cativeiro pela pecaminosidade que trouxemos ao mundo e participa das destruições da nossa queda. Quando um poder ultrapassa os seus limites, a decadência do mundo se manifesta. Contudo, nessa decadência, o poder e o mundo são parte da criação que Deus veio para salvar. Mais tarde, consideraremos a possibilidade de transformar os poderes, mas, neste momento, nos concentraremos mais no que Paulo denomina “escravidão da impureza” [Rm 6.19].

Por exemplo, por que o dinheiro exerce tanto poder sobre as pessoas? Ele é apenas papel. O que há no dinheiro que o torna tão essencial a nós? Naturalmente, a resposta simplista é que precisamos dele para comprar o que é necessário para nossa vida, mas imediatamente reconhecemos as muitas confusões sobre o que é verdadeiramente necessário. Ao fazer perguntas sobre dinheiro, começamos a pensar no seu mistério. Nós sofremos com todos os problemas que ele causa no mundo. O que há de espiritual no dinheiro que faz com que ele tenha tal poder?7

Jesus o chamou Mamom, o deus será aquele a quem permitimos que seja o nosso senhor, em lugar de Deus. Frequentemente, o dinheiro ultrapassa a sua esfera própria e se torna Mamom. Quando, em vez disso, o devolvemos a Deus, o usamos com moderação, o damos generosamente e o dessacralizamos de outras maneiras, nós triunfamos sobre ele. Analisemos algumas passagens que tratam desse triunfo.

3) Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Romanos 8.38-39

Esse é um grande texto para começar a nossa contemplação da vitória sobre os poderes, pois a exuberante declaração de certeza de Paulo nos dá uma confiança ousada que nada consegue abalar. Ele expressa a sua convicção com um verbo no tempo perfeito (pepeiomai) para insistir: “Fui persuadido e permaneço persuadido” de que nenhuma força do mal pode nos separar do amor de Deus. Ele enumera dez que poderiam ameaçar. Para os judeus, dez era um número de perfeição; então, essa lista representa cada tipo de força que parece nos separar de Deus, mesmo quando o décimo item de Paulo, “… nem qualquer outra criatura…”, nos faz rir com a sua sugestão: “caso eu tenha me esquecido de algumas coisas cruciais”.

Nada pode nos separar; absolutamente nada tem influência suficiente. Independentemente de quanto poderíamos sentir que estamos escorregando das mãos de Deus, somos assegurados por Jesus, que nos disse: “… [as minhas ovelhas] ninguém as arrebatará da minha mão… aquilo que meu Pai me deu… da mão do Pai ninguém pode arrebatar” (Jo 10.28-29).

Fico imaginando que tipo de lista você e eu faríamos para lembrar que nenhum poder sequer pode nos separar do amor de Deus. Nem crises de saúde, nem obstáculos, nem prazos para entregar manuscritos, nem computadores com defeito, nem atrasos das empresas aéreas, nem agendas confusas, nem ocupação, nem espera, nem morte, nem qualquer outra coisa na vida pode me separar da graça do meu Salvador. (Mas, frequentemente, deixo essas coisas me afastarem

e, então, elas se tornam um poder para o mal.)

4) … convém que ele [Cristo] reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte.

1Coríntios 15.25-26

A morte foi o último inimigo que Cristo derrotou (falaremos sobre isso mais adiante), mas é um dos primeiros inimigos que afligem as nossas vidas diárias. Reflita um pouco sobre todas as maneiras em que a inevitabilidade da sua morte influencia o seu comportamento. Por que temos tanta necessidade de fazer um nome para nós mesmos, de sermos importantes, de sermos lembrados? Por que, frequentemente, os pais querem que seus filhos realizem os seus próprios sonhos não realizados? Por que somos tão assustados por perturbações na nossa saúde e tão incapazes de "chorar com os que choram" pelas suas próprias crises de saúde? A prova mais óbvia de quanto uma morte pode ser inimiga é os extremos a que as pessoas vão para controlá-la (como no movimento da eutanásia) ou adiá-la.

Em contraste, penso com carinho em minha amiga Toni, diagnosticada com câncer de mama terminal. Em cada fase da sua evolução, enquanto formava metástase em sua coluna vertebral e seu encéfalo, Toni ouvia atentamente as propostas dos médicos para o tratamento e, então, lhes perguntava: "Quanto tempo isso me acrescentará?" (ela estava preocupada em criar os seus filhos, ainda crianças) e "Quanta capacidade de realmente viver eu vou perder no processo?". Quando a última superava o primeiro, ela recusava o tratamento e preparava a si mesma e à sua família para a morte. Ela passou seus últimos dias sem sobrecargas adicionais à comunicação com sua família que era o que mais importava para ela, pois estava pronta para "ir para casa" de seu Pai, Salvador e Consolador.

Toni poderia morrer assim porque ela sabia, com corajosa convicção, que Cristo havia derrotado aquele último inimigo, de modo que nenhuma barreira a separava de Deus. Nós celebramos o túmulo vazio todos os domingos8 ao rir diante da morte e gritar de alegria: “Onde está, ó morte, o teu aguilhão?!”

Confesso: ainda penso ter muito a fazer antes de morrer; por isso, frequentemente a morte ainda se torna um poder na minha vida. Por que sou tão lenta em aprender que sou desnecessária?

5) … [Deus] vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.

Colossenses 2.13b-15

A obra que Cristo fez contra os poderes, como descrito em Colossenses 2, nos dá um guia para as nossas próprias batalhas. Primeiramente, Cristo desarmou os principados submetendo-se a eles. Ele tirou o poder deles ao não responder com poder e, assim, “deu um exemplo público” (ou “expôs”) do que eles realmente eram.

As imagens de Paulo são cuidadosamente escolhidas; comandantes vitoriosos em batalhas fariam desfilar diante do povo uma fila de prisioneiros, para dar uma demonstração pública da sua derrota. De semelhante modo, Cristo expôs Mamom ficando disponível ao traidor no jardim, e o dinheiro que comprou o seu sangue defrontou Judas até este ter de jogá-lo fora. Jesus expôs a impostura religiosa, a política equivocada, a opressão romana, a bravata vazia e a violência flagrante. Por ele ter feito essa exposição pública, agora também nós somos

capazes de ver a falsidade de todas essas coisas triunfar sobre elas.

Um dos propósitos deste capítulo é citar alguns dos poderes que buscam destruir o verdadeiro ministério, que nos fazem sentir necessários. Expondo-os, temos uma perspectiva mais clara para resistir a eles, enfrentá-los, fazer uso das armas que nos foram dadas em Efésios 6 para confrontá-los.

6) Cristo,] depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes.

1Pedro 3.22

Nesse texto, Pedro dá uma visão vitoriosa para sustentar os seus leitores originais em seus momentos de perseguição. Ele se alegra porque, algum dia, essas autoridades, como, por exemplo, os imperadores romanos, estarão — e serão vistas — em submissão ao Cristo exaltado.

Ainda assim, os principados e as autoridades do mal perseguem os cristãos. No Sudão, na China, na Terra Santa — onde casas de palestinos cristãos e muçulmanos são demolidas para assentamentos judaicos — e até mesmo nos EUA, onde a perseguição é muito mais sutil, diversos agentes humanos e supra-humanos nos oprimem temporariamente. Pedro nos assegura que, mesmo que o “temporário” dure um longo tempo, finalmente o triunfo sobre todas as forças do mal iniciado na cruz será concluído e o reino cósmico de Cristo se materializará.

Tenho enfatizado que os principados e as potestades são biblicamente distintos dos anjos e dos demônios. Ao mesmo tempo, são, frequentemente, agrupados para nos ajudar a lembrar de que todos eles são forças maiores do que

meramente humanas. Por vezes, a Carta aos Efésios acrescenta a palavra celestiais às suas descrições, não necessariamente para citar uma localização geográfica, mas para aumentar a nossa percepção de realidades espirituais superiores à materialidade terrena.

Temos de reconhecer que não seremos capazes de resistir aos poderes se não levarmos a sério esses reinos espirituais maiores. Por que os EUA não são capazes de resolver o problema das drogas? A falácia do governo é que os seus esforços têm permanecido no nível humano. Nós não entendemos a influência espiritual do poder de Mamom, que impulsiona a produção e a distribuição pelo controle de policiais corruptos ou guardas de fronteira, crianças de guetos que não têm qualquer outro trabalho além de vender drogas, e agricultores que ganham muito menos ao usar seus talentos agrícolas para o cultivo de culturas comuns de alimentos. Ao mesmo tempo, não compreendemos o vazio espiritual que impulsiona o consumo e os vícios. Não resolveremos essas raízes do problema das drogas meramente derramando mais dinheiro em czares da droga e mais policiais se, ao mesmo tempo, a nossa cultura continuar a rejeitar o pranto humano por significado espiritual e compaixão genuína. Precisamos abordar as raízes espirituais e compreender os principados e potestades que são as forças motrizes. Por outro lado, em nossa próxima passagem, Paulo enfatiza as conexões humanas.

7) … sabedoria [de Deus em mistério] que nenhum dos poderosos deste mundo conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória…

1Coríntios 2.8

Esse texto nos convida a lembrar do outro lado da dialética — não só as realidades espirituais, mas também as dimensões muito humanas das autoridades e dos governantes. As autoridades da época do Senhor incluíam Caifás, Pilatos e Herodes. Embora eles não sejam mencionados pelo nome, a referência ao seu ato

de crucificar Jesus ressalta que os poderes atuam nas esferas religiosa e política. Isso nos alerta para o fato perturbador de que, hoje, igrejas podem ser, semelhantemente, principados agindo para o mal em vez de para o bem.

É necessário manter as dimensões espiritual e material dos principados e potestades em um firme equilíbrio dialético. Sob a influência de livros como os de Peretti, muitos cristãos evangélicos dos dias de hoje caem para o lado sobrenatural, como foi bem ilustrado, muitos anos atrás, por uma coluna "Eutychus and His Kin" [Êutico e seus parentes] em Christianity Today. Não consegui registrar a informação bibliográfica ou a citação exata quando me contaram sobre essa coluna, mas o irônico bobo da corte escreveu algo assim: "Estou muito feliz por termos aprendido o que os principados e potestades são, porque agora não temos mais de ter bancos de alimentos e abrigos para sem-tetos, ou serviços de assistência jurídica e clínicas médicas para os pobres. Em vez disso, podemos simplesmente caminhar pela cidade e expulsar o espírito de pobreza".

Os dois lados da dialética precisam ser mantidos em mente. Embora haja muito trabalho para fazermos no âmbito físico/terreno/humano, nunca devemos perder de vista as forças espirituais que operam por meio de ações humanas e controlam os assuntos humanos, para que não limitemos a nossa compreensão às ações mortais apenas no seu nível material.

É essencial nos lembrarmos desses poderes espirituais, pois, caso contrário, deixaremos de confiar em armas espirituais e, consequentemente, não seremos capazes de triunfar totalmente sobre esses poderes. Todavia, sempre reconhecemos que os principados e potestades operam por meio de instituições humanas, coisas criadas, governantes e autoridades, outros elementos culturais — qualquer desses que se afastar do seu papel dado por Deus para servir aos propósitos de Deus e que, em vez disso, atue de maneira prejudicial. A pessoa que articulou mais claramente essa dialética entre o humano e o espiritual foi Jacques Ellul (como veremos adiante), mas, primeiramente, comecemos analisando Efésios 6 — lembrando que estamos discutindo o que está além da

nossa capacidade de, minuciosamente, definir ou compreender.

Superamos os poderes totalmente pelo poder de Deus

… sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; embraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo.

Efésios 6.10-20

Logo no início dessa parte de Efésios 6 nos é dada a garantia de que podemos realmente triunfar sobre os principados e potestades, pois não é por nossas próprias capacidades e força que vencemos. Paulo ressalta triplamente a fonte da nossa força — e o três costuma simbolizar o divino na literatura judaica. Talvez eu exagere o caso da numeração simbólica por ser uma pessoa simbólica por natureza, mas me parece que Paulo escolheu intencionalmente três termos para acentuar a gênese divina da nossa vitalidade.

Cada cultura usa números, cores, palavras, gestos ou o que quer que seja para acentuar coisas. Por exemplo, durante centenas de anos as igrejas têm empregado cores simbólicas para representar certos aspectos da doutrina cristã e determinadas épocas do ano eclesiástico. Por considerar esse apoio simbólico útil à minha própria mentalidade, frequentemente uso cores litúrgicas para me lembrar da temporada atual do ano eclesiástico ou para destacar a teologia que estou ensinando. Assim, na primeira vez em que palestrei sobre os principados e potestades na conferência de pastores do Regent, usei predominantemente roxo porque essa é a cor do arrependimento. Eu queria estar consciente da minha própria necessidade de confessar quanto deixo vários poderes controlarem a minha vida. Também usei branco porque essa é a cor litúrgica da vitória de Cristo no túmulo vazio na Páscoa — uma cor para me lembrar de que as minhas falhas são sempre perdoáveis no contexto do seu triunfo.

Frequentemente, minhas roupas refletem cores litúrgicas porque isso me ajuda a orientar-me segundo o que o ano eclesiástico está me ensinando ou a focar-me no tom fundamental da minha palestra. Sempre me visto de preto na sexta-feira, frequentemente de roxo durante a Quaresma e o Advento, talvez vermelho no Pentecostes. Habitualmente, me visto de cor-de-rosa porque essa é a cor litúrgica da alegria.

Penso que Paulo faz algo parecido com os números simbólicos judaicos. O versículo 10 de Efésios 6 não só nos diz que a nossa capacidade para lidar com os poderes está “no Senhor”, mas também triplica as palavras de força, potencial e poder para deixar claro, para nós, que só vencemos se o nosso poder for divino.

Considero fascinante os judeus terem escolhido o três para representar o sagrado. Todos os tipos de coisa são agrupados em grupos de três no Primeiro Testamento, como o kadosh, kadosh, kadosh (“santo, santo, santo”) da antífona dos serafins em Isaías 6, e o uso frequente, por Isaías, de três nomes para Deus — YHWH, o Santo de Israel, teu Redentor. É maravilhoso para mim que, após séculos de tais grupos de três destacarem a divindade, os seguidores de Jesus descobririam que o seu Deus em Cristo era três e, no entanto, um!9

O verbo usado em Efésios 6.10 é a raiz das nossas palavras dinamite, dinâmico e dínamo. O plural da forma imperativa presente média do verbo (endunamousthe) enfatiza que “todos vocês” (juntos) continuam a invocar vigor, utilizar o seu potencial ou aplicar energia no poder de Deus. Nunca devemos nos esquecer de que somente “em união com o Senhor” nos “tornamos capazes, por meio da sua grande força” (SD 74.7).

Essa pilha de termos nos mantém conscientes de que a única maneira pela qual é possível ter vitória sobre os poderes e autoridades é se o Senhor triunfar em, com e por meio de nós. A tecnologia nos transformará em viciados, se o permitirmos; um comportamento sexual fora do contexto dos desígnios de Deus nos escravizará. Não somos capazes de vencer o problema das drogas sem ver as suas raízes espirituais; não somos capazes de nos livrar da nossa propensão para transformar o dinheiro em um deus.

Somos simplesmente tolos se pensamos que, sozinhos, podemos vencer os males. Em vez disso, precisamos de uma operação “dinâmica” de Deus, a força do Senhor. O projeto Alcoólicos anônimos é um dos mais bem-sucedidos de todos os tratamentos para abuso de substâncias; parece-me que o segredo desse sucesso é a confissão de todos os participantes das reuniões, de que são incapazes de vencer o álcool sozinhos, mas se entregam a um poder superior e ao apoio da comunidade.

Nós, porém, continuamos tentando conseguir por conta própria, não é? Dizemos coisas como: “Eu só tenho de me empenhar mais.” Isso mata você, não? “Se eu me empenhar mais, serei capaz de corrigir a minha vida.” Alguma vez isso funcionou?

Nós não somos muito bons em reconhecer o que a graça é; foi por isso que eu passei o capítulo 3 focando nisso. Tudo é obra de Deus — mas eu não estou

enfatizando isso para que possamos nos eximir. Em vez disso, quando sabemos de onde vem a nossa força, a capacitação de Deus nos liberta verdadeiramente para lidarmos fielmente com os poderes.

Agora, lembrando que é unicamente pela operação de Deus por nosso intermédio, preparamo-nos para estar engajados nessa obra seguindo esse comando: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus”. Deixe-me ressaltar o uso da palavra panóplia, pois o original termo grego (panoplia) nos convida a ter em mente o exército romano e sua gama específica de equipamentos ao pensarmos sobre as armas com as quais nos opomos aos principados e dominadores. Por que Paulo poderia ter escolhido essa palavra de todo o domínio semântico de termos referentes a armas e armaduras? O substantivo designa um conjunto completo de instrumentos e, habitualmente, enfatiza armamento defensivo (SD 6.30). Necessitamos de cada peça de proteção que Deus nos dá — todas as virtudes cristãs necessárias — para poder resistir ao mal sendo bons e fazendo o bem.

Dado ser o exército romano a força que os leitores originais da Carta aos Efésios imaginariam, perguntemos o que fazia com que aquele exército fosse invencível. Por que Roma conquistou o mundo conhecido? Ao analisar as armas do Espírito e imaginar as peças dos romanos, a vitória deles fará enorme sentido. Além disso, observar alguns aspectos dessa panóplia abaixo expandirá a metáfora desse texto referente à operação do Espírito e nos dará uma visão mais aprofundada de como operará o nosso posicionamento contra os poderes.

Os métodos do diabo

O versículo 11 diz literalmente: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo”. Ao começar a pensar sobre a nossa luta contra a ação dos poderes, precisamos reconhecer seriamente a sua imensa destrutividade e não encarar a batalha com leviandade ou nos preparar muito precariamente. O conflito com eles requer toda uma panóplia de armas.

Todavia, o que fazemos com essas armas não é tanto um ato de agressão quanto um ato de resistência. Somos chamados simplesmente a permanecer — defendendo o nosso território, firmes, fiéis, em oposição. O primeiro infinitivo é presente, de modo que o texto nos convida a continuar sendo capazes de permanecer. E contra o que permanecemos? Métodos!

A palavra original grega é, realmente, methodia, usada somente duas vezes no Novo Testamento — as duas vezes em Efésios e com sentido pejorativo. O que Paulo quer dizer aqui com “métodos” e por que o termo métodos é negativo? Seu raro uso da palavra me leva a contemplar a frequência com que os nossos métodos, em nossos ministérios e igrejas, nos afastam em relação ao nosso verdadeiro chamado. Com que facilidade eles degeneram em práticas não de Deus, mas do diabo!

Considere como um desses métodos uma Escola Bíblica de Férias que se anunciava como a “Escola Bíblica de Férias de mais rápido crescimento no país”. Em todos os verões, seus líderes ofereciam uma bicicleta de dezoito marchas à criança que trouxesse o maior número de amigos à EBF. O que há de errado com uma ferramenta promocional que faz encher um prédio? Em primeiro lugar, ela promove ganância, consumismo, dependência de coisas para a felicidade, competição. Em segundo, se as crianças são incentivadas a trazer outras crianças pelo objetivo de ganhar uma bicicleta supermoderna, a sua motivação se torna o consumismo, em vez do amor de Jesus. Em terceiro, que tipo de acompanhamento haverá das crianças trazidas pelas outras?

Um método como esse é muito perigoso! O citado acima afasta as crianças do amor genuíno pelo seu próximo como resposta a conhecer a boa-nova do amor do Deus Triúno por elas. Ele lhes nega a oportunidade de praticar evangelismo, testemunho e hospitalidade honestos. Todavia, para não transformar demais a nossa crítica em difamação dessa infeliz congregação, admitamos todos que também nós recorremos a métodos do diabo. Jacques Ellul denominou tais medidas “técnica”.10

Dedique algum tempo a pensar sobre os métodos que usamos em nossas paróquias. Por exemplo, que tipo de truques usamos para levantar dinheiro? Será que, em última análise, eles atuam para o mal em vez de para o bem? Os pastores presentes à conferência do Regent College riram quando contei sobre igrejas que utilizaram um programa de mordomia baseado em “mensageiros”, que vão às casas da congregação carregando sacolas para recolher as ofertas dos membros — mas é verdade. Existem programas assim. Por que, em vez disso, não simplesmente falamos sobre o imenso amor de Deus por nós, sobre o seu convite a darmos generosamente e de todo o coração, e sobre a missão da comunidade para a qual os fundos são necessários? Talvez a sua paróquia não tenha recorrido a truques de mordomia, mas, se todos formos brutalmente honestos, teremos de admitir que, em outras dimensões da vida da igreja, usamos alguns métodos que poderiam ter sido questionados.

Uma das minhas principais áreas de atenção e angústia diz respeito aos tipos de método praticado em cultos de adoração, uma vez que, nos dias de hoje, muitas igrejas se apoiam em estratégias de marketing para atrair pessoas. Frequentemente, é fácil reconhecer os pastores que se apoiam demasiadamente em “técnica” pela maneira como leem as Escrituras. Se não cremos que a Palavra se sustenta pelo seu próprio poder, começamos a manipulá-la pela maneira como a lemos. O culto degenera se nos tornamos semelhantes a apresentadores de talk shows — como se Deus não fosse suficientemente convincente quando o tornamos claramente visível.

O tipo de tagarelice que me perturba é comentários introdutórios como “Agora, ouça atentamente esse texto; ele é realmente empolgante”, “Essa canção é muito tocante; agora, preste realmente muita atenção à letra” ou “Eu amo muito essa canção; ela me comove TANTO — espero que realmente toque você”. Tais comentários ficam nos afastando de Deus para focarmos a nossa atenção no pregador. Deixe o texto falar por si. Deixe Deus falar no texto. Saliente uma imagem que poderia não ser entendida numa canção ou explique a sua referência bíblica. Mas apenas contar a sua influência subjetiva é afastar o foco de Deus para você.

Isso não é uma crítica de certos tipos de música ou estilos de culto, embora essa tagarelice aconteça mais frequentemente em igrejas que não usam liturgias da Igreja sã. Também não se trata de uma objeção ao uso de drama, arte, dança e outros dons visuais ou poéticos. Pelo contrário, estou tentando chamar a atenção para algo que é falso, superficial, subjetivo, pessoal, mas não corporativo, carente de integridade, apresentação em vez de adoração, ou o que quer que façamos que se torne um método de manipulação e, por isso, torne-se uma operação de poderes.11

Observe que é aos métodos do diabo que nos opomos primariamente, não ao próprio diabo. Isso tira um pouco do medo do encontro. Mas sabemos que o mal funciona de muitas maneiras sutis; por isso, em tudo que fazemos é essencial fazermos a nós mesmos, cônjuges, melhores amigos, equipe, presbitério, conselhos paroquiais ou conselhos, e/ou toda a nossa congregação de adoração, esta pergunta muito importante: Estamos recorrendo a uma técnica ou o que fazemos tem integridade? Isso é fiel como método de Deus?

Como notou Jacques Ellul, não é a tecnologia que é um problema; é a técnica, a mentalidade tecnológica que nos engana a pensar que, se tivermos a solução tecnológica certa, resolveremos os nossos problemas. Se escolhermos o estilo certo de música, atrairemos grandes multidões às nossas igrejas. Se usarmos os métodos adequados, nosso grupo de jovens crescerá. Se desenvolvermos um bom chamariz, a nossa Escola Bíblica de Férias será a de mais rápido crescimento no mundo!

O que não percebemos é que cada técnica traz consigo desvantagens que, em última análise, importam mais do que as vantagens. Meu bom exemplo favorito de mau exemplo é o arbusto Scotch broom.* Eu não sei como a planta realmente se parece na Escócia, mas nos EUA o Scotch broom foi plantado ao longo das rodovias interestaduais para impedir a erosão do solo. O que não era previsto é que ele se espalha rapidamente dos acostamentos das rodovias para os campos e sufoca as lavouras. Além disso, o Scotch broom não pode ser facilmente removido dos campos, exigindo um esforço extremo. Além disso, grande parte

da população é alérgica a ele; muitos de nós espirram sem parar quando expostos ao seu pólen. Talvez ele resolva o problema da erosão, mas que proporção das lavouras — para não mencionar a beleza dos campos — foi destruída no processo?

De semelhante modo, se recorrermos a técnicas em nossas igrejas — ou quando recorremos a elas —, é muito difícil livrarmo-nos delas. Truques no culto criam cristãos superficiais. Quando condicionamos a nossa congregação a docinhos no culto, é difícil ajudar as pessoas a apreciarem boas verduras.12 Como líderes espirituais, precisamos estar constantemente em alerta contra métodos, truques, estratégias de marketing, técnica. Não pense que estou combatendo os seus projetos de estimação, pois não sei quais poderiam ser. Eu só sei que, como pecadora, eu também me vejo recorrendo a técnica, que sou acusada pelas palavras de Efésios 6.11 e, portanto, presumo que elas também acusem você.

Podemos voltar continuamente à maravilhosa imagem de Eugene no capítulo 1, de usar pitões para escalada, a exigência de incorporarmos proteção para não cair em manipulação. Faça novamente a si mesmo a pergunta de Eugene: Que tipos de precaução posso estabelecer para mim? Uma das salvaguardas necessárias para mim é não ficar com a receita proveniente dos direitos autorais dos livros que escrevo. Ela é canalizada para ministérios voltados a pessoas pobres ou a educação, não porque sou generosa, mas para que eu não caia na armadilha de escrever o que vende. Eu preciso desse santuário para me proteger de mim mesma, para que eu só escreva o que Deus me dá para escrever, mesmo que não venda.

Meu argumento é que todos nós precisamos de salvaguardas que nos impeçam de usar métodos de manipulação. Como podemos, na comunidade, na família e em nossos círculos de amizade, conversar e encontrar melhores perguntas e outros meios para ajudar um ao outro a evitar tais métodos?

Como exemplo, deixe-me apresentar um erro que cometi alguns meses atrás no

aeroporto Dulles, de Washington. Um voo de conexão atrasado fez com que fosse necessário eu ser empurrada em uma cadeira de rodas pelo aeroporto, porque não havia tempo suficiente para eu descer rapidamente, com a minha perna aleijada, as escadas do pequeno avião, entrar no aeroporto, atravessar um longo saguão, passar por um labirinto de lojas e quiosques de comida, subir uma escada rolante, percorrer outro longo trajeto, subir num ônibus, ir até outro terminal e percorrer um trajeto final para pegar meu voo principal que cruzaria o país em direção a Portland. Meu pecado foi não dar uma gorjeta suficiente ao homem que empurrou a cadeira de rodas.

Ele se esforçara muito por mim, mas, enquanto estava me empurrando, deixei o poder de Mamom roubar de mim, a generosidade e dele, a gorjeta maior que merecia. Quando cheguei em casa, estava carregada de culpa quanto àquilo e confessei minha estupidez ao meu marido Myron, que, por natureza, é muito mais generoso do que eu. Então, criamos este pequeno sinal: se um de nós pegar o outro não sendo generoso, simplesmente dirá: “cadeira de rodas”. Essa expressão nos lembrará da história e, assim, ajudará a expor e desarmar o poder de Mamom sobre nós.

Nós podemos desenvolver esse tipo de ajuda em nossas igrejas ou em nossas casas, para que, em situações públicas nas quais um aviso possa ser necessário, só precisemos dizer algo como “cadeira de rodas” para sermos sacudidos para sair da nossa desatenção, para sermos poupados de cair em técnica. Essa não é, em si, uma técnica (como alguém perguntou na conferência do Regent), por ser um apelo à honestidade. Ela é, talvez, um apelo oculto, para que outras pessoas nas proximidades não saibam que, nesse momento, estamos sendo repreendidos por nosso cônjuge, secretário da igreja ou colega. Na verdade, ela me parece ser a mais profunda das não técnicas a serem repreendidas graciosamente por alguém que nos ama, para que possamos resistir aos métodos dos poderes.

Permaneça, permaneça, permaneça, permaneça

Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo… Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir [a eles] no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes…

Efésios 6.11, 13-14

Para compreender o impacto total desses versículos, temos de considerar outro número inteiro simbólico, o quatro. Como podemos notar nos três versículos acima, o verbo permanecer** aparece no texto grego quatro vezes, que é para os judeus o número universal. Em Apocalipse 5.9, os anciãos e os seres viventes irrompem em uma nova canção de louvor e adoração pela dignidade do Cordeiro para receber o livro e abrir os seus selos. A canção utiliza um quatro simbólico para declarar que, por seu sacrifício e morte, o Cordeiro trouxe de volta a Deus pessoas de toda "… tribo, língua, povo e nação…".

Frequentemente, uso recolher a roupa para lavar como uma imagem para compreender o uso bíblico dos quatro simbólicos para sugerir o mundo todo. Se eu amontoar todas as roupas e toalhas sobre o lençol, será fácil envolvê-las todas no lençol, agarrar seus quatro cantos, puxá-las para o centro e transformando o lençol em um saco para virar sobre o meu ombro e transportar até a máquina de lavar. De semelhante maneira, o uso hebraico de um quatro simbólico citou os quatro cantos para incluir tudo que havia no meio.

Meu sobrenome profissional deriva, realmente, de um dos meus conjuntos favoritos de quatro coisas nas Escrituras. Uma vez que o meu sobrenome de solteira é, frequentemente, impronunciável e impossível de soletrar pelos outros, meu então editor, muitos anos atrás, sugeriu que eu escolhesse um pseudônimo. Contudo, ele me deu tantas regras para a escolha de um nome que não fui capaz de fazê-lo — até a manhã de domingo em que ensinei Isaías 58 e encontrei ali o meu novo nome.

Nesse texto, o profeta está repreendendo Israel por maus-tratos e opressão dos pobres, sua hipocrisia na adoração, sua incompreensão dos desejos de Deus e sua violação do verdadeiro sábado. Em um conjunto abrangente de quatro, o Senhor declara o que ele quer em vez daquilo: não apenas ter um refeitório público, mas "repartir o seu próprio pão com o faminto"; não apenas ter um abrigo para sem-tetos, mas "acolher em sua casa os pobres desabrigados"; "se vir o nu, cobri-lo"; e "não se esconder da sua parentela" ou de qualquer outro ser humano (v. 7, paráfrase minha). O resultado de fazer essas coisas e tudo o mais entre os extremos — em outras palavras, cuidado universal por todos os necessitados que encontrarmos — será esse conjunto de quatro coisas: "… romperá a tua luz como a alva, a tua cura brotará sem detença, a tua justiça irá adiante de ti, e a glória do Senhor será a tua retaguarda…" (v. 8). O texto continua com um duplo conjunto de quatro em estrutura quiástica (a b b a) para dar mais duas promessas, dois comportamentos a evitar e dois a praticar, depois mais duas promessas.

Para mim, usar o pseudônimo Dawn*** é ser constantemente lembrada dos quatro cantos do versículo 7 e tudo o mais que há no meio. Meu nome é uma pergunta constante: Como vivo para cuidar dos pobres, dado que essa é uma das principais instruções de Deus ao seu povo? O Senhor nos chama a fazer e construir justiça o tempo todo, a amar o próximo como a nós mesmos, a responder a Deus, a quem não podemos ver, servindo aos que conseguimos ver. Meu nome ajuda a incitar-me e nunca me deixa esquecer. Talvez agora, que você conhece a sua origem, se alguma vez pensar em meu nome e se lembrar da alvorescente graça de Deus em Isaías 58, isso possa motivar também você a estabelecer justiça no mundo.

As promessas de Isaías 58.8 são uma reminiscência de Êxodo, especialmente com a linguagem figurada da justiça indo à frente de Israel e a glória do Senhor (na coluna de fogo e de nuvem) servindo como sua retaguarda. Quando dedicamos as nossas vidas a garantir justiça aos oprimidos, a glória de Deus brilha por meio de nós (lembre-se do que discutimos sobre a glória no capítulo 3).

Contar-lhe sobre os grupos de quatro relacionados ao meu nome é relevante para o nosso estudo de Efésios 6, pois viver com justiça faz parte do nosso posicionamento contra os poderes da economia e da política. Precisamos de quatro ocorrências do verbo permanecer para nos impulsionar para a consciência de que tudo na vida é um posicionamento contra diversos poderes de desigualdade, fomento de guerras, opressão e divisão. Necessitamos de um lembrete universal de permanecer firmes de todas as maneiras possíveis contra essas forças.

Os quatro “permanecer” são correspondidos no versículo 12 por quatro nomes para as forças do mal a que nos opomos: “… a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados [no primeiro canto] e potestades [no segundo], contra os dominadores deste mundo tenebroso [no terceiro], contra as forças espirituais do mal [literalmente, ‘os espirituais’], nas regiões celestes [no quarto]”. E entre esses quatro adversários citados estão muitos outros poderes do mal.

Eu chamei a sua atenção para os quatro “permanecer” primeiramente para que, ao ouvir a lista dos nossos inimigos, nos lembremos de que os temos cercados. Nós já vencemos por meio da vida, do sofrimento, da morte e da ressurreição de Cristo. Toda autoridade ou principado contra o qual nos opomos pode ser suportado.

Outro conjunto de quatro, os usos de “todos” (diversas formas do grego pas, pasa, pan) no versículo 18, acrescenta o reforço da oração universal como a arma final da nossa panóplia. “… com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos…” — por essa quádrupla conversação abrangente com Deus, nossa permanência contra os poderes permanecerá completamente imersa em oração.

Não podemos deixar de reconhecer a presença universal do mal em nosso mundo, mas, igualmente, temos a capacidade universal de nos opor a todas as suas manifestações. Além disso, temos sete armas do Espírito com que nos opor — e o número sete representa a perfeição no simbolismo judaico; por isso, estamos perfeitamente equipados para resistir (analisaremos algumas dessas armas em maior detalhe mais adiante neste capítulo).

Lembrando que necessitamos de toda a panóplia, as sete armas, e que com elas nós permanecemos assiduamente, analisemos em maior detalhe os nomes dos inimigos. Aqui, encontramos uma importante ajuda em Jacques Ellul.13

Jacques Ellul fala sobre "os poderes"

Cinquenta anos atrás, Ellul viu como os poderes estavam operando no mundo moderno pós-guerra; em alguns dos seus primeiros artigos publicados em 1946-1947, ele conectou a sua fé à maneira como via essas forças destrutivas na sociedade.14 Espero que a discussão a seguir lhe cause interesse em explorar adicionalmente como os seus escritos expõem a atuação dos poderes na nossa cultura.

Comecei a estudar as obras de Jacques Ellul em profundidade em virtude de uma observação casual ao meu orientador de tese, John Howard Yoder. O resultado redirecionou grande parte da minha vida! Eu havia planejado fazer a minha dissertação sobre Ética e as Escrituras na redistribuição econômica — mas os comentários de Ellul em seu livro The Ethics of Freedom [A ética da liberdade] sobre os principados e potestades despertaram meu interesse. O Professor Yoder disse que o assunto precisava de muito mais estudo e, como diz o ditado, o resto é história. Meu novo tema de dissertação conduziu uma massiva pesquisa sobre métodos e análise sociológicos, pesquisa exegética sobre as passagens bíblicas referentes aos poderes, e extensa leitura da obra de Ellul, que inclui mais de sessenta livros e seiscentos artigos. Muito mais importante para o trabalho dos pastores foi que, com o avanço da minha pesquisa, descobri que as minhas

dificuldades não seriam acadêmicas, mas espirituais.

Muitas pessoas contemporâneas, incluindo alguns acadêmicos, acreditam que a noção bíblica de “principados e potestades” é meramente o vestígio de uma cosmologia ultrapassada, na qual ninguém mais acredita e que deve, portanto, ser descartada como foram concepções e superstições medievais semelhantes, como a terra plana ou a existência de um diabo com chifres e um tridente. Os problemas com a minha dissertação me fizeram analisar mais profundamente os conflitos em ambientes acadêmicos de uma maneira mais geral e, assim, comecei a compreender a atuação dos poderes nas instituições.

De semelhante modo, todos nós precisamos aprender a reconhecer como os principados operam, quão inteligentes os poderes são para atacar cada um de nós de maneiras diferentes, como precisamos vestir a armadura do Espírito para nos protegermos ao enfrentá-los e resistirmos aos seus ataques. Precisamos da proteção da comunidade cristã, como veremos adiante, quando os dardos inflamados do maligno são lançados, por exemplo, por queixosos das nossas congregações que podem nos julgar incompetentes se escolhemos ser verdadeiramente pastores. Então, temos de levar a sério a natureza desse mal para nos opor às acusações, não em termos humanos, mas espirituais. Não acabaremos com as queixas meramente calando as bocas, mas lidando com o conflito espiritual subjacente aos problemas superficiais.

Jacques Ellul, profeta perspicaz e fiel, é negligenciado com grande prejuízo para nós, pois, ao longo de sua extensa carreira, ele fez insistentes alertas sobre a sutil atuação dos principados em tais acusações. Considere como outro exemplo as forças da propaganda.15 Eu cresci pensando que a propaganda era um problema somente nas sociedades submetidas à opressão da União Soviética comunista. Somente sob a tutela de Ellul aprendi quão incessantemente os enganos e as mentiras proliferam em nossa própria cultura norte-americana. Além disso, considere as maneiras pelas quais a propaganda dos gurus do marketing está destruindo igrejas ao chamar os seus líderes a desempenhar falsos papéis que pensamos ser necessários e distantes de quem realmente somos como Igreja.16

Eu ficaria desesperada se não soubesse que Jesus ainda é o Senhor da sua Igreja.

Em muitos aspectos, a propaganda nas igrejas é semelhante à dos comunistas, pois convida as pessoas a um sonho pérfido que não reconhece o sofrimento, a humanidade pecaminosa, os perigos do falso sucesso e o custo do discipulado. Ela é, então, a atuação dos poderes de engano. Você poderia pensar que estou exagerando, mas, quando somos arrancados das ambições, atitudes e ações corretas de que Cristo foi modelo para a sua Igreja, de quem é o caminho que estamos seguindo?

Ao pesquisar para a minha dissertação sobre Jacques Ellul e sua compreensão da noção bíblica dos “principados e poderes”, descobri que o tema dos poderes é uma chave valiosa para unir as duas vertentes do seu trabalho — suas obras bíblicas/ teológicas/ éticas e sua sociologia de estilo europeu. Da mesma maneira, a visão bíblica une o nosso reconhecimento pastoral do mal às nossas análises dos problemas e falhas humanos.

Essa conexão crítica veio pela primeira vez à minha atenção graças aos comentários de Ellul sobre “os poderes” em The Ethics of Freedom, no qual ele enumera as seguintes possíveis interpretações para alguns dos títulos bíblicos dados aos poderes em Efésios 6.12:

São eles demônios no sentido mais elementar e tradicional? São eles poderes (tronos e domínios) menos precisos que ainda têm uma existência, realidade e, como se poderia dizer, objetividade própria? Ou simplesmente temos uma disposição do homem que constitui este ou aquele fator humano como um poder por exaltá-lo como tal…? Neste caso, os poderes não são realidades objetivas que influenciam o homem externamente. Eles existem somente como a determinação do homem que lhes permite existir em sua alteridade subjugadora e transcendência. Ou, finalmente, no outro extremo da escala, são os poderes simplesmente uma figura de linguagem comum ao mundo judaico-helenista, de modo que representam meramente crenças culturais e não têm validade

verdadeira?17

Ellul se situa em algum lugar entre a segunda e a terceira interpretações, pelas seguintes razões:

Por um lado, estou plenamente convencido, com Barth e Cullmann, que o exousiai do Novo Testamento e o poder do dinheiro personificado como Mamom correspondem a realidades autênticas, ainda que espirituais, independentes da decisão e inclinação do homem e cuja força não reside no homem que os constitui. Para mim, nada do que li em contrário demonstrou grande lucidez. Nem o apelo ao gnosticismo, nem referência ao panorama cultural me parece explicar a força e a ênfase dos escritores do Novo Testamento nessa área. Em particular, o ponto de vista oposto tem de seguir a prática comum de ignorar certas passagens essenciais em que Paulo não pode ser adequadamente desmistificado. Por outro lado, porém, os poderes não atuam simplesmente a partir do exterior, à maneira do destino gnóstico ou de um deus ex machina. Eles se caracterizam pela sua relação com o mundo concreto do homem. Segundo as referências bíblicas, eles encontram expressão nas realidades sociais humanas, nas iniciativas do homem. Nesse sentido, a ocasião da sua intervenção é decisão e ação humana… O mundo de que fala o Novo Testamento não é apenas uma realidade espiritual e abstrata, mas uma realidade idêntica ao que o homem costuma chamar mundo, isto é, sociedade. (152)

Os comentários de Ellul são importantes, porque citam os poderes como entidades externas aos seres humanos e, contudo, inextricavelmente contingentes às realidades humanas e sociais. Ellul evita os dois extremos — a total rejeição excessivamente liberal da noção e a postulação ultraconservadora de uma cosmologia medieval para os poderes —, inserindo brilhantemente entre eles toda uma gama de opções, gravitando em direção a qualquer um de dois pontos focais: o mal dos seres humanos e as forças espirituais que ultrapassam as explicações humanas. Ao continuar sua descrição da coesão dos poderes com as realidades materiais, Ellul faz os seguintes comentários muito pessoais:

O poder político tem muitas dimensões; por exemplo, social, econômica, psicológica, ética, psicanalítica e legal. Porém, após examinar todos eles, ainda não apreendemos a sua realidade. Não estou falando precipitada ou levianamente aqui, mas como alguém que passou a maior parte da sua vida em confronto com a sua questão e no seu poder. Não podemos dizer, como Marx, que o poder é uma superestrutura ideológica, pois ele está sempre presente. A desproporção observada acima me leva à inevitável conclusão de que outro poder intervém, habita e utiliza o poder político, conferindo-lhe uma amplitude e força que ele não possui em si mesmo.

O mesmo é válido para o dinheiro… [e] a tecnologia. (153-54, ênfase minha)

Acredito que a insistência de Ellul, de que ele fala com base em um confronto vitalício com a questão dos poderes, justifica a minha convicção de que, ao ler a sociologia de Ellul, a noção bíblica deve ser mantida em mente como a chave para entender por que as suas avaliações da sociedade são tão fortemente negativas. Ele declarou que somente com base na sua fé ele teve a coragem de ser "capaz de manter afastados esses poderes que me condicionam e esmagam… [e] visualizá-los com um olho objetivo que os congela, exterioriza e mede" (228-33).

As análises incisivas de Ellul dão também a nós a coragem de encarar com seriedade a atuação dos poderes que perturbam, interrompem, obstruem ou corrompem o ministério. Por outro lado, a teologia de Ellul traz esperança, graça e liberdade às situações concretas das nossas lutas contra os poderes operantes no mundo.

Como exemplo da correlação de forças espirituais que necessitam de atuações humanas para operar, consideremos o dinheiro. Certamente, o poder que Mamom detém sobre nós não é em razão de demônios voando por aí e atuando por si mesmos; a autoridade espiritual de Mamom necessita de cooperação humana.

Por outro lado, a realidade material do dinheiro não é suficiente para explicar a sua compulsão; como já mencionamos, certamente o dinheiro não tem poder suficiente em si apenas pela sua existência em papel. Ellul explica a natureza dos "poderes" e, especificamente, o do dinheiro da seguinte maneira:

Esse termo ["poder"] não deve ser entendido no seu sentido vago, "força", mas no sentido específico em que é usado no Novo Testamento. O poder é algo que age por si só, é capaz de mover outras coisas, é autônomo (ou afirma ser), é uma lei em si e se apresenta como um agente ativo. Essa é a sua primeira característica. A segunda é que o poder tem um valor espiritual. Ele não pertence apenas ao mundo material, embora esse seja o lugar onde ele atua. Ele tem significado e orientação espirituais. O poder nunca é neutro. Ele é orientado; também orienta as pessoas. Finalmente, o poder é mais ou menos pessoal. E, assim como a morte aparece frequentemente na Bíblia como uma força pessoal, o mesmo ocorre com o dinheiro. O dinheiro não é um poder porque o homem o usa, porque é o meio de riqueza ou porque acumular dinheiro torna as coisas possíveis. Ele é um poder antes de tudo isso; os sinais exteriores são apenas as manifestações desse poder que tem, ou afirma ter, uma realidade própria. Não devemos, absolutamente, minimizar o paralelo feito por Jesus entre Deus e Mamom. Ele não está usando uma figura de retórica, mas destacando uma realidade. A pessoa de Deus e a pessoa de Mamom se encontram em conflito. Jesus descreve o nosso relacionamento com um ou com o outro da mesma maneira: é um relacionamento entre servo e senhor. Mamom pode ser um senhor da mesma maneira que Deus é: isto é, Mamom pode ser um senhor pessoal.

… Jesus não está descrevendo um relacionamento entre nós e um objeto, mas entre nós e um agente ativo. Ele não está sugerindo que usemos o dinheiro com sabedoria ou que o obtenhamos honestamente. Ele está falando de um poder que tenta ser como Deus, que se faz nosso mestre e que tem objetivos específicos.18

É especialmente importante notar, nessa passagem, a ideia de que Mamom não é um poder por causa do relacionamento da humanidade com ele ou ao seu uso,

mas que “ele é um poder antes de tudo isso”. Além disso, os parágrafos finais citados acima indicam uma existência em separado, no sentido de que o poder atua como faz Deus “como pessoa” e estabelece seus próprios propósitos e domínio. Semelhantemente, Apocalipse 13–14 deixa muito claro que existem forças do mal que tentam ser como Deus. Nesses capítulos, o dragão parodia Deus Pai, a primeira besta imita o Filho, e a segunda besta imita o Espírito Santo.19

Urgentemente importante é o reconhecimento por Ellul de que a existência de Mamom como um poder exige vigilância e um engajamento mais crítico. Observe o seguinte:

Assim, quando afirmamos usar o dinheiro, cometemos um erro grosseiro. Podemos, se precisar-mos, usar o dinheiro, mas é realmente o dinheiro que nos usa e nos torna servos por nos trazer sob a sua lei e nos subordinar aos seus objetivos. Não estamos falando somente da nossa vida interior; estamos observando nossa situação total. Não somos livres para direcionar o uso do dinheiro de uma ou de outra maneira, porque estamos nas mãos desse poder controlador. O dinheiro é apenas uma manifestação externa desse poder, um modo de ser, uma forma a ser utilizada no relacionamento com o homem — exatamente como governos, reis e ditadores são apenas formas e aparências de outro poder claramente descrito na Bíblia, o poder político. (76-77)

Mais tarde, em Money and power [Dinheiro e poder], Ellul demonstra quão sutil é o controle de Mamom. Eu sempre pensei que ele fosse um dos poderes que realmente não me incomodavam. Nunca tive muito dele para armazená-lo, ou o suficiente para ansiá-lo ou me entorpecer por ele. Entretanto, ter apenas o suficiente e ser dele um mordomo terrivelmente bom pode levar à idolatria de uma gestão cuidadosa que não é generosa. Opa! Eu diria que, se todos nós examinarmos as nossas vidas minuciosamente, toda pessoa que ler este livro terá de admitir que, em algum momento de sua vida, Mamom foi um poder corruptor.

Note, porém, que não é só você, nem simplesmente o seu próprio anseio por dinheiro. Em vez disso, o dinheiro carrega inerentemente dentro de si uma força espiritual, o potencial de idolatria — mesmo sendo criado para o bem. Nós não venceremos o dinheiro se tentarmos resolver os problemas que ele cria meramente por meios humanos, como um bom orçamento. Uma vez que tendemos a diviniza-lo, só podemos vencê-lo dessacralizando-o.

Quem teria pensado que a batalha contra os principados e potestades poderia ser divertida? A ideia de Ellul, de que devemos dessacralizá-los, realmente nos permite ser, por vezes, brincalhões ao fazê-lo, especialmente porque ele enfatiza que o processo de des-divinização não pode ser anônimo.

Lá estava eu, lendo Money and power como estudante de pós-graduação com orçamento limitado, sendo instado por Ellul a não deixar que Mamom se tornasse um deus na minha vida. Eu era extremamente cuidadosa quanto aos meus dólares para o supermercado, guardava-os em um envelope especial, tentava fazer com que sobrasse um pouco no fim do mês para que o próximo mês pudesse ser um pouco mais comemorável. De repente, percebi que essa mordomia cuidadosa permitia a Mamom exercer o seu controle sobre mim. Ele tinha de ser dessacralizado!

A mulher cujo cubículo de estudo na biblioteca ficava ao lado do meu era casada (eu era solteira), tinha um filho, seu marido estava desempregado e sua bolsa de pós-graduação era a mesma que a minha. Quem precisava de mais dinheiro — ela ou eu? Certo dia, bati à sua porta e disse: “Você vai pensar que isso é realmente bobagem, mas estou fazendo um deus com esses dez dólares que sobraram no meu fundo de supermercado. Eu sei que não é muito — não compra nada além de cachorros-quentes — mas você poderia ficar com eles, para que deixem de ser um deus na minha vida?”. Ela começou a rir, disse que aquela era a coisa mais engraçada que ela já ouvira. Ela não os receberia se eu os tivesse oferecido a ela como presente — isso teria sido humilhante —, mas estava feliz por me ajudar a dessacralizar o meu dinheiro.

Precisamos entender claramente que, em razão do natural estar ligado ao poder espiritual, não é suficiente lidar com dinheiro simplesmente elaborando e seguindo um bom orçamento. Precisamos combater o domínio espiritual que Mamom adquire sobre nós. Eu pensava que tinha de poupar aqueles 10 dólares para me certificar de que teria dinheiro suficiente para o próximo mês. Certamente, não me oponho a planejar com antecedência, mas, por que Mamom afeta tantas das nossas decisões quando Jesus prometeu que, se buscarmos primeiro a ele e ao seu reino tudo o mais nos será dado?

Consideremos, então, o domínio exercido por Mamom sobre as nossas igrejas e os membros das nossas congregações. Por que um bom orçamento não é suficiente? Como podemos ajudar os paroquianos a aprenderem a dessacralizar Mamom em suas próprias vidas? Como podemos nos opor ao poder do dinheiro nas decisões da nossa congregação?

Os poderes e suas atuações

Uma das ideias mais brilhantes de Ellul foi de que o registro bíblico nunca descreve a essência ou natureza dos principados e potestades. Podemos conhecê-los somente por suas atuações. Embora em seus últimos anos Ellul se tornasse um pouco mais reducionista no tocante aos poderes e deixasse de agarrar-se a algumas das suas visões elaboradas em Money and power (como já mencionado), sua citação de seis das funções deles em The Subversion of Christianity é útil. Eis a lista de Ellul:

A Bíblia faz referência a seis poderes malignos: Mamom, o príncipe deste mundo, o príncipe das mentiras, Satanás, o diabo e a morte. Isso é suficiente. A propósito desses seis, poderia ser observado que, ao compará-los, descobrimos que todos eles são caracterizados pelas suas funções: dinheiro, poder, engano, acusação, divisão e destruição.20

Certamente, Ellul está correto em reconhecer que o termo hebraico ha-satan significa literalmente “o acusador”, mas exagera um pouco ao limitar o nome diabolos a “divisão”. Todavia, ele é exato em perceber que a divisão das pessoas é uma operação do mal, de forças espirituais. O ódio racial é mais do que meramente uma reação humana. O engano da propaganda é um poder maior do que o de simples palavras. Sempre que o dinheiro afasta igrejas dos seus propósitos conferidos por Deus, ele está atuando como Mamom. Sempre que a tecnologia separa você das pessoas, ela está operando como um poder. A lista de Ellul nos ajuda a ser mais atentos a como e quando outros deuses estão controlando situações sociais.

Sem dúvida, poderíamos citar mais atuações do que as seis dele, mas é crucial o seu argumento de que essas atuações fazem instituições humanas, autoridades, governantes, reinos, principados e outras realidades ampliarem excessivamente os seus limites. Veja, por exemplo, a tecnologia médica. Tenho numerosas deficiências e limitações de saúde em decorrência de uma grave lesão do meu pâncreas por vírus do sarampo quando eu era adolescente. Nos anos recentes, os especialistas descobriram uma maneira de injetar nas pessoas células das ilhotas que produzem insulina, com o resultado de algumas complicações diabéticas terem sido revertidas. No início, pensei: “Que maravilha! A tecnologia vem em auxílio — a minha vida é prolongada!”. Em seguida, porém, descobri que os tecnólogos obtinham as células de fetos abortados! É assustador, não é? Os livros de ética já elencam casos de mulheres que engravidam de propósito para vender seus fetos para tais processos. Temos de ter muito cuidado para que a tecnologia médica não ultrapasse os seus limites morais e para que as técnicas resultantes não provoquem destruições involuntárias.

Sinto-me encorajada por muitos médicos, enfermeiros e outros profissionais da saúde estarem fazendo boas perguntas éticas para impor limites à tecnologia. A linguagem de “principados e potestades” nos ajuda, pois nos ensina a ser mais observadores, fazer as objeções difíceis, desafiar respostas fáceis, impedir a técnica de transgredir a sua esfera adequada. Também nós precisamos fazer perguntas melhores acerca de tecnologias nas nossas igrejas. Em que ponto essas ferramentas de economia de trabalho ultrapassam seus papéis adequados e contribuem para colapsos da nossa vida comunitária? Que tecnologias poderiam

estar nos afastando do nosso chamado pastoral? Que técnicas nos fazem pensar que somos necessários?

A primeira arma da panóplia

Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade…

Efésios 6.14a

Os nossos oponentes na luta contra os métodos do diabo são, de fato, extremamente fortes, mas nós não somos indefesos. Não temos espaço aqui para analisar todas as armas do arsenal que Deus nos dá para resistir aos poderes, mas precisamos observar alguns exemplos para ver por que a lista é urgentemente importante. A primeira peça da armadura é o cinturão da verdade. O exército romano utilizava cinturões para "cingir seus lombos", para manter suas togas longe do chão, de modo que eles não tropeçassem nelas. A verdade nos impede de tropeçar no erro. Ampliemos isso com outra visão de Ellul. Num dos seus melhores livros, The humiliation of the Word [A humilhação da Palavra], Ellul faz distinção entre realidade e verdade.21 Essa é uma percepção extraordinariamente útil. A realidade é o que vemos na superfície, as perspectivas superficiais que obtemos, por exemplo, do noticiário vespertino da televisão. A verdade é o que realmente está acontecendo em determinada situação. A realidade é que o nosso mundo é repleto de caos econômico e caos político; a verdade é que Jesus Cristo ainda é Senhor do cosmos. A realidade é que meu corpo é um desastre, com quase nenhuma parte dele funcionando corretamente. A verdade é que Deus não precisa que eu venha a ser uma atleta em boa forma para fazer o trabalho para o qual ele me chamou (eu costumo brincar que ele só precisa da minha boca, que parece funcionar muito bem).

Ser capazes de distinguir entre realidade e verdade nos ajuda imensamente em

nossa oposição aos poderes, pois nós os expomos e, assim, os desarmamos quando somos capazes de citar a verdade da sua atuação para o mal. Também precisamos nos lembrar constantemente da verdade do triunfo de Cristo sobre os poderes para que tenhamos a coragem de enfrentá-los e de resistir-lhes em seu nome.

Como exemplo, deixe-me apontar para a necessidade de expor a verdade sobre a televisão na nossa sociedade. Antigamente, eu falava razoavelmente bem dela — exortando os pais a monitorá-la atentamente, a discernir cuidadosamente o que poderia ser adequado para os seus filhos. Então, li uma parte da pesquisa de Jane Healy, que demonstra que as crianças que assistem muita televisão realmente têm encéfalos menores.22 Isso ocorre, em primeiro lugar, porque simplesmente observar a tela não comunica os hemisférios cerebrais quanto às informações que entram e saem. Além disso, ao se sentarem passivamente em vez de manipular seu ambiente, as crianças não proliferam as suas conexões dendríticas como as que brincam ativamente.

Sempre que fazemos coisas, os neurônios têm de estabelecer sinapses para criar vias. Um encéfalo saudável é uma verdadeira bagunça, com vias conectadas a todos os lugares. (Recentemente, aprendi com David Walsh, fundador do National Institute on Media and the Family [Instituto nacional da mídia e da família], que, possuindo 100 bilhões de neurônios com aproximadamente 1.000 dendritos cada um, um bebê tem o potencial de estabelecer 100 trilhões de conexões sinápticas.)23 Crianças criadas assistindo televisão têm menos conexões, menos vias, menos inter- conexão — e, portanto, um encéfalo menor.

Desde que comecei a contar aos pais a verdade sobre esse obstáculo ao desenvolvimento do encéfalo, eles começaram a encarar com mais seriedade os meios de limitar a exposição dos seus filhos à televisão. Expor os poderes dizendo a verdade sobre eles é metade da batalha; por isso, aqui começamos a desarmar essas forças.

Ao concluir o ensino médio, os jovens dos EUA passaram mais horas assistindo televisão do que na escola. Um graduado no ensino médio que assiste à média da programação viu 500.000 comerciais.24 Parece-me que isso produziria uma pessoa com alto grau de morte cerebral — e um tanto ambiciosa, também, se todos esses anúncios foram realmente observados. Exponhamos essa verdade; ajudemos os pais a verem os poderes operando nas suas próprias casas.

Eu escrevi meu livro Is It a Lost Cause? [É uma causa perdida?] por um apaixonado interesse de que os pais fizessem perguntas sérias sobre o que está formando o caráter dos seus filhos. São as verdades da fé cristã? Ou é a televisão? Ou a internet? Qual delas controla o maior número de horas das vidas dos jovens? Se eles recebem uma hora por semana de educação cristã e, talvez, alguns minutos diários de devocionais familiares ou pessoais e, em seguida, assistem a média de quatro horas e meia diárias de televisão, com toda a sua violência, ganância, imoralidade sexual e treinamento em passividade, o que tem a maior chance de formar os seus valores, atitudes, comportamentos e objetivos? 25

Quando me pedem para falar a jovens sobre caráter sexual piedoso e lhes contar bons desígnios de Deus descritos na Bíblia, é frequente eles responderem: “Eu nunca ouvi isso”. Por que não? Se a mídia lhes dá más ideias sobre a sua sexualidade 95 vezes por dia, com que frequência nós, da comunidade cristã, precisamos lhes contar boas ideias? É essencial reconhecermos a atuação dos poderes nos meios de comunicação e tomar medidas para resistir a eles!26

Um dos piores problemas da televisão é que ela nos forma para termos a “Baixa Relação Informação-Ação” mencionada no capítulo 2. Mesmo agora, enquanto escrevo isto, quero estender meu braço para fora da página, agarrá-lo pelo colarinho e perguntar-lhe se este livro mudará a sua vida. Fico imaginando se, em vez disso, você poderia estar sentado aí lendo-o alegremente e dizendo: “Bom argumento, Marva”, mas deixando ficar por isso mesmo e não agindo quanto ao que está aprendendo.

De semelhante modo, pastores, pensem o que uma “Baixa Relação Informação-Ação” produzida pela televisão faz aos sermões! Se as pessoas foram treinadas pela superabundância de informações nos meios de comunicação a não agir quanto ao que ouvem (porque é demasiado e elas estão imobilizadas ou porque as informações estão fora do seu contexto, de modo que elas são incapazes de agir quanto a elas), como incentivaremos os ouvintes a se engajarem nos nossos sermões e expressarem o que pregamos? Como podemos ensinar com eficácia a fé cristã e transmiti-la quando diversos principados e potestades da tecnologia, do consumismo, da mídia e da política estão, todos eles, nos afastando desse modo de vida?

Os sociólogos sabem que qualquer grupo que procura ser diferente da cultura dominante precisa ter ritos, rituais, costumes, linguagem, hábitos, memórias e maneiras que ajudem os seus membros a saber como eles são diferentes e por que isso importa. A maioria dos adolescentes com quem converso em reuniões de jovens ou em congregações onde sou convidada a ir não sabe realmente, com clareza, de que maneira eles, como cristãos, são diferentes do restante da sociedade e por que devem se preocupar com essa diferença. Estamos falhando com os nossos filhos — e com nós mesmos!

Ajudemos os nossos jovens a ter os recursos da verdade para resistir às ideias idiotas sobre a sua sexualidade com que a mídia os alimenta. É essencial os envolvermos em melhores ideias, cingi-los com o cinto da verdade, para que eles não tropecem e se machuquem, não só fisicamente, mas também emocional, social e espiritualmente. Certa vez, fiz na capela de uma faculdade um sermão sobre castidade sexual como resistência do consumidor. Nossa sociedade transformou a relação sexual em mais um item de compra, desviando-a do seu projeto ordenado por Deus para meramente algo a mais para a autogratificação.

Em vez disso, as Escrituras mostram que a união genital simboliza a fidelidade de Deus, o mistério da graça, o vínculo de aliança que Deus faz com o seu povo. Ora, esse é um bom motivo para mantê-la especial, para santificá-la como um presente a ser compartilhado somente em um relacionamento de casamento

consagrado. Poucos dos nossos jovens compreendem isso. Eu converso com eles sobre a sua sexualidade, não para estragar a sua diversão, mas para que eles possam entender a grande beleza do projeto de Deus. Trata-se da verdade sobre quem eles são na sua sexualidade, e a verdade é TÃO boa! Em contraste, a realidade que lhes é servida na vida diária é um monte de mentiras.

No tocante a isso, vemos constantemente os poderes operando. Quando os meios de comunicação atuam como engano, nós sabemos tratar-se de uma força espiritual que precisa ser combatida. A televisão precisa ser desligada; o uso do computador precisa ser limitado; o consumo de mídia precisa ser contrabalançado com envolvimento humano; melhores perguntas precisam ser feitas. Palavras abusivas no rock devem ser tornadas claras — certamente, não queremos que nossos filhos estejam constantemente enchendo suas mentes com obscenidade.

Ainda mais importante, precisamos ensinar discernimento às crianças das nossas igrejas. Não é suficiente apenas tentar mantê-las longe do lixo, porque ele está demasiadamente infiltrado na nossa cultura. Em vez disso, ajudemô-las a aprender a distinguir o que não é bom para elas e a desenvolver a vontade de resistir a isso.

Como podemos, no nosso chamado pastoral, capacitar os membros da congregação a discernir essas diferenças cruciais entre verdade e realidade? Como podemos equipá-los com habilidades para resistir aos poderes desumanizantes e enganadores? Como podemos mergulhá-los tanto no esplendor de Deus que eles tenham o desejo de descartar esses falsos deuses?

O escudo da fé

Um grande presente para o desenvolvimento de vontade suficiente é mais uma

arma do arsenal, o "… escudo da fé, pelo qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno" (Ef 6.16). O que havia nos escudos romanos que fazia com que os exércitos de Roma fossem tão invencíveis?

Por um lado, um soldado não segurava o seu escudo inteiramente sobre si mesmo, mas dois terços o cobriam e um terço era segurado sobre a pessoa que estava ao seu lado. De semelhante modo, o soldado do outro lado dele o protegia com um terço do seu escudo. Graças a essa dependência mútua, as linhas romanas raramente se rompiam.

Além disso, os escudos não eram pequeninos, mas longos e oblongos, por meio dos quais as linhas romanas podiam criar um escudo de proteção completo sobre as suas cabeças ao atacarem uma muralha inimiga. Mesmo que os defensores da fortaleza lançassem uma chuva de "dardos inflamados" sobre eles, eles poderiam estar suficientemente salvaguardados. É assim que a fé da comunidade cristã nos apoia contra os ataques do Acusador.

Recentemente, numa conferência em que eu estava palestrando, estava me sentindo um pouco inferior e fui tentada a vestir a minha imagem cintilante. O outro palestrante impressionou a todos com seu esplêndido jazz tocado ao piano, que fez todos os pastores e seus cônjuges se levantarem num aplauso entusiástico, enquanto no dia seguinte teria de dizer algumas coisas muito inaplaudíveis. Em meio a sentir-me um pouco intimidada, um pastor querido se aproximou de mim e disse: "Marva, não se esqueça: você não está competindo com ele. Lembre-se apenas de que você é serva". Acalentei muito aquela sentença. (Além disso, no dia seguinte, após terminar a apresentação que incluiu aquelas coisas inaplaudíveis, ele veio até mim e disse: "Muito bem, serva boa e fiel". Que coração pastoral ele tem!) Toda vez que, como líderes de igrejas, somos tentados a competir com os outros, precisamos de alguém para nos dizer: "Não se esqueça de que você é servo!".

Somos seduzidos pelas nossas próprias inseguranças ao tentar fazer-nos melhor

do que os outros, em vez de deixar Deus usar os nossos dons em fidelidade e dependência a ele. A fé é um escudo contra os nossos equívocos e competições. A fé sabe que o nosso valor provém daquele a quem pertencemos, que o amor de Deus nos abraça e nos liberta para sermos verdadeiramente nós mesmos.

Não temos espaço aqui para explicar minuciosamente o tema da fé em relação aos poderes ou para analisar as outras armas que fazem parte da panóplia.27

Todavia, é essencial para o trabalho dos pastores nos lembrarmos de que a fé é um dom e que ela é concedida por Deus, essencialmente por intermédio da comunidade. Toda a Igreja transmitiu os testemunhos das Escrituras dos quais ouvimos as boas-novas em que cremos. Além disso, toda a comunidade sustenta a nossa fé ao posicionar-se contra os poderes das trevas, porque, em nossa pluralidade, nós somos a luz do mundo, a cidade situada sobre o monte.

Pela causa do Evangelho

A razão de por que tudo isso acerca dos poderes importa nos é dada no final desta parte de Efésios 6, nos versículos 19-20:

… e [orai] também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias, para que, em Cristo, eu seja ousado para falar, como me cumpre fazê-lo.

É essencial resistir aos poderes para que possamos proclamar o evangelho, a fim de que tenhamos credibilidade ao falar sobre a liberdade de idolatrias e tiranias que Cristo cria para nós, para que possamos ter ousadia em compartilhar as boas-

novas do resgate do pecado que temos em Jesus e da sua libertação de todas as opressões e escravizações. Para que isso aconteça agora, não nos atrevemos a ter uma Baixa Relação Informação-Ação sobre o conteúdo deste capítulo. Junte-se a mim em minha campanha para que as nossas igrejas estejam expondo os poderes, para que as nossas igrejas sejam comunitárias com os nossos escudos para que nós — todos os membros do Corpo de Cristo — possamos nos unir e ajudar uns aos outros, a fim de que os nossos filhos conheçam a fé. Cubramo-nos com o capacete da salvação em vez do da arrogância, como Eugene nos advertiu no capítulo 4.

Deixe-me dar um exemplo final, desta vez para ilustrar o tipo de discernimento de que necessitamos quanto aos poderes, pela causa do evangelho. Eugene destacou que uma parte do nosso voto de servir às nossas igrejas é o amor ao próximo. Agora, perguntemos sobre e-mail e se ele nos ajuda a amar o próximo ou se ele poderá funcionar como um poder para o mal em nossas vidas.

Pessoas insistem continuamente em que eu “simplesmente tenho de” receber e-mail e entrar na Internet. Ora, certamente penso que e-mail pode ser muito bom; ele ajuda muitas pessoas a se comunicarem com seus entes queridos distantes. De semelhante maneira, a internet é muito útil para os estudos. Todavia, essas ferramentas do ciberespaço também podem se tornar um poder dominador nestes dias. O e-mail nos priva da verdadeira intimidade do cara-a-cara e nos permite fugir da genuína vulnerabilidade. A internet é, por natureza, viciante para muitas pessoas, que se sentem compelidas a desperdiçar uma enorme quantidade de tempo clicando em todos os links e coletando infinitamente mais toneladas de informação do que jamais seriam capazes de processar (aumentando, assim, a sua Baixa Relação Informação-Ação!). Além disso, muitos jovens nunca foram formados com um arcabouço adequado de referências pelo qual saber quais dados valem a pena conhecer ou como moldar em sabedoria o conhecimento adquirido. Onde se colocam todos esses bytes?

Por favor, perceba que, primeiramente, eu reconheci que o e-mail pode ser muito bom e, depois, enfatizei quão perigoso ele pode ser. A chave é cada um de nós

discernir a proporção das vantagens e desvantagens, fazer perguntas melhores antes de decidir conectar-se. (Muitas pessoas da nossa sociedade simplesmente se apegam a qualquer tecnologia disponível.)

Neste momento, eu não tenho e-mail. Isso poderá mudar no fim deste ano, quando a minha afilhada for para a África como missionária, e eu desejarei ser capaz de me comunicar com ela mais facilmente. Neste exato momento, porém, tive de optar por não tê-lo, porque ainda não cuido adequadamente de minha amiga, uma viúva que mora na rua em que moro. Não posso acrescentar outra coisa à minha vida quando estou fazendo tão mal o que me cabe fazer agora. Essa é uma escolha cuidadosa, continuamente reavaliada.

Não lhe peço para fazer a mesma escolha, mas exorto-o a ter o mesmo cuidado ao fazer as suas próprias boas escolhas sobre tecnologia. Certa ferramenta tecnológica será um poder em sua vida para o bem ou para o mal? Ela o separará de pessoas? Ela é um poder que enganará você com um monte de mentiras sobre todas as grandes coisas que você será capaz de aprender somente se puder visitar vários sites da Web? Ou ela realmente será uma ferramenta para o ministério? Você precisa discernir, pesar, testar e reavaliar. Mas você não tem de fazer tudo isso sozinho. Você discerne em meio a uma comunidade de cuidados que ajuda você a fazer perguntas melhores, que lhe permite manter os poderes em suas esferas adequadas, atuando segundo a criação de Deus para os propósitos do bem.

Oremos: Ó Deus, ensina-nos discernimento e ensina-nos a ser uma comunidade, para que nós, juntos como tua Igreja, possamos resistir aos poderes que procuram nos afastar do nosso papel de pastores e povo pastoral. Que nós possamos, na busca de sermos vossos servos, estar sempre conscientes da natureza espiritual dos poderes para que nunca tentemos lutar contra eles sozinhos e nunca deixemos de receber a força do teu poder para resistirmos firmes. Pedimos isso com confiança, porque sabemos que é a tua vontade que sejamos energizados na tua vitória sobre esses poderes. Estamos ansiosos por ver como tu nos usarás como agentes para expô-los e desarmá-los pela causa de

espalhar as boas notícias da tua graça e triunfo em Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Capítulo 6

Timóteo: assumindo em Éfeso

EUGENE H. PETERSON

Timóteo entra em uma desordem congregacional com o encargo de corrigi-la. Ele herda tanto o legado (deixado por Paulo) quanto os problemas criados por outros (dentre os quais, Himeneu e Alexandre). Como o tohu wabohu de Gênesis 1.2, a vocação pastoral não começa do zero.

A desordem congregacional proporciona uma condição particularmente perigosa para nos convencermos de que somos necessários. Outros bagunçaram, fizeram a coisa mal feita, se comportaram de maneira irresponsável, e nós somos chamados para fazer diferença. O próprio fato de nós sermos chamados só pode significar que somos competentes em comparação com a incompetência dos outros, que somos capazes.

Estamos lisonjeados, é claro. Fomos notados. “Nós precisamos de você”, dizem eles. “Tire-nos isso. Nós lemos o seu currículo, ligamos para as suas referências, ouvimos você pregar — salve-nos.”

Com essas palavras, “precisamos de você… salve-nos…”, nos tornamos pastores necessários. Finalmente, acabamos acorrentados à agenda estabelecida para nós, escravos das condições em que nos metemos. As dimensões do nosso mundo mudam da salvação ampla e gratuita de Deus para as condições precárias do que

os outros precisam, que, por meio de combinações de pecado e incompetência, foi deixado para trás.

Há um aspecto neurótico nisso. É como uma pessoa que se vê presa em uma inundação e, ao ser arrastada por uma enxurrada, alcança um galho de árvore e se agarra a ele para preservar a sua preciosa vida. A inundação demora dias para diminuir. Enquanto isso, a pessoa fica agarrada ao galho — salva, resgatada, viva.

Finalmente, as águas da inundação se foram e a pobre alma continua agarrada ao galho. Pessoas vêm e dizem: “desça”, mas a pessoa responde: “De jeito algum. Estou salvo. Foi aqui que encontrei a salvação; foi isso o que me salvou. Não vou deixar este lugar seguro”. Uma tentativa bem-sucedida de salvar a vida foi mantida além do necessário. Pastores fazem isso constantemente. Eles entram em situações de desordem, corrigem-nas e continuam nas mesmas condições ano após ano. “Foi assim que fui salvo e salvei outros…”

Esse estilo de vida aceita as condições do pecado como as condições em que operaremos. Agora, é claro, nós sempre operamos em condições de pecado, mas elas não definem o nosso mundo. Elas apenas fornecem o material para o nosso mundo, para o nosso evangelho. A desordem e a necessidade das congregações não são condições que nos constringem. Elas não constringiram Timóteo.

A desordem de Éfeso

Éfeso é a igreja vitrine do Novo Testamento. Ela era uma igreja missionária estabelecida pelo eloquente e culto pregador judeu Apolo (At 18.24). Paulo parou para visitar essa incipiente comunidade cristã durante a sua segunda viagem missionária, reuniu-se com a pequena congregação (havia apenas doze pessoas) e os levou a receberem o Espírito Santo. Em seguida, permaneceu

durante três meses utilizando a sinagoga como seu centro para pregar e ensinar sobre o “reino de Deus” (19.8). Após os dramáticos encontros com os sete filhos de Ceva e a cena da multidão incitada por Demétrio sobre a questão da deusa Diana, essa visita de três meses se estendeu para três anos. Paulo ficou em Éfeso durante três anos, formando uma congregação cristã.

Mais tarde, o nome Éfeso foi ligado a uma carta que reflete o mais saudável e maduro de todos os escritos de Paulo sobre a vida cristã. Todas as outras cartas paulinas foram provocadas por algo que deu errado, quer fosse pensamento errado ou mau comportamento, mas a tônica da Carta aos Efésios não é problemas humanos, é a glória de Deus. Após todos os problemas terem sido resolvidos nas igrejas, Paulo está livre para simplesmente escrever o Evangelho como ele é. O resultado é a Carta aos Efésios. Ela representa o melhor de que somos capazes na vida cristã, chamando-nos a uma integridade madura. Para muitos de nós, “Éfeso” marca a igreja melhor, mais completa, saudável e santa.

Usei Efésios no curso que leciono sobre formação espiritual, ao qual chamei “Soulcraft”.* Cerca de um ano atrás, quando ministrei esse curso, uma pessoa me disse que assistia a cursos do Regent College havia vinte anos e que aquela era a décima quarta vez que tivera um curso sobre Efésios, sempre com diferentes professores. Ele observou que Efésios deve ser, de alguma maneira, o texto característico do próprio Regent College.

A igreja de Éfeso não começou sem problemas, mas, em algum momento, parece ter se tornado o que poderíamos chamar a igreja perfeita. Muita obra de alicerces ocorreu antes disso: suplementar o ensino deficiente de Apolo sobre o Espírito Santo; ser lançado fora da sinagoga; lidar com os sete filhos avarentos e empreendedores de Ceva; sobreviver à multidão incitada por Demétrio sobre a questão de Diana. Porém, finalmente, parece ter havido uma integridade calma e madura naquela congregação, como vemos nas orações, no afeto e nas saudações na partida após a visita de despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso em Mileto.

Em determinado ponto de sua história sobre a igreja de Éfeso, Lucas escreveu: “Assim, a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente” (At 19.20). Isso resume tudo.

Essa é a Éfeso para a qual Timóteo é enviado; mas ele não é enviado para lá para desfrutar de um posto confortável no ministério — Éfeso se tornou uma desordem. Boas igrejas podem acabar indo mal. Surpreendentemente, os pecadores aparecem. Começos maravilhosos podem acabar em catástrofes terríveis. Não só pode acontecer — realmente acontece. Assim aconteceu a Éfeso, a igreja símbolo.

Independentemente de quão maravilhoso seja o lugar onde entramos, mais cedo ou mais tarde a maioria de nós se encontrará no meio de uma desordem. Isso ocorre porque a fé cristã é sempre vivida nas condições do mundo; por mais que tentemos, não conseguimos isolar nossas vidas cristãs do mundo em que ganhamos o nosso sustento. E essa cultura se infiltra na Igreja, exatamente como se infiltrou na igreja de Éfeso (o que preocupa é quando nós a convidamos).

Nós não sabemos a natureza exata do que deu errado na igreja de Éfeso — nada é esclarecido com exatidão. O que está claro é que a religião da cultura havia invadido o evangelho de Jesus Cristo e estava ameaçando destruí-lo. As duas cartas de Paulo a Timóteo nos dão vislumbres do que estava acontecendo.

Paulo diz a Timóteo para lidar com “certas pessoas” obcecadas por “religião”, mas, aparentemente, nada querem com Deus. Eis aqui uma amostragem de frases que descrevem as atividades “religiosas” dessas pessoas:

dar grande valor a mitos e genealogias intermináveis que promovem especulações (1Tm 1.4);

envolver-se em debates vãos (1.6);

dar ouvido a espíritos de engano e a doutrinas de demônios (4.1);

ser guiadas pela hipocrisia de mentirosos (4.2);

proibir o casamento e ordenar a abstinência de alimentos (4.3); especializar-se em mitos ateus e tolos (4.7);

ter um desejo mórbido de controvérsia e disputas sobre palavras (6.4); imaginar que a piedade é fonte de lucro (6.5);

participar de falatórios profanos (2Tm 2.16); sustentar que a ressurreição já ocorreu (2.18); começar controvérsias estúpidas e sem sentido (2.23); e vagar em mitos (4.4).

Não sabemos com precisão o que significavam os “falatórios profanos” em Éfeso. Os estudiosos fazem suposições eruditas. Sem dúvida, era uma forma de gnosticismo, que, essencialmente, cria um corpo de elite de iniciados que cultivam uma forma superior de religião que despreza pessoas comuns, coisas comuns e qualquer coisa que tenha a ver com o compromisso de uma vida moral. É claro que Jesus seria excessivamente comum para esse tipo de pessoas. Independentemente do seu conteúdo real, os “falatórios profanos” seriam moldados pela cultura e não pela cruz de Jesus.

O mais aparente sobre essas frases é que elas se referem a muita conversa — especulações, controvérsias e tagarelice. Há uma referência a comportamento (sobre casamento e dieta) e outra a um item doutrinário (ressurreição), mas, acima de tudo, estamos lidando com discurso religioso. Aquelas pessoas gostavam de falar sobre religião. A descrição de T. H. White da Guinevere idosa, que se tornara freira após a morte de Artur, poderia facilmente descrever esses mestres de Éfeso: “Ela se tornou uma teóloga maravilhosa, mas não se importava com Deus”.

É com isso que somos confrontados continuamente. Esta cultura se infiltra na Igreja através dos poros das nossas congregações: uma religião sem comprometimento, espiritualidade sem conteúdo, aspiração, conversa e desejo, satisfação e necessidades, mas não muito interesse em Deus.

A Diana de Éfeso e a de agora

Recentemente, tivemos em nosso mundo uma experiência marcante sobre essa velha coisa de Éfeso. No fim de agosto de 1997 e durante várias semanas, a atenção do mundo todo, literalmente do mundo todo, foi capturada pela morte da princesa Diana. Eu estava na Irlanda e na Escócia naquela época e recebi todo o drama golpe após golpe. Preciso confessar que eu quase nada sabia sobre Diana na época, não me lembro de ter visto uma foto dela e nada sabia das suas provações com a família real. Mas, em três semanas, tive um curso intensivo da religião de Diana — pois a coisa que mais me impressionou foi, forçosamente, aquilo ser um curso de religião. Aquele foi um evento totalmente religioso. Havia implicações políticas e dinâmica familiar, mas era principalmente, esmagadoramente, religioso. Diana foi tratada com a veneração e adoração de uma deusa. Ao morrer, o mundo se prostrou e a adorou.

Enquanto eu observava tudo isso e refletia a esse respeito em conversa com amigos, percebi que Diana era a deusa perfeita para uma religião mundial que nada queria ter a ver com o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, mas estava

desesperada para adorar alguém ou algo que desse às suas vidas uma sensação de beleza e transcendência. Ocorreu que a princesa Diana era absolutamente perfeita para o papel. Este nosso mundo supostamente ateu não é totalmente ateu — a capacidade para a adoração é tão forte quanto qualquer outra campanha de fundamentalistas religiosos. Em sua morte, o mundo a adorou.

Inicialmente, percebi os paralelos com as antigas deusas cananeias do sexo e da fertilidade, Astarte e Aserá. Ela era perfeitamente adequada para o papel: aquela beleza frágil, tingida de tristeza; aquela inocência comovente, com indícios e suposições sugestivos de sexualidade levemente corrupta nas sombras. Sua identificação popular com os pobres e os oprimidos, sua foto com Madre Teresa de Calcutá, sua compaixão pelas pessoas com AIDS, sua campanha contra as minas terrestres que haviam destruído os corpos de tantas crianças, e sua própria vitimização pela desalmada família real e rejeição por seu marido. Ela resumia as aspirações espirituais de uma cultura sexualmente indulgente e, ao mesmo tempo, cheia de incompreensão, perda, mágoa e rejeição.

Durante uma semana em Edimburgo, todos os dias eu observava longas filas de homens, mulheres e crianças carregando ramalhetes de flores, colocando-os em santuários determinados em toda a cidade — silenciosos e chorosos, indizivelmente comovidos pela morte da sua deusa. Durante a semana toda, li as meditações, meditações religiosas, sobre Diana nos jornais diários. Então, certo dia, lembrei-me de que o nome romano de Diana era Diana dos Efésios. Agora, a Diana deusa do sexo, que abasteceu a mitologia e definiu o tom moral para a cidade, estava de volta — a deusa da fertilidade do mundo antigo assumindo as imaginações do mundo moderno.

Não estou sugerindo que o culto a Diana de Éfeso e o culto a Diana que todos nós testemunhamos desde setembro de 1997 têm o mesmo conteúdo, mas o efeito é o mesmo. O culto à Diana de Éfeso era um pastiche de histórias, superstições e sistemas de pensamento endêmicos do antigo oriente que atendia as necessidades religiosas da cidade. (Boa parte dele pode ser incluído, em geral, sob o que, em termos gerais, rotulamos como gnosticismo.) O culto à Diana

recente também é um pastiche de histórias, anseios e relações públicas que atende as necessidades religiosas de um número espantoso de pessoas que são nominalmente cristãs e judias, budistas e muçulmanas. Sua morte trouxe à tona a abrangência da sua influência no mundo todo, os incontáveis milhões que adoraram no santuário de Diana.

Diana evocava o melhor das pessoas — mas o melhor do que elas querem para si mesmas, não do que Deus quer. Ela oferecia "bem" sem moralidade e transcendência sem qualquer Deus além dela mesma. Diana simboliza a nossa religião mundial da atualidade.

Timóteo foi mandado para Éfeso para combater os efeitos da subestrutura religiosa de Diana/Ártemis na cultura. Não temos de saber exatamente com que ele estava lidando — em última análise, ele estava lidando com uma religião que atendia as necessidades das pessoas em seus termos, seus anseios de realização, sua fome de significado, sua sede de beleza e importância, e sua impaciência com um Deus que nada exigisse deles.

Mas o evangelho que Jesus trouxe e que Paulo pregava não trata, antes de tudo, de nós; ele trata de Deus. Ele trata do Deus que nos criou e deseja nos salvar; do Jesus que se entregou por nós e quer que neguemos a nós mesmos e o sigamos aonde quer que ele nos leve, incluindo a cruz; e do Espírito Santo que desce sobre nós para reproduzir a ressurreição em nossas vidas comuns. Nada disso envolve atender as nossas necessidades como as definimos. Nossas necessidades são necessidades de pecado — necessidade de fazermos as coisas à nossa própria maneira, de sermos presunçosos, de estarmos no controle das nossas próprias vidas.

A maravilhosa igreja de Éfeso que havia começado com tanta robustez, com tal senso de vida nova, descobrindo a verdade revelada nas Escrituras e a presença de Deus nas suas vidas pelo Espírito Santo — essa igreja cristocêntrica e criada pelo Espírito Santo estava se dissipando em um caldeirão religioso de

sentimentos exagerados e novas combinações de ideias, grupos de discussão e reuniões segundo interesses.

Você vê quão contemporâneo isso é? Você vê com que facilidade isso pode acontecer? Você vê com que frequência isso acontece? Você vê como é quase inevitável que, se isso não aconteceu na sua congregação, não demorará muito para acontecer? Você vê por que, no momento em que descobriu o que estava acontecendo, Paulo enviou Timóteo para tomar uma providência a esse respeito? Você vê que você poderia receber a mesma incumbência?

A adoração a Diana/Ártemis está no ar: na televisão, nas revistas, nos púlpitos das igrejas e nas salas de aula das escolas; ela domina o marketing, a indústria do entretenimento, os vícios recreativos e as arenas políticas. Os líderes adquirem seguidores evocando em nós anseios não atendidos e, depois, alegando explicitamente ou sugerindo implicitamente que seu programa, automóvel, estilo de vida ou igreja pode nos fazer completos. Religião de Diana. Adoração a Diana.

Quando a Igreja se encontra esmagada pela cultura, o que ela deve fazer? O que Timóteo devia fazer?

O que Timóteo fez

A sabedoria convencional nos diz que, quando o problema é grande, a estratégia precisa ser grande. Temos de pensar em âmbito global; precisamos adquirir uma "visão" adequada às dimensões do problema. Mas não é isso o que acontece aqui. Se procuramos, ficamos desapontados. Timóteo não foi encarregado de refutar ou expor a espiritualidade dianesca de Éfeso. Paulo simplesmente diz a ele para evita-lo. Ele tem peixes maiores para fritar: ele deve ensinar e orar.

A preocupação dominante nas Epístolas Pastorais é com o ensino “saudável” ou “são”. Nessas três cartas, encontramos oito vezes preocupação com a “saúde” do ensino ou das palavras.

Às vezes, “ensino” é traduzido como “doutrina”; assim, ficamos com a impressão de que a ortodoxia está em questão. Mas não é bem assim, pois Timóteo recebe a incumbência de ensinar de uma maneira que leve saúde às pessoas. Em Éfeso, as palavras ficaram doentes; os “falatórios profanos” em Éfeso estão infectando as almas das pessoas com doença. É importante não vermos Timóteo como um defensor da ortodoxia, como alguém que defende a verdade do evangelho. Ele é um mestre responsável por falar de uma maneira que as pessoas voltem a ser saudáveis.

Permita-me uma divagação: se você tem qualquer desejo ou aptidão para ensinar, abrace a vida de pastor. A vocação de pastor é o melhor de todos os contextos para ensinar. Mas trata-se de um tipo particular de ensino, do tipo aqui referido como “sã doutrina”. Frances Young traduz a frase como “ensino saudável” ou “palavras saudáveis”. Oito vezes a palavra é usada para definir o tipo de ensino e fala que estará no centro do trabalho de reformar a igreja de Éfeso.

Elas são aqui apresentadas na tradução Almeida Revista e Atualizada, seguidas por alguns breves comentários e a minha tradução em The Message [A mensagem].

1Timóteo 1.10

A primeira ocorrência da frase “ensino saudável” ou “sã doutrina” está em 1Timóteo 1.10. Timóteo é instruído a “… [permanecer] ainda em Éfeso para

[admoestar] a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina” (1.3). Paulo passa a descrever o que resulta da “outra doutrina”: 14 casos de modos de vida, atos, comportamentos (1.9-10). Pensar incorretamente leva a viver incorretamente. Ele contrasta essa lista de vida má e doente com a “… sã doutrina, segundo o evangelho da glória do Deus bendito, do qual fui encarregado” (1.10-11).

Essa sã doutrina é contrastada com aquelas “que desafiam toda autoridade, espezinhando Deus, a vida, o sexo, a verdade e tudo o mais! Eles desdenham dessa grande mensagem que me foi confiada por esse grande Deus”.

1Timóteo 6.3-4

“Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade, é enfatuado, nada entende…” Palavras são importantes. Palavras e vida são os dois lados da mesma moeda. Quando estas são erradas — doentes —, elas causam doença; eles infectam a alma. Palavras sãs, saudáveis, equivalem a uma vida piedosa.

“Essas são as coisas que eu quero que você ensine e pregue. Se houver ali líderes que ensinem outra coisa, que recusam as palavras sólidas do nosso Mestre Jesus e esta instrução piedosa, marque-os por aquilo que são: tagarelas ignorantes que infectam o ar com germes de inveja, controvérsia, maledicência, rumores suspeitos.”

2Timóteo 1.13

“Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste com fé e com o amor

que está em Cristo Jesus.”

Sãs palavras não são informações sobre Deus, mas um caminho a percorrer por fé e amor. Palavras e vida são partes da mesma coisa, não diferentes reinos de existência.

“Portanto, mantenha na sua obra essa fé e esse amor enraizados em Cristo, exatamente como lhe apresentei. Ela é tão sã quanto no dia em que você a ouviu de mim pela primeira vez. Guarde essa coisa preciosa colocada sob a sua custódia pelo Espírito Santo que opera em nós.”

2Timóteo 4.3

“… haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercarse-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos.”

Obviamente, a sã doutrina não é reconfortante e calmante; não é música de fundo para criar um clima espiritual e manter a sua pressão arterial sob controle. Ela é alimento sólido. Não é algo que soa agradável, mas que é saudável.

“Você descobrirá que haverá momentos em que as pessoas não terão apetite por ensino sólido, mas se encherão de comida ruim espiritual — opiniões cativantes que agradam à fantasia delas…”

(As próximas quatro citações são da Carta a Tito, corroborando o que já foi dado

a Timóteo e estendendo-o em um novo contexto.)

Tito 1.9

“[Ele deve ser] apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem.”

Esse versículo ocorre em uma passagem que define o que é exigido de um presbítero nas igrejas de Creta. Não só os pastores são responsáveis por utilizar as palavras de modo sólido e saudável; todos os líderes precisam ter uma doutrina saudável, para não liderarem na direção errada.

“É importante que um líder de igreja… tenha bom entendimento da mensagem, sabendo como usar a verdade para estimular as pessoas ao conhecimento ou para impedir os seus caminhos se estes se opuserem a ela.”

Tito 1.13

“Tal testemunho é exato. Portanto, repreende-os severamente, para que sejam sadios na fé.”

“Acabe com aquela conversa doentia de faz-de-conta e regras inventadas dos judeus para que eles possam recuperar uma fé robusta.”

Tito 2.1

“Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina.”

“O seu trabalho é falar ousadamente sobre as coisas que constituem uma doutrina sólida.”

Tito 2.2

“Quanto aos homens idosos, que sejam temperantes, respeitáveis, sensatos, sadios na fé, no amor e na constância.”

Esse conjunto de características descreve a vida de uma pessoa, não apenas seus pensamentos ou crenças. Isso é óbvio, mas perde sua obviedade em uma cultura de Diana: o ensino tem a ver com vida, não com coleta de informações.

“Oriente os homens idosos a vidas de temperança, dignidade e sabedoria, em fé saudável, amor e perseverança.”

Esses oito usos da palavra “são”, “sólido”, “saudável”, “fiel” ou “reto” começam a nos fazer entender o que Timóteo está prestes a fazer ao entrar naquela desordem e confusão de Éfeso.

Como diz J. N. D. Kelly, a frase “sãs palavras” ou “sã doutrina” “expressa a convicção [de Paulo] de que uma vida moralmente desordenada é, por assim

dizer, doente e necessita de tratamento… enquanto uma vida baseada no ensinamento do Evangelho é limpa e saudável”.[1]

A palavra grega para “são” é hygiein, da qual provém a nossa palavra higiene. A principal coisa que Timóteo deve fazer em Éfeso para acabar com a desordem é ensinar palavras sãs, verdade sã, pensamento e crença saudáveis. Higiene verbal. Evangelho saudável.

Scientia e Sapientia

Isso é suficiente? Palavras podem fazer diferença, especialmente em uma sociedade que já está saturada delas? Elas não são suficientes se estivermos obcecados por fazer diferença, convencidos de que somos necessários para o empreendimento do evangelho. Palavras não fazem coisa alguma acontecer…

Mas elas importam. O modo como falamos e usamos as palavras importa. Nada que um pastor faz é mais importante do que o modo como ele usa as palavras. Entretanto, atualmente elas são desvalorizadas no ministério da igreja. Nós as marginalizamos em relação a imagens e programas, e as reduzimos a slogans e cartazes. Em vez de usarmos as palavras com cuidado e precisão, nós as amplificamos, pensando que convenceremos por decibéis.

Em seu livro The Cloister Walk [O caminho do claustro], Kathleen Norris conta a história de quando ela ouviu a poetisa Diane Glancy surpreender um grupo de pastores, em sua maioria protestantes. Norris escreve:

Ela começou sua leitura de poesia dizendo que amava o cristianismo porque ele era uma religião sangrenta. As pessoas engasgavam, chocadas; fiquei muito

feliz, pensando: Acerte-os, Diane; acerte-os onde eles vivem. Mais tarde, um homem me disse que a linguagem de Diane o levara a acreditar que ela era algum tipo de fundamentalista, mas essa impressão se desfez quando ela leu um maravilhoso poema sobre anjos falando com ela por meio do carburador de um carro velho enquanto ela dirigia em uma estrada rural à noite. Diane disse ao clérigo que ela gostava da relação entre a religião cristã e as palavras. “A criação passava a existir quando Deus falava”, disse ela, lembrando-nos da crença de Paulo de que “a fé é pelo ouvir” [ARC]. Diane viu esse respeito pelas palavras como ligado não apenas a escrever, mas a viver. “Você constrói um mundo no que você diz”, disse ela. “As palavras — como eu as falo ou escrevo — criam um caminho no qual eu ando.”[2]

Mas nem todas as pessoas usam as palavras dessa maneira. Há um grande abismo em nosso mundo ocidental na maneira como as palavras são usadas. É uma divisão antiga, mas tem piorado século após século. Trata-se da divisão entre palavras que descrevem o mundo e a realidade à maior distância possível, por meio de generalidades e abstrações, e palavras que expressam o mundo e a realidade adentrando-os, participando deles por metáfora e comando. As palavras descritivas podem ser abrangidas pelo termo latino scientia; as palavras expressivas, sob o termo sapientia — ou, em português, ciência e sabedoria. Ciência é a informação armazenada na mente, que pode ser utilizada impessoalmente; sabedoria é a inteligência que vem do coração, que só pode ser vivida pessoalmente em relacionamentos.

É absolutamente crítico discernirmos a distinção entre esses dois modos de conhecimento porque, caso contrário, trataremos os assuntos do evangelho de maneira incorreta e, portanto, lideraremos as pessoas incorretamente. Todo o conhecimento, tanto ciência quanto sabedoria, tem conteúdo, mas, caracteristicamente, a ciência despersonaliza o conhecimento para torná-lo mais exato, preciso, objetivo, administrável. Por outro lado, a sabedoria personaliza o conhecimento para viver com intensidade, fidelidade e saúde. Para a ciência, um item de conhecimento é o mesmo em qualquer lugar ou tempo, para todo tipo de pessoa. Para a sabedoria, um item de conhecimento é personalizado; sincronismo, colocação, adequação à singularidade de uma pessoa são essenciais. “Dois mais dois é igual a quatro” significa exatamente a mesma coisa

para um aluno de pré-escola de 5 anos de idade e para um economista ganhador do prêmio Nobel de 50 anos de idade. “Eu amo você” significa algo diferente sempre que é dito, dependendo de quem diz, o tom em que é dito, as circunstâncias do comunicado e a pessoa a quem a declaração é dirigida.

“Dois mais dois é igual a quatro” é ciência — fato genérico. “Eu amo você” é sabedoria — verdade vivida.

As “sãs palavras” sobre as quais Paulo escreve são todas sapientia, palavras vividas de sabedoria. Aquilo em que os efésios estavam engajados era scientia, “falatórios profanos”. Essa é uma distinção importante a ser feita, porque, desde a infância, somos ensinados na escola a falar com scientia, mas não com sapientia.

Eu insisto um pouco nisso porque nós, pastores, nos colocando sob a orientação das cartas pastorais, ouvimos repetidas vezes falar sobre a importância do ensino e que nós somos os mestres. Frances Young destaca essa forte ênfase aqui:

Didaskalia, a palavra grega para “ensinar”, ocorre quinze vezes nessas três pequenas cartas, contra seis em todo o restante do NT. O imperativo de os líderes (funcionários) da igreja serem didaktikoi, “aptos a ensinar”, aparece duas vezes e em nenhum outro texto do NT. Também singularmente, Paulo é descrito duas vezes como um didaskalos, ou “mestre”, juntamente com os apóstolos habituais. O substantivo didache e o verbo didasko, tanto na forma simples quanto na composta, pontuam o texto, mas sua frequência em outras partes do NT torna seu uso menos dramático e impressionante. Outras palavras associadas a aconselhamento, exortação, direção, comando, etc. permeiam as cartas.[3]

Ensinar está no centro da obra da liderança na comunidade cristã. Cada parte do evangelho deve ser vivida; por isso, precisamos continuar a ensinar. Mas, que

tipo de ensino? Ensino de sabedoria, não ensino de ciência; ensinar as pessoas a viver, não ensinar as pessoas a ser aprovadas nos exames.

O ensino ocorre em duas instituições paralelas: escolas e igrejas. As escolas se dedicam primariamente à aquisição de informações que podemos usar de modo impessoal e objetivo. As igrejas se dedicam primariamente a, primeiro, compreender e, depois, internalizar a revelação de Deus, para que possamos viver em obediência e amor, em adoração e oração. Infelizmente, vivemos num tempo em que as igrejas assumiram o ethos da escola em relação a ensino e aprendizagem. Mas, quando fazemos isso, abandonamos o nosso trabalho adequado. Se pensamos que atulhando as cabeças das pessoas com informações teológicas, éticas ou bíblicas as estamos ajudando a viver melhor para a glória de Deus, estamos redondamente enganados. Obter a informação correta é a parte menor do currículo da sabedoria. Viver correta e robustamente com fé, esperança e amor é o propósito das nossas vidas. E isso significa, é claro, que todas as nossas palavras precisam ser palavras vividas. O que dizemos e o modo como vivemos são partes da mesma gramática. Nós ensinamos tanto em silêncio quanto falando. Ensinamos tão eficazmente orando quanto dando aula.

Agora, quero dizer algo mais diretamente e pessoal a vocês que são pastores. Se você quer ser um mestre, saiba que ser pastor em uma igreja oferece as melhores condições possíveis para esse tipo de trabalho. E ser professor em uma escola talvez seja o pior lugar para estar.

Eu digo dessa maneira porque, com bastante frequência, converso com pastores que me dizem sentir que gostariam de, nas palavras deles, “envolver-se com ensinar”. O que eles querem dizer com isso é fazer uma pós-graduação e conseguir um cargo de professor em uma escola. Eu quero ter cuidado com isso, porque ser professor em uma escola é honroso e pode ser um trabalho que honra Cristo. Professores são essenciais à comunidade humana. O trabalho de pesquisa, separar o erro da verdade, esclarecer as coisas, treinar mentes para pensar com precisão — tudo isso é muitíssimo importante. Mas isso também ocorre em condições que tratam o conhecimento como informação, como algo a

ser usado. Se você quiser ensinar sabedoria, estará constantemente contra a corrente. As organizações educacionais e as burocracias não têm interesse em saber como você vive ou, sequer, se você vive. As preocupações éticas primárias de uma escola têm a ver com não roubar livros da biblioteca, não colar nas provas e não plagiar nos trabalhos.

Ao dizer isso, não estou depreciando as escolas. Afinal de contas, sou professor no Regent College e amo o que essa escola faz. Dadas as condições dos nossos tempos, as escolas são necessárias. Mas também preciso dizer-lhe que eu era muito melhor professor como pastor em uma congregação do que como professor em uma escola. Praticamente tudo que ensinei no Regent eu ensinei primeiramente, e provavelmente melhor, à minha congregação.

Ao me preparar para um recente curso de verão na escola, eu estava folheando uma pasta de notas acumuladas e percebi que o ministrei primeiro em 1968 a uma classe de adultos composta por três mulheres: Jennifer, uma viúva de uns 60 anos de idade com ensino fundamental completo, cujas ocupações primárias eram cuidar de uma ninhada de galinhas e de um cabrito do qual ela gostava muito, e assistir as novelas da televisão; Penny, cerca de 55 anos, esposa de militar que tratava seu marido aposentado e seu filho e filha adolescentes como itens de mobiliário em sua casa antisséptica, limpando-os e colocando-os em posições que os exibissem para o melhor proveito dela e, então, ficar chateada quando eles não ficavam onde ela os colocava — como você pode imaginar, ela vivia em perpétuo estado de desconforto; e Brenda, casada, mãe de dois filhos adolescentes, uma hipocondríaca tímida, acanhada e introvertida que lia seus diagnósticos e prescrições frequentemente atualizados de aproximadamente uma dúzia de médicos como se fossem horóscopos — as escrituras segundo as quais ela vivia (ironicamente, das três, foi ela quem viveu durante mais tempo).

Analisando retrospectivamente, eu não poderia ter escolhido um corpo discente mais ideal para o meu ensino. Enquanto ministrava meu curso para principiantes em formação espiritual, usando Efésios como texto, logo aprendi a diferença entre informação e sabedoria, e que sabedoria era tudo que importava àquelas

três mulheres. Foi um trabalho lento, mas as palavras do evangelho contêm poder. Aquelas mulheres aprenderam com suas vidas. Agora, as três estão mortas. Às vezes imagino se elas se divertem ao me verem ministrando esse curso, no qual elas eram alunas não pagantes, a estudantes brilhantes e talentosos de todo o mundo, que pagam caro para estar na classe. Elas pagavam colocando um ou dois dólares na oferta de domingo.

Em uma sentença, toda sabedoria é adquirida relacionalmente, no contexto de família e amigos, trabalho e vizinhança, nas condições de pecado e perdão, dentro das histórias complexas que o Espírito Santo tem escrito e continua a escrever sobre as nossas vidas.

Paulo diz a Timóteo: "… permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste…" (2Tm 3.14). De quem — essa é a única maneira de obter sabedoria — de quem — uma pessoa. Assim, que lugar pode ser melhor para ensinar indivíduos pessoalmente do que uma congregação, onde você tem acesso a tudo que compõe as personalidades deles — suas famílias, seu trabalho, o clima, seu bairro, seus pecados, suas histórias — ao longo de vários anos, às vezes décadas. Em uma escola, você as tem durante um curto tempo, num cenário que exclui a maior parte do que os torna quem eles são, sua singularidade, suas vidas multifacetadas. Em uma igreja, você os tem no cenário em que a principal ocupação deles é viver quase totalmente imersos.

Não consigo pensar em um lugar melhor ou mais importante para ser um professor, um mestre de sabedoria, que é o único tipo de ensino em que estou interessado, do que uma igreja. Timóteo em Éfeso. Você na sua congregação.

Como disse Paulo: "Expondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido" (1Tm 4.6).

A verdade importa: simples, clara, vivida.

Capítulo 7

O chamado para ser formado e transformado pelo Espírito do Cristo ressurreto

MARVA J. DAWN

Lembremo-nos de que somos uma comunidade. O Senhor esteja com vocês [E com você também].

Oremos: bendito és tu, ó Senhor, o Cristo, nosso ressuscitado e ascendido Libertador. Nós celebramos que tu te assentas à direita do Pai, intercedendo por nós. Nós celebramos que tu voltaste ao Pai para que pudesses enviar o teu Espírito a nós. Nós celebramos que tu estás presente conosco agora, onde quer que estejamos. Nós te agradecemos especialmente porque, na tua ascensão, tu és capaz de nos formar continuamente, pois tu reclamaste a tua autoridade e condição de Deus e, assim, operas nas nossas vidas por meio da tua presença ressurreta e pelo poder do teu Espírito. Guia-nos enquanto pensamos sobre a nossa formação. Entretece os corações do teu povo para que possamos ser formados para ser o tipo de comunidade que tu criaste e chamaste para ser o teu Corpo. Encoraja-nos, uns por meio dos outros. E deixa a tua Palavra nos transformar como tu prometeste, pois nós cremos que ela não voltará vazia, mas fará cumprir os propósitos para os quais tu a enviaste. Amém.

Dia da Ascensão e anelo pastoral

A palestra em que este capítulo se baseia foi ministrada no Dia da Ascensão. Quando eu era criança, a congregação a que eu pertencia sempre comemorava o Dia da Ascensão com um culto especial de adoração. Antes de continuar com o nosso estudo de Efésios (e, de fato, como uma introdução ao tema deste capítulo), permita-me incluir comentários feitos no Regent College para exortar os participantes da conferência a restaurarem o Dia da Ascensão como um dos principais dias santos da igreja. Faço isso porque nunca vi um apelo impresso ao reconhecimento da importância desse dia.

Vamos começar caprichosamente. O Dia da Ascensão é o feriado eclesiástico perfeito porque o mundo não pode roubá-lo. A cultura à nossa volta arruinou com o Natal e a Páscoa. Claramente, o mundo tinha o Natal como seu festival da restauração do sol antes de os primeiros cristãos o usarem para disfarçar a sua celebração do nascimento de Cristo. (Em seguida, a Igreja sabiamente o colocou no dia 24 de junho, quando a quantidade de luz solar estava diminuindo — o Dia de João Batista, em conformidade com as suas palavras em João 3.30: “Convém que ele cresça e que eu diminua”.) Mas, agora, o mundo o roubou de volta para os seus propósitos consumistas e se apoderou da Páscoa para a mesma idolatria. Na minha adolescência, eu tocava clarinete na banda do colégio para o desfile de Natal da cidade em que Papai Noel chegava voando de helicóptero. Mais tarde, ouvi dizer que eles fizeram o mesmo com o coelho para a Páscoa. Mas o mundo não tem a mínima ideia de o que fazer com alguém que vai embora voando!

Sério, por que deveríamos celebrar o Dia da Ascensão? A maioria das razões é sugerida pela oração do início deste capítulo, mas estabeleçamos um retrato completo de vários dos graciosos benefícios e das magníficas consequências da ascensão de Cristo. Um presente da maior obviedade é que, caso contrário, se Jesus não tivesse ascendido, todos nós teríamos de ir à Galileia encontrá-lo. Por ter voltado ao Pai, ele é onipresente. Ele pode ser encontrado por todos nós, em toda parte.1 Ele está presente com você agora, enquanto você lê.

Filipenses 2 nos introduz a outras dimensões, conforme segue:

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.

Filipenses 2.5-11

Paulo usa (ou cria?) nesse texto o hino cristão primitivo da kenosis ou "esvaziamento" de Jesus. O nome grego da doutrina vem do verbo no tempo passado ekenosen, que significa "remover ou eliminar completamente os elementos de alto status ou posição por eliminação de todos os privilégios e prerrogativas associados a esse status ou posição — 'esvaziar-se, despojar-se de posição'" (SD 87.70). O hino mostra quão completamente Jesus se fez nada por desistência dos seus poderes de Deus para assumir a forma (morphe) de um servo, embora estivesse na morphe de Deus. Como o homem, Jesus não afirmou a sua divindade, deixando-a totalmente de lado — por exemplo, em nem sequer saber quando seria o fim dos tempos. Somente na absoluta humildade de toda a sua natureza ele poderia realmente morrer por nós.

Então, a segunda glória da ascensão de Cristo é que, por ela, Deus afirmou a total obediência de Cristo e a conclusão da sua obra terrena/humana por nós. Na ascensão, Jesus reassumiu a plenitude de ser Deus, da sua autodivindade; foi o fim da kenosis, a autolimitação autoimposta. Várias passagens da Carta aos Hebreus acentuam que Cristo realizou a sua obra, como demonstrado por assentar-se à direita de Deus. Por exemplo, Hebreus 1.3 declara: "[O Filho] é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas" (Veja também Hb 10.12 e 12.2).

O hino de Filipenses também aponta para outro presente da ascensão: Jesus recebeu o nome — Jesus, o Cristo/Messias, Senhor — ao qual todo joelho se dobrará. Outros textos do Novo Testamento expandem essa noção para especificar que todos os poderes se tornaram sujeitos a ele. A passagem mais clara é 1Pedro 3.22 — Deus nos salva pela ressurreição de Jesus Cristo, "o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes". A ressurreição de Jesus assinalou a derrota final do último inimigo, a morte (1Co 15), do mesmo modo que a sua exaltação à direita de Deus indica o seu domínio sobre todos os outros poderes (veja também Lc 22.69, a visão de Estêvão em At 7.55-56, Cl 3.1 e 1Co 15.25-27). O nosso objeto de estudo, Efésios, enfatiza esse resultado da ascensão em 1.22: "E [Deus] pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja". É dessa posição de poder que Jesus virá novamente. Talvez a maior alegria da ascensão seja a sua promessa de que, em breve, Cristo virá para reinar eternamente, para acabar com toda tristeza e dor, para nos levar para estar com ele. O próprio Jesus profetizou o seu retorno diante do sumo sacerdote nos textos paralelos de Mateus 26.64 e Marcos 14.62. De semelhante modo, o anjo prometeu a sua volta aos discípulos que o viram ascender em Atos 1.11.

Enquanto isso, nessa posição de poder e relacionamento com o Pai, Cristo permanece para interceder por nós. Romanos 8.34 enfatiza: "Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós". De semelhante modo, Hebreus 8.1-2 menciona a presente obra de Cristo desde a ascensão como a do sumo sacerdote: "… o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem".

O próprio Jesus nos deu ainda outro motivo para a ascensão quando ele disse aos discípulos que, se ele não fosse embora, o Espírito Santo não seria enviado a eles (Jo 16.5-15). Pedro proclama esse motivo no dia de Pentecostes, ao pregar em Atos 2.33: "Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis".

Além disso, o resultado desse derramamento do Espírito foi todas as dádivas de Deus para a Igreja. Isso está especificamente ligado à ascensão em Efésios 4:

> … a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo.
>
> Por isso, diz:
>
> Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro [SD 55.24], e concedeu dons aos homens.
>
> Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido às regiões inferiores da terra?
>
> Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas. E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo…
>
> Efésios 4.7-13

Essa concessão de tais líderes à Igreja para que todos os santos possam fazer a

sua obra ministerial e edificar o Corpo de Cristo, a fim de que possamos juntos ser unificados em fé e conhecimento, para que possamos todos juntos alcançar a maturidade e, como um Corpo, nos equipararmos ao nosso Cabeça — essa concessão emerge em outra consequência surpreendente, de que a Igreja deve fazer obras ainda maiores do que as de Cristo. Como Jesus predisse em João 14.12: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai”. Podemos sequer imaginar um resultado tão impressionante da ascensão? Além disso, as obras que são possíveis agora em nome de Jesus são ainda maiores, porque o seu Corpo tem múltiplas manifestações. Ele não se limita ao corpo físico único de Jesus de Nazaré, mas inclui todos os cristãos ao longo do tempo e do espaço. Agora, tente imaginar as incríveis possibilidades!

Todos esses motivos da importância da ascensão são sublinhados em Lucas-Atos. No anúncio em Lucas 9.51, de que Jesus “… manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém”, devemos perceber algo importante. Lucas não escreve que Jesus fez isso quando era chegado o tempo de ele morrer ou de ser ressuscitado dentre os mortos. Em vez disso, explica Lucas, “… ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu, manifestou, no semblante…”. Após esse dramático momento decisivo de todo o registro do Evangelho, Lucas usa o verbo poreuomai, “ir”, num constante refrão. Jesus manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir… ir… ir… para sua morte, sua ressurreição e, depois, sua ascensão. O Evangelho de Lucas termina com a ascensão (24.50-52).

Depois, o livro de Atos começa com a ascensão (1.1-11), demonstrando a grande importância desse evento para a narrativa de Lucas. Após registrar a ascensão e o derramamento do Espírito no dia de Pentecostes, Lucas volta ao seu refrão e continua a poreuomai… poreuomai… poreuomai… com Pedro e Paulo indo, indo… difundir o cristianismo em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra.

O ir, ir, ir começou com Jesus usando seu semblante como um desencadeador de

toda a obra de sacrifício que ele faria, a qual culminou com a ascensão. Em seguida, essa mesma ascensão é o início da comissão aos apóstolos para irem, irem, irem até os confins da terra com a mensagem de Jesus.2 Assim, a ascensão de Cristo é um ponto de inflexão para Lucas — a virada em que Jesus recupera a sua plena autoridade como Deus e, em seguida, a transmite ao seu povo o que ele viera fazendo, para que nós, a Igreja, como seu Corpo, possamos fazer, pelo poder do Espírito Santo, as obras maiores que ele prometeu.

Talvez você possa querer se juntar a mim na campanha por uma celebração do Dia da Ascensão na sua congregação no próximo ano. Ela oferece vários aspectos importantes da nossa linguagem cristã que foram perdidos. A Ascensão é um símbolo profundo que as pessoas não mais entendem, porque o discutimos muito raramente. Nas nossas mentes, ela deve estar conectada a Jesus ensinando os discípulos sobre o reino de Deus durante os quarenta dias entre a Páscoa e o seu regresso ao Pai. Assim, o dia festivo cria em nós um desejo de conclusão daquele reino.

Períodos de ansiar, cumprir e proclamar

Em uma conferência sobre Rede de Ministério Interino, alguns anos atrás, Chuck Olsen sugeriu que a vida cristã tem um ritmo de expectativa ou anseio, celebração de um elevado nível de realização, e proclamação ou prática.3 Após seu discurso, no qual ele elencou vários exemplos, encontrei-me preenchendo todo o calendário dos períodos cristãos e fiquei encantada ao ver a grande utilidade da noção dele para a compreensão do ano eclesiástico completo.

No início do ano eclesiástico, observamos um período de inquietação no Advento ao imaginar o anseio dos judeus pelo seu Messias, assim como temos fome de que Jesus entre mais profundamente em nossas próprias vidas e sede da sua volta. A celebração culminante é o Natal, é claro; em seguida, a proclamação, a saída para entrar na vida, é observada no período da Epifania, a observância da vinda dos Magos pela luz de Deus e a subsequente propagação

da sua graça aos gentios por todas as maneiras pelas quais Jesus é a Luz do mundo.

Após o período da Epifania, voltamos ao anseio com a Quaresma. Necessitamos desse período de anseio, de meditação sobre tudo que Cristo fez por nós, para que não banalizemos o enorme dom da Páscoa. Após a celebração festiva da Páscoa, a proclamação ou prática acontece no período dos quarenta dias, tempo durante o qual Jesus ensinou aos discípulos o sentido da sua ressurreição e da sua promessa de realização na recapitulação final do reino cósmico de Deus.

A Ascensão é, novamente, um período de anseio, por colocar os discípulos — e nós — nos dez dias de espera pelo derramamento do Espírito Santo e pela volta de Cristo. Nós celebramos a grande festividade de Pentecostes, após o qual todo o período de "tempo comum" (anteriormente denominado período da Trindade, mas agora comumente denominado "os domingos após o Pentecostes") é uma prática da presença de Cristo pelo poder do Espírito.

As três grandes festividades são realmente trinitárias, embora a maioria das pessoas pudesse pensar que há duas celebrações de Cristo. Parece-me que seríamos capazes de evitar a sentimentalização excessivamente romântica do Natal se nos lembrássemos de que ele é mais plenamente uma festividade do Pai, aquele que nos deu o incomensurável dom do seu Filho. O Natal não é um bebê bonitinho em um estábulo aconchegante, mas a dura realidade de que Deus, o Criador de todo o universo, se dignou a nos dar o seu Filho na forma de uma criatura encarnada. Imagine se um sapateiro se tornasse um sapato! As outras duas festividades são, obviamente, a do Filho na Páscoa e a do Espírito Santo no Pentecostes.4

Além disso, pensar no Natal como o presente do Pai não só nos ajuda a evitar o sentimentalismo pegajoso do período, mas também nos permite vincular mais completamente o Pai ao sacrifício do Filho e, assim, fugir das ideias de "opressão patriarcal" sobre a expiação a que os teólogos frequentemente não

trinitários reduzem a morte de Cristo na cruz. Conhecer a imensidão do sacrifício do Pai no seu presente de Natal, o seu Filho, nos permite vislumbrar mais plenamente como tudo de Deus sofreu na cruz.

Alguém poderia imaginar por que importa pensar sobre isso. É simplesmente o meu objetivo ajudar as nossas igrejas a ser mais trinitárias. Compreender o Natal como festividade do Pai nos permite também pensar mais minuciosamente sobre a primeira pessoa da Trindade e a reconhecer o seu presente o seu Filho, ao mundo, como o cumprimento do seu plano cósmico de restaurar toda a sua criação.

O processo de três etapas de espera/ anseio, festividade/ celebração e proclamação/ envio dá estrutura às nossas vidas cristãs e aos anos congregacionais. Além disso, ele nos ajuda a impedir os poderes da sociedade de destruírem os nossos dias santos, porque esses tempos de espera não nos deixam banalizar os grandes presentes das festividades de Natal, Páscoa e Pentecostes.

A maioria das pessoas da nossa cultura, por exemplo, fica decepcionada no Natal porque vem saudando-o desde setembro (ou sempre que as decorações e as propagandas chegam às lojas, ao rádio e à televisão). Se, porém, observamos o Advento, nunca ficamos desiludidos, porque o Messias por quem ansiamos vem, de fato, a nós!

Quando eu era criança, não eram os presentes o que esperávamos com grande entusiasmo, mas os cultos de adoração em que cantávamos exuberantemente todas as alegres canções e poemas melódicos, toda a música nova que meu pai escrevera durante o Advento. Naqueles períodos de adoração, saudávamos com grande alegria a chegada do Menino Jesus. Em casa, nosso anseio era acentuado pela nossa guirlanda do Advento, que tinha uma vela para cada dia de todo o período. Nós, as crianças, mal podíamos esperar pela véspera de Natal, quando todas as velas, especialmente as do Natal, estariam finalmente acesas de uma só vez para comemorar a chegada do Menino Jesus, a Luz do mundo, à nossa casa.

Quando olho à minha volta em nossa cultura, vejo muitas pessoas — se não a maioria! — decepcionadas no Natal. As crianças não ganham todos os presentes que queriam, ou seus brinquedos quebram cedo demais ou não coincidem com o que os anúncios prometiam. Os adultos estão deprimidos porque estão solitários; porque, independentemente de quanto se empenhem, não podem recuperar a magia da infância; porque se afundaram em dívidas na tentativa de fazer o período ser "muito especial" e só sabem fazer isso com coisas materiais; porque se perguntam "É só isso?". Você não pode deixar de ficar desiludido porque o Papai Noel não vem à sua casa. Mas, se aquele por quem você anseia é o Menino Cristo, você nun ca se decepcionará, pois ele sempre vem!

É por isso que eu quero recuperar também o anseio de Dia da Ascensão e o seu período de dez dias. Ele fornece uma lição crucial em esperar pela capacitação, sabedoria e dons do Espírito. Por exemplo, eu anseio que Deus me dê o tipo de sabedoria pastoral que vejo em Eugene. Anseio ser mais fiel ao chamado que Deus me deu. Anseio ensinar com palavras sãs. Advento, Quaresma, Ascensão — todos eles aguçam meu apetite pela presença de Deus.

A Ascensão é a estação primária para aguçar o apetite pastoral. Em sua culminante festividade de Pentecostes, o Espírito é derramado para nos ungir com dons, nos autorizar com a Palavra e nos enviar pelo bem do povo de Deus e pelo bem do mundo.

Formação

No capítulo anterior, Eugene já estabeleceu magnificamente o panorama da igreja de Éfeso e observou a sua maturidade; por isso, não preciso falar novamente sobre esse fundamento. Todavia, quero acrescentar que sempre amei a Carta aos Efésios porque a sua profunda visão transmite muito claramente o amor sincero de Paulo pelos membros da Igreja em Éfeso e a sua urgente paixão

pelo que significa ser a comunidade do Corpo de Cristo. Assim, ela alimenta com formação bíblica a minha própria paixão pela Igreja.

Sem dúvida, alguns dos leitores deste livro não pensam que Paulo escreveu a Carta aos Efésios. Lembre-se de que, se considerarmos esses textos com uma abordagem canônica, podemos ultrapassar o debate liberal/conservador sobre a autoria, considerando em vez disso o que se ganha por pensar sobre o texto tal como ele foi transmitido pela Igreja. Especialmente para o tema deste capítulo ele será útil, porque, se lermos a Carta aos Efésios como uma canção de amor do Paulo pastoral, que passou três anos em profunda vida comunitária com os membros do Corpo de Cristo em Éfeso, perceberemos importantes conotações de comprometimento e entendimento, bem como conotações de crítica e afirmação bem informadas. O mais importante é que ouvimos uma melodia urgente enquanto Paulo leva os seus leitores ao mistério ao convidá-los para ver como seria realmente quando uma igreja é verdadeiramente Igreja.

Uma das correntes mais evidentes ao longo de Efésios que inspiram o nosso foco neste capítulo é a da formação. Entretanto, duas dificuldades precisam ser reconhecidas antes de nos voltarmos a esse tema. A primeira é ser problemático falar sobre o tema da formação, uma vez que não somos capazes de formar a nós mesmos. Precisamos estar sempre vigilantes contra o pensamento de que podemos nos edificar na fé e na vida de fé, ou que nós, servos pastorais, somos “necessários” à formação de membros da congregação.

A segunda é que toda a moldagem da vida espiritual e do caráter de um servo ocorre em meio a toda a comunidade cristã ao longo do espaço e do tempo. Corretamente, portanto, este capítulo deveria seguir o capítulo 9, no qual discutimos a construção da comunidade. No entanto, em razão de nossa cultura ser basicamente narcisista, atenderá aos nossos hábitos pensar primeiro em nós mesmos e em quem estamos nos tornando, o que inevitavelmente nos levará a necessitar da discussão da comunidade, pois este capítulo nos incitará a discernir mais profundamente que não conseguimos viver sem a comunidade cristã que nos rodeia.

Se folheássemos Efésios para examinar todas as passagens que lidam com a formação, ficaríamos surpresos com a sua extensão. A segunda metade de Efésios 1, após a doxologia que estudamos no capítulo 3, é a oração de Paulo pelos santos de Éfeso e inclui, após sua ação de graças pela fé e o amor deles, sua petição de que a sabedoria de Deus e a sua a revelação os formassem. Aqui, o que é indispensavelmente importante para nós é notar como a maior parte da oração é referente a Deus.

Em nossos tempos humanamente centrados (antropocêntricos), é urgente vermos quão extensamente a oração de Paulo cita Deus. Se prestarmos atenção em Deus, obteremos a sua sabedoria, receberemos a sua revelação e seremos formados para ser mais semelhantes a ele. A graça da Trindade (lembre-se do capítulo 3) é sempre quintessencial.

Uma das falhas mais graves das igrejas da atualidade é que, com muita frequência, a pregação se tornou terapêutica em vez de proclamatória. O objetivo dos sermões não é dizer aos ouvintes como se elevarem pelos seus próprios meios; nós não os aconselhamos sobre como corrigir as suas vidas e ajustar as suas atitudes. Em vez disso, pregamos para pintar uma visão tão bonita e atraente do reino de Deus que permitimos aos ouvintes habitá-la.5

Não penso que seja possível superestimar esse argumento. Provavelmente, muitos de vocês que estão lendo este livro não precisam dessa admoestação para pregar sobre Deus, mas, certamente, muitos dos seus irmãos e irmãs que participam do ministério precisam. Aonde quer que eu vá como palestrante convidada, em todas as linhas denominacionais, ouço sermões sobre nós, em vez de sobre Deus.

Isso tem sido especialmente frustrante para mim nos últimos períodos de Quaresma. Por exemplo, certa vez, um estagiário de seminário ministrou um

sermão infantil sobre enterrar as “Aleluias” durante a Quaresma. Ele havia escrito a palavra Aleluia em um pedaço de papel e levou as crianças para fora para cavarem um pequeno buraco e o enterrarem até a Páscoa. Entretanto, ele nunca disse às crianças por que não cantamos uma palavra tão resplandecente durante essa época do ano. Nunca fomos convidados à tristeza do período, o grande sofrimento pelo qual Jesus, a quem amamos tão ardentemente, é amargamente traído, terrivelmente abandonado, rancorosamente açoitado, impiedosamente ridicularizado, cruelmente crucificado — espancado, ferido por Deus e oprimido, subjugado por tristeza e vergonha.

Frequentemente, nas últimas Quaresmas, tenho ouvido sermões sobre o nosso caminhar, a nossa cura, as nossas tentações — sem uma palavra sobre a maneira como Jesus caminhou, como ele curou os outros, mas não salvou a si mesmo, e sua vitória sobre as tentações em nosso lugar. Em contraste, no fim de semana passado, meu marido e eu fomos à Trinity Episcopal Cathedral, em Portland, para ouvir a Paixão Segundo Mateus, de J. S. Bach, conduzida por Eric Milnes. Bach estabeleceu fielmente o texto do Evangelho nas suas partes narrativas e, a seguir, as solistas, coral e a toda a assembleia designou árias, coros e corais congregacionais em resposta às Escrituras. Embora nossas emoções sejam reconhecidas e solenizadas, o foco está predominantemente em Jesus, na imensidão dos seus sofrimentos por nós e na incrível maravilha de tudo isso.

Por exemplo, considere o coral número 46, que na época de Bach teria sido cantado pela congregação. Esta é a letra em alemão:

Wie wunderbarlich ist doch diese Strafe

Der gute Hirte leidet für die Schafe,

Die Schuld bezahlt der Herre, der Gerechte,

Für seine Knechte.

Esta é a minha tradução aproximada (que não segue o ritmo da música ou a rima):

Quão extraordinário é, de fato, esse castigo!

O bom Pastor sofre pelas ovelhas;

O Senhor, o Justo, liquida a dívida

Pelos seus servos.

Estou escrevendo isso na Semana Santa e, várias vezes, encontrei-me em lágrimas ao ouvir novamente a Paixão de Bach no meu estúdio — pois sua música fiel me traz uma visão e a presença do Servo Sofredor. Posso ouvir a imensidão do amor de Cristo por mim, a extensão do amor pelo seu povo, “até o fim”. Assim, sou persuadida a responder com amor a um Amante que se humilharia a tal ponto, a tal morte, pelo bem dos amados indignos!

O que nos forma é a revelação de Deus.

Além disso, na nossa cultura, muitas pessoas nada sabem sobre Deus. Nunca

terminaríamos de dizer a todas elas tudo que a Trindade fez, faz e fará, foi, é e será para nós.

Certamente, não estou defendendo uma proclamação desconectada da vida diária das pessoas. Não estamos falando de Deus abstratamente; ainda assim, o foco permanece em Deus e não em nós.6

Não mudaremos as pessoas dizendo-lhes que elas têm de mudar. Eu sei isso por experiência própria, em razão de minhas deficiências físicas, que frequentemente me fazem ficar muito desanimada. Pessoas já me disseram: “Marva, você não deve ficar deprimida — afinal de contas, você é professora de Bíblia”. É claro que esse tipo de comentário me deixa mais desanimada. Então, quando estou mais deprimida, sinto-me tão culpada por estar deprimida que fico mais derrotada e mais desesperada, o que me faz sentir ainda mais culpa. Forma-se um ciclo vicioso.

Quando as pessoas estão nas profundezas do desespero, Jesus não lhes diz: “Você tem de sair desse poço” ou “Aqui estão dez passos fáceis para sair de poços”.

Em vez disso, o que ele faz é saltar para dentro do poço conosco.

O nosso ministério aos outros é sempre mostrar-lhes Jesus — que ele foi até as profundezas do abismo em nosso lugar, que ele está no poço conosco agora. A Quaresma nos mostra quão profundo era o túmulo de pecado em que fomos sepultados, para que nunca presumamos que poderíamos encontrar vida por nossos próprios esforços. Ao mesmo tempo, a Quaresma nos convida a sentar junto ao túmulo de Jesus e saber a verdade de por que ele está lá — pelo nosso lado e pelo lado de Deus.

Em seguida, oh! A alegria da Páscoa — essa selvagem, efervescente e ardente alegria! Essa vitória inconcebível, esse triunfo sem precedentes, essa monumental boa notícia! Uma vez que todo domingo é uma lembrança da Páscoa, como não podemos pregar sermões que proclamem o evangelho, essa verdade da ressurreição de que já não vivemos nós, mas Cristo vive em nós? Esse é o tema da primeira parte de Efésios 2.

Quão desesperados — e quão libertos — somos

… estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, [que é] o espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos [nossos] pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também [eram] os demais.

Efésios 2.1-3

Anotei propositalmente esse texto para mostrar como o início de Efésios 2 forma camadas sobrepostas, com imagem após imagem, num retrato penetrante de quão desesperadamente necessitamos de ressurreição e nova formação. Os três primeiros versículos mostram minuciosamente que não somos meramente maus por causa do pecado. Em nosso pecado, somos mortos! Um grande problema das igrejas na atualidade é os membros não saberem quão mortos estão.

Nós, seres humanos, temos grande aversão por chamar o pecado de PECADO. Queremos usar eufemismos como “fraqueza”, que fazem as pessoas se sentirem confortáveis porque parece não ser culpa delas. Alguma outra coisa lhes fez

estarem “fracas”.

Ora, é verdade que muitas forças externas nos enfraquecem, mas, se nunca assumirmos a responsabilidade por nosso próprio egocentrismo, falhas, erros e males mais gritantes — em outras palavras, se nunca reconhecermos que somos pecadores — nunca poderemos ser perdoados. Esse é, de fato, um problema real na América do Norte: muitas pessoas carregam uma pilha de culpa que nunca poderá ser removida e da qual elas jamais poderão ser libertas porque tentaram transformá-la em um travesseiro usando eufemismos.

É por isso que somos tão revigorados quando admitimos, como fez o apóstolo Paulo, que não conseguimos fazer o que queremos e continuamos a fazer o que não queremos (Rm 7.15-20). Nossas igrejas nos ensinam diversas maneiras de confessar, nossas diversas denominações nos treinam em diferentes práticas, mas, na verdade, a anunciação do perdão é o maior presente que a Igreja oferece ao mundo. Eu devoro avidamente aquelas palavras de perdão nas manhãs de domingo. Eu preciso da absolvição que o pastor proclama, porque não consigo perdoar a mim mesma. Você consegue?

Não conseguimos perdoar a nós mesmos porque sempre nos safamos. Nós voltamos e nos afundamos nos nossos desesperos, ou nos desculpamos com excessiva facilidade, ou impomos uma penitência a nós mesmos e tentamos ganhar o perdão, ou presumimos ser excessivamente indignos para ser perdoados.

Por isso é uma alegria tão grande, na adoração, sermos capazes de confessar nossos pecados e pecaminosidade, ouvir o perdão e prová-lo na Ceia do Senhor. O perdão é um fato, um presente, que necessita ser proclamado, gritado aos quatro ventos, anunciado e declarado suavemente aos nossos próximos sobrecarregados. Quando sabemos quão mortos estamos, compreendemos também quão desesperados estamos por perdão.

Perceba como esse amortecimento é triplicado no vasto trio diabo, mundo e nossa carne, de Martinho Lutero. Como vimos no capítulo 5, falar sobre os principados e potestades não deixa as pessoas se eximirem da sua responsabilidade. O triunvirato de Lutero não nos exclui. Cada um dos três contribui para o erro e a sujeira. O diabo e todos os seus servos demônios e anjos maus (como quer que você os entenda); o mundo, com suas tentações infestadas de poder e movidas por principados; e eu, com meu orgulho, pânico, medos e fraquezas — tudo isso ajuda a causar a imundície que há no mundo. Certamente, estar sob todos os três é uma escravidão da qual não conseguimos nos libertar, um amortecimento totalmente sepultador. Como todas as pessoas do mundo, nada merecemos além da ira de Deus.

Essa total escravidão à morte é o motivo pelo qual Efésios 2.4-5 oferece um dos mais belos contrastes de toda a Escritura: “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo…” A seguir, a introdução — “mas Deus!” — ganha força, levando à passagem libertadora dos versículos 4-9. Ao ler esses versículos, observe sua ênfase abrangente sobre presentes, riquezas, misericórdia, prodigalidade, Deus derramando sobre nós exatamente a graça de que necessitamos.

Maravilhosa graça

Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça viestes a ser salvos e permaneceis salvos — e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.

Efésios 2.4-9

Esses versículos engendram liberdade total, vida liberta. Os verbos gregos presentes nas frases dos versículos 5 e 8, traduzidos como “pela graça sois salvos”, são ambos perifrásicos, uma combinação do segundo verbo no plural, estais (este), com o particípio perfeito, tornando e permanecendo salvos (sesosmenoi). Minha versão, acima, é uma tentativa de enfatizar a imensidão dessa verdade: nós nada fizemos para ser salvos e continuamos na salvação de Deus sem qualquer esforço, mérito ou dignidade de nossa parte. Ir à fé é um dom; permanecer nela também é pura graça. Como poderíamos deixar de ficar totalmente surpresos com essa graça? Certamente, essa abundante misericórdia de Deus nos forma em gratidão, admiração, liberdade, comprometimento, entusiasmo, dedicação ao louvor da glória de Deus, e nos liberta de qualquer necessariedade.

Além disso, a seguinte compreensão da natureza das nossas vidas ressalta mais uma vez a graça:

… somos feitura dele [do Deus Triúno], criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

Efésios 2.10

Mais uma vez somos surpreendidos pela visão, essa percepção inteiramente nova da nossa existência diária, do que somos e de como vivemos como resultado da incompreensível, misteriosa e irresistível graça de Deus. Que felicidade é descobrir que, por Deus ter lidado com o nosso amortecimento (totalmente em virtude do seu caráter), somos, portanto, uma obra de arte! É uma mudança tão

insondável: do caixão para nova criação, de incolores a artesanato, do amortecimento a grandes feitos, já planejados por Deus para que os cumpríssemos. Ele coreografou o balé e nos libertou para dançarmos. Oh!, o êxtase de dançar quando alguém nos deu novos pés e os formou nos seus passos!

Jesus proclama a nós a mesma liberdade com uma imagem semelhante à de Éfésios 2.10 quando, em Mateus 5.14-16, nos chama luz do mundo. Nós somos a lâmpada. Ninguém, diz ele, acende uma lâmpada e a coloca debaixo do alqueire. Em vez disso, uma lâmpada é colocada em seu pedestal, de onde ela pode dar luz a todas as pessoas da casa.

Se somos a lâmpada nessa parábola, sejamos consistentes. Nós não acendemos a nós mesmos, não é? Também não nos colocamos no candelabro. Nem convidamos as pessoas a entrarem na casa. Deus nos acende pela graça, nos atribui os nossos locais de ministério pela graça, traz as pessoas às nossas vidas pela graça — e pela graça nos liberta para simplesmente brilharmos!

… lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas, naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo.

Efésios 2.11-13

Exultar no fato de sermos obras de arte nos permite encarar ainda mais profundamente como estávamos mortos. Nós, gentios, os enxertados, sequer fazíamos parte da comunidade de Deus. Não tínhamos parte no polis, o “povo” de Deus. Não tínhamos a esperança de um Messias, éramos ignorantes da aliança

de Deus com os seus escolhidos, distantes de todas as suas promessas e do seu cumprimento, sem a cobertura do sangue de Cristo para que pudéssemos estar na presença de Deus. Se continuarmos a lembrar de tudo isso (o verbo grego é imperativo contínuo), certamente nunca banalizaremos o privilégio de fazer parte da comunidade dos santos (veja o capítulo 9) e absolutamente não desejaríamos continuar no modo de vida das pessoas sem Deus. Isso nos leva à nossa próxima seção formativa nos capítulos 4–6 da Carta aos Efésios.

Aprendendo com Cristo

… digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos, obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração, os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza. Mas não foi assim que aprendestes a Cristo.

Efésios 4.17-20

O versículo 17 me parece ser um chamado essencial aos nossos tempos, a insistência de que, no Senhor, não mais desejaremos continuar a viver em nossos antigos padrões. Acredito que as nossas igrejas necessitam demais dessa urgência, a expectativa de que o povo de Deus certamente desejará fugir do modo de vida que seguiríamos se ainda estivéssemos sem Deus.

Deixe-me dar-lhe um exemplo de um aviso do qual necessito continuamente para me afastar dos caminhos do mundo. O que aconteceria aqui, na América do Norte, se eu usasse o mesmo vestido em dois dos quatro dias de uma conferência? Em alguns círculos, as pessoas pensariam que fazê-lo seria uma terrível falta de bom gosto. Uma pessoa tem de vestir algo diferente todos os

dias, certo?

Alguns anos atrás, ministrei uma série de palestras em um seminário na Polônia e visitei uma república em um apartamento onde seis alunas moravam juntas num espaço não muito maior do que o do escritório da minha casa. Todo o guarda-roupa de cada pessoa cabia numa pequena pilha numa curta prateleira. A maioria das mulheres só possuía uma muda de roupa. A vida simples dessas alunas do seminário me censurou pela abundância do meu guarda-roupa. Esse é um claro convite do evangelho a eu deixar o meu modo de vida anterior de ter demasiadas roupas.

Com muita facilidade nós escorregamos para os valores do mundo — “A roupa faz a pessoa”, “Seja tão glamoroso quanto ousar”, “Você é o que você veste”. Nós realmente precisamos de todas as coisas que possuímos? Podemos encontrar um melhor equilíbrio entre a nossa melhor aparência para a obra do reino que fazemos e viver apenas para construir justiça no mundo?

Paulo nos conclama a nos afastarmos de qualquer prática que nos conforme ao mundo. Essa é a mesma mensagem dos imperativos presentes contínuos na minha versão de Romanos 12.2: “Não continueis a ser conformados a este mundo — não seja esmagado em suas caixas —, mas sede continuamente transformado de dentro para fora, pela renovação da vossa mente”. Deus nos dá a linguagem da fé na renovação das nossas mentes pelo Espírito; então, o Espírito nos transforma para expressá-la.

Não devemos confundir as pequenas instruções explícitas de Efésios 4.17–6.9 com uma religião legalista. Quando nos lembramos da graça derramada nos primeiros capítulos da carta, percebemos que, aqui, Paulo não está apenas dando regras. Em vez disso, ele está nos convidando para o projeto que Deus tem para o seu povo. Ele nos ensina a linguagem do que significa seguir o estilo de vida da comunidade cristã. Suas instruções são maravilhosamente úteis, como demonstrado por este exemplo:

Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem.

Efésios 4.29

Note que o texto grego mostra a importância de permanecermos alertas para que cada palavra torpe seja cortada pela raiz, para que não a deixemos sair da nossa boca. Em vez disso, como povo de Deus, somos convidados a nos certificar de que todas as nossas palavras edificarão os outros, fornecerão aquilo de que eles necessitam, oferecerão graça a toda pessoa que nos ouvir.

Passei muitos anos em escolas de pós-graduação, que às vezes tendem a ser lugares agressivos, onde o ethos departamental é provar o seu próprio brilhantismo demonstrando a ignorância dos outros. Certa vez, um professor me disse que outros da faculdade não me consideravam muito inteligente. Quando eu imaginava como eles haviam chegado a essa conclusão (prontamente admiti ser não a mais brilhante), ele respondeu: “Porque você nunca derruba as pessoas”.

O ethos pode ser o mesmo em departamentos de pós-graduação, escritórios comerciais, empresas de marketing, equipes de igrejas. Um funcionário diz a outro: “Penso que você não está entendendo o que eu estou dizendo”, ao que a segunda pessoa responde: “Eu entendo o que você está dizendo; só não entendo por que alguém inteligente diria isso”. Tais situações nos possibilitam uma escolha. Aceitaremos esse modo de vida ou não? Se estivermos formados pela Bíblia, pela narrativa da comunidade cristã, não deixaremos, em vez disso, que palavra torpe alguma saia da nossa boca, mas só a que for boa para edificação? Se vivermos dessa maneira, se escolhermos edificar os outros com a nossa conversa, em vez de derrubá-los, isso nos imporá um custo.

O custo será vivermos dessa maneira porque o mundo à nossa volta não espera a graça. As pessoas poderão pensar que não somos muito inteligentes, poderão tirar proveito da nossa “ingenuidade”, talvez nos demitirão do cargo ou nos negarão avanço em nossas carreiras. Mas imagine como o mundo poderia ser se todos vivessem segundo o projeto de Deus para um linguajar que edifique, que transmita graça! Essa não é uma regra para estragar a nossa diversão, mas um grande convite a vivermos juntos, bem e bondosamente.

O Espírito de Deus renova continuamente esse convite para deixarmos o nosso caráter ser formado por textos construtivos. Lembre-se do que escrevi no capítulo 2 sobre imergirmo-nos em uma peça de Shakespeare para poder improvisar as partes faltantes. Se estivermos improvisando segundo essas instruções, também pagaremos um preço corporativamente. Nossas igrejas poderão crescer mais, mas não numericamente (engordar) se dissermos a verdade e pregarmos a graça. Contudo, elas certamente crescerão em profundidade se formos o que somos chamados a ser. Enquanto isso, as pessoas poderão suspeitar que estamos sendo radicais — mas que palavra melhor poderia haver para a não conformidade do evangelho?

Ser radical é chegar à raiz (em latim radix) das coisas. Queremos cortar as raízes da pecaminosidade (que são difíceis de eliminar como dentes-de-leão e, com o vento, enviam suas sementes daninhas para toda parte) e substituí-las por raízes de graça que crescem para a transformação.

Nosso mundo precisa de nós, a Igreja, para ser formado pela Palavra de Deus, para ser imerso nas suas instruções — ainda que seja, de fato, uma imersão sofrida. Parece-me que as igrejas cristãs têm tão pouco impacto na América do Norte e na maior parte do mundo ocidental porque não estamos dispostos a sofrer. Não estamos dispostos a suportar a dor e o custo de realmente vivermos fiéis às instruções de Deus.

Podemos deixar Paulo nos persuadir com a bondade dessas instruções? Ele nos convoca a atitudes alternativas, palavras alternativas, comportamentos alternativos, alternativas de todo o nosso ser, pessoal e corporativamente. O que ele quer é que o nosso caráter seja formado para originar certo tipo de pessoa: a imagem de Deus.

Meu marido é um excelente exemplo. Myron é amável, no melhor sentido da palavra, e bondade nunca foi um dos meus pontos fortes. Ele se dispõe a esperar no fim de uma fila; eu estou sempre com pressa. Um exemplo permanece em minha mente desde o início do nosso casamento. A caminho do médico, fomos parados por um semáforo vermelho em uma avenida de quatro pistas. Quando a luz ficou verde, o carro à nossa frente não se moveu. Eu fiquei dizendo: “Myron, você pode passá-lo agora. Está livre, Myron. Está aberto; por que você não vai?”. Irritar é o que eu estava fazendo. Finalmente, com sua graciosidade, bondade e generosidade, Myron se inclinou em minha direção e disse: “Estou olhando para me certificar de que a mulher que está naquele carro à nossa frente está bem”.

Quem foi formado pelo evangelho? Esse incidente ainda se destaca na minha memória, porque espicaça meu egoísmo, competitividade, prepotência e falta de atenção; e, em contraste, mostra como Myron foi formado para ser misericordioso, apoiador dos outros e compassivo. Ele acredita que parte do seu chamado na vida é ajudar-me com todas as minhas deficiências físicas, para que eu possa continuar a ensinar e escrever. Isso não é muito surpreendente?

O meu lado dessa ilustração demonstra o nosso amortecimento no pecado; o lado de Myron manifesta as possibilidades da ressurreição. Eu oro para que Deus use o fato de eu ser casada com Myron para me transformar (se eu andar com ele o suficiente, sua bondade passará para mim?). Se nos imergirmos nas instruções de Deus e no estilo de vida do seu povo, os convites de Deus nos transformarão. Sua graça derramada nos dará a coragem de enfrentar quão mortos estamos e, admitindo essa falta de vida, poderemos ascender com Cristo para uma nova vida.

O que significa ascender com Cristo? Especialmente, a noção enfatiza que o Cristo ressurreto habita em nós, para que possamos aprender a sua maneira de ser no mundo. Uma ajuda dentre todas as instruções das Escrituras é a suave repreensão de Paulo, introduzida com o mais forte dos adversativos gregos:

Mas não foi assim que aprendestes a Cristo.

Efésios 4.20

Esse versículo deveria receber um sublinhado, círculo ou estrela em nossas Bíblias e ser colocado em nossas igrejas em amplos cartazes brilhantes, para nos ajudar a continuar lembrando de que a comunidade cristã é uma sociedade alternativa. Praticamos um estilo de vida radicalmente diferente dos caminhos do mundo com sua mentalidade fútil, entendimento obscurecido, afastamento da vida de Deus, ignorância, obstinada falta de vontade de aprender, perda da vergonha, comportamento sem contenção moral, ganância e diversos tipos de impureza (Ef 4.17-19). Em imenso contraste, nós aprendemos Cristo — e continuamos a ser formados nos seus caminhos.

Considero interessante os liberais e os conservadores religiosos serem, frequentemente, aliados inconscientes em suas tentativas de traduzir o evangelho para os termos do mundo. Porém, as narrativas bíblicas nos ensinam que essa abordagem está invertida. Os primeiros cristãos não tentavam traduzir a sua fé em algo que fosse acessível ao entendimento obscurecido do mundo. Em vez disso, o que eles faziam era adotar um estilo de vida tão diferente do mundo que seus vizinhos queriam participar dele. As pessoas próximas diziam: “Vejam aqueles cristãos — como eles amam uns aos outros!”. Assim, em vez de tradução, as igrejas primitivas ofereciam catechesis, uma profunda e orientada instrução na fé para aqueles que o Senhor estava acrescentando à Igreja.7 Eles não se limitavam a traduzir o evangelho, como do francês para o inglês.

Minha própria falta de habilidade torna clara essa ênfase. Apesar de uma grande quantidade de leitura em francês para a minha dissertação sobre Jacques Ellul ter me capacitado a traduzir palavras impressas em francês para explicações em inglês, eu ainda não consigo pensar muito bem em francês. Recentemente, fui a Quebec para visitar minha afilhada, que está estudando francês antes de ir com seu marido para a Costa do Marfim como missionários educacionais. Sua escolaridade e prática de imersão na vida lhe ensinaram a falar e pensar em francês. Sua fluência crescente me faz ansiar por mais instrução e exercício, para que eu possa realmente aprender o idioma. Não quero ter de traduzir o francês para o inglês; quero viver o francês.

Se a fé é uma linguagem a ser ensinada e praticada, então não a disseminamos traduzindo, mas imergindo nela os recém-chegados. Os alunos se submetem a ela e exercitam as suas competências. Pense sobre como as crianças aprendem um idioma — ouvindo-o e imitando-o, adquirindo vida nas ações e nos usos gramaticais das pessoas falando ao seu redor. De semelhante modo, a maneira de ajudar os nossos próximos a conhecerem Cristo é viver a sua vida de ressurreição em nós, para que eles percebam como Cristo faz diferença e também queiram participar da sua vida.

As igrejas se encontram impotentes no mundo e incapazes de convidar os nossos próximos à fé porque o nosso modo de vida não nos dá credibilidade. Os observadores não parecem estar dizendo: “Oh!, vocês, cristãos, têm uma atitude excelente em relação ao tempo. Posso ver isso no modo como vocês observam o sábado”! Eles não dizem: “Oh!, vocês, cristãos, têm uma ótima perspectiva a respeito de dinheiro; vocês são tão generosos e não parecem estar lutando por ele como o resto da sociedade” ou “Fico surpreso por vocês, cristãos, nunca tentarem fazer jogos de poder”. O melhor evangelista que já conheci era um homem querido que falava inglês tão mal que era dolorosamente tímido. Ele tinha um emprego terrivelmente maçante em uma fábrica, mas sua graça e bondade eram evidentes a todos os seus colegas. Toda pessoa que precisasse de ajuda procurava Peter, porque as pessoas sabiam que ele as amava.

O amor de Deus por meio de nós é a linguagem que falamos, o estilo de vida que adotamos. A graça da Trindade fortalece nossos costumes, práticas e hábitos de fé, que demonstram como aprendemos Cristo. O Espírito Santo usa a Escritura, a comunidade de fé e o Cristo ressurreto que habita em nós para nos treinar nessas tradições, disciplinas e linguagem. Por esses meios, Deus atrai o mundo a si.

A caminhada cristã

Uma das melhores passagens em Efésios acerca da formação do nosso caráter é esta parte do capítulo 5:

… vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.

Efésios 5.15-21

A Bíblia King James em inglês diz, no versículo 15: “… andeis circunspectos…”. Recentemente, encontrei-me em Iowa com um grupo de adolescentes em sua convocação de jovens, e passamos meia hora falando sobre andar “circunspecto”. Eles ficaram empolgados por conhecer aquela nova palavra, pois ela capta bem a ênfase de Paulo de que devemos olhar ao redor (em latim, circum) cuidadosamente enquanto caminhamos/vivemos.

Os adolescentes e eu discutimos por que a imagem de caminhar é uma favorita dos escritores bíblicos para expressar aquilo a que chamamos “estilo de vida”. Eles tiveram as seguintes ideias, dentre outras:

o caminhar ocorre em um ritmo mais vagaroso;

o caminhar diminui o seu ritmo até o ritmo de Deus, para que você aprenda a ir aonde Deus quer que você vá;

você vê mais quando caminha;

você conhece outras pessoas e fala com elas, o que não ocorre no seu carro; você observa a paisagem;

você tem tempo para refletir; você sorri para as pessoas;

você vivencia mais profundamente o lugar em que vive.

Essas imagens oriundas dos jovens nos ajudam a praticar a exortação bíblica a sermos mais conscientes do mundo que estamos servindo. Como foi discutido no capítulo 2, a nossa fé não é simplesmente um acordo intelectual, nem uma expressão de emoções religiosas universais. Essas maneiras de compreender a fé não nos levarão a servir os outros e amar os nossos vizinhos. Em vez disso, a fé é um “caminhar”, uma linguagem, um estilo de vida.8 Nós olhamos todo o nosso redor ao passar pela vida, para observar o que está acontecendo nos lugares onde

caminhamos, para permanecer culturalmente interessados, embora não culturalmente conformados — não necessariamente relevantes em termos do mundo, mas relacionais.

Karl Barth disse que os cristãos devem ter a Bíblia em uma das mãos e o jornal na outra. Eu gostaria de fazer duas modificações no comentário de Barth. Primeira: os jornais podem mostrar alguma realidade, mas não nos dão mais a quantidade suficiente da verdade. Cada vez mais, os jornais nos dão apenas fragmentos da história toda, uma maneira superficial de sabermos o que está realmente acontecendo no mundo. Algum tipo de noticiário mais profundo é necessário para nos fornecer um quadro mais completo.

Para andar prudentemente, irmãos e irmãs, nós necessitamos de uma perspectiva mais profunda do que aquela oferecida nas breves palavras, no sensacionalismo e nos estímulos agradáveis das “notícias” atuais. É valioso ler relatos mais completos — e as perspectivas de lados opostos dos espectros político, teológico e econômico —, para obter uma imagem mais fiel de toda a situação.

Tenho uma amiga médica que, com frequência, foi a lugares problemáticos do mundo para servir em campos de refugiados ou clínicas de crise. Ela serviu no Sudão e na Somália, em Ruanda e Sarajevo. Ela sobreviveu a fogo de armamento enquanto corria até o transporte aéreo e enquanto o avião decolava. Pouco depois de sair de outro local, a vila foi totalmente queimada por inimigos. Frequentemente, ela tem se sentido extremamente frustrada porque nós, da América do Norte, temos essas noções assim errôneas sobre o que realmente está acontecendo em lugares de turbulência porque os nossos noticiários nos dão perspectivas unilaterais.

Andar em circunspecção requer um olhar mais aprofundado às questões, não apenas no tocante a guerras, política e economia, mas também a controvérsias teológicas e eclesiológicas. Recentemente, em uma convocação de uma faculdade cristã, palestrei sobre o tema da homossexualidade e descobri que

alguns dos alunos queriam reduzir esse assunto a “essa é a minha experiência, então só pode estar certa” ou a uma hostilidade extremamente rígida, quase homofóbica. Em vez disso, precisamos fazer perguntas como estas:

- O que deu origem, no fim do século 19, à ideia de uma “identidade” homossexual?9

- Na nossa sociedade, que fatores levaram ao atual poder das idolatrias genitais homo e heterossexuais?

- Como as nossas igrejas não lidaram com crises em famílias e comunidades que deixam tantos jovens sem modelos positivos de relacionamentos homem-mulher e sem orientação bíblica referente ao seu próprio caráter sexual?

- O que significa amar verdadeiramente os nossos amigos homossexuais?

Andar circunspecto é reconhecer a complexidade das questões, em vez de reduzi-las a duas opções polarizadas.10

A segunda maneira em que precisamos modificar o comentário de Barth é perguntar por que precisamos de tantas “notícias”, a maioria das quais nos imobiliza, já que nada podemos fazer a esse respeito, e especialmente por tantas histórias “noticiosas” se concentrarem excessivamente no catastrófico, especialmente em programas de televisão. Pense, por exemplo, nas incongruências quando a televisão nos mostra as “notícias”. Imagine — como vi recentemente em um programa noticioso noturno em uma pequena cidade do centro-oeste dos EUA — uma mulher elegantemente penteada e vestida que, gráfica, mas brevemente, detalhou meia dúzia de homicídios e estupros e,

depois, sorriu linda e benignamente e disse: “Até amanhã”. Eu acabara de ouvir assassinato e caos suficiente para o restante da minha vida. Por que eu deveria voltar amanhã?

Verdadeiramente “ser Igreja” nos ajuda a fazer as duas modificações sugeridas acima. Ganhamos uma perspectiva mais ampla acerca do mundo inteiro, porque a Igreja se encontra no mundo todo. Podemos conhecer mais profundamente os assuntos das nações ouvindo os nossos irmãos e irmãs que vivem nelas. Além disso, ser Igreja nos impede de afogar em desespero pelas catástrofes do mundo, porque nos lembramos de que Cristo ainda é Senhor sobre o cosmos; que, algum dia, Deus removerá essas tristezas e lutas para sempre; que o Espírito Santo nos capacita a sermos agentes de justiça, cura e restabelecimento da paz no mundo agora.

Outra maneira de conhecer mais profundamente a cultura em que vivemos e as pessoas a quem estamos tentando servir é ler romances. Por exemplo, Generation X, de Douglas Coupland, mostra os profundos anseios de todos os seres humanos, especialmente os vivenciados por muitos adultos jovens entre 20 e 40 anos de idade.11 Seu livro Life after God demonstra ainda mais profundamente o desespero do narrador por perdão e uma nova criação,12 as graças e misericórdias primárias de Deus e os presentes oferecidos gratuitamente pela Igreja.

Histórias escritas para crianças são extremamente reveladoras das questões urgentes da nossa sociedade. Barbara Dafoe Whitehead, autora de The Divorce Culture, documenta que, em 1977, uma bibliografia abrangente elencou mais de 200 páginas de livros infantis que tratavam de problemas de perda e separação vividos por crianças em suas famílias divorciadas; em 1989, a própria bibliografia tinha mais de 500 páginas.13 Esses livros chamam nossas igrejas a responderem a essas dores e tristezas com ministérios de compaixão e cuidado genuínos, e o cultivo de diferentes escolhas e comportamentos morais. O que a sua congregação está fazendo pelos filhos do divórcio em sua vizinhança?

Andar circunspectos nos impede de ser formados pela cultura (ao mantermos em mente a nosso alternatividade) e nos capacita a ministrar aos nossos próximos (oferecendo os dons dessa alternatividade). Certamente, todos nós podemos observar que um enorme problema da nossa cultura é o excesso de informação (o que Eugene denominou scientia) que não é transformada em conhecimento genuíno e, menos ainda, em sabedoria (sapientia). Andar circunspecto é viver no âmbito da interpretação estabelecida pela narrativa canônica do nosso Deus promissor. Se estamos buscando formação por essa narrativa, não mudamos as Escrituras de modo a se encaixarem no mundo; em vez disso, elas redescrevem o mundo para nós. Por meio dessa redescrição bíblica, compreendemos mais verdadeiramente os nossos próximos, o nosso meio e os presentes que oferecemos.

… remindo o tempo, porque os dias são maus.

Efésios 5.16

Consideremos cuidadosamente o que a frase “redimindo [ou ‘comprando de volta’] o tempo” poderia significar, uma vez que o texto grego utiliza a palavra kairos (“oportunidade” ou “era”), em vez de chronos, que costuma referir-se mais simplesmente ao tempo cronológico. Muitas traduções para o inglês nos ajudam a contemplar isso, usando frases como “aproveitando ao máximo a oportunidade”. Os guias de tradução Johannes P. Louw e Eugene A. Nida sugerem, semelhantemente, que o idioma nos exorta a “tirar o máximo proveito de qualquer oportunidade” (SD 65.42), mas também acrescentam que a expressão nos exorta a “fazer algo com intensidade e urgência” (SD 68.73).

Muitos cristãos leem esse versículo como um chamado a sermos trabalhadores compulsivos, mas estou convencida de que uma das melhores maneiras de aproveitar ao máximo o nosso tempo é observar o sábado. Trabalhar o tempo todo não usará o tempo da melhor maneira (nós pensamos ser necessários?), pois nos esgotaremos, trabalharemos sem reflexão adequada, violaremos o projeto de

Deus para o cuidado dos nossos corpos e daremos um mau exemplo ao mundo em nossa tentativa equivocada de sermos algum tipo de messias. Por outro lado, a guarda do sábado nos lembra de que Deus está no comando do cosmos, que ele nos usa para o cumprimento dos seus planos, mas que ele nunca nos dá mais do que somos capazes de fazer no tempo que nos é dado. Cessar o nosso trabalho um dia por semana nos permite olhar para ele pela perspectiva graciosa de Deus.14 Nós precisamos nos afastar da nossa ocupação para deixar que Deus determine como vivemos.

De semelhante modo, aproveitamos ao máximo o nosso tempo se vivemos em espírito de oração. Há rumores de, certa vez, Martinho Lutero ter dito: “Eu tenho tanta coisa para fazer que nunca conseguiria fazer tudo se não orasse pelo menos três horas por dia”. Embora ninguém ainda tenha documentado esse comentário nas obras de Lutero, ele parece adequado ao melhor lado do seu caráter. Ele sabia que, se não submetesse tudo à direção de Deus, perderia seu tempo fazendo as coisas erradas. Mais adiante em sua vida, quando estava muito doente, cada vez mais amargo e, às vezes, extremamente imprudente, ele escreveu algumas diatribes (por exemplo, contra os judeus) pelas quais os luteranos hoje pediram desculpas, uma vez que esses escritos não refletem, de modo algum, a orientação de Deus. Esses escritos permanecem como um nítido lembrete a todos nós para evitar pensar que somos “necessários” e para redescobrir continuamente o nosso chamado por meio de muita oração.

Comprar de volta o tempo é dedicá-lo a Deus. Não somos realmente capazes de redimi-lo nós mesmos. Todo o tempo foi comprado de volta por Cristo quando ele derrotou os principados e potestades na cruz e no túmulo vazio. Ele é resgatado para nós quando participamos fervorosa, meticulosa e placidamente nas oportunidades temporais e atemporais de Deus.15

Devemos fazer o máximo proveito do nosso tempo porque os dias são maus, insiste o versículo 16. A evidência de que os dias são maus tem sido óbvia para nós desde que os seres humanos caíram em pecado. As manifestações do maligno mudam com os tempos, mas nossa violência, ganância, luxúria e

egocentrismo sempre foram amplamente exibidos. Portanto, realizamos os nossos ministérios — sejam eles quais forem — com intensidade e urgência para combater, resistir, evitar e remodelar o que é pessoal e corporativamente, local e globalmente, mau. A conexão entre o mal dos nossos tempos com o próximo versículo de Efésios 5 é importante.

Conhecendo a vontade de Deus

Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual [é] a vontade do Senhor.

Efésios 5.17

Como sabemos qual é a vontade do Senhor? Se devemos fazer tudo que fazemos com paixão, persistência e profundidade, precisamos fazer tudo o que podemos para conhecer a vontade de Deus tão claramente quanto possível.16

Frequentemente, quando estou conduzindo retiros ou oficinas de treinamento com jovens, temos uma sessão sobre “Tudo que você sempre quis perguntar a um teólogo…”; para mim, é um presente de esperança os adolescentes e adultos jovens fazerem perguntas tão perspicazes, compassivas e provocantes. O que me alegra especialmente é a pergunta mais frequente ser: “Como faço para conhecer a vontade de Deus?”. Não é maravilhoso que o desejo mais sincero deles seja obedecer a Deus?

Infelizmente, uma resposta às vezes dada à sua pergunta é procurar os sinais de Deus — o desafio de Gideão ao Senhor em Juízes 6, referente à lã, é tido como um exemplo positivo. Anteriormente nesse capítulo, Gideão havia demonstrado

a sua falta de coragem fazendo o que o Senhor ordenou à noite, em vez de durante o dia (v. 27). Ele havia dito claramente a Gideão o que queria que fosse feito (v. 11-16), já havia dado um sinal a Gideão (v. 19-23) e o Espírito do Senhor havia descido sobre ele (v. 34). Contudo, ainda assim Gideão queria mais sinais (v. 36-40). É quase como se ele dissesse: “Deus, eu ainda não tenho certeza. Que tal isto: eu colocarei um pouco de lã lá fora e tu poderás fazê-la ficar molhada. Isso não seria ótimo, Deus? Então eu saberei com certeza que tu realmente me disseste para derrotar Midiã”. Deus condescendeu para satisfazê-lo. Se Gideão realmente precisava de tal sinal, Deus faria isso por ele. Apesar disso, porém, Gideão ainda não ficou convencido e disse: “Isso foi fácil demais, Deus. Vamos tentar de novo, e eu vou dificultar um pouco desta vez. Veja se tu podes manter a lã seca enquanto encharca o chão”.

Lembro-me de brincar de sinal-de-Deus quando era criança. No quarto ano da escola eu tinha uma rota de entrega de jornais e, certo dia, quando não tinha certeza de que Deus queria que eu fizesse alguma coisa, eu disse: “Deus, se é da tua vontade [tal e tal], faça-me acertar o próximo alpendre”. Porém, nossos jornais eram muito pequenos e, com frequência, o vento os desviava do nosso alvo. Então, quando o jornal errou o alpendre, eu disse: “Bem, Deus, que tal dois de três?”.

A questão é que, com muita facilidade, podemos manipular os sinais para fazê-los dizer o que queremos que eles digam. Como você saberá como lê-los? Não considero a história de “Gideão e a lã” da Bíblia um bom exemplo; Deus havia dito claramente a Gideão como queria que ele servisse como líder de Israel. Em vez disso, parece que a narrativa está ali para mostrar quão gracioso Deus é em usar pessoas medrosas e descrentes para cumprir os seus propósitos. Essa é uma grande mensagem, mas não nos ajuda a responder a pergunta sobre conhecer a vontade de Deus, já que raramente temos visões de anjos que especificamente nos dão as instruções de Deus.

Existem várias maneiras melhores de conhecer a sua vontade. É claro que o meio primário é pela sua Palavra, porque ela nunca se contradiz. Se alguém nos

dissesse: “Deus me disse para ter esse caso”, saberíamos que essa mensagem não poderia ter sido de Deus, já que ele é consistente em seus mandamentos de fidelidade sexual dentro do compromisso da aliança de casamento. Se as nossas vidas estiverem imersas na Palavra, seremos capazes, pelo Espírito de Deus, de improvisar mais autenticamente e, assim, frequentemente descobriremos a sua vontade.

Além disso, constantemente fazemos a pergunta errada quando queremos conhecer a vontade de Deus apenas para nossas vidas. Em The Mustard Seed Conspiracy, Tom Sine enfatiza que, em vez disso, devemos ver o que Deus está fazendo no mundo e nos tornarmos parte do seu programa.17 Sabemos que ele quer que amemos nossos próximos e cuidemos das suas necessidades específicas, alimentemos os famintos, vistamos os nus, abriguemos os sem-teto, construamos a paz, asseguremos a justiça e divulguemos as boas-novas da salvação em Cristo. Se essas são as instruções de Deus para o seu povo, como participaremos mais plenamente desses propósitos?

Às vezes, portas abertas podem revelar a vontade de Deus, mas nem sempre. Precisamos perguntar continuamente quem abriu as portas e se devemos passar por elas. Portas abertas são como sinais — ambíguos e nem sempre confiáveis.

Parece-me que, frequentemente, conhecemos a vontade de Deus somente em retrospecto, após o fato. Não penso que tenhamos de ter medo disso. Por exemplo, poderia parecer que o meu trabalho de faculdade e pós-graduação na área da literatura inglesa foi um desperdício de tempo, em razão de eu ter me voltado à teologia como vocação da minha vida. Todavia, Deus não deixou aqueles anos de trabalho irem para o lixo, pois minha base de inglês não só orienta a minha escrita, como também me dá habilidades para ler a Bíblia como literatura, as quais geralmente não são ensinadas nos programas teológicos.

Até mesmo os meus motivos para fazer o meu mestrado em inglês na Universidade de Idaho eram ridiculamente mistos. Eu realmente amo nadar e o

norte de Idaho tem alguns dos mais belos lagos do mundo. Deus usou até mesmo esse capricho tolo, bem como o meu desejo de dar as minhas próprias aulas durante o curso, para me levar a um lugar onde acabei ensinando “Literatura da Bíblia” no departamento de inglês e, com isso, acabei vendo a minha vida tomar rumos teológicos. Não acredito que essas decisões e os seus resultados sejam meras coincidências (nem acredito que somos “predestinados” a tomar certas decisões), embora, certamente, eu não tenha me mudado para Idaho determinada a voltar-me à teologia em vez de ao inglês (esses dois haviam sido os meus cursos de graduação).

A sabedoria de Deus é muito maior do que os nossos insignificantes intelectos humanos. Propósitos muito mais vastos do que as nossas principais decisões são insinuados pelos misteriosos presentes que só conseguimos ver depois de terem sido concedidos.

Por esse motivo, dois outros elementos importantes em qualquer busca da vontade de Deus são humildade e calma — não precisamos estar sob pressão assustadora para cumprir os propósitos de Deus. Como disse Mordecai a Ester: “… se de todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento… quem sabe se para conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?” (Et 4.14). Em outras palavras, os propósitos de Deus serão cumpridos quer você participe ou não, mas talvez seja exatamente por isso que você está na posição em que está. Isso tira o fardo, um fardo que, frequentemente, gera pânico e medo. Ouvi alguns jovens dizerem: “Se eu errar a vontade de Deus, nada dará certo e tudo estará perdido”.

Deus é soberano. Essa verdade está em equilíbrio dialético com o nosso livre-arbítrio humano falível. Poderíamos fazer escolhas erradas, mas Deus é grande demais para que isso estrague tudo. Certamente, ele promete fazer para que tudo contribua para o bem de quem busca os seus propósitos. Eu amo a coragem e a esperança de Mordecai. Sua confiança em que Deus realizará a sua libertação com ou sem Ester remove a pressão da nossa tentativa de encontrar a única coisa certa — o nosso ter de estar absolutamente certos de que isso é precisamente o

que Deus quer que façamos — e nos liberta para perseguir com prazer aquela que pensamos ter descoberto ser a vontade de Deus. (Essa é a intenção principal da famosa frase de Martinho Lutero: “Peque com ousadia; mas creia com ainda mais ousadia”.)

Outra narrativa bíblica que remove a pressão por nos libertar do nosso pânico de encontrar a vontade de Deus é este texto de Habacuque:

O Senhor me respondeu e disse: Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo. Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará. Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé.

Habacuque 2.2-4

Habacuque havia recebido uma visão referente à injustiça de Israel e do cativeiro babilônico como meio de Deus dar um fim àquilo. O objetivo desse texto é dizer que os planos de Deus serão cumpridos, mesmo que, frequentemente, tenhamos de esperar. O profeta poderia estar confiante de que os propósitos de Deus seriam cumpridos nos seus tempos determinados — nunca tarde demais ou cedo demais. De fato, a segunda linha do texto hebraico diz literalmente que a visão “arqueja pela sua própria realização”. Assim como um cão de estimação arqueja ansiosamente na expectativa de que os movimentos do dono indiquem uma próxima caminhada juntos, também os propósitos de Deus são ardentemente aguardados e, certamente, se cumprirão.

Podemos ter a mesma confiança em todos os eventos da vida. Não precisamos entrar em pânico enquanto esperamos o tempo de Deus, que os seus propósitos se cumpram, que a sua vontade seja revelada. Nós todos sabemos que, se

entrarmos em pânico durante um teste, o nosso cérebro esquecerá tudo que sabemos porque, em vez disso, estamos nos concentrando no que não sabemos. Da mesma maneira, se entrarmos em pânico para descobrir a vontade de Deus, perderemos os sinais, as revelações, as verdades bíblicas. Se pudéssemos parar de ceder à nossa ansiedade, descobriríamos que Deus quer revelar a sua vontade a nós. No tempo perfeito do próprio Deus, saberemos o que precisamos saber — isto é, se as nossas mentes não estiverem fechadas para o seu Espírito renovador e se as nossas vidas estiverem comprometidas com a atuação de Deus por meio de nós.18

Meu segundo ano de estudo de pós-graduação e ensino na Universidade de Idaho me ensinou uma lição muito importante sobre conhecer sem pânico a vontade de Deus. Antes do meu último semestre, ofereceram-me a opção de lecionar para uma ou duas classes e eu não conseguia decidir o que fazer. Por um lado, aceitar apenas uma classe significava que eu teria menos 350 trabalhos para avaliar. Certamente, essa seria uma escolha sábia. Entretanto, eu estava lecionando "Literatura da Bíblia" e muitos que se inscreveram para a matéria como ateus acabaram encontrando Deus e recebendo o seu amor. Eu negaria a mais trinta e cinco alunos a oportunidade de estudar a Bíblia para obter os créditos e, talvez, nesse meio tempo descobrir que suas vidas foram transformadas? O que você teria decidido?

Eu ainda não havia conseguido descobrir o que fazer no dia que tinha de dar a minha resposta ao chefe do departamento. Quando entrei no seu escritório, ele perguntou: "Você já decidiu?" Quando respondi: "Realmente não sei", ele replicou que, certamente, eu era uma das pessoas mais estúpidas que ele já tinha visto. Por que alguém ensinaria para duas classes quando apenas uma era o necessário lhe parecia ridículo. Ele ficou chocado quando exclamei: "Obrigado, senhor. Você esclareceu bem. Lecionarei para duas".

No momento em que ele disse que parecia estúpido eu selecionar para duas, veio à minha memória a passagem: "… o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se

discernem espiritualmente” (1Co 2.14). Foi quase como se Deus escrevesse a resposta para mim no quadro negro. Se lecionar para duas classes parecia tolice a alguém que, naquele momento, não estava perguntando sobre as implicações espirituais, então talvez aquele tenha sido o modo do Espírito de me conceder visão.

Podemos aprender a esperar que as visões de Deus se revelem e/ou se cumpram? Se elas tardarem, podemos aprender a confiar durante a espera?

O instrumento mais importante para descobrir a vontade de Deus além das Escrituras talvez seja um que muitos cristãos não conhecem. Aprendi isso na congregação menonita a qual pertenci enquanto estava trabalhando no meu Ph.D.: a vontade de Deus é revelada no conselho da comunidade.

Durante um período de confusão sobre permanecer ou não no meu programa de doutorado, pedi ao pastor menonita para orar por mim. Para minha surpresa, ele respondeu: “Melhor ainda, convoquemos uma reunião para discernir o Espírito”. “Uma o quê?”, fiquei imaginando. Eu nunca havia ouvido falar de uma reunião como essa. Fiquei ainda mais surpresa por dez ou mais dos meus amigos da congregação terem se reunido durante uma noite e por me haverem dado o presente de seu tempo, suas perguntas e suas orações. Às vezes, havia silêncio e, então, alguém fazia uma pergunta diferente ou orava novamente enquanto o grupo trabalhava para me ajudar a encontrar os propósitos de Deus.

Inicialmente, pareceu-me que não estávamos chegando a lugar algum, mas, gradualmente, comecei a ver que havia movimento, algo como um afunilamento. Cada comentário ou pergunta parecia aproximar-me de uma resolução. Eu nunca tivera qualquer experiência de “lâmpada” para conhecer a vontade de Deus, excetuando-se aquela conversa com o chefe do departamento em Idaho; porém, naquela noite com meus amigos menonitas, a pergunta de uma mulher e o comentário decorrente produziram um grande avanço. Ela perguntou: “Como você imagina a sua vida futura?”. E eu respondi: “Eu tenho sido algo semelhante

a uma ponte — entre conservadores e liberais, descrentes e crentes, luteranos e outras denominações, especialmente entre estudiosos e leigos". "Bem, uma ponte precisa ser firmemente plantada nos dois lados do rio", disse ela. De repente, a lâmpada acendeu! Ficou claro que eu precisava terminar o Ph.D.

Graças àquela noite gloriosa, decidi firmemente que eu nunca mais tomaria uma decisão importante sozinha. Nunca!

Assim, em 15 de janeiro de 1989, quando Myron Sandberg me propôs casamento, eu disse: "Vamos convocar uma reunião para discernir o Espírito". Aquela reunião durou duas semanas, porque não tínhamos, em nossa situação local, uma comunidade para nos dar conselhos. Em vez disso, escrevemos para amigos cristãos de confiança, de diversos lugares, e lhes pedimos para orar conosco e por nós, para nos fazer perguntas, para nos contar o que o Espírito lhes dissesse. Queríamos ter certeza de que o casamento era o melhor de Deus para nós dois e para os nossos respectivos ministérios, e as respostas da comunidade cristã ajudaram a confirmar o nosso entendimento.

Pedimos intencionalmente a duas pessoas que pensávamos que discordariam. Uma delas era um líder religioso que havia sugerido que eu deveria permanecer solteira para o meu trabalho de freelancer. A outra era um bom amigo, que certa vez provocou: "Se algum dia Myron lhe propuser casamento, eu quero uma chance de fazer uma contraproposta". O primeiro telefonou para dizer que, enquanto ele e sua esposa oravam sobre a nossa pergunta, eles haviam percebido quão bom Myron era em apoiar o meu trabalho e haviam mudado de opinião. A segunda pessoa disse pensar que Myron seria um bom marido para mim, mas que esperava que a convidássemos para o casamento (assim fizemos) e que ainda fôssemos amigos (e somos).

Eu incluo todos esses detalhes porque eles confirmaram para mim o imenso valor do conselho da comunidade. Uma vez que cada pessoa de todas que perguntamos nos trouxe novas visões, as quais confirmaram a nossa decisão de

nos casar, Myron e eu experimentamos um profundo apoio que, de outra maneira, não seria possível. Parece-me que muitas decisões podem ser tomadas com maior embasamento se as submetemos à comunidade com a finalidade de descobrir a vontade de Deus e os propósitos do seu reino.

Durante as duas semanas daquele processo, palestrei em duas faculdades cristãs sobre o tema do caráter sexual e sugeri aos alunos que eles não tomassem decisões importantes sobre casamento, suas carreiras ou qualquer outra coisa importante, sem o auxílio da comunidade cristã. Quando eu lhes contei sobre o processo de discernimento que Myron e eu estávamos conduzindo, pensei que todos eles me diriam que nós éramos loucos. Em vez disso, eles disseram: “Nós não temos uma comunidade para nos ajudar”.

Que vergonha para nós! Que vergonha para nós não estarmos desenvolvendo nas nossas igrejas o tipo de vida em comunidade no qual os jovens podem encontrar orientação e conselho em reuniões com outros membros do Corpo. Eu continuo a pedir a membros da comunidade cristã mais ampla para me ajudarem a descobrir a vontade de Deus em questões como se eu deverei ou não aceitar nomeações no corpo docente. Entretanto, anseio que minha comunidade local desenvolva as habilidades necessárias para realizar uma reunião para discernir o Espírito.19

Vida cheia do Espírito

O restante de Efésios 5 e os nove primeiros versículos do capítulo 6 têm como ponto central este texto:

E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito…

Efésios 5.18

O versículo 18 contém dois verbos principais no tempo imperativo contínuo (presente). O primeiro verbo é difícil de traduzir, porque é a forma passiva do verbo traduzido como “beber livremente”. Somos instados a continuar não nos deixando ficar intoxicados, pois isso “resulta em atos imprudentes” (SD 88.96). Se queremos servir bem a Deus, certamente não queremos viver inconscientemente, sem pensar.

Esse texto é crítico para nós porque todos nós temos vícios que resultam em comportamento despreocupado quanto às consequências. Nosso vício pode ser vício em trabalho, um complexo de messias por pensarmos ser necessários — e a consequência pode ser o esgotamento. Com demasiada frequência, o meu vício é livros. Eu começo a criar uma idolatria “necessária” por possuí-los, lê-los, conhecê-los, escrevê-los — e o resultado pode ser um cuidado inadequado para com os outros. Seja qual for o nosso hábito divinizante ou “deus”, Paulo nos exorta a, em vez disso, estarmos sendo constantemente enchidos pelo Espírito.

Tudo depende do Espírito. Somente uma total dependência do Espírito Santo pode nos libertar de todas as nossas “necessariedades”. Que contraste é a possessão pelo Espírito em relação a qualquer outra sacralização, pois ele não concede a falsa liberdade da embriaguez e dos seus resultantes arrependimentos, mas a genuína liberdade da theosis, Deus operando por meio de nós!

Os versículos 18-21 elencam alguns dos resultados de ser cheio do Espírito — … falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo. Cada um deles é importante para a nossa formação.

Perceba a instrução sobre salmos, hinos e cânticos espirituais, que Paulo também dá em Colossenses 3.16. A combinação destes três substantivos nos dá uma sensação de louvores de todo o povo de Deus ao longo do tempo e do espaço.20 Além disso, a ênfase em que cantemos e façamos música em nosso coração nos lembra de que adorar a Deus não depende realmente das nossas emoções, pois aqui a palavra grega coração enfatiza mais um ato da nossa vontade. Assim, louvamos a Deus porque o Senhor é digno do nosso louvor, para que possamos fazê-lo pelo poder do Espírito até mesmo quando não nos sentirmos dispostos a isso.

Outro resultado da habitação do Espírito é dar graças. No versículo 20, é importante observar que a preposição grega é huper (“sobre” ou “em vista de”) e não dia (“por conta de”, como causa ou motivo). Escrevo isso porque alguns grupos cristãos insistem em que devemos agradecer a Deus por tudo. Até já me disseram que as minhas deficiências físicas não foram curadas porque eu não agradeci a Deus por elas. Entretanto, eu não creio que Deus nos ordena a dar graças pelo que é mau, por coisas como guerra ou tragédia, doença ou sofrimento. Em vez disso, damos graças “em face de” tudo, “em vista de” tudo. Nós nos opomos à doença e combatemos o mal; enquanto isso, damos graças por Deus cumprir os seus propósitos em meio a essas coisas ou apesar delas.21

Finalmente, um resultado de sermos cheios do Espírito é a submissão mútua, que é a base de Efésios 5.22–6.9. Não há espaço neste livro para uma discussão completa desse texto inteiro, mas algumas palavras são necessárias porque, frequentemente, a passagem tem sido abusada por igrejas.22 Parece-me importante observar alguns aspectos dessa passagem pelo bem das mulheres e pelo bem das igrejas que não sabem o que fazer com as mulheres. Esses corpos eclesiásticos poderiam ser profundamente bíblicos, mas costumam ler passagens como 1Coríntios 14.34-35 e 1Timóteo 2.11-15 de maneira excessivamente literal, sem preocupação com os contextos históricos que deram origem a essas instruções correcionais. Consequentemente, as mulheres são proibidas de exercer seus dons espirituais de liderança. De semelhante modo, Efésios 5.21-33 é usada para justificar certa noção de “submissão” da mulher que não me parece ser fiel

a um texto que começa com submissão mútua.

No capítulo anterior, os comentários de Eugene sobre Ártemis/Diana e o que estava acontecendo em Éfeso esclarecem o contexto por trás dos versículos problemáticos em 1Timóteo 2.11-15. A passagem exorta Timóteo a impedir as mulheres hereges de ensinarem. Elas eram “especialistas” na religião da deusa Ártemis e, consequentemente, elas criam que Eva dera à luz o mundo todo, inclusive Adão (e até mesmo Deus), embora a narrativa bíblica ensinasse aos cristãos que Adão foi criado primeiro. Essa passagem não sugere que por Adão ter sido criado em primeiro lugar torna os homens hierarquicamente superiores às mulheres. Em vez disso, o texto simplesmente exorta o jovem pastor a não deixar que as mulheres que não entendiam a revelação bíblica ensinassem. É claro que Paulo não quer dizer que todas as mulheres de todos os tempos não devem ensinar ou falar. Afinal, foi ele quem elogiou Febe, a única diaconisa mencionada na Bíblia.* Além disso, em 1Coríntios 11, ele exorta as mulheres a estarem adequadamente vestidas ao “orar” e “profetizar” em público.23

Podemos reconhecer universalmente no comportamento humano o problema de que as pessoas recém-libertas de restrições anteriores são facilmente tentadas a — ou desenvolvem a tendência de — abusar da sua liberdade (nós o vemos com muita frequência nas nossas crianças e quando os jovens entram na faculdade). Consequentemente, Paulo teve de advertir as mulheres que, anteriormente segregadas dos homens e sem instrução na sociedade judaica e greco-romana, se empolgavam com seus novos privilégios na comunidade cristã. Em 1Coríntios 14, suas conversas (o verbo grego laleo) estavam perturbando o culto; em 1Timóteo 2, elas parecem estar usurpando a autoridade; 1Timóteo 2 e 1Coríntios 11 sugerem que elas estavam adotando penteados e modas não condizentes com os seus compromissos cristãos.

O reconhecimento de que as liberdades podem ser mal utilizadas ou mal interpretadas serve como uma introdução aos problemas associados a Efésios 5.21-33. Ao contrário da suposição comum, esse texto não trata primariamente da submissão das esposas aos seus maridos. Se lermos o texto cuidadosamente e

anotarmos em colunas cada utilização do nome de Cristo, cada referência à Igreja e todas as instruções sobre maridos e esposas, descobriremos que a passagem trata primariamente do cuidado de Cristo para com a Igreja e, consequentemente, que o casamento genuíno imita e também simboliza o mistério daquela união.

Quando essa carta foi escrita, as mulheres da comunidade cristã de Éfeso haviam sido recentemente libertadas dos padrões da cultura à sua volta — e talvez os homens precisassem conter uma (falsa) liberdade antibíblica. Enquanto muitos homens das sociedades grega e romana não amavam as suas esposas, mas talvez amassem as prostitutas de alta classe com quem conviviam, enquanto suas esposas eram mantidas no lar para criar os próprios filhos, a fim de prosseguir o patrimônio, os homens cristãos estavam sendo convidados, por essa carta, a reconhecer o seu papel virtuoso como maridos à luz do amor de Cristo pela Igreja. A comunidade cristã era muito incomum — os homens amariam às suas esposas como aos seus próprios corpos e as estimariam muito mais do que se elas fossem somente para criarem os seus filhos.

As mulheres, por outro lado, foram libertadas desse papel repressivo na sociedade à sua volta, foram recebidas nos cultos de adoração juntamente com os seus maridos e foram incentivadas pela Igreja primitiva a usarem os seus dons. Consequentemente, elas poderiam ter sido tentadas a esquecer que a submissão aos seus maridos não havia sido eliminada; em vez disso, havia sido transformada em submissão mútua.

Sabemos disso porque o verbo (hupotassomenoi), cuja forma enfatiza submeter a si mesmo ou, assim, talvez escolher prestar obediência, ocorre no versículo 21, que enfatiza a reciprocidade e introduz o tema, mas não aparece no versículo 22.

Então, este último versículo mais parece ser um lembrete às mulheres de não exagerarem na sua liberdade, mas, em vez disso, continuarem colocando-se a serviço dos seus maridos, mesmo que eles apenas recentemente tivessem

começado a fazer o mesmo.

Assim como as mulheres sem instrução de 1Coríntios 14 perturbavam o culto chamando os seus maridos no outro lado do corredor, quando era dito algo que elas não entendiam, as mulheres em Éfeso causariam problemas para a igreja se levassem a sua nova liberdade a ultrapassar os limites da submissão mútua. Para que houvesse ordem no culto, Paulo escreveu que as mulheres deveriam fazer as suas perguntas aos seus maridos em casa, em vez de tagarelar e perturbar as outras pessoas nas reuniões corporativas (talvez esse versículo seja novamente aplicável nos nossos tempos, quando tantas crianças não são ensinadas por seus pais que ruídos altos e comportamento indisciplinado não são apropriados durante o culto). De semelhante modo, por uma questão de ordem na vida diária, Paulo exorta as mulheres a não se esquecerem da sua parte da submissão mútua, assim como os seus maridos precisavam aprender a amar verdadeiramente as suas esposas.

Se esse é o tom geral e a intenção da parte final de Efésios 5, o texto não deve ser sumariamente rejeitado como fazem muitas feministas fanáticas, nem faz aos homens um convite para colocar as mulheres sob o seu jugo, como fazem muitos conservadores excessivos. Tais polarizações são uma reação típica de um período de “despertamento” da História.

Alguns estudiosos acreditam que nos nossos tempos surgirá o quarto grande despertamento. Estes períodos sempre se desenvolvem quando há uma grande agitação na sociedade, como na época de Jonathan Edwards. O padrão seguido por um grande despertamento é assim descrito por William Fore:

O início é um período de estresse individual, quando as pessoas perdem os seus rumos, se tornam psíquica e fisicamente doentes, partem para a violência contra família, amigos, autoridades, se tornam apáticas e incapazes de atuar. As pessoas podem se destruir por meio de álcool, drogas ou suicídio. Famílias se desintegram, crianças são abusadas. Nesse ponto, sempre surge uma série de

movimentos tradicionalistas, tentativas por pessoas com personalidades rígidas ou com muito em jogo na velha ordem de insistirem em que a solução para a desordem corrente é uma aderência mais estrita às antigas crenças, valores e padrões de comportamento… No estágio final de cada despertamento, os tradicionalistas polarizaram as alternativas, as próprias alternativas tradicionais são rejeitadas pela maioria do populacho, emergem novos líderes que articulam uma nova e geralmente aceita cosmovisão, e a sociedade começa a reconstruir as suas instituições.[24]

As questões referentes a mulheres e homens são inúmeras no nosso tempo e incluem as complexas conexões do feminismo com controvérsias sobre vida, direitos, responsabilidades e aborto. O problema do telhado de vidro enfrentado por mulheres talentosas em muitas ocupações dominadas por homens, os múltiplos problemas sociais surgidos em decorrência da falta de pais nos lares, é a grande dificuldade que homens e mulheres têm para formar amizades genuínas uns com os outros em uma cultura bombardeada com sedução genital.

As observações de Fore são úteis porque podemos reconhecer essa massiva agitação na nossa sociedade e perceber que as reações de ultratradicionalistas estão polarizando a sociedade. A situação se tornou tão incoerente que a maioria da sociedade está alienada, presa entre esses dois polos extremos das feministas furiosas que não desejam “associar-se aos seus inimigos, os homens” e os ultraconservadores, nenhum dos quais tem uma ideia muito boa sobre os relacionamentos entre mulheres e homens. A nossa cultura precisa de novos rumos, e o testemunho bíblico poderá ser muito útil se a Igreja oferecer a sua redescrição bíblica com clareza e compaixão.

Nós, que somos formados pelas Escrituras, somos chamados a ser bons mordomos dos nossos dons espirituais, de modo a apresentar ao mundo a multiforme graça de Deus (veja 1Pe 4.10). Todos os textos bíblicos normativos sobre dons espirituais não são específicos quanto ao gênero; por isso, nenhuma limitação é colocada sobre o que cada um pode fazer a serviço de Deus e do próximo. Além disso, a Bíblia contém muitos textos descritivos que mostram

mulheres líderes de muitos tipos — como profetisas (Hulda), cantoras e líderes de louvor (Miriã), juízas (Débora), missionárias (a mulher no poço em João 4), primeiras testemunhas da ressurreição (Maria Madalena), alunas “rabínicas” (Maria, irmã de Marta), diaconisas (Febe) e assim por diante.

Consequentemente, quando os três textos de correção — 1Timóteo 2, 1Coríntios 14 e Efésios 5 — discordam, em intenção, de todos os textos descritivos e normativos (particularmente o comportamento de Jesus em relação às mulheres) da Bíblia, a nossa responsabilidade hermenêutica é perguntar o que estava acontecendo naquela cultura e história específicas para dar origem a tais instruções. Uma vez que o culto a Ártemis não é mais o problema contra o qual a Igreja deva lutar, que as mulheres já são tão aculturadas quanto os homens, que os casamentos no nosso tempo estão sofrendo todos os tipos de novas pressões sociais, então precisamos pensar cuidadosamente sobre como os textos de formação da Escritura podem fornecer uma orientação extremamente valiosa para homens e mulheres interrelacionados, tanto nas nossas igrejas quanto na nossa cultura.

Todos nós da Igreja somos instados, pela Carta aos Efésios, a sermos diferentes do mundo. Atualmente, parte do papel dos pastores (aparentemente desnecessária para o mundo) é equipar os membros da congregação para resistirem ao ethos de uma sociedade atualmente hostil a casamento verdadeiro, amor verdadeiro e submissão mútua. Lembre-se de que esta seção está integralmente conectada a convites anteriores a andarmos em circunspecção, discernirmos os tempos e redimirmos o nosso tempo, descobrirmos a vontade de Deus e sermos continuamente preenchidos com o Espírito. Essas são instruções fortes. O mundo ao nosso redor precisa desesperadamente que nós sejamos formados por ele, mas o enchimento pelo Espírito nos liberta para vivermos no mundo. Deus é aquele que opera em nós para nos transformar segundo esse estilo de vida.

Oremos: ascenso Senhor, que possamos verdadeiramente ser a tua Igreja, cada um de nós como indivíduos e todos nós juntos cumprindo as funções da nossa

parte no Corpo em conformidade com a tua vontade. Mata-nos e ressuscita-nos para uma nova vida em ti. Enche-nos com o teu Espírito para que possamos nos alegrar no estilo de vida que tu produzes em nós. Ensina-nos a linguagem bíblica da fé; usa-a para nos formar. Demonstra a tua presença em nós e por meio de nós, pelo bem dos nossos próximos e para tua honra, glória e louvor por toda a eternidade. Amém.

Capítulo 8

Tito: iniciando em Creta

EUGENE H. PETERSON

Os pastores têm um trabalho extremamente difícil a fazer e não surpreende o fato de muitos estarem desanimados e prontos para desistir. Embora ao pé da letra possa não parecer que é assim, pastores são perseguidos na América do Norte e eu não acredito estar exagerando ao dizer que a situação é muito pior do que em países aparentemente mais hostis. A nossa cultura não nos prende; ela simples e agradavelmente nos castra, nos assexua e substitui as nossas partes vitais por um rosto bonito e sorridente. Então, estamos presos em uma malha de "necessidades" que nos impedem de ser pastores.

A poetisa russa Irina Ratushnakaya (Gray Is the Color of Hope e Pencil Poems) foi presa no Gulag por escrever poemas que não eram tanto anticomunistas quanto eram simplesmente verdadeiros. Sentada em sua cela, ela não precisava que alguém lhe dissesse que as palavras fazem diferença. Sua prisão provou que era assim. Apesar disso, ela continuou escrevendo, esculpindo seus poemas em sabão e memorizando-os ou guardando-os em qualquer pedaço de papel em que conseguisse pôr as mãos. Ela sabia que sua situação era desesperadora e usou as palavras para lutar pela liberdade, não somente para si (ela era muito livre no Gulag), mas também para os seus conterrâneos russos.

Embora Ratushnakaya soubesse que a sua condição era desesperadora, a maioria dos pastores norte-americanos é bastante alheia à sua própria condição. Temos

sido tratados com simpatia durante tanto tempo que nos esquecemos de que estamos em território inimigo. Embora poetas e pastores de outros países possam não precisar ser lembrados do desespero da sua situação, nós precisamos. Repetidas vezes.

Nós simplesmente não podemos nos submeter às condições da nossa prisão sem protestar. Nós somos aqueles que proclamam o evangelho da liberdade. Somos chamados a usar as nossas palavras e vocações na liberdade do evangelho, não nas necessidades da nossa cultura que nos aprisiona. Por meio de atenção determinada, plena de oração e paciente, precisamos cessar a nossa acomodação à cultura que está roubando do evangelho o seu poder.

Contrariamente à opinião popular, os pastores não são “paus-para-toda-obra”. Já fomos intimidados durante tempo suficiente por exigências bem intencionadas, mas ignorantes, que nos dizem o que precisamos fazer, dizendo-nos por que somos necessários a este ou àquele programa, a esta ou àquela vida. Todos têm uma descrição de função para o pastor. Todos sabem o que um pastor precisa fazer para ser um verdadeiro pastor.

Isso é um problema, mas o que o complica e piora é que é agradável ser tão necessário, é agradável ter a cultura e a congregação igualmente interessadas em definir o nosso trabalho e nos dar instruções sobre como fazê-lo. É agradável ter tanta procura… até descobrirmos que nenhuma das descrições de função parecem concordar. É ainda pior quando descobrimos que praticamente nenhuma das pessoas que escrevem as nossas descrições de função parece já ter lido ou sequer ouvido falar do texto, a Sagrada Escritura, que orienta o nosso trabalho, ou ter estado presente nas ordenações que definem o nosso trabalho. É imposta ao pastor a obrigação a uma vida gloriosa, porém sitiada.

É por isso que, neste livro, Marva e eu estamos tentando libertar você, libertá-lo das necessidades que sobrecarregam a sua vida. Não estamos tentando libertá-lo de Jesus ou da autoridade das Escrituras. Mas ser um escravo de Cristo é muito

melhor do que ser um escravo da cultura.

Tito recebe a responsabilidade de estabelecer, na recém-evangelizada ilha de Creta, os alicerces de uma comunidade cristã em uma cultura que não sabe muito sobre comunidade espiritual ou vida de discipulado.

Nós analisamos Paulo em Roma, terminando a sua vida de liderança na igreja de Cristo. Certa vez, ele havia escrito aos romanos; aquela era a sua carta mais famosa e agora o vemos chegar a um acordo com a conclusão da sua vida ali. Uma boa conjunção de escrita e vida: a carta abrangente escrita para Roma, a vida de um pastor se completando em Roma, o mais preeminente pastor missionário da igreja primitiva pronto para sair de ação (é importante observar que uma palavra que sempre precisa estar associada ao ministério de Paulo é "sofrimento". Ele nunca teve um ministério "bem-sucedido", mas sempre foi livre e cheio de prazer).

Nós analisamos Timóteo em Éfeso, entrando na desordem de uma congregação confusa e em conflito sobre o que significa ser pessoas criadas, salvas e abençoadas por Deus. A famosa igreja de Éfeso havia caído em tempos difíceis. Nenhuma igreja, independentemente de quão maravilhosa seja, está isenta de desintegração, e vimos Timóteo na obra pastoral de limpar a sujeira de outras pessoas. A resposta: Timóteo deve simplesmente ensinar, mas de um modo saudável e vivificante.

Agora, Tito. Sabemos menos sobre Tito e Creta do que sobre Paulo e Roma, e sobre Timóteo e Éfeso. De fato, tudo que temos é uma insinuação — mas ela é suficiente para discernirmos o cenário diferente em que Tito trabalha, cenário que podemos facilmente identificar como ainda característico de obra pastoral. A ênfase em Tito está em edificação da comunidade e em liderança, duas ideias que precisamos manter unidas.

Como Timóteo, que foi deixado em Éfeso (1Tm 1.3), Tito foi deixado em Creta. (Em geral, nós não escolhemos nossos ministérios: nós somos dados aos ministérios; eles são entregues a nós. Como o lugar em que nascemos e a rua em que crescemos, como os corpos que habitamos e os pais que recebemos, como os filhos que nos nascem, recebemos o que é dado.) Mas, diferentemente de Timóteo, que foi deixado para reformar uma igreja estabelecida, mas confusa, Tito foi deixado para trás para pôr em ordem o que ainda não havia sido realizado, especificamente a nomeação de anciãos nas várias igrejas de toda a ilha (1.5). Comunidades vêm a existir quando o evangelho é pregado; Paulo semeou essas comunidades por meio de sua atividade evangelística. Mas esse não é o fim da história deles; essas comunidades necessitam de atenção, de cultivo por Tito. De certa maneira, a semeadura é a parte mais fácil — o cultivo é o trabalho duro da agricultura. Plantar sementes é ótimo, mas o trabalho duro de cultivo e colheita é o que os pastores são chamados a fazer (e isso inclui sofrimento). Portanto, proporcionar liderança contínua é uma parte importante da obra pastoral. Gordon Fee conclui que “as igrejas de Creta eram mais recentes… Em razão das igrejas de Creta serem mais recentes, em Tito a preocupação se concentra menos nos falsos mestres em si e mais na Igreja como povo de Deus no mundo”. 1

Eu caracterizei a tarefa pastoral de Timóteo como ensino, mas ensino de um tipo específico, o ensino da sabedoria — um conhecimento de Deus e dos seus caminhos inserido no tecido de músculo e espírito, mente e emoção, lar e trabalho. Éfeso parece ter sido um lugar fervilhante de ideias e esquemas, palavras desconectadas da vida real — viver é muito mais difícil do que apenas esclarecer as nossas mentes — uma igreja onde havia muita conversa, interessante e “profunda”, até mesmo inebriante, mas conversa que deixava as pessoas livres para viverem quase de qualquer maneira.

Quero caracterizar a tarefa pastoral de Tito como desenvolvimento de liderança que honra o evangelho na comunidade. Depois de colocar em ordem o evangelho (com Timóteo), colocar em ordem a comunidade (com Tito) é o próximo item da agenda pastoral / de liderança. Assim como o evangelho é, no dizer dos estudiosos, sui generis (único, sem paralelos reais, inútil para estudos comparativos de religiões), igualmente é a comunidade de Jesus. Uma

comunidade espiritual que não é estabelecida sob a influência formadora de Jesus é vulnerável a toda pessoa dotada de uma personalidade forte, carismática, autoritária, quer tenha alguma coisa a ver com Jesus ou não. Portanto, no topo da agenda da obra pastoral está o desenvolvimento de uma contraliderança, liderança de uma comunidade do Espírito Santo. Essa é uma liderança contracultural, que se recusa a render-se aos estilos de gestão baseados em poder apresentados pela nossa cultura.

Há uma única visita registrada de Paulo a Creta (At 27), mas essa foi uma mera escala no porto de Bons Portos, a caminho de Roma como prisioneiro. Aqueles de nós que acreditam ter sido Paulo o verdadeiro autor da Carta a Tito conjecturam que ele foi libertado daquela primeira prisão romana e fez vários anos de viagens não registradas, que podem ter incluído a sua visita aguardada havia muito tempo à Espanha e teria incluído Creta, onde ele pregou e estabeleceu várias igrejas. Essa atividade evangelística/ missionária seria o cenário da Carta a Tito, mas não há histórias sobre isso, não há fatos.

Creta: um faroeste

É tentador caricaturar Creta como uma espécie de faroeste do primeiro século, uma sociedade semianarquista sem muita experiência social — espíritos independentes, patrulheiros solitários com iniciativa própria. Imagino-os como uma mistura grosseira de minerador de ouro do Yukon, caubói do Texas, devastador do Saskatchewan e miliciano de Montana. Essas pessoas são o contexto em que Paulo semeou essas comunidades do Espírito Santo.

Com certeza, Creta tinha por trás de si uma civilização estimada. Arqueólogos descobriram antigas ruínas que mostram que, mil anos antes da chegada de Paulo, havia impressionantes capacidades de arte e linguagem. Uma das histórias mais impressionantes da filologia deste século é a decifração de uma linguagem enigmática do início de Creta, designada como Linear B Minoico. Em 1953, uma dupla de filólogos ingleses, Ventris e Chadwick, decifrou a escrita e abriu

um enorme novo capítulo da nossa compreensão do idioma grego primitivo. Creta, portanto, figura nos mais sofisticados estudos de idiomas. Mas isso era passado e a imagem popular de Creta no primeiro século é mais parecida com o que estou propondo como um faroeste. O mito de Minos dá o sabor.

Minos, rei de Creta, tinha um touro bravio do qual ele gostava muito — montar em touros e saltar em touros eram muito praticados em Creta, como evidencia a pintura em cacos da cerâmica minoica. Mas um dos deuses ficou irritado com Minos por ser tão egoísta com o seu touro e fez com que a esposa deste, Pasífae, fosse tomada por paixão pelo touro. Ela foi rapidamente transformada em uma vaca, consumou a sua paixão e, depois, deu à luz um monstro metade humano e metade touro, o lendário Minotauro.

O único alimento que esse selvagem e feroz Minotauro comia era seres humanos vivos. Para proteger a si mesmo e ao seu reino, Minos fez Dédalo e seu filho Ícaro projetarem e construírem o Labirinto como um curral para o monstro. O Labirinto foi engenhosamente construído de modo que qualquer um que entrasse nele jamais fosse capaz de sair e acabasse sendo devorado pelo Minotauro. Nesse meio tempo, Minos havia subjugado Atenas, na Grécia continental, forçando-os a pagar anualmente (alguns relatos dizem ser a cada nove anos) um tributo de sete donzelas e sete rapazes, que eram dados como alimento ao Minotauro.

Aqui entra o herói. Teseu, filho do rei de Atenas, decidiu que já era suficiente e navegou para Creta, para matar o Minotauro. Ao desembarcar, ele conheceu a filha de Minos, Ariadne, que se apaixonou loucamente por ele. Pouco antes de ele entrar no labirinto para lutar com o Minotauro, Ariadne lhe deu barbante para que ele conseguisse encontrar a saída, algo que ninguém jamais fizera.

Bem, funcionou. Teseu chegou ao covil do Minotauro, matou-o e, depois, seguindo o barbante de Ariadne, encontrou a saída do labirinto. Ele a levou consigo e eles foram embora, navegando em direção ao sol poente. A história é

maior, mas isso é o suficiente para dar o sabor.

Não há uma história de faroeste mais básica do que isto: uma história que glorifica a violência e o romance, a besta feroz e o forasteiro solitário que aparece para salvar todos aqueles rapazes e moças inocentes de uma morte brutal a cada ano — e, então, arrancar a linda Ariadne das garras de seu pai bestial. Estou surpreso por não a encenarem todos os anos no estouro da boiada de Calgary.

Nesse aspecto, Creta não difere do oeste do Canadá e dos EUA, com um passado lendário e fabuloso das primeiras pessoas da nação e de pioneiros intrépidos, mas sem uma conexão viva conosco. O passado é totalmente mito, que dá cor às nossas vidas, mas nenhuma conexão. O presente é tosco e machão, independente e idiossincrático.

A única frase da carta a Tito que nos dá algum detalhe de apoio ao que estou conjecturando — um detalhe não lisonjeiro — é um provérbio de um poeta de Creta, Epimênides de Cnossos, um mestre religioso do século 6o a.C., que confirma essa reputação de faroeste: "… Cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos" (1.12).2

J. N. D. Kelly fala da "reputação chocante por mentira que os cretenses tinham no mundo antigo. Isso era tão prevalente que o verbo 'cretizar' (em grego, kretizein) era uma gíria para mentir ou trapacear".3 Além de serem mentirosos, eles são chamados "feras terríveis, ventres preguiçosos", completando a caricatura de um ilha de rebeldes rudes. Nesse tipo de solo, Tito foi chamado a cultivar as sementes da comunidade do Espírito Santo.

Creta e os cretenses fornecem as condições para determinado fluxo de obra pastoral: encontramo-nos com pessoas que nada sabem sobre a Bíblia ou Jesus,

como também sobre boas maneiras ou vida ética. Diferentemente dos efésios, que são sofisticados e cultos em todos os tipos de religião, os cretenses são recém-chegados, rústicos e sem boas maneiras, além de todo esse negócio de paciência, amor e humildade. Os cretenses não são um material promissor para a construção de uma comunidade. Eles não sabem muito sobre viver juntos em quaisquer termos, muito menos nos termos de Deus.

De algumas maneiras, isso é refrescante — começamos do início.

O pastor Perry Monroe, bom amigo meu, tornou-se cristão por meio de um conjunto ímpar de circunstâncias durante a Segunda Guerra Mundial. Embora ele não tivesse um histórico eclesiástico, ao voltar a Nova York, no fim da guerra, ele decidiu que se tornaria um pastor. Seus amigos, todos ex-católicos que ainda tinham um bom grau de respeito pelos sacerdotes, pensaram que aquela era uma ótima ideia; então, organizaram uma grande festa para ele na noite em que partiria para Princeton. Perry ficou tão bêbado que eles tiveram de colocar um cartaz sobre ele, para que o condutor pudesse ajudá-lo a saltar do trem quando chegasse à sua parada. Pela manhã, ele acordou na estação de trem de Princeton, foi à escola e se tornou pastor — e dos bons.

Perry foi um dos que tiveram de aprender o que significa ser cristão a partir do zero. Ele não sabia coisa alguma. Ele não sabia que não deveria ficar bêbado. Tudo que ele sabia era que, quando você faz algo grande, ganha uma festa. E, embora Perry tivesse de desaculturar-se pelo lado do mundo, ele me forçou a desaculturar-me pelo lado da igreja de tudo que eu pensava sobre um pastor. Por meio dele, eu tive meu primeiro processo sustentado de desaculturação do que significa ser um pastor.

Recém-salvos e bêbados como Perry Monroe: essa foi a congregação dada a Tito.

Por mais tentador que seja, em situações como essa, o pastor não pode fazer tudo sozinho. Temos de desenvolver a comunidade e, para isso, é necessário haver uma liderança piedosa. Então, nos voltamos à Carta a Tito como uma espécie de paradigma para o desenvolvimento da comunidade e da sua liderança.

O estilo de liderança de Jesus

Atualmente, uma grande quantidade de conselhos é dada sobre cultivo de liderança. Há uma conhecida revista com esse título, Leadership [Liderança]. Os conselhos sobre como ser líder são intermináveis, mas tudo tem de ser cotejado às nossas Escrituras. Há um monte de boas ideias por aí, mas, quando elas assumem o controle do núcleo do que estamos fazendo, nós acabamos no Gulag, sofrendo uma perseguição não reconhecida.

Contra todo conselho de liderança temos de estabelecer Jesus; não tanto descobrir como ser líderes a partir do que ele disse e fez, mas entrar no mundo em que ele vivia, nos relacionamentos que ele cultivava, e assimilar o seu estilo. Essa liderança não trata de técnicas e estratégias selecionadas a partir de uma leitura superficial dos Evangelhos que pouco conhece do próprio Jesus, mas de espírito, mente e sensibilidade de liderança de Jesus. Ela é uma liderança conspicuamente ausente do exercício do poder e da atração de seguidores.

Henri J. M. Nouwen capta bem isso:

Estou profundamente convencido de que o líder cristão do futuro é chamado a ser totalmente irrelevante e a estar neste mundo com nada a oferecer além do seu próprio eu vulnerável. Foi assim que Jesus veio para revelar o amor de Deus. A grande mensagem que temos de levar, como ministros da Palavra de Deus e seguidores de Jesus, é que Deus nos ama, não pelo que fazemos ou realizamos, mas porque Deus nos criou e redimiu por amor e nos escolheu para proclamar

esse amor como a verdadeira fonte de toda vida humana.[4]

Esse é o evangelho e eu o levo a sério. A seguir, leia esta declaração que copiei do trabalho de conclusão de curso de um aluno:

Tive as minhas próprias experiências de ver as atitudes de pastores para comigo mudarem quando eu não fazia o que eles queriam. Se você não for uma engrenagem da máquina que eles estão movimentando, eles descartam a sua importância. […] A liderança parece ser ocupada por pessoas que têm um conceito errado sobre ela.

Para desenvolver uma comunidade em Cristo, temos de lidar com as pessoas da maneira como Jesus lida com elas. O corolário disso é que nós temos de nos certificar de não tratá-las da maneira como a cultura lida com elas. A cultura pensa em termos organizacionais, funcionais; o evangelho pensa em termos relacionais, pessoais. O evangelho diz: onde estiverem dois ou três reunidos, aí estou eu no meio deles. A cultura diz: onde estiverem dois ou três reunidos, um tem de ser o presidente e o outro, redigir as atas.

Para reforçar uma liderança de Jesus, a Escritura nos dá dois termos pelos quais devemos pensar sobre as pessoas: batismo e imagem de Deus. O ponto para começarmos a nossa compreensão de liderança é o batismo. Este não é algo que fazemos, mas algo que é feito por nós e de maneira igual. Nós somos os batizados, os renascidos, os separados para Deus, piedosos, santos.

Depois disso vem a imagem de Deus, uma metáfora que nos lembra da impressão de Deus indelevelmente carimbada em cada um de nós. E, mais uma vez, isso nada tem a ver com o que fazemos e tudo tem a ver com a maneira como Deus nos fez, nos vê e nos ama.

Com o batismo e a imagem de Deus diante de nós, ai de nós se funcionalizarmos essas pessoas feitas à imagem de Deus e banhadas por ele, colocadas sob o nosso cuidado — por mais cretenses que elas possam ser. Mas, ao nos saturarmos com essas duas maneiras muito contraculturais de lidar com as pessoas, cultivaremos uma mente de Cristo em relação a elas.

Salvação: a subestrutura teológica da liderança na comunidade

É essencial adquirir uma teologia adequada à comunidade; as Epístolas Pastorais se concentram na salvação. Entre os estudiosos das cartas pastorais há um consenso de que a salvação é a peça central teológica. Philip Towner a denomina "ponto central" da mensagem nas Pastorais.5 Frances Young escreve: "É característico das pastorais Deus ser chamado Salvador. A designação de Deus como Salvador é encontrada nessas cartas em seis das meras oito vezes em que ela ocorre em todo o NT. O verbo 'Salvar' é usado seis vezes. Jesus Cristo aparece como Salvador quatro vezes".6

Em outras palavras, a salvação é a obra de Deus/Jesus que fornece a infraestrutura para o que o pastor e outros líderes fazem. Portanto, no desenvolvimento de liderança temos de organizar essa subestrutura; caso contrário, estaremos desenvolvendo uma liderança que nada tem a ver com quem somos como comunidade de Jesus.

Então, deixe-me esboçar a nossa orientação quanto a Salvador/salvação.

1Timóteo 1.1 — a saudação inicial descreve Paulo como "… apóstolo de Jesus Cristo, pelo mandato de Deus, nosso Salvador…".

1Timóteo 2.3-4 afirma que “isto”, ou seja, viver uma vida tranquila e mansa com toda piedade e santidade, “… é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”.

1Timóteo 4.10 fala de esperar no Deus vivo, que é Salvador de todos os seres humanos, especialmente dos crentes.

2Timóteo 1.9 descreve Deus como aquele “que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça…”. A passagem prossegue dizendo que esse plano de Deus “… nos foi [dado] em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos, e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus…”.

2Timóteo 2.10 mostra Paulo suportando tudo pela comunidade cristã, “… para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória”.

2Timóteo 4.18 expressa a confiança de que “o Senhor me livrará também de toda obra maligna [referindo-se aos ataques à pessoa de Paulo, dado o contexto dos versículos anteriores] … e me levará a salvo [em grego = salvar] para o seu reino celestial…”.

Tito 1.2-4, no decurso de uma saudação elaborada, refere-se à “kerygma que me foi confiada por mandato de Deus, nosso Salvador…”; a saudação termina com “… graça e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Salvador”.

Tito 2.10 orienta que os escravos devam comportar-se de uma maneira que demonstre que eles são confiáveis, "… a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador".

Tito 2.11-13 diz que "… a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens". Diz-se que a atividade da graça salvadora de Deus é o ensino. O ensino produz vidas que recusam impiedade e desejos mundanos, e produzem autocontrole, justiça e piedade. Essas vidas são vividas na expectativa da "… bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus".

Tito 3.4-6 canta sobre o aparecimento da "… benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos [philanthropia = amor para com os seres humanos]". Deus é assim descrito: "… não por obras de justiça praticadas por nós [presumivelmente, boas ações], mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador [presumivelmente, batismo] e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador".

Young escreve: "O que é perceptível é que a comunidade à qual esses textos pertencem afirma o Deus universal de uma maneira especial, como 'Deus, nosso Salvador', mantendo, porém, a perspectiva universal. Esse Deus quer salvar a todos".7

Paralelamente a esses textos, quero definir os "ditos fiéis", logos pistos. Estas três cartas são pontuadas por "ditos fiéis" — cinco deles —, cada um dos quais centrado na salvação. Eles são:

1Timóteo 1.15: “Fiel é a palavra (pistos) e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores…”.

1 Timóteo 3.1: “Fiel é a palavra (pistos): se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja” (mas essa frase pode se referir ao que foi escrito pouco antes, sobre as mulheres serem “salvas” tendo filhos).

1Timóteo 4.8-9: “… o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser. Fiel é esta palavra (pistos) e digna de inteira aceitação”.

2Timóteo 2.11-13: “Fiel é esta palavra (pistos): Se já morremos com ele, também viveremos com ele; se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele, por sua vez, nos negará; se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo”.

Tito 3.5-8: “Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna. Fiel é esta palavra (pistos)…”.

Young comenta sobre essas passagens, observando:

Os “ditos fiéis” são palavras de salvação. Não existe uma definição de salvação como tal nas Epístolas Pastorais, mas podemos vislumbrar em quê ela supostamente consiste pela cuidadosa atenção a essas… passagens. A mais

próxima de uma declaração definitiva é Tito 2.11-14, que fala da graça salvadora de Deus aparecendo e

"… educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras."8

Depois, Young acrescenta: "o conteúdo kerigmático (isto é, a salvação) é avançado para fundamentar o chamado do autor a que a comunidade expresse a nova vida".9

A salvação não é meramente uma questão de eternidade, ir para o céu, "ser salvo" da separação eterna de Deus; ela é um modo de vida em comunidade. Os "salvos" são aqueles com quem lidamos, lideramos, os batizados, homens, mulheres e crianças à imagem de Deus. Nós somos "… um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras". A salvação não é apenas uma questão entre a alma e Deus; é a alma, Deus, casa, filhos, trabalho e lazer — tudo. A vida salva é um estilo de vida no qual Deus é a subestrutura presente e eterna.

Agora, mais um conjunto de textos para fazer apoiar esse mundo de salvação abrangente. Esses textos são cristológicos — isto é, eles são focados no Jesus que efetua essa salvação entre nós. Esses textos mostram sinais de serem usados liturgicamente — isto é, durante o culto, como credos e/ou hinos — uma teologia cantada. Quando se forma uma comunidade cristã, a coisa básica que se faz é adorar, desenvolver um culto cristocêntrico, baseado na salvação. Essas passagens são evidências disso.

Dispus as linhas de modo a dar uma percepção da qualidade oral e hínica destes textos, enfatizando em negrito as palavras salvar/Salvador/salvação originadas de Deus:

1Timóteo 2.5-6

… há um só Deus

e um só Mediador

entre Deus e os homens,

Cristo Jesus, homem,

o qual a si mesmo se deu em resgate por todos:

testemunho que se deve prestar em tempos oportunos.

1Timóteo 3.16

… foi manifestado na carne

foi justificado em espírito,

contemplado por anjos,

pregado entre os gentios,

crido no mundo,

recebido na glória.

1Timóteo 6.13-16

Exorto-te perante Deus, que preserva a vida de todas as coisas,

e perante Cristo Jesus, que, diante de Pôncio Pilatos, fez a boa confissão, que guardes o mandato

imaculado, irrepreensível,

até à manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo;

a qual, em suas épocas determinadas,

há de ser revelada pelo bendito e único Soberano,

o Rei dos reis e Senhor dos senhores;

o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível,

a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver.

A ele honra e poder eterno.

Amém!

2Timóteo 1.9-10

[Jesus] nos salvou e nos chamou com santa vocação;

não segundo as nossas obras,

mas conforme a sua própria determinação

e graça que nos foi dada em Cristo Jesus,

antes dos tempos eternos,

e manifestada, agora, pelo

aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus,

o qual não só destruiu a morte,

como trouxe à luz a vida e a imortalidade,

mediante o evangelho.

2Timóteo 2.11-13

Fiel é esta palavra:

Se já morremos com ele, também viveremos com ele;

se perseveramos, também com ele reinaremos;

se o negamos, ele, por sua vez, nos negará;

se somos infiéis, ele permanece fiel,

pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo.

Tito 3.4-8a

Quando, porém, se manifestou a benignidade

de Deus, nosso Salvador,

e o seu amor para com todos,

não por obras de justiça praticadas por nós,

mas segundo sua misericórdia,

ele nos salvou

mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo,

que ele derramou sobre nós ricamente,

por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador,

a fim de que, justificados por graça,

nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna.

Fiel é esta palavra.

Esses seis textos embutidos nas Epístolas Pastorais fornecem um pano de fundo “talhado-pela-salvação, Jesus-salva” para entendermos o tipo de obra de edificação de comunidades e desenvolvimento de lideranças em que os pastores estão envolvidos. Se perdemos a consciência e a validação contínua pelo ministério dessa obra contínua de Deus entre nós, somos presa de todo estilo de liderança baseado em obstinada autopromoção oferecido a nós. Sem esse contexto detalhado saturado de salvação, nenhuma comunidade cristã autêntica se desenvolverá. Adoração gerada pela salvação é um pré-requisito para isso.

Young explica que “Frequentemente, essas passagens-chave são interjeições doxológicas ou semelhantes a hinos, difíceis de traduzir, de qualidades alusivas, de modo que, para muitas delas, é difícil fornecer uma exegese clara e definitiva.

… [Essa poesia tem] o anel da tradição litúrgica e, portanto, desafia a análise em termos de doutrina sistemática”. 10

Desenvolvendo a comunidade e a sua liderança

Não podemos entender a comunidade corretamente se não compreendermos a teologia corretamente, mas, com uma percepção dessa infraestrutura de teologia — isto é, o pensamento informado pela presença e ação salvadora de Deus —, podemos abordar o tema da comunidade e da sua liderança.

As Pastorais, e agora Tito em particular, estão relacionadas à maneira como uma congregação cresce e se mantém, como as pessoas lidam com o dia a dia de serem cristãs no mundo. Mais do que em qualquer outro escrito bíblico, aqui se dá atenção ao âmago da questão do comportamento adequado ao ser uma comunidade no mundo.

Todavia, antes de analisar o que está envolvido neste material sobre comunidade, permita-me resumir as condições: temos uma cultura que nada sabe sobre comunidade e temos uma salvação que requer uma comunidade para ser vivida corretamente. Criados com ideias de faroeste em suas mentes, eles encontram o evangelho e entram na igreja com a cultura ainda ressoando em seus ouvidos.

E a cultura é mentirosa, hedonística e violenta — tanto Creta quanto América do Norte. A violência e o hedonismo são alimentados pelas mentiras. A maior parte da ruína da nossa cultura atual provém das nossas palavras mentirosas. A linguagem que está na raiz da criação, da salvação e da comunidade é abusada e adulterada de maneira contínua e sacrílega.

O salmo 12 (aqui, na versão da Bíblia A Mensagem) é contemporâneo:

Rápido, ó Eterno, preciso da tua ajuda!

A última pessoa decente acaba de cair,

Todos os amigos de confiança se foram.

Todos se esmeram em mentir.

As mentiras deslizam de seus lábios escorregadios.

Falam com língua de serpente. Corta os lábios deles!

Arranca aquelas línguas arrogantes!

Cansei de ouvir: “Podemos convencer qualquer um de qualquer coisa! Nossos lábios controlam o mundo”.

Nos barracos dos pobres,

Nas ruas escuras, onde gemem os desabrigados, Deus diz:

“Basta! Estou a caminho

Para curar a dor no coração dos abatidos.”

As palavras de Deus são puras,

Pura prata, refinada sete vezes

No seu forno de palavras.

São puras na terra e no céu.

Ó Eterno, salva-nos das mentiras deles,

Dos perversos que nos espreitam com mentiras,

Dos perversos que colecionam honrarias

Por suas maravilhosas mentiras.

Em contraste, a salvação está enraizada na Palavra que revela Deus — a verdadeira Palavra, Jesus — e cria comunidade. A mesma salvação que cuida do nosso destino eterno nos mergulha em relacionamentos comunitários. A linguagem, o meio pelo qual nos revelamos uns aos outros e desenvolvemos responsabilidades entre nós, é essencial à comunidade.

Assim, com esse contexto estabelecido — cultura que nada sabe de comunidade e uma salvação que requer comunidade —, estamos prontos para analisar a maneira como as Pastorais como um todo (mas com foco no texto de Tito) cuidam da questão de fornecer liderança à comunidade.

A metáfora de Paulo para a comunidade da igreja é “família de Deus”. Ele escreve: “Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.14-15).

Para dar instrução nesse “como se deve proceder”, Paulo usa uma forma literária que encontra paralelos em outros escritos do primeiro século. A forma é denominada “códigos de conduta” (em alemão, Haustafel). “Nos códigos de conduta, a preocupação predominante recai sobre relacionamentos, deveres e obrigações corretos em uma comunidade que se considera um ambiente de ensino com um padrão de comportamento virtuoso e um conjunto de escritos revestidos de autoridade.” 11

O que quero destacar é que, nas Pastorais, as pessoas são referidas em termos de relacionamentos sociais e identidades sociais, não de tarefas e talentos. Com a maior frequência, identificamos as pessoas das nossas congregações em termos do que elas são capazes de fazer: dizimistas e não dizimistas, líderes e seguidores. Muitos de nós desenvolvemos sistemas para identificar habilidades e experiência, que nos dias de hoje são informatizados para que, quando você quiser alguém que possa pintar uma sala da escola dominical, você abra um arquivo; algo semelhante será feito para potenciais líderes de jovens, pessoas que possuem furgões, habilidades de secretariado, experiência financeira, arranjos florais, boa voz para cantar, etc. Há coisas a serem feitas em uma igreja e precisamos saber o que as pessoas são capazes de fazer para que possamos pô-las a trabalhar. Todos nós fazemos isso; eu mesmo fiz isso e faria novamente.

O que eu quero salientar é que essa maneira de analisar e identificar cristãos numa comunidade tende a funcionalizá-los nas nossas mentes, pensando neles não pelo que são em comunidade, em relacionamento, mas pelo que podem fazer. É importante observar que as Pastorais se referem aos membros da comunidade como homens e mulheres embutidos em relacionamentos — Paulo estava à procura de caráter, não de capacidade. Nas Pastorais, cinco pares de

relacionamentos sociais são mencionados: homens e mulheres, maridos e esposas, pais e filhos, senhores e escravos, cidadãos e Estado. E dez identidades sociais são fornecidas: rapazes, moças, homens idosos, mulheres idosas, viúvas, bispos, presbíteros, diáconos, ricos, pobres. Nenhuma dessas identidades é usada para avaliar as pessoas, para colocá-las em algum tipo de escala de utilidade, competência ou valor. Elas são usadas para dar algum foco à orientação e ao incentivo da formação de caráter em comunidade.

Se identificamos as pessoas funcionalmente, elas se transformam em funções. Precisamos conhecer as nossas pessoas por quem elas são, não pelo que elas podem fazer. Construir uma comunidade não é uma tarefa organizacional, mas relacional — compreender quem as pessoas são em relação umas às outras e a Jesus, e operar sobre as virtudes e os hábitos que liberam amor, perdão, esperança e graça.

Pascal tem uma imagem maravilhosa a esse respeito: “Nós pensamos que atuar sobre um homem é como tocar um órgão comum. Ele é, de fato, um órgão, mas estranho, mutante e mutável, com teclas que não seguem as escalas musicais. Aqueles que só sabem tocar um órgão comum nunca estariam em sintonia com esse. Você tem de saber onde estão as teclas”.12

Ora, o que eu quero fazer é destacar apenas um desses códigos de conduta, aquele da Carta a Tito referente aos presbíteros: “… te deixei em Creta, para que pusesses em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituísses presbíteros, conforme te prescrevi”. Aqui, a tarefa de Tito é essencialmente “organizar as comunidades cristãs na ilha estabelecendo ministros responsáveis”.13

Por vezes, os cristãos recorrem a esses textos das Pastorais para encontrar uma ordem bíblica sobre como organizar uma igreja. Juntamente com a maioria dos comentaristas, eu não vejo essa carta a Tito (ou qualquer uma das cartas a Timóteo) nos dando um esquema autoritativo para a ordem eclesiástica. Tudo

que podemos concluir é que desenvolver a ordem eclesiástica é essencial — nós apenas não sabemos que forma específica essa ordem deve tomar. Não existe uma ordem eclesiástica biblicamente autoritativa. Nunca recebemos informações suficientes para sistematizar uma — e, provavelmente, por um bom motivo. Presbíteros são nomeados em Tito, diáconos em Timóteo. Bispos e presbíteros não parecem ser claramente distinguidos. Sabemos, é claro, o que os bispos, presbíteros e diáconos fazem nas nossas igrejas agora, mas não podemos inserir as nossas descrições de função no Novo Testamento; nós simplesmente não sabemos o suficiente.

Juntamente com tentar descobrir um fluxograma operacional a partir da Bíblia, nós falamos sobre encontrar os dons das pessoas. Mas isso é apenas um eufemismo para “como podemos usar esses recursos inexplorados”. As pessoas têm dons; o Espírito Santo os dá a elas. Mas nós nos afastamos culturalmente da maneira como o Espírito Santo opera e do que ele deseja, e fomos em direção aos nossos estilos de gestão e objetivos organizacionais, funcionalizando as pessoas onde o Espírito as personaliza ao lhes conceder dons. Então, se paramos de procurar uma descrição de função ou uma identificação de dons, é interessante ver o que há, de fato, aqui.

Este é o código para os presbíteros (três itens):

irrepreensível,

marido de uma só mulher,

que tenha filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados.

E este é o código para um bispo (oito pontos positivos e cinco negativos):

irrepreensível como despenseiro de Deus,

não arrogante,

não irascível,

não dado ao vinho, nem violento,

nem cobiçoso de torpe ganância; hospitaleiro,

amigo do bem, sóbrio,

justo, piedoso,

que tenha domínio de si,

apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem.

É essencial observar que nem um único item (exceto, possivelmente, o último) dessas listas se refere à descrição de função ou à capacidade. O último item da lista do bispo é uma exceção parcial — “que tenha poder… para exortar pelo reto ensino”. Mas, se nós o vemos como referindo-se a uma pessoa cuja vida é orientada e formada pela Escritura, e cujo discurso flui dessa orientação e formação, trata- se mais de uma questão de caráter do que de habilidade. Essa é a sabedoria que enfatizamos no capítulo 6 — verdade vivida, evangelho vivido — esse é o tipo de pessoa a procurar. A maneira como você vive é o que qualifica ou desqualifica você para a liderança.

Nós não encontramos uma descrição de função. O que encontramos é uma preocupação com a formação do caráter — a tarefa é desenvolver homens e mulheres que saibam como tratar uma congregação corretamente. Não nos é dito o que esses líderes devem fazer ou como eles devem fazê-lo. Eles não são distinguidos pelas suas funções — ou, como poderíamos dizer atualmente, pelos seus “dons” —, mas pelo seu caráter.

Se deixarmos a nossa imaginação ser treinada pelas Pastorais quando nos pusermos a trabalhar em desenvolvimento de liderança na comunidade de fé, não estaremos à procura de pessoas talentosas a quem possamos usar. Buscaremos nutrir almas confiáveis e fiéis.

Isso está a quilômetros de distância do que é corrente entre nós no tocante ao desenvolvimento de liderança, e poderia explicar as dificuldades em que nos encontramos. À medida que a comunidade diminui, o frenesi pela liderança acelera; porém, mais frequentemente, ela é uma liderança que destrói a comunidade funcionalizando as pessoas. Quanto mais “eficazes” os nossos líderes se tornam, menos comunidade obtemos.

Uma comunidade cristã é desenvolvida pelo Espírito Santo usando homens e mulheres maduros em seus relacionamentos, que adquiriram os hábitos do coração que possibilitam viver em fé e fidelidade. Aquilo a que chamamos

“capacidade de liderar” tem quase nada a ver com isso. Se queremos desenvolver uma comunidade em Cristo, temos de jogar fora a maior parte do que nos é dito atualmente sobre liderança. Esqueça o carisma e busque o caráter.

Como regra geral, ao selecionar líderes nas nossas congregações procuremos as pessoas pequenas, as pessoas comuns, as pessoas inexpressivas. Elas não são tão propensas a terem sido corrompidas pelo funcionalismo do mundo; elas são menos propensas a ser identificadas pelas suas descrições de função. A formação do seu caráter tem maior probabilidade de ser madura — não necessariamente, é claro, mas a probabilidade é maior.

Procure os “pobres de espírito”. Aprenda a reconhecer a esfera de liderança não entre os que provocam admiração, que realizam grandes coisas energicamente, que se tornam propagandas do vigor das nossas congregações. Esses tipos de liderança são úteis, com certeza, e nós somos gratos por eles. Porém, quando se trata de desenvolvimento de comunidade, precisamos de algumas almas nas quais o amor opera suavemente, cobrindo uma multidão de pecados.

Faríamos bem não nos enamorar pelo tipo de liderança tão valorizado por políticos e CEOs, do tipo conspícuo e, como se diz, “eficaz”. Em Creta, esse tipo de liderança encontrou um exemplo perfeito em Minos e Teseu. Paulo não instruiu Tito a igualar aqueles líderes mitológicos com algum equivalente cristão. Ele não está procurando alguém que possa fazer algo espetacular, mas alguém que seja algo, independentemente de alguém perceber. Nas comunidades eclesiásticas, trabalhamos com padrões diferentes e temos objetivos diferentes. Quase sempre é um erro recrutar pessoas excepcionais para a liderança; procure cristãos comuns — isto é, principalmente, o que você já tem. Mas premie-os, valorize-os e nomeie-os como líderes.

Quando estamos à procura de pessoas que nos ajudarão a nos tornarmos uma comunidade de Cristo, estamos à procura de pessoas distinguidas não por conquistas, mas “pelo que quer que seja que elas tenham mantido intacto, puro,

pelo que permanece nelas da sua infância, independentemente de quão profundamente tenhamos de procurar”.14

Capítulo 9

O chamado à edificação da comunidade

MARVA J. DAWN

Tal como nos meus capítulos anteriores, iniciamos este com oração — desta vez com duas petições extraídas de A Guide to Prayer, porque elas resumem bem o que fizemos até agora ao estudar Efésios e o que procuramos fazer neste capítulo final. Ao começar, lembremo-nos de que estamos trabalhando juntos como uma comunidade.

O Senhor esteja com vocês. [E com você também.] Oremos:

Deus Todo-poderoso, tu chamaste a Igreja à existência e nos reuniste em uma única família. Pelos poderes do teu Espírito Santo, ajuda-nos a viver em unidade e paz com todos os teus filhos.

Que as nossas ações neste dia sejam fruto da nossa fé no teu reino, em nome de Cristo. Amém.

Deus Todo-poderoso, tu nos criaste, nos chamaste, nos escolheste para ser o teu povo. Esperamos agora receber a tua palavra de orientação e bênção. Concede-nos ouvidos para ouvir, olhos para ver e fé para responder ao teu amor e

liderança, em nome de Cristo. Amém.1

Os seres humanos têm uma forte necessidade de ritual público.2 Nas orações comunais de um corpo de adoração, os participantes considerarão mais atraente o líder dizer algo como: “Senhor, em tua misericórdia”, para que todos possamos nos unir ao restante da congregação ao responder: “escuta a nossa oração”. Quando juntos dizemos essas palavras, não estamos apenas ouvindo uma oração, mas nos envolvendo verbalmente com toda a comunidade na pronunciação da oração.

Eu sinto um profundo anseio de lamento corporativo com uma agudeza adicional, porque o maior desejo da minha vida é, de algum modo, encontrar comunidade. Como palestrante/escritora freelancer, passo uma grande parte do meu tempo longe da minha comunidade de culto local.

Quando a conferência que deu origem a este livro foi realizada no Regent College, em Vancouver, na Colúmbia Britânica, encontrei-me imersa em uma comunidade que trouxe grande cura e conforto para a minha alma errante. Seus dons comunitários oferecem excelentes modelos para a vida em comunidade das nossas igrejas. Por exemplo, Eugene Peterson era o mestre amado na Regent e eu era praticamente desconhecida — e, ainda assim, Eugene me acolheu calorosamente como sua parceira, como também o fizeram os participantes da conferência. Aquele foi um importante início de comunidade para mim, pois participei de algumas conferências nas quais os participantes não compareciam às sessões de palestrantes menos conhecidos ou nas quais o outro orador parecia estar competindo, em vez de servindo juntamente comigo em coleguismo.

Além disso, alguns alunos de um curso que eu havia lecionado dois verões antes no Regent me convidaram a ir à sua casa e a participar das suas conversas e preocupações quanto ao futuro. Outro ex-aluno me levou para jantar com os seus atuais colegas, para que eu pudesse ouvir como ele estava servindo e o que a congregação na qual ele ensinava estava fazendo no ministério. Esses eventos

me deram oportunidades para ir além das formalidades das palestras e participar mais profundamente da vida de colegas de ministério (como freelancer, não tenho colegas locais para uma parceria espiritual). Além disso, os participantes da conferência no Regent College foram muito exuberantes na resposta “e com você também” no início de cada uma das minhas sessões.

Todos esses elementos nos dão algumas indicações de como poderíamos edificar uma comunidade nas nossas próprias congregações. Juntos, podemos praticar dons como hospitalidade, palavras investidas de significado, compartilhar nossas preocupações e sonhos para o futuro, orando juntos sobre todas essas preocupações e sonhos, e discutir juntos como podemos ser fiéis ao nosso chamado. Quão profundamente os membros da sua congregação conversam sobre os ministérios deles no mundo?

Por favor, reflita durante um momento também sobre o que faz com que você — dentro e fora da sua função pastoral — vivencie comunidade. Se, atualmente, você não estiver se beneficiando de uma comunhão assim, por que não está?

Enquanto estive no Regent para aquela conferência de pastores, alguns dos participantes e eu fomos a um concerto de música clássica em um teatro do campus da University of British Columbia. Os funcionários da sala de concertos foram incrivelmente generosos, pois lhes havíamos contado sobre a minha deficiência visual e eles haviam reservado alguns lugares próximos ao palco para que eu pudesse ver os violonistas clássicos que estavam tocando com a sinfonia. Isso foi encantador, exceto por não haver assentos próximos suficientes para todos os que haviam ido do Regent. Durante todo o concerto, senti-me um pouco culpada por meu lugar privilegiado prejudicar potencialmente a comunidade, em razão de outros ficarem excluídos dela. A situação me faz lembrar de quanto é importante todos nós estarmos conscientes de coisas que possam contribuir para construir uma comunidade ou que possam nos separar.

A reação de quem estava sentado mais para trás amplia esse ensino, pois sua

benevolência por não terem assentos próximos impediu que a distinção realmente fraturasse a nossa vida comunitária. Todos nós compartilhamos o prazer do concerto porque eles não deixaram o ciúme atacar. Edificar a comunidade requer uma grande diversidade de esforços, incluindo a vigilância contra inveja ou ressentimento, bem como os trabalhos mais positivos de oferecer hospitalidade, engajar-se em conversação e persistir em oração mútua.3

Fatores da sociedade que militam contra a comunidade

Nossa própria cultura milita contra a comunidade; contudo, fala sobre ela o tempo todo porque está faminta por ela. Jacques Ellul é o estudioso que mais me ajudou a entender alguns dos motivos pelos quais a cultura ocidental moderna se tornou tão desprovida de uma verdadeira comunidade.4 Analisemos as suas ideias referentes à evolução dos relacionamentos na cultura mundial, começando com a criação do mundo.

As convicções litúrgicas de Gênesis 1 demonstram quão completamente, na origem, Deus concebeu o mundo com harmonia e ordem, com tudo se relacionando com todas as coisas e com ele. Está claro que essa harmonia foi rompida na queda, que é o motivo fundamental da nossa atual falta de comunidade.

Ao longo da História do mundo, de modo geral, a sociedade foi organizada em pequenos grupos — clãs, tribos, famílias, conclaves étnicos. Não estou idealizando esses grupos — com frequência, as comunidades eram muito violentas —, mas o tecido social básico era propício à vida em comunidade (frequentemente, para sobrevivência contra as forças antagônicas da natureza).

Esses agrupamentos mais íntimos na vida doméstica e no meio local permaneceram como padrão durante a maior parte da História até o início da

Revolução Industrial. Antes dessa época, as famílias trabalhavam principalmente em conjunto, compartilhando os mesmos cuidados e preocupações. Por exemplo, considere a fazenda familiar (antes das grandes fazendas coletivizadas ou burocratizadas do século 20). Cada membro da família tinha as suas próprias tarefas que contribuíam para o bem-estar da coletividade. Todos os membros juntos tinham as mesmas ansiedades quanto ao clima e aos preços da soja. As crianças pequenas imitavam os seus pais no trabalho e eram orientadas no desenvolvimento de plenas responsabilidades e competências maduras para a manutenção do patrimônio familiar.

Muitos tipos de ocupação podiam fornecer um meio comunal como esse. No caso da minha própria infância, toda a nossa família se dedicava à escola cristã em que meus pais serviam. Meu pai era o diretor da escola; minha mãe, a secretária. Papai lecionava a oitava série; minha mãe, a terceira. Todos nós passávamos a maior parte do nosso tempo na escola (ou no seu playground) e trabalhávamos com afinco para que ela prosperasse. Meus irmãos e eu pensávamos que outras crianças eram carentes porque não carimbavam livros didáticos e empurravam carteiras durante os verões.

Um tecido social como esse, que nutria mais facilmente a comunidade, começou a se deteriorar na sociedade da Revolução Industrial. Em vez de trabalhar na sapataria da família, o marido/pai encontrava emprego na fábrica de calçados, o que o colocava em uma comunidade separada dos demais membros da família. Consequentemente, ele tinha tensões psicológicas diferentes, preocupações econômicas diferentes, um conjunto diferente de pessoas com quem ele passava o seu tempo. Quando voltava para casa daquele mundo separado, havia menos intimidade do que no meio anterior, porque a sua identidade residia parcialmente em outra comunidade.

A deterioração deu outro salto dramático com a Segunda Guerra Mundial, quando as mulheres foram trabalhar como assalariadas. Antes disso, seu trabalho era centrado no lar ou na empresa da família, mas agora elas iam ao escritório enquanto seus maridos (retornados da guerra) trabalhavam em outro local. Com

mamãe no escritório e papai na fábrica (e, eventualmente, trabalhando com seu filho em uma lanchonete), todos eles tinham diferentes grupos de trabalho, tensões emocionais e mentais, preocupações financeiras, conjuntos de amigos e colegas, e ambientes de trabalho. Agora, quando eles voltavam para casa, havia ainda menos tecido social para intimidade. O ambiente era, agora, uma difusão de comunidades, em vez de uma única que incluía lar e trabalho juntos. Essa dispersão da vida foi agravada pelo desenvolvimento de coisas como o automóvel (que permitiu que os membros da família se afastassem ainda mais uns dos outros nas suas vidas de trabalho separadas) ou os times desportivos da juventude (que organizavam o jogo em estruturas formais não ligadas ao bairro).

O salto mais extremo na decomposição do tecido social veio com o início do meio tecnológico. Jacques Ellul afirma que a tecnificação trouxe um rompimento tão drástico quanto a queda, mas isso é um típico exagero elluliano. Embora nada pudesse ser tão decisivo quanto a entrada do ser humano no pecado, Ellul está correto em reconhecer quão terrivelmente (e sutilmente) disruptivo do tecido comunal é o nosso meio atual, em grande parte porque as próprias ferramentas com que trabalhamos e os brinquedos com que brincamos nos afastam uns dos outros.

Por exemplo, considere máquinas de lavar louça. Nós podemos pensar que elas são ótimos dispositivos para economia de trabalho, mas não tão facilmente percebemos como elas roubaram uma parte do nosso tecido familiar de intimidade. Quando eu era criança, meus irmãos e eu lavávamos a louça juntos enquanto cantávamos em coro de três vozes. Não romantizarei falsamente aquela intimidade — nós também batíamos uns nos outros com as toalhas —, mas existia o potencial para um canto agradável e uma boa conversa. Nós também cantávamos com nossos pais no carro a caminho de Wisconsin para visitar os nossos avós; quando estávamos na faculdade (uma época em que muitos irmãos perdem o contato uns com os outros), o meu irmão mais próximo e eu costumávamos improvisar fugas* no trem a caminho de casa para passar as férias. O ponto é que nós havíamos estabelecido as práticas da comunhão e as alimentado enquanto lavávamos pratos. Se uma família usa uma máquina de lavar louça, cuidar dos pratos costuma ser um trabalho solitário. Além disso, pense em todos os brinquedos tecnológicos, como walkmans e jogos de

computador individuais, que nos impedem de cantar com os outros na nossa sociedade.

Outros aspectos da sociedade tecnológica são, semelhantemente, disruptivos da comunidade. As crianças raramente podem imitar o trabalho dos seus pais. Com mamãe no escritório e comida saindo de um saco, as famílias já não fazem mais bolinhos juntas e as menininhas não imitam mais as suas mães com seus pequenos rolos de abrir massa de brinquedo. Com papai na fábrica, os menininhos não levam os seus banquinhos de ordenha em miniatura ao celeiro para emular os seus pais (para não afirmar estereótipos de gênero, permita-me acrescentar que meu pai me ensinou a jogar futebol e beisebol, e minha mãe treinou os meus irmãos em cozinhar e limpar a casa).

Considere os televisores. Nós nunca tivemos um quando eu era pequena. Em vez disso, nós jogávamos e praticávamos vários esportes juntos. Atualmente, se meu marido e eu saímos para caminhar à noite, percebemos que, em algumas casas, até três televisores diferentes estão ligados ao mesmo tempo em cômodos diferentes. Que tipo de camaradagem é possível numa família que gasta o seu tempo assim separada?

Sou grata pelas ferramentas tecnológicas. (Eu não sou uma ludita!) O problema é que nós ficamos demasiadamente encantados com as suas vantagens e não fazemos boas perguntas sobre quanto elas tiram de nós.

Por exemplo, os computadores são muito mais rápidos do que as máquinas de datilografia para escrever livros; fico contente por simplesmente clicar em “Imprimir” após fazer correções, em vez de redigitar tudo. No entanto, os computadores também podem contribuir para a nossa alienação muito mais do que imaginamos.

Uma amiga, bibliotecária, queixa-se de nunca mais ver pessoas. Agora, ela se senta em seu pequeno cubículo e envia tudo via modem. De semelhante modo, recentemente um diário de notícias publicou um artigo sobre como as grandes corporações que, anteriormente, utilizavam uma grande quantidade de teletrabalho estão descobrindo que faltam às suas forças de trabalho as interações confortáveis que estimulavam a criatividade. Em consequência disso, elas estão construindo edifícios de sede parecidos com um vilarejo, com lojas, bancos de jardim e "esquinas", para promover os tipos de conversa que levam a novas ideias e maior satisfação no trabalho.

Nossa cultura é carente de comunidade. Ela tem fome de intimidade genuína, uma vez que nós já não temos a textura social básica, as habilidades ou o tempo para aprender a desenvolvê-la. Um dos principais motivos para a frenética idolatria genital do nosso meio ambiente é as pessoas serem tão vorazes por intimidade social, mas não saberem como criá-la.5 Enquanto isso, a mídia as bombardeia 95 vezes por dia com a mensagem de que a única maneira de ter intimidade é ir para a cama com alguém. Muitos jovens recorrem especialmente à união genital em decorrência do seu desespero por encontrar algum tipo de amor. Em razão do nosso idioma ter somente uma palavra para "amor", um número excessivo de pessoas pensa que "sexo" é o único tipo de amor a ser encontrado, mas, quando a relação sexual é destituída do contexto do projeto de Deus para ela dentro de um compromisso de casamento permanente, ela dificilmente pode ser satisfatória.

Os gregos têm uma abundância de palavras para "amor", além de eros (da qual se origina a palavra erótico), para nos ajudar a desenvolver muitos tipos de intimidade. Outros termos para amor incluem os seguintes:

storge — o amor dos pais pelos filhos ou "amor de sangue", que está se tornando cada vez mais ausente na nossa cultura à medida que as famílias se desintegram;

philia — o amor da amizade, cuja maior parte a nossa cultura perdeu em decorrência da nossa falta de tempo para compartilhar interesses comuns e porque forças como a concorrência e o ídolo de galgar os degraus corporativos têm impedido os colegas de trabalho de se tornarem amigos;6

philastorge — terna afeição (como em Rm 12.10), que aprofunda o amor da amizade em um parentesco tão firmemente estabelecido quanto um laço de sangue;

philadelphia — amor fraterno/amizade fraterna, mais bem exemplificada na comunidade cristã quando podemos verdadeiramente chamar uns aos outros "irmã" e "irmão";

agape — amor que não precisa de amor em retribuição, que é inteligente e intencional, sempre direcionado à necessidade do outro.

É claro que esse último amor é o mais rico de todos. Embora muitos dos antigos filósofos gregos pensassem que agape era o menos importante por ser desinteressado, a comunidade cristã reconheceu sabiamente que ele é o melhor termo para descrever o amor de Deus por nós. Além disso, todos os mandamentos bíblicos de que amemos uns aos outros usa o verbo agapao; verdadeiramente, a melhor intimidade que poderíamos oferecer aos membros da comunidade e aos nossos próximos é o extravagante, opulento e profuso amor de Deus.

Em razão de nossa cultura conhecer fracamente esses outros tipos de amor, um extenso treinamento é necessário para que as nossas congregações sejam verdadeiramente comunidades. A intimidade genuína, não genital, requer prática deliberada e diligente. Simplesmente ter o nome igreja não significa que somos uma comunidade real.

Nas minhas viagens, raramente encontro congregações seriamente empenhadas em ser uma genuína comunidade. Recentemente, num almoço de mulheres, perguntei o que significava ser uma comunidade cristã, e os membros da igreja deram respostas como “nós cuidamos uns dos outros” e “nós compartilhamos coisas”. Eu continuava a perguntar: “Sim, e o que mais?”. Após certo tempo, percebi que elas estavam ficando um pouco irritadas comigo; então, finalmente, confessei: “Considero estranho ninguém ter dito: ‘Nós morreríamos uns pelos outros’”. Elas estavam visivelmente inquietas, então apertei mais um pouco: Quão completamente ligados uns aos outros nós somos?

E quão completamente hospitaleiros para com os nossos próximos nós somos? “Acolher o estrangeiro” precisa ser ensinado nas nossas paróquias, por causa do medo da violência, instruímos nossos filhos a não falarem com desconhecidos. Se alguém desconhecido de qualquer pessoa da sua congregação aparecesse numa manhã de domingo, seria provável que um membro perguntasse: “Você gostaria de sentar-se comigo para o culto?”. Se o hóspede se sentasse sozinho, a pessoa sentada ao lado se inclinaria e diria: “Bem-vindo ao culto. Deixe-me mostrar-lhe a nossa ordem de culto, para que você possa acompanhar”!

Como freelancer há mais de vinte anos, tenho sido hóspede em igrejas em mais da metade dos domingos de todos esses anos; depois de tantas experiências, preciso dizer honestamente que a maioria das igrejas é bastante atroz em verdadeiramente acolher estranhos. (Eu uso perfume e sou, basicamente, um tipo de pessoa amigável, então não penso ser eu o maior problema.) Meu argumento é simplesmente que as habilidades da vida em comunidade já não são infundidas pela nossa sociedade. Se as nossas igrejas quiserem ser verdadeiramente Igreja e nutrir a profunda intimidade e generosa hospitalidade pelas quais a nossa cultura está desesperada, será necessário ensino e santificação, sacrifício e sofrimento.

Há muitas maneiras pelas quais podemos ser muito práticos em ser e edificar uma comunidade. Uma chave necessária é a intencionalidade compromissada. Temos muito facilmente uma “Baixa Relação Informação-Ação” sobre o

assunto; ouvimos demais sobre o fracasso da comunidade nas nossas igrejas e ficamos imobilizados. Por que não começar agora? Largue este livro e considere o que você poderia fazer para alimentar, nos membros da sua congregação, um desejo mais profundo de importar-se mais verdadeiramente com as necessidades dos demais santos. Por onde você poderia começar? Qual poderia ser o seu primeiro passo para a construção de uma identificação mais genuína na sua paróquia?

Lendo a Bíblia no plural

Um passo importante é ensinar os cristãos a reconhecerem que a Bíblia é, mais frequentemente, escrita no plural — e, então, equipá-los para atuar sobre essa pluralidade. Tomei conhecimento pela primeira vez de quanto negligenciamos essa verdade crítica mais de vinte anos atrás, ao liderar um estudo bíblico na faculdade. Enquanto discutíamos Filipenses 4.4, a aluna sentada ao meu lado reclamou: “Eu não consigo fazer isso”. “O que você não pode fazer?”, perguntei, e ela respondeu: “Eu não consigo me alegrar no Senhor sempre”.

Quando respondi: “O texto não diz que você tem de fazer isso”, ela insistiu: “Sim, ele diz. Ele me diz duas vezes: ‘Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos’”.

Na realidade, o texto não manda fazer isso. Ele diz: “Alegrai-vos” (ainda mais precisamente, ele diz: “Mantenham-se alegres”, uma vez que o imperativo está no tempo presente contínuo). Todos nós precisamos nos tornar sulistas dos EUA para ler a Bíblia corretamente, porque habitar o seu mundo é falar sobre as nossas vidas como vocês (plural), em vez de você (singular).7

As únicas instruções individuais da Bíblia são aquelas dadas a Timóteo, Tito e Filemom, dado que esses três receberam cartas pessoais, em vez de

congregacionais. A maioria das demais descrições e comissões presentes na Bíblia é plural: “abençoai os que vos perseguem…” (Rm 12.14); “… tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações” (Tg 1.2); “Não apagueis o Espí rito” (1Ts 5.19).

É necessário um treinamento atraente para os membros da igreja aprenderem a ler as Escrituras dessa maneira. Participei de um estudo bíblico em pequeno grupo durante vários anos até que, finalmente, uma mulher disse: “Você está sempre falando sobre ‘nós’. Finalmente entendi”. É necessário um longo processo para mudar o vocabulário individualizado ocidental que está arruinando a nossa igreja.

Certamente, não estou negando que é essencial cada um de nós ter um relacionamento pessoal com Jesus Cristo ou que enfrentaremos o julgamento de Deus individualmente. Entretanto, essa ênfase “pessoal” no tocante à fé foi tão exagerada que nos fez esquecer que tanto nós quanto a nossa fé somos formados na comunidade cristã.

Se pudéssemos parar de pensar em nós mesmos em termos individualistas e reconhecer que tudo na fé é comum, contingente e corporativo, descobriríamos que vida, aflição e trabalho são mais suportáveis. Quando tive câncer e fiquei tão doente que não conseguia cantar, precisei de alguém ao meu lado para cantar para mim.8

A comunidade cristã é uma sociedade alternativa

Essa é uma das frases mais importantes que eu digo ou escrevo; por isso, se você está lendo este livro em silêncio, leia isto em voz alta: a comunidade cristã é uma sociedade alternativa.

Outro passo importante na edificação da vida comunitária das nossas congregações é reconhecer que a verdadeira vitalidade corporativa da Igreja envolverá muitos valores muito diferentes dos valores da cultura. Se você leu as entrelinhas deste livro, já deve ter percebido essa ideia em quase todas as páginas. Nossa preocupação mútua por essa alternatividade é, para mim, uma importante fonte de alegria e gratidão pelo presente da amizade de Eugene. Nossas conversas continuam revelando a nossa pressuposição comum de que "ser Igreja" é seguir Jesus em toda a estranheza desse chamado (essa é a minha maneira de dizer: Eugene diria melhor).9

Enfatizar apenas a nossa alternatividade é, porém, inadequado; por isso, acrescentemos a palavra paralela e digamos isso de novo em voz alta: a comunidade cristã é uma sociedade alternativa, paralela.

Precisamos desse equilíbrio dialético. As palavras alternativa e paralela nos puxam em diferentes direções que mostram mais adequadamente a tensão dinâmica em que vivemos, se somos biblicamente formados. Devemos ser alternativos para resistir aos modos do mundo e para reconhecer os presentes que oferecemos, dos quais o mundo necessita. Por outro lado, nos entendemos também como paralelos para que possamos permanecer suficientemente perto do mundo para ainda falar em testemunho dele. Além disso, precisamos reconhecer, com a palavra paralelo, que nunca poderemos tirar o mundo de nós. Ainda somos tentados pelos seus deleites, deformados pelas suas maneiras.

É um equilíbrio difícil de manter — resistir, presentear, testemunhar, reconhecer. Jesus descreveu isso em termos de estar no mundo, mas não ser do mundo. Podemos facilmente mergulhar tanto na cultura circunjacente (fusão, em vez de paralelo), que nos misturamos com o mundo e ficamos sem presentes alternativos para oferecer. Então, o mundo não pode compreender por que o cristianismo importa. Por outro lado, podemos nos tornar tão extremamente alternativos que nos afastamos em direção a um provincianismo que não se conecta com os nossos próximos para oferecer os nossos presentes.10

Pense que tremendas alternativas o povo de Deus formado pelo evangelho expõe à nossa sociedade. O mundo não necessita de mais modelos de sucesso poderoso — ele tem uma abundância deles. Imagine quão importante é para nós, em vez disso, demonstrar a nossa servidão sofredora. Nossa cultura não tem necessidade de mais empresas riquíssimas; vislumbre quão valioso é, em vez disso, demonstrar "pobreza" e "simplicidade" escolhidas voluntariamente em prol da construção de justiça no mundo. As sociedades não precisam de mais violência; alternativamente, visualize o impacto de um povo dedicado à reconciliação e à pacificação. Nossos próximos não anseiam por mais mentiras. Todos estão em busca da verdade.

Mary Jo Leddy, em seu discurso plenário de encerramento de uma conferência patrocinada pela Gospel and Our Culture Network, intitulado "Testemunha confiável — mundo em transformação", descreveu as "culturas paralelas" desenvolvidas por Václav Havel e outros dissidentes da Tchecoslováquia e de outros países da cortina de ferro quando começaram a perguntar: "Como podemos viver a verdade em uma cultura baseada em uma mentira fundamental…?". Eis o esboço dela:

Eles tinham grupos de estudo clandestinos. Eles estudavam Platão. Eles tinham teatro. Eles tinham grupos musicais. Eles escreviam romances e poesia, e os publicavam clandestinamente… Com o tempo, a verdade se tornou cada vez mais forte e, em determinado ponto, as pessoas começaram a andar nas ruas e a dizer ao sistema: "Nós não acreditamos mais em vocês". E o sistema caiu. Ele caiu, não por causa do poder do equipamento nuclear ocidental, mas porque as pessoas diziam dentro do sistema: "Nós não acreditamos mais em vocês". Aquela era uma visão que havia sido alimentada no interior daquelas culturas paralelas.11

Essa não é uma das melhores imagens da Igreja? Como uma sociedade paralela, nós nos reunimos nas manhãs de domingo para a coisa mais importante que fazemos, para a única coisa que a cultura não consegue fazer — adorar! E,

quando adoramos, oramos as nossas orações; Cantamos as nossas músicas que falam uma língua diferente daquela do mundo; lemos a nossa história, a grande narrativa mestra do Deus que dá esperança.

Dessa metanarrativa aprendemos como Deus era (e continua sendo) fiel ao longo (e apesar) da história de Israel, como ele cumpriu da maneira mais dramática as suas promessas na ressurreição e ascensão de Jesus Cristo e no envio do Espírito Santo, e como esses cumprimentos da aliança nos dão a confiança de que Deus continuará a cumprir as suas promessas até a eternidade.

Enquanto continuamos a contar essa história uns aos outros, a orar pelas nossas petições e a cantar os nossos hinos, aprendemos a verdade tão bem que podemos sair para o mundo e dizer: “Nós não acreditamos mais nas suas mentiras”. Então, oferecemos os nossos presentes verdadeiros, dos quais o mundo está faminto.

Todos no mundo estão à procura de identidade, perguntando: “Quem sou eu?”. Nós, trinitarianos, lhes contamos a verdade do evangelho e, particularmente, do nosso batismo, que cada pessoa é o amado de Deus, feito à sua imagem e adotado em sua família pela graça.

Todos estão em busca de raízes, um conto maior, um relato magnífico, uma história estendida que ajude a dar sentido à sua vida e responda a pergunta: “Como é que tudo se encaixa?”. Nossa metanarrativa cristã começou com a criação do mundo e se tornou focada com a criação, por Deus, de um povo especial para si mesmo (por meio de Abraão e Sara e de todos os seus filhos na fé) pelo bem do mundo.

Todos estão procurando amor, lealdade, soluções certeiras para o anseio solitário expressado nas perguntas “A quem pertenço?” e “Em quem posso confiar?”. Nossas igrejas oferecem o presente de uma genuína comunidade confiável (e,

quando não é, oferecemos confissão e absolvição) e o presente maior da verdade sobre o Deus totalmente confiável a quem todos nós pertencemos.

Todos estão investigando valores e se perguntando: “Segundo o quê deverei viver?”. O povo de Deus possui um estilo de vida que dá direção ao nosso uso de tempo e dinheiro, às nossas amizades e casamentos, ao nosso senso de ocupação e vocação, às nossas prioridades.

Todos estão buscando energia suficiente para sobreviver, um remédio para os problemas: “Como lidarei com o caos do mundo?” e “Como posso abrir o meu caminho em meio à oposição dos outros?”. Nós, que seguimos Jesus, sabemos que todo o poder está em Deus e que podemos nos submeter ao poder do mundo derivado dele, quando isso for apropriado; combatê-lo, se necessário; resistir a ele sem violência; e exercê-lo graciosamente.

Todos estão buscando um sentido e tentando responder a pergunta: “Qual é o propósito da minha vida?”. Nós, da Igreja, descobrimos a missão da nossa existência em amar a Deus e glorificá-lo para sempre.

Todos estão à caça de esperança, abrigando um doloroso desejo de saber: “Como posso encontrar a coragem para seguir em frente?”. Os cristãos se aninham nos braços amorosos de Deus e confiam nas suas promessas para o futuro. Por aguardar o dia em que Deus acabará com o mal para sempre, nós antecipamos essa culminação final do seu reinado praticando e transmitindo o seu reino no presente.12

Esses são alguns dos presentes alternativos que oferecemos ao mundo se ficamos suficientemente perto dele e nele para sermos capazes de testemunhar e compartilhar, acolher e cuidar. Precisamos voltar continuamente à nossa “comunidade amada”13 para sermos lembrados da nossa história principal,

cantar a nossa verdade novamente e orar por capacitação para que possamos improvisar a nossa boa-nova na vida cotidiana pelo bem dos nossos próximos.

Redescobrindo a reconciliação

Uma das principais funções do pastor, que parece desnecessária ao mundo, é equipar a congregação para a sua obra de reconciliação na sociedade e certificar-se de que os membros da congregação permaneçam reconciliados uns com os outros. O pastor demonstra continuamente que Cristo é a ponte entre quaisquer grupos distintos ou causas díspares que ameaçam dividir a comunidade ou separá-la dos próximos.

Uma passagem muito importante de Efésios referente à reconciliação é 2.14-22. Lembre-se do capítulo 7 deste livro, essas palavras dos versículos 11-13 que apresentam as distinções:

Portanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas, naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo.

Efésios 2.11-13

Agora, analisamos a continuação do texto para obter mais revelação sobre a base pela qual todas as barreiras entre as pessoas são eliminadas. Paulo prossegue assim:

Porque [Cristo] é a nossa paz, o qual de ambos [os grupos] fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade (SD 20.53), aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, [com isso] fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, [com isso] destruindo por ela a inimizade. E, vindo, evangelizou paz a vós outros que estáveis longe e paz também aos que estavam perto; porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito (SD 33.72). Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, (SD 11.77) mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.

Efésios 2.14-22

Observe quão desnecessários nós somos a todo esse processo de reconciliação e edificação. Cristo Jesus fez tudo em seu próprio corpo, por sua cruz, por meio da sua proclamação e da atuação do shalom da Trindade. Esse é um paradoxo difícil que temos de redescobrir constantemente: que somos totalmente desnecessários para a realização dessa construção e, contudo, que é importante reconhecer o que Deus fez e, com isso, viver na paz que Cristo criou (embora façamos isso por meio da habitação de Deus em nós por meio do presente do Espírito). É, de fato, essencial recebermos ativamente o estabelecimento e a conformação graciosos de Deus, porque as muitas divisões e discórdias do nosso mundo demonstram amplamente a sua incapacidade de viver em paz.

Nossa participação ativa é libertada de qualquer senso da nossa necessariedade se relembrarmos a obra de Deus para edificar o templo do qual fazemos parte. Cristo derrubou as barreiras entre judeus e gentios, aboliu os muros entre nós, nos libertou de leis, mandamentos e decretos, fez a todos um só povo, destruiu toda a inimizade entre nós, colocou o fundamento dos apóstolos e dos profetas,

em si mesmo nos deu o ângulo perfeito para que as paredes pudessem ser corretamente alinhadas, nos uniu em si a despeito da nossa diversidade, nos alimenta para que cresçamos, nos reconciliou com o Pai e derramou o Espírito para habitar em nós.

Todavia, embora o Deus Triúno tenha implementado integralmente todos os aspectos dessa edificação, igrejas constantemente a desfazem e dividem a sua comunidade. Nós nos dividimos por questões tolas ou irrompemos em polaridades "irreconciliáveis" (na nossa opinião). Por exemplo, eu sempre digo que, atualmente, nós temos que reescrever "nem judeu nem grego" como "nem geração boomer nem geração X, nem amante de hinos nem amante de jazz, nem guitarrista nem organista". Parece óbvio que Cristo poderia unir a todos nós no louvor a ele, a despeito das nossas diferenças de gostos musicais; mesmo assim, as congregações estão cada vez mais divididas quanto a "estilos" de adoração. Não poderíamos, em vez disso, nos envolver fervorosamente no processo comunitário de discernimento que é necessário para ver Cristo demolindo os muros e experimentar a sua criação de um só povo?14

Com que a Igreja poderia se parecer? Muito tempo atrás, trabalhei em uma congregação pequena, mas ativa, que servia na sua pequena cidade e em dois campi universitários. Nos verões, quando muitos dos professores estavam ausentes para pesquisa e os alunos distantes em férias, o nosso número de membros ficava suficientemente limitado para que toda a paróquia estivesse junta na escola dominical. Certo domingo, nós construímos uma igreja.

Expliquei às crianças que, nos tempos bíblicos, a pedra angular foi escolhida porque tinha os ângulos retos mais perfeitos, de modo que as paredes pudessem ser posicionadas adequadamente e feitas em linha reta. Então, elas escolheram uma Bíblia bem alinhada para representar Cristo e nós discutimos como ele é a pedra angular pela qual julgamos tudo em nossa igreja.

Então, colocamos o fundamento dos apóstolos e dos profetas. Cada criança pôde

assentar uma Bíblia como uma das pedras estruturais, citando um escritor bíblico cuja carta ou profecia ajudou a nos formar.

Sobre essa base construímos nossa igreja com caixas de sapatos, uma para cada pessoa presente. Em pares de jovens e velhos, todos se ajudaram a colorir suas caixas pessoais como uma imagem de si mesmos e dos presentes que eles ofereciam a toda a comunidade. Ao trazê-los de volta ao grupo todo, disseram a todos os outros quem eles eram enquanto encaixavam a sua pedra no templo todo.

Nunca me esquecerei de Michael, de 5 anos de idade. Toda sexta-feira ele ia comigo cantar no centro de convalescença, onde demonstrava seu dom sobrenatural de saber exatamente quem precisava segurar a sua mão. Quando construímos o nosso templo, ele desenhou em sua caixa de sapatos um enorme sorriso. Ao colocá-la no centro da nossa construção, ele disse a toda a congregação: “Meu presente é fazer as pessoas felizes”. Aquele garoto sabia quão importantes para a comunidade eram ele e seus dons.

Como seria se cada pessoa dos nossos bancos soubesse que, se estivesse ausente, a igreja não poderia estar completa? Você acha que alguém estaria faltando? Então, o que faremos em nossa linguagem congregacional para pluralizá-la de modo que todos saibam que precisam dos outros e, depois, enfatizar que cada um de nós é indispensavelmente importante para o bem-estar essencial dessa comunidade nesse lugar?

Certa vez, trabalhei em uma congregação que incluía um sujeito que amava cantar, mas era muito monótono. Certa semana, quando ele estava fora, o canto congregacional foi terrível e fiquei perplexa, imaginando o que o tornara muito pior do que o habitual. Na semana seguinte, quando eu estava prestando atenção, ele estava lá, cantando a plenos pulmões tudo na mesma nota. Contudo, sua exuberância fazia todos os demais cantarem também a plenos pulmões. Talvez todos eles soubessem que não eram tão ruins em comparação a ele;

possivelmente, achavam que poderiam excluí-lo. Seja qual for o motivo, se ele estava lá, seu grande prazer em cantar inspirava todos os demais a cantarem com maior ardor. Toda a comunidade se beneficiava da sua presença.

Esse é um presente estranho, não? No entanto, ele se enquadra muito bem nos comentários de Eugene, no capítulo 8, de que as supostas “pessoas pequenas”, e não as que são mais dramaticamente grandes, costumam ser as melhores em criação de comunidade — e, frequentemente, elas o fazem de maneiras surpreendentes. Há muitas que lideram a vida congregacional e a adoração com grande talento, e não pretendo diminuir as suas contribuições. No entanto, é fundamental reconhecermos que habilidades como essas não são “necessárias”. Elas não são o principal meio pelo qual o Espírito de Deus molda em uma comunidade um bando de pecadores salvos.

Suspeito muito dos pequenos testes frequentemente feitos em igrejas para determinar quais dos dezessete ou dezoito dons espirituais bíblicos uma pessoa poderia ter. Os produtores de teste que organizam essas lições não compreendem que as listas de Paulo e de Pedro são simbólicas. Por exemplo, em Romanos 12 Paulo menciona sete (o número simbólico judaico que representa a perfeição) para ilustrar todos os demais.

Todos os dons espirituais são meios da graça — o termo grego é charismata na forma plural, derivado da raiz charis ou “graça”. Assim, o Espírito usa o dom espiritual para transmitir graça para o, e no, exercício do dom e, por intermédio dessa pessoa, transmitir mais graça às pessoas que recebem os seus frutos. Consequentemente, podemos imaginar a existência de miríades e miríades de dons espirituais. Eis aqui um dos meus favoritos: o dom da pessoa que lava os pratos após um jantar congregacional com tanta alegria que todos querem estar na cozinha ajudando.

Você já viu esse dom enumerado nesses inventários? Contudo, conheço uma pessoa que o tem. Ela espalha mais graça ensaboando do que qualquer outra que

já conheci. Toda construção de igreja precisa de uma pessoa assim.

Liderança para a edificação da igreja

Após a maravilhosa imagem, em Efésios 2, de barreiras destruídas, uma fundação em ângulo reto e diversos grupos de pedras encaixadas em um templo, Efésios 3.1-13 identifica o tipo de liderança necessário para uma genuína comunidade. Dado que Eugene já cobriu a maior parte disso em profundidade, aqui precisamos apenas esboçar os principais componentes do nosso caráter pastoral, da maneira como Efésios os delineia. Como Paulo e outros líderes da Igreja, queremos ser:

dispostos a ser prisioneiros pelo bem dos outros (v. 1);

conscientes da economia de Deus (oikonomia; veja o capítulo 3) em conferir graça sobre nós para o bem dos outros (v. 2);

receptivos ao mistério de Deus (musterion; veja o capítulo 3) dado a conhecer por revelação (v. 3);

ansiosos por contar aos outros sobre o mistério de Deus, para ajudá-los a entender (v. 3-4);

perceptivos da metanarrativa a respeito da revelação, por Deus, do mistério e do lugar de uma pessoa nesse plano mestre (v. 5);

plenamente convencidos de que os gentios são correceptores (sugklero- nomos), co-membros (sussomos) e coparticipantes (summetochos) da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho (v. 6);

atentos ao poder de Deus operando para nos tornar ministros de Deus como presentes da graça (v. 7);

humildemente conscientes da nossa inadequação para ter o privilégio de proclamar as insondáveis riquezas de Cristo e, assim, de esclarecer os outros espiritualmente (v. 8-9);

perceptivos de que o Deus que criou todas as coisas é também aquele que agora nos usa para esclarecer os outros a respeito da economia de seu mistério escondido desde a eternidade (v. 9);

conscientes do chamado da Igreja a dar a conhecer aos principados e potestades nas regiões celestiais a multiforme sabedoria de Deus (v. 10; veja o capítulo 5);

responsivos ao cumprimento, por Deus, do seu propósito eterno em Cristo Jesus e, assim, obedientes a ele como nosso Senhor (v. 11);

ousados e totalmente confiantes para nos aproximarmos de Deus por meio da fé em Cristo (v. 12);

capazes de confiar que também os sofrimentos são um presente para o bem daqueles a quem ministramos (v. 13).

Simplesmente por compilar essa lista a partir do texto grego, estou comovida diante da imensidão do nosso privilégio de servirmos a Deus aprendendo cada vez mais das maravilhas do mistério da economia de Deus, alimentando a comunidade cristã e proclamando a boa-nova de Deus aos que já participam dela e aos que ainda virão a ser enxertados na promessa! Nós nos tornamos conscientes de quanto é essencial a economia de Deus envolver uma comunidade, pois nenhum de nós pode conhecer suficientemente bem, por si mesmo, a multiforme sabedoria de Deus. O mistério de Deus é grande demais para entendermos, por isso sempre servimos como apenas uma parte de toda a comunhão dos coparticipantes, correceptores da imensa bondade de Deus.

Relacionamentos familiares como ícones de comunidade

Já analisamos (muito) brevemente Efésios 5.21-33 para considerar como essa passagem exibe uma visão para o caráter de homens e mulheres nas nossas igrejas. Agora, lancemos-lhe novamente um olhar para refletir sobre a intenção maior dessa passagem — especificamente, formar casamentos que nos permitam ver mais claramente o relacionamento de Cristo com o seu Corpo, a Igreja.

Esse texto é particularmente pungente para mim, como esposa fisicamente deficiente de um marido que realmente me ama como o seu próprio corpo, imitando o cuidado de Cristo pela sua Igreja. Em nosso casamento, Myron é para mim, sem dúvida, um ícone através do qual eu vejo muito mais claramente a fidelidade de Deus em Cristo.

Nós nos casamos mais velhos — e, desde então, Myron me apoiou fielmente ao passar por meu pé quebrado; perna quebrada e, depois, aleijada; numerosas vezes com muletas ou em cadeiras de rodas; perda de audição de um ouvido; perda da visão de um olho e, depois, durante algum tempo, também do outro; câncer e insuficiência renal; falha de nervos nas pernas e no trato intestinal;

deterioração da mandíbula e desmineralização dos ossos da parte superior do tronco; e assim por diante. Não é uma maravilha ele ter suportado pacientemente tudo isso comigo? Consequentemente, nós celebramos nossos mesiversários (tendo nos divertido especialmente muito no 50o e no 100o!). Hoje, enquanto escrevo isto, estou comemorando o nosso 119 meses-e-5-dias-versário. Durante todo esse tempo, nosso casamento foi, para mim, o ícone mais importante da paciência de Deus com as minhas fragilidades, do terno cuidado dele por mim, de seu amor que nos alimenta.

Efésios 5.21-33 nos ensina que o casamento é um ícone para o relacionamento da comunidade cristã com Cristo. Por conseguinte, exorta-nos a celebrar o casamento ricamente em nossa vida juntos. Como a nossa consciência dessa importância poderia influenciar a maneira como conduzimos a preparação para o casamento nas nossas igrejas? Ou a maneira como solenizamos os ritos matrimoniais e comemoramos os aniversários de casamento? Como a imagem de Cristo como o Noivo da Igreja poderia nos ensinar melhor a honrar e alimentar a castidade sexual das pessoas solteiras das nossas comunidades? Os dois papéis heroicos15 — do casamento fiel e da solteirice casta — são desesperadamente necessários à nossa sociedade doente pelo pecado, solitária, descompromissada e confusa. Ao demonstrar relacionamentos caracterizados por submissão mútua, amor verdadeiro em suas várias modalidades e perdão que limpa genuinamente, a comunidade cristã apresenta ícones que revelam ao mundo a graciosa fidelidade de Deus.

Nossa cultura fez da satisfação sexual a razão de ser da existência humana. Em contraste com isso, a comunidade cristã, como sociedade alternativa, oferece não apenas “a família nuclear”, nem uma rejeição pudica da união sexual. Nós simplesmente sabemos que considerar “sexo” a fonte de nossa satisfação é uma ilusão idólatra.

Em contraste, sabemos que a união sexual é o ícone de algo muito maior — o mistério de Cristo e da Igreja. Assim, a alternatividade das nossas igrejas inclui não somente os casamentos, mas também as pessoas solteiras e as famílias

estendidas, todos devendo coexistir como parte de um todo maior. Na família maior da congregação toda, todos os adultos têm a responsabilidade da educação de todas as crianças.

Esse é um assunto muito prático para a comunidade cristã discutir e discernir junta. Com quantos adolescentes conversamos nas manhãs de domingo? Quando "passamos a paz de Deus" um ao outro no culto, passamos nossos braços por sobre as cabeças das crianças para dar um aperto de mão só em outros adultos? (Como convidada em todos os tipos de igreja, percebi que, tanto nos gestos amistosos quanto nas ações litúrgicas, os membros mais jovens da comunidade são, frequentemente, ignorados.) Como cada um de nós poderia, em vez disso, educar deliberadamente algumas das crianças de nossa igreja para que elas saibam que são os amados de Deus e membros amados da comunidade desse lugar? Como todos nós poderíamos levar mais a sério o nosso chamado a participar na criação de todas as crianças da nossa paróquia "… na disciplina e na admoestação do Senhor" (Ef 6.4)?16

Se todos os relacionamentos citados em Efésios 5.21–6.9 fossem vividos como ícones que revelam o amor de Deus por nós e o amor da comunidade na qual envolvemos uns aos outros, que tremendo presente isso seria para os nossos próximos que anseiam por esse tipo de cerco comunal. Em uma mudança de paradigma que, à época, teve implicações nacionais e internacionais, as igrejas aprenderam que o amor de Cristo significava que os senhores tratariam os seus servos não mais como escravos, mas como irmãos cristãos. Que presentes radicais poderíamos levar aos nossos próximos em suas lutas referentes aos relacionamentos se igrejas pudessem aprender verdadeiramente os desígnios de Deus para casamentos, criação de filhos, pessoas solteiras, famílias e relacionamentos no trabalho no seio de toda a comunidade dos amados?

Vocação e virtudes da comunidade

A parte mais forte de Efésios sobre edificação da comunidade ocorre no capítulo

4. Ali, encontramos Paulo implorando aos cristãos de Éfeso para fazerem exatamente aquilo que o colocou na prisão! Tomando como base o seu grande texto de oração e louvor em 3.14-21, que os convida a conhecer a plenitude do amor de Deus sendo uma comunidade ("… com todos os santos…"), ele agora lhes suplica fervorosamente a cumprirem seu chamado.

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno (SD 66.6) da vocação a que fostes chamados…

Efésios 4.1

Essa é uma mudança de paradigma extremamente importante para as nossas igrejas. As pessoas gostam de fazer os seus líderes pastorais se sentirem necessários, para que elas possam se eximir das suas responsabilidades no "sacerdócio de todos os crentes". Todavia, se redescobrimos nosso chamado pastoral, sabemos ser meramente capacitadores, incitadores, incentivadores e promotores de todas as pessoas, para que cada uma cumpra a sua vocação na Igreja. Então, ninguém é mais "necessário" do que os outros, mas todos são libertos para "ser Igreja", para viver de um modo correspondente ao sacerdócio a que cada cristão foi chamado.

Isso é especialmente importante numa época em que as ocupações de tantas pessoas são ameaçadas pelos conglomerados econômicos e políticos que criam esses tipos de desordem nas nossas sociedades. À medida que as diferenças entre ricos e pobres ficam cada vez maiores no mundo todo, à medida que enormes corporações pagam aos seus altos executivos salários exorbitantes enquanto trabalhadores da base da pirâmide são demitidos, à medida que universitários formados encaram o fato de que menos da metade deles encontrará emprego permanente em tempo integral nas suas áreas de atuação, à medida que as populações mundiais ultrapassam os limites das possibilidades de emprego humano — todos esses fatores e muitos outros fazem deste mundo um lugar medonho em termos de emprego.

Portanto, é muito revigorante sermos capazes de fazer essa mudança de paradigma e ajudar todos os membros da Igreja a saber que os seus empregos são apenas secundários, que as ocupações são apenas um dos lugares onde nos engajamos na nossa vocação, que é de carregar, demonstrar e transmitir o reino de Deus. Como Paulo explica em 2Coríntios 5.17, se estamos em Cristo, somos nova criação — a antiga já passou e tudo se fez novo. Somos feitos parte do reinado do reino de Deus e, assim, servimos como seus embaixadores.

Quando os Evangelhos registraram a pregação inicial de Jesus, os evangelistas usaram a forma perfeita do verbo grego para que a mensagem de Jesus seja, literalmente, “o tempo oportuno veio (e permanece) aqui e o reino de Deus veio (e permanece) próximo” (veja, por exemplo, Mc 1.14-15). Em sua encarnação, Cristo trouxe a nova criação, o novo aeon, a esta — e ela permanece instituída, para que possamos participar desse reino agora e transmiti-lo aos outros. Vivemos nos tempos “intermediários”, provando do reino que Jesus estabeleceu, mas ainda não conhecendo a sua culminação. Algum dia, como nos conta Apocalipse 11, a sétima trombeta soará e grandes vozes no céu gritarão:

… O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos.

Em seguida, todos no céu se prostrarão diante de Deus e o adorarão, cantando:

… Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar.

Apocalipse 11.15,17

Essa visão escatológica orienta a nossa vocação comunal agora. Em razão de saber que Cristo inaugurou o reino, que ele está atualmente aqui e operando e que, algum dia, ele triunfará completamente, nos engajamos na sua presença e nos seus propósitos agora e os levamos aonde quer que vamos. Incessantemente e com alegria, somos sacerdotes do reino de Deus.

Como podemos nós, que servimos pastoralmente, equipar todos os santos da comunidade com visão e habilidades para os seus ministérios como agentes do reino? Como podemos convidar as pessoas das nossas congregações a saberem que são sacerdotes aonde quer que vão, como quer que vivam, no que quer que façam no seu emprego comum? Nós nunca sabemos como, onde e quando o reino de Deus poderá irromper nesse aeon.

Redescobrir o nosso chamado nos leva a convidar nossas comunidades eclesiásticas constantemente — ao pregarmos, cantarmos, falarmos, orarmos — a receber o seu sacerdócio, alegrar-se nele e revitalizá-lo. Nós envolvemos as pessoas na lição das lâmpadas (veja o capítulo 7) e as libertamos para brilhar. Nós nos deleitamos com elas nas maneiras como Deus acende as nossas lâmpadas, nos coloca em nossos lugares únicos no candelabro e traz as pessoas à nossa casa e à nossa vida. Acima de tudo, celebramos juntos as várias maneiras como cada um de nós brilha com o reino de Deus.

Como Francisco de Assis disse certa vez: “Sempre compartilhe o evangelho. Quando necessário, use palavras”. Aqueles de nós que têm chamado pastoral compartilham a boa notícia do reino com palavras hábeis, experientes e teologicamente competentes. Enquanto isso, deixamos os outros livres para perceber que eles não têm de se preocupar com como falarão a respeito do reino, já que Deus promete nos dar as palavras no nosso testemunho. Além disso, Deus usa todas as nossas vidas para os seus propósitos se estamos praticando a sua presença e proclamando o reino onde quer que estejamos. É um deleite o nosso pastor equipar as pessoas das nossas comunidades com tal senso da sua vocação.

O segundo versículo de Efésios 4 acrescenta esse conjunto de virtudes à sua descrição do sacerdócio de todos os santos:

… com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos ou tros em amor…

Efésios 4.2

Recorde-se dos nossos prelúdios no capítulo 2. Redescobrir o nosso chamado a equipar toda a comunidade cristã para o seu sacerdócio exige resistirmos ao glamour da nossa cultura. Estamos equipando os santos não com imagens glamorosas, mas com caráter — humilde reconhecimento de que não somos necessários, mansidão de atitude e de comportamento, capacidade de ser longânimo e de tolerar — de modo a podermos todos levar o reino por quem somos no mundo e para o mundo.

O chamado a preservar a unidade de Deus

Eis aqui outro paradoxo crítico ao nosso chamado: por um lado, Deus já criou a unidade da Igreja e, por isso, somos totalmente desnecessários; por outro lado, na Carta aos Efésios somos desafiados a fazer tudo que pudermos para preservar essa unidade. Humildade e mansidão, paciência e tolerância resultam em:

… [esforçar-nos] diligentemente por preservar a unidade do Espírito (SD 68.63) no vínculo da paz.

Efésios 4.3

A preservação da unidade requer atenção constante e esforço zeloso, uma vez que existem muitos poderes atuando contra ela, e desejos e comportamentos humanos pecaminosos perturbando-a. Continuar participando do shalom de Deus exige o compromisso de toda a comunidade — todos nós cuidando disso juntos, reconciliando-nos uns com os outros, cuidando uns dos outros, exortando uns aos outros, sendo compromissados uns com os outros o tempo todo.

Em sua pesquisa sobre pequenos grupos nos EUA, Robert Wuthnow, um maravilhoso sociólogo cristão de Princeton, descobriu que, em geral, a maioria deles não é verdadeiramente solidária no verdadeiro sentido da palavra. A maioria dos grupos se torna simplesmente lugares para algumas pessoas serem mimadas e poderem compartilhar sentimentos sem encontrar objeções. Quando repreendidas ou advertidas por outras do grupo a serem responsáveis, as pessoas costumam sair do grupo e ir para outro “mais solidário”.17 Sermos unificados no Espírito de Deus não significa meramente dar tapinhas nas costas uns dos outros e continuar com as nossas próprias glutonarias e idolatrias.

Sermos verdadeiramente unificados é sermos unidos por laços comuns, o shalom de Deus que não tolera falsos deuses, incluindo o deus do conforto comprado a preço de engano referente a desacordos reais ou de diluição deles. A comunidade cristã mede constantemente a sua unidade pelas narrativas bíblicas para discernir os verdadeiros laços do Espírito, e os membros se responsabilizam mutuamente quando nossa unidade é fraturada por atitudes, expressões, escolhas ou condutas antibíblicas.

Mantendo os valores primários da nossa cultura, nós nos tornamos uma sociedade de “compradores da igreja”, com os membros da congregação procurando a paróquia que “atenda melhor as suas necessidades”, mudando de

igreja a “ouvir uma música mais otimista”, deixando uma comunidade se ela os responsabiliza, participando onde quer que se sintam mais confortáveis. Esse não é o significado de “ser Igreja”. Somos desnorteados pelo vocabulário de marketing usado com referência às igrejas; quanto mais cedo pudermos lavar as suas ideias da mente das pessoas, melhor.

Discipulado não é algo a ser comercializado, uma mercadoria para comprar. Igrejas não são “fornecedores de bens e serviços religiosos” que atendem as necessidades e caprichos, escolhas e gostos das pessoas. Em vez disso, a Igreja é comissionada para ser “um corpo de pessoas enviadas em uma missão”.18 Precisamos, portanto, educar um povo missionário que está nisso junto o tempo todo e não abandona o barco quando as coisas ficam difíceis. Quando conflitos ou tensões, desordens ou problemas entram em erupção, isso cria um ótimo momento de aprender o que realmente significa ser uma comunidade — desde que empreguemos a energia necessária para processar a situação de maneira cuidadosa e bíblica.

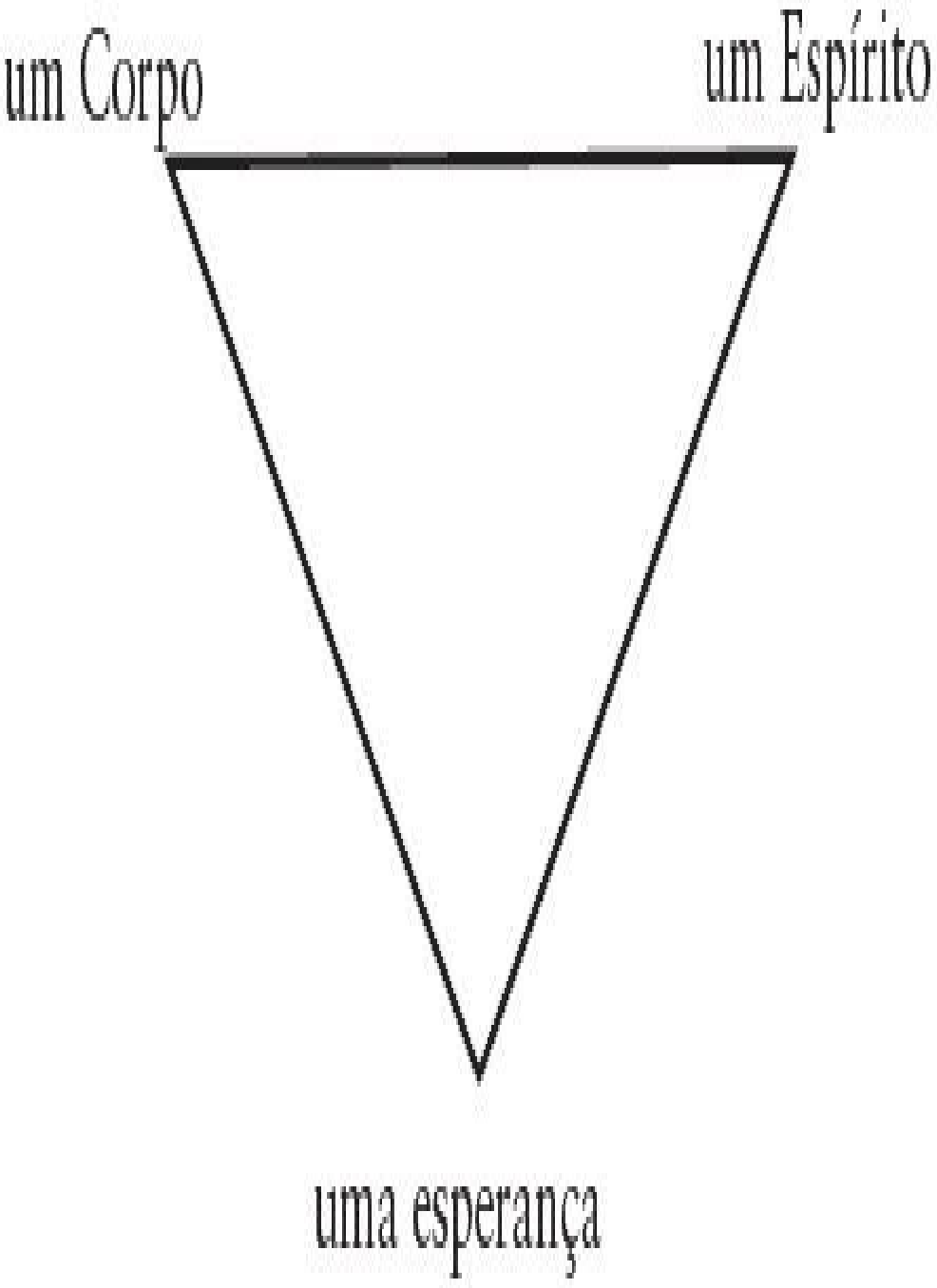
Comemorando a nossa unidade

Os três versículos de Efésios 4 reproduzidos a seguir ficam quase melhor dançados do que lidos. Cada substantivo do texto é um símbolo profundo, carregando um bailado inteiro de muitos aspectos da vida da comunidade cristã em união. A unidade de Deus em nós é composta, em primeiro lugar, por haver.

…somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação.

Efésios 4.4

Imagine um triângulo com cada frase substantiva em um canto. O um só Espírito é demasiadamente grande, é claro, para o discutirmos exaustivamente neste momento, mas deixe o nome nos fazer maravilhar com as maravilhosas obras do Espírito Santo. Para começar, como o Espírito pode criar um conglomerado tão estranho de pessoas unidas em um só Corpo é, certamente, um mistério divino.


um Corpo
um Espírito
uma esperança

Alguns cristãos têm a noção equivocada de que todos nós devemos gostar um do outro nas nossas igrejas, mas, às vezes, penso que Deus nos coloca propositalmente junto com pessoas que não suportamos para nos dar a prática em aprender a amar os nossos inimigos. Somos totalmente desnecessários à criação do Corpo de Cristo; ele é inteiramente obra do Espírito, a despeito das nossas escolhas e maquinações. É de se imaginar o que o Espírito poderia realizar com o nosso chamado se escutássemos mais atentamente os critérios de Deus antes de "escolher uma igreja".

O que Paulo poderia querer dizer aqui com "uma só esperança da nossa vocação", frase que ele também usou em 1.18? Novamente, temos de dançá-la, porque o Novo Testamento é repleto de imagens para descrever a nossa esperança eterna (que ultrapassa as esperanças terrenas de resgate ou companheirismo). Temos esperança em Deus (1Pe 1.21), particularmente em

… a esperança do evangelho… que foi pregado… (Cl 1.23);

… a esperança da justiça que provém da fé (Gl 5.5);

a esperança de que Deus não nos abandonará (Sl 16, citado em At 2);

a esperança de que, em vez disso, Deus cumprirá as suas promessas (At 26.6-7); a esperança de que em nada seremos envergonhados, mas que Cristo será engrandecido nos nossos corpos, tanto na vida quanto na morte (Fp 1.20); a esperança de consolação nestes tempos intermediários (2Co 1.7);

… a esperança da salvação (1Ts 5.8);

a esperança da ressurreição (At 23.6;24.15), graças à ressurreição de Cristo (1Pe 1.3);

a esperança até ao fim (Hb 3.6;6.11) e, então, na graça (1Pe 1.13);

… a bendita esperança na manifestação da glória do nosso grande Deus e Sal vador Cristo Jesus (Tt 2.13);

a esperança depositada nos céus (Cl 1.5) e a esperança da vida eterna (Tt 1.2;3.7).

Todas essas passagens são resumidas na verdade de que Jesus Cristo é a nossa esperança (1Tm 1.1) e de que temos a esperança da glória de Deus (Rm 5.2) graças à presença de Cristo em nós (Cl 1.27). Todos do Corpo são unidos pela comunicação, pelo Espírito, dessa esperança comum de que, em Cristo, nós participamos do cumprimento de todas as promessas de Deus.

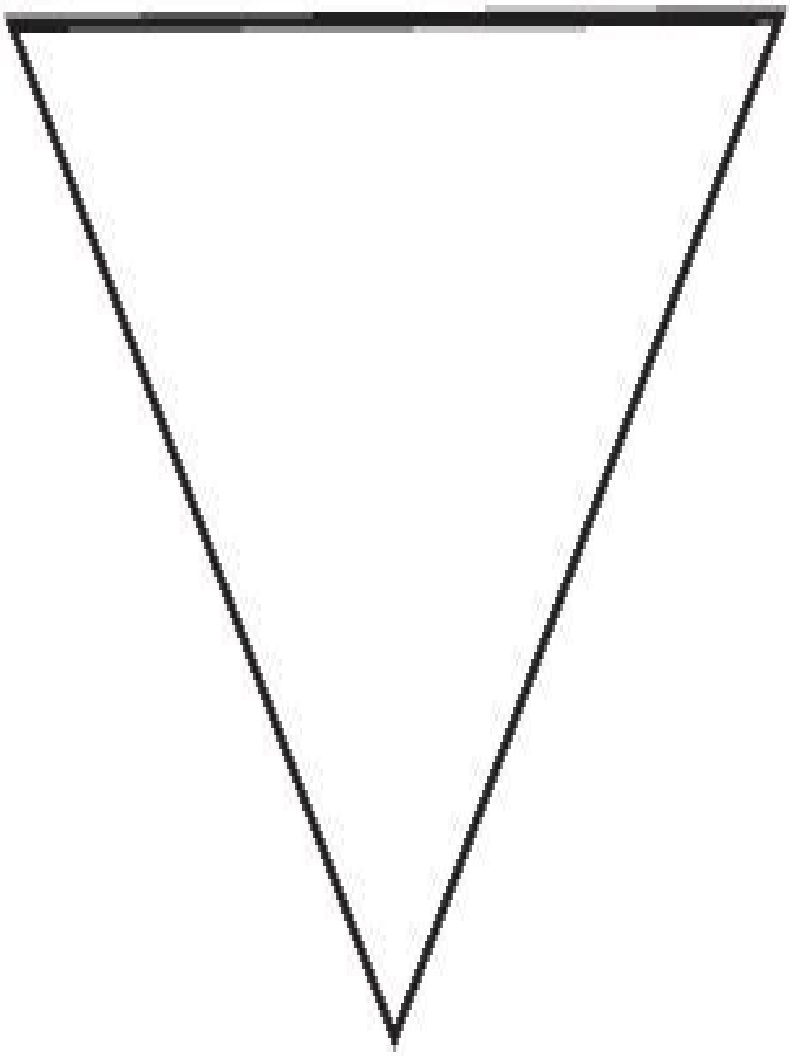
A segunda pessoa da Trindade nos oferece uma segunda tríade (imagine-a como outro triângulo), composta por

… um só Senhor, uma só fé, um só batismo

Efésios 4.5

um Senhor

uma fé



um batismo

Nossa fé comum é centrada na obra que Jesus fez por nós, na sua revelação de tudo que o Deus Triúno realmente é e faz no relacionamento conosco. Nós adentramos a comunidade daqueles que creem em Jesus por meio do nosso batismo, pelo qual mergulhamos com Cristo e fomos levantados para esta nova vida comunal nele e pela sua presença dentro de nós. Ao dançar com esses símbolos profundos, celebramos que a nossa fé está nesse Senhor Jesus Cristo e que o batismo o coloca dentro de nós.

Há muitas maneiras pelas quais poderíamos explorar as imagens dessa canção sobre a unidade cristã. O ponto é que cada termo representa doutrinas inteiras referentes à nossa vida em união. Esses versículos nos fornecem todos os tipos de conceito pelos quais podemos ser unidos, e padrões pelos quais podemos resistir ao que fraturaria a comunidade.

Poderíamos realmente fazer um levantamento da gama de expressões bíblicas para a fé, como fizemos para a esperança, e encontraríamos uma gama diversificada de imagens, símiles e metáforas centradas em Jesus Cristo e na sua obra para nos conduzir a um relacionamento com o Deus Triúno. De semelhante modo, poderíamos investigar diversos entendimentos denominacionais do batismo e as contribuições especiais de cada um.

Em vez disso, ansiemos pelo dia em que o nosso batismo na fé em Jesus Cristo una os cristãos do mundo todo, porque verdadeiramente todos nós eliminamos a nossa velha pessoa por morte batismal com o mesmo Jesus (Ef 4.22). Estamos sendo renovados diariamente pelo mesmo Espírito de Jesus e de seu Pai (4.23). Estamos nos revestindo da mesma nova pessoa por meio da vida de Cristo em nós e por meio de nós (4.24). Todos os cristãos batizados em todo tempo e espaço são parte da mesma comunidade denominada Igreja. Jesus quer levar todos nós à consciência da nossa única fé comum e do nosso estilo comum de vida; ele disse que a sua obra inclui reunir todas as ovelhas de outros apriscos, de modo a poder haver um só rebanho seguindo a voz de um só pastor (Jo 10.16).

Em vez disso, estamos abominavelmente divididos. Primeiramente, a única santa Igreja católica apostólica se separou em diferenças denominacionais, com base em variações teológicas. Agora, parecemos ser polarizados mais por escolhas morais e estilos de culto, e frequentemente as divisões racham as denominações pelo meio.

Somos chamados a preservar a unidade dada pelo Espírito em laços de verdadeira paz. Como podemos aprender a trabalhar juntos tanto quanto possível em todas as linhas denominacionais para demonstrar a unidade que Jesus disse que revelaria ao mundo que seu pai o enviara (Jo 17.21)? Como podemos aprender a distinguir entre discordâncias que violam a fé e as de menor importância, de modo que não sejamos tão divididos a ponto de causar ofensa em nosso testemunho ao mundo? Como podemos aprender a discutir todas as complexidades das nossas diferenças morais com mais profundidade, suavidade, atenção, inspiração do Espírito, de maneira bíblica, compassiva e fiel?

O versículo final dessa dança profundamente simbólica apresenta uma tríade incomum de preposições, em vez de substantivos. A comunidade cristã é unida por

… um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.

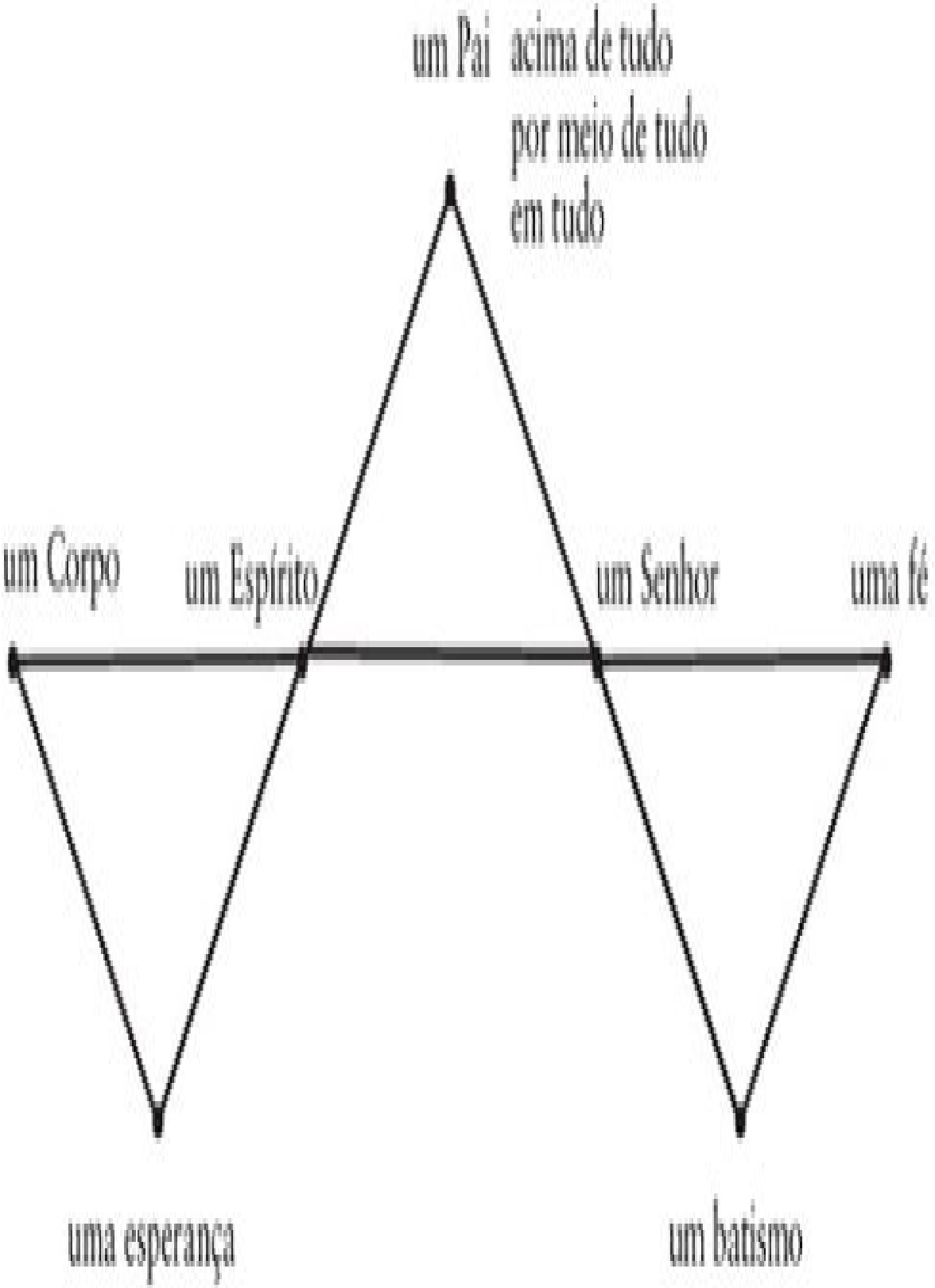
Efésios 4.6

O Pai está constantemente criando a comunidade, pois está acima de tudo, por meio de tudo e em tudo para promover a união de todos. Nós somos capazes de continuar a perseguir a comunidade e de mantê-la porque, em sua gênese, somos

totalmente desnecessários. Mencionar o Pai nesse sexto versículo completa o triângulo da Trindade, iniciado no versículo 4.

Mais de vinte anos atrás, fiquei impressionada com a observação de R. C. H. Lenski, de que em Efésios 4.4-6 Paulo elenca nove itens (de uma maneira cativante, sem conjunções ou verbos, simplesmente para apontar para fatos que formam a base da nossa unidade), mas usa sete vezes a palavra um. Lenski ressaltou que os dois números não parecem ser acidentais, pois nove como um composto de 3 × 3 evidencia completamente a Trindade como a base para a nossa unidade na comunidade cristã. Além disso, o sete (o número judaico da perfeição) combina três (Trindade) com quatro (o número que simboliza toda a terra no pensamento judaico); sendo assim, reúne Deus e seu povo na unidade mais importante de todas.19

Poucos anos depois, desenvolvi este desenho para ilustrar essa impressionante celebração da base para a nossa unidade na Trindade (representada pelos três triângulos) e da união dos seres humanos com Deus (representada pelos sete pontos que simbolizam cada uso da palavra um(a)).


um Pai
acima de tudo
por meio de tudo
em tudo
um Corpo
um Espírito
um Senhor
uma fé
uma esperança
um batismo

Novamente, lembre-se de que essa dança por meio de símbolos tangíveis nos liberta de pensar que somos necessários. O corpo, a fé, a esperança e a vida batismal (as quatro dimensões da unidade humana) já existem na unidade da Trindade. Harmonia, parceria e congruência existem entre as pessoas do Deus Triúno, que nos convida a essa intimidade e ao que ele está fazendo por nós e em nós, por meio de nós e além de nós. Se continuarmos nos lembrando de que a nossa unidade já existe em Deus, poderemos confiar em que, enquanto o Deus Triúno expande sua graça para o seu povo e por meio dele, estamos seguramente unidos na própria unidade de Deus.

Os dons da comunidade

Essa unidade no Corpo de Cristo é sustentada pelos dons concedidos por Deus. Ao apenas começar a imaginar como participar da preservação da unidade tão maravilhosamente esboçada nos versículos 4-6, descobrimos que também isso depende da graça.

… a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. Por isso, diz:

Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro [SD 55.24], e concedeu dons aos homens.

Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido às regiões inferiores da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas. E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres…

Efésios 4.7-11

Que glorioso hino de louvor essa passagem acrescenta à dança trinitária anterior sobre a unidade! Todo o evangelho da encarnação, o triunfo de Cristo sobre as potestades, a ascensão e o envio do Espírito são esboçados como a base para a garantia de que cada um de nós do Corpo de Cristo foi dotado de uma plenitude da sua graça. Além disso, nunca temos de ter ciúmes de outras pessoas do Corpo, porque cada um de nós recebeu graça conforme a medida do dom de Deus para nós em Cristo. Eu considero que isso significa que a medida é totalmente completa para cada um, porque cada crente batizado tem Cristo habitando em si em toda a sua plenitude.

Que resultado espetacular é, para o povo de Deus, podermos ser libertos de qualquer inveja uns dos outros. Se você recebeu a plenitude de Cristo, e eu também recebi, o que importa se Cristo é exibido em você e por intermédio de você por meio de dons que eu não possuo? O próprio Cristo é o maior dom e cada um de nós tem uma plenitude dele, não importando quanto essa graça esteja presente em nós, por nós, conosco e por meio de nós.

Aprendi isso com meu amigo Tim, com quem tive longas conversas (quando morávamos na mesma cidade) enquanto ele era submetido às suas sessões de diálise renal. Certa vez, muitos anos atrás, quando voltei de um retiro e lhe estava derramando por telefone toda a minha empolgação, ele ouviu gentilmente enquanto eu não parava de tagarelar. Quando, finalmente, fiz uma pausa para respirar, ele disse: “Estou muito feliz por estarmos juntos na comunidade”. Perguntei: “Por quê?” e ele respondeu: “Porque, todas essas coisas que você disse, eu também possuo”.

O que poderia acontecer se nos dispuséssemos a convidar as nossas igrejas a um compartilhamento assim genuíno (sem inveja), a uma celebração mútua assim

jubilosa e sincera das bênçãos que outros receberam? Como poderíamos libertar cada pessoa para usar os seus próprios dons sem pensar em como eles se comparam com os de alguma outra pessoa? O que aconteceria se as nossas congregações inteiras estivessem cientes das possibilidades que poderia haver se todos nós vivêssemos com mais graça — isto é, se cada membro exibisse livremente "a medida do dom de Cristo" que possuísse, se cada pessoa da comunidade soubesse que, da mesma maneira como é recebida, a graça pode também ser transmitida gratuitamente pelo bem dos demais membros da comunidade?20

Destacar com graça os dons de todos os membros da comunidade não é tratar as pessoas como as suas funções. Em vez disso, é ajudar os cristãos a descobrirem a suprema alegria de oferecer livremente os seus dons espirituais, de descobrirem mais plenamente quem eles realmente são, de viverem mais inteiramente como o povo de Deus. As Escrituras nos convencem de que a vida é mais gratificante e mais deliciosa quando usamos os nossos dons espirituais e conhecemos a graça de Deus operando em nós e por meio de nós. Não seria glorioso (consulte a nossa discussão sobre "glória" no capítulo 2) se todas as pessoas das nossas congregações soubessem que o que realmente queremos para elas é que elas gostem de ser elas mesmas, verdadeiramente elas mesmas como Deus as dotou por meio da presença de Cristo?

Enquanto tenho elaborado este texto sobre Efésios 4 desde a conferência no Regent que deu origem a este livro, tenho ficado cada vez mais comovida pela consumada adequação da citação do salmo 68 nessa passagem:

Subiste às alturas, levaste cativo o cativeiro [SD 55.24]; recebeste homens por dádivas…

Salmo 68.18a, citado em Efésios 4.8

O salmo em si é incômodo, como insistem todos os comentaristas. Ele contém várias palavras que não aparecem em outra parte do Primeiro Testamento e inclui elementos diversos que não parecem coesos. Por que Paulo escolheria colocar essa citação estranha (de fato, em uma forma encontrada somente no Targum Aramaico)21 em meio a uma passagem referente a dons?

Uma direção muito promissora para a interpretação é dada pela percepção de Robert Davidson, de que:

como quer que dividamos o salmo, cada parte dele parece focar-se, em uma variedade de diferentes maneiras, no triunfo de Deus, passado, presente e futuro. Há uma espécie de divisor de águas na linguagem utilizada no fim do versículo 18. Na primeira parte do salmo, a nota dominante é a do Deus que vem, com uma linguagem como: “Levanta-te, Deus…” (v. 1), “Deus faz… tira…” (v. 6), “… saíres… avançares” (v. 7), “… o Sinai tornou-se em santuário” (v. 17) e “Subiste…” (v. 18). Após o versículo 18, a ênfase está mais na presença de Deus com o seu povo, o Deus “… que, dia a dia, leva o nosso fardo…” (v. 19), o Deus que está “… no santuário” (v. 24), “… nas congregações…” (v. 26) e no “[seu] templo em Jerusalém” (v. 29). (211)

No caso do salmo 68, essas duas partes mantêm unidas as ênfases teológicas complementares de “o Deus que está em marcha, sempre ativo, indo adiante do seu povo; e o Deus que permanece no meio deles, encontrando-se com o seu povo na beleza da santidade” (211).

Então, os motivos de Paulo talvez pudessem se unir à ideia teológica que acabamos de ver — do Deus Triúno sempre ativo na formação do Corpo em unidade (v. 4-6) — e a noção em direção à qual estamos indo — de que o Deus Triúno permanece em meio ao povo por meio dos dons que ele lhes concede segundo a medida de Cristo e pela unção do Espírito Santo para a edificação do Corpo (v. 7-16).

Quer essas ideias fossem parte dos seus motivos ou não, podemos ter certeza de que Paulo escolheu a passagem por sua ênfase na ascensão, pois, ao fazê-lo, ele liga o Primeiro Testamento, que destaca os triunfos de Deus, conforme acentuado por linhas tão poéticas quanto o salmo 68.18 ou "Subiu Deus por entre aclamações…" (Sl 47.5), à ascensão de Cristo como o ponto culminante de toda a sua obra salvífica (veja o capítulo 7).

Paulo delineia elementos dessa obra salvífica em seu elaborado comentário que, em algumas versões da Bíblia, aparece entre parênteses:

Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido às regiões inferiores da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas.

Efésios 4.9-10

Ao afirmar que Cristo "… [desceu] às regiões inferiores da terra…", essa passagem parece estar, primariamente, proclamando a encarnação, mas, poderia Paulo também, ou em vez disso, estar conotando a descida aos mortos (sugerindo a extensão do seu sofrimento) ou a descida ao inferno, aos "… espíritos em prisão" de 1Pedro 3.19 (sugerindo seu triunfo total sobre todos os poderes; veja o capítulo 5)? Está ele implicando o derramamento do Espírito ao observar a ascensão "… para encher todas as coisas"?

Talvez eu enxergue demasiados elementos na observação crítica de Paulo, mas ela parece insinuar doutrinas inteiras elaboradas em comentários em outros pontos das suas cartas. Todavia, o fato de o versículo 11 prosseguir com:

E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres…

parece nos levar ao Pentecostes, pois aqueles que seguiram Jesus o ouviram prometer-lhes, imediatamente antes de ascender: "… recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo" (At 1.8). Antes disso, na noite da sua ressurreição, Jesus lhes ordenara: "Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49). Assim, o cumprimento dos seus papéis e dos nossos no Corpo só é possível por sua ascensão e subsequente dotação.

Cristo lhe deu à Igreja como um presente

A seção final que consideraremos começa com aquela designação dos diversos líderes da Igreja. A ênfase do versículo 11 não recai tanto na doação de alguns para serem isso ou aquilo, mas naquele que os deu ou designou. Pelo fato de Cristo ter dado pastores e mestres, você e eu somos presentes para a Igreja! Que incentivo maravilhoso — um lembrete de que somos desnecessários e uma forma de redescobrir o nosso chamado!

Primeiramente, permita-me focar no seu encorajamento, porque alguns de vocês que estão lendo este livro poderão estar muito abatidos pelas dificuldades do seu chamado atual. Como posso dizer-lhes quanto eu os admiro? Eu servi em duas paróquias diferentes após terminar o meu mestrado em inglês e durante/após obter o meu grau de Mestre em Divindade; por isso, sei parcialmente, de algumas maneiras, como ele pode ser desanimador. Mas os tempos estão muito mais difíceis agora; as expectativas parecem estar mais equivocadas. Às vezes, fico imaginando se sou chamada para o ministério freelance que exerço por não ser suficientemente forte para fazer o que vocês, pastores, estão fazendo. Vocês estão aí! E vocês estão suportando, apesar de muitas expectativas falsas e de uma

cultura bastante hostil ao pastoreio genuíno! Deixe-me lembrá-los de que vocês são um presente para a Igreja a qual servem!

Cristo deu você, designou você, como um presente para a sua igreja e para toda a Igreja. Ninguém pode tirar esse chamado divino. Quando o presente que você é empurrado para o lado, quem fez isso não está lançando você fora. Eles estão rejeitando Aquele que enviou você. Isso pode não ajudar muito a fazer você se sentir melhor, mas é verdade.

Quando a realidade superficial se parece com um emaranhado de todas as desordens da igreja, a verdade subjacente a ela é que Deus deu você como um presente. Saber que você é um presente de Cristo pode libertá-lo de certa maneira. Você poderá ainda estar em uma prisão de expectativas confusas, mas o seu espírito pode voar livre na confiança de que Deus não o colocou lá inutilmente, que a sua obra no Senhor não é em vão. A sua liberdade poderá ser libertação de alguns principados e potestades que derruba; você poderá reconhecer uma verdade suficiente para ajudá-lo a expor o que está acontecendo, para que você possa ser, livremente, o presente para o povo de Deus que o próprio Senhor o chamou para ser.

O restante da passagem deixa mais claro qual é o seu papel como presente e o resultado para as pessoas do Corpo. Cristo designou alguns para serem apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres

12com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, 13 até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, 14 para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. 15 Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, 16 de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta,

segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.

Efésios 4.11-16

De toda a Bíblia, o versículo 12 é uma das descrições mais claras do seu papel pastoral, mas, muitas vezes, ele é confundido em razão da antiga tradução King James, na qual as três preposições do versículo aparecem como para. As versões mais recentes usam “com vistas ao” para a palavra grega pros e “para” para a palavra grega eis, a fim de distinguir entre a obra pastoral de equipar os santos e a obra de serviço ou ministério (ergon diakonias) dos santos. Se o que fazemos como pastores e mestres é equipar os santos ou prepará-los totalmente (SD 75.5), então, primariamente, estamos entendendo o nosso caráter de trabalho.

Esta é uma das coisas mais sábias que meu pai já me disse (e ele é um dos maiores professores que já tive). Na noite antes de iniciar em meu primeiro emprego de professora na Universidade de Idaho, ele me disse ao telefone: “É realmente perigoso se você pensar que o seu papel é ser indispensável. Seu papel é equipar as pessoas com habilidades, para que elas não precisem mais de você”.

Como pastor, você treina as pessoas com habilidades de oração, de estudar a Bíblia e ensiná-la aos seus filhos, para que elas possam se envolver em práticas espirituais nos seus lares. Você as prepara para evangelizar, dando-lhes uma visão ainda maior de Deus. Você as capacita para cumprirem a missão delas no mundo ao espelharem o seu próprio sentido de missão.

Esse chamado a equipar os santos é um dos principais motivos pelos quais estou tão profundamente perturbada pela presente confusão entre culto e evangelismo, pois o culto é um lugar primário onde os pastores equipam os santos para a obra deles de evangelização, de serem Igreja para levar o evangelho aos seus

próximos.22 Apenas pense como as nossas igrejas cresceriam (em profundidade e talvez, mas não necessariamente, em tamanho), se todos os santos cumprissem os seus ministérios na edificação do Corpo! Nós os equipamos para a sua obra não só liderando na adoração, mas também nas aulas que damos, na maneira como estamos presentes com eles, as práticas em que os envolvemos e as expressões que temos para lembrá-los de que eles são santos, os amados batizados de Deus, pessoas dotadas e criadas à imagem de Deus.

Vi um belo exemplo de preparar alguém para o ministério no concerto a que assisti com alguns dos participantes da conferência do Regent. Pepe Romero, um dos mais famosos violonistas clássicos do mundo (e membro da grande família Romero de violonistas) tocou em dueto com Alexander Dunn, um dos seus alunos. Antes do início do espetáculo, mal tive tempo para ler por alto as descrições dos backgrounds dos dois, sem olhar as suas fotos. Ao longo de toda a apresentação, tive os dois trocados em minha mente, porque Alexander tocou a primeira parte e Pepe ficou olhando para ele com uma expressão que parecia dizer: “Uau! Eu gostaria de conseguir fazer isso”. Era Pepe, o professor, afirmando as habilidades do seu aluno e deixando-o brilhar. Somente quando Pepe tocou alguns bis após o concerto eu percebi quem ele era e que incrível violonista ele é.

O concerto me ensinou uma lição estupenda pela maneira como, alegre e destemidamente, Pepe deixou a outra pessoa brilhar. Tomara fôssemos assim evocadores e capacitadores! Tomara pudéssemos extrair o melhor de outras pessoas (sem ciúme ou sentimentos de ameaça) para que elas pudessem encontrar a sua maior alegria em fazer a obra do seu ministério!

O versículo 13 é frequentemente mal compreendido. Com frequência, ouvi pessoas dizerem algo como: “Eu realmente tenho de trabalhar para chegar a essa ‘perfeita varonilidade na fé’”. Esse tipo de comentário ignora que Deus é aquele que nos torna maduros, e também que essa é a meta para todos, não apenas uma pessoa. O versículo 13 não trata de personalidade individual. Ele trata da maturidade de todo o Corpo, motivo pelo qual eu mantenho a palavra

varonilidade, por ser o Corpo de Cristo e ele ser a medida da estatura do Corpo. A unidade da fé, o verdadeiro conhecimento do Filho de Deus, é que nos conduzirá juntos à madura plenitude de Cristo.

Nenhum de nós atinge a maturidade por si mesmo; a comunidade é que nos envolve e nos nutre, e a comunidade se torna mais unificada quando aprendemos isso juntos. Paulo acentua esse aspecto no versículo 15, enfatizando a importância de sermos verdadeiros em tudo no amor uns para com os outros, para que todo o Corpo possa crescer em direção à sua Cabeça, Cristo.

O versículo 14 também ressalta a importância do nosso chamado pastoral e professoral para o aperfeiçoamento dos santos, para que o Corpo se torne suficientemente sábio para não ser mais "… como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro". Nós vivemos em um tempo em que há uma ampla variedade de gêneros de ondas e ventos, de doutrinas falsas (e, às vezes, satanicamente perigosas), de muitos tipos de desonestidade, hipocrisia, estratégia, traição. Certamente, todos os membros do Corpo contribuem para a sabedoria que ajuda a comunidade a não ser infantil, mas os pastores são especialmente treinados e praticados na sabedoria espiritual; por isso, temos de levar a sério a importância do nosso chamado dotador para permitir que os membros da Igreja nadem contra a maré de fluxos hostis ao evangelho.

A maioria dos versículos desta última passagem a considerarmos aqui nos capacita a redescobrir o chamado pastoral, mas o versículo 16 nos lembra, primariamente, de que, em última análise, não somos mais necessários do que toda outra pessoa do Corpo. Entretanto, demorei muito tempo para desvendar o enigma deste versículo:

… de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a

edificação de si mesmo em amor.

O problema desse texto é: Qual é o sujeito do verbo efetua?

Eu não deveria ter tido tanto problema com essa pergunta, mas resisti a verificar as traduções, porque queria desvendar as complexidades do empilhamento teológico grego de Paulo. Finalmente, percebi que o sujeito da frase “efetua o seu próprio aumento” é “todo o corpo” ou “todas as partes do corpo”. Embora no início parecesse que eu não estava seguindo o grego corretamente ao deduzir que “o corpo causa o crescimento do corpo”, comecei a ver que isso faz sentido — as células do nosso próprio corpo fazem o corpo crescer. Além disso, essa descoberta nos leva a um mistério final.

Mais uma vez, chegamos a esse paradoxo: todos nós causamos o crescimento do Corpo, mas somos totalmente desnecessários. Pense no seu próprio corpo. As suas células produzem mais células, mas, como são capazes de fazer isso? Todo o crescimento que vem inerentemente das partes do corpo precisa, em última análise, ser atribuído ao Grande Projetista, o Criador do universo, que nos formou de maneira tal que pudéssemos existir e nos desenvolver desse modo.

Mesmo assim, Efésios deixa isso claro na conexão dos versículos 15 e 16:

… cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.

Todo ligamento liga, toda articulação articula, mas tudo depende “[daquele] que

é a cabeça, Cristo, [a partir] de quem" o corpo é capaz de funcionar como um Corpo e crescer.

Voltamos ao início — com a necessidade dessa grande mudança de paradigma: que cada pessoa das nossas igrejas soubesse ser absolutamente essencial ao bem-estar do todo. Essa constatação nos leva ainda mais para trás, ao início de Efésios com sua doxologia — de que nenhum de nós é necessário, nenhum de nós pode receber crédito pelo que é totalmente dependente da obra da Trindade por nós, em nós e por meio de nós.

Você não precisa de que eu lhe diga isso, porque todos nós sabemos essas coisas. Mas, talvez, esse lembrete o encoraje a lembrar-se e a não desistir de comunicar essas duas verdades a todo o povo de Deus:

Tudo depende de Deus; por isso, somos descartáveis.

Não obstante, Deus nos usa; por isso, cada um de nós e todos juntos redescubramos o nosso chamado.

De Cristo nós recebemos a possibilidade de sermos partes do Corpo. Pelo seu Espírito, somos capacitados a trabalhar adequadamente segundo a parte do corpo que somos pelo chamado do Pai. Contudo, quando cumprimos esse chamado, provocamos o crescimento do Corpo. Todos nós edificamos o Corpo em amor. Se este livro evocar tal ministério de você, pastor ou pessoa pastoral, você o evocará de outras pessoas. Louvado seja Deus!

Essa dialética é fortalecida quando analisamos esses temas principais já esboçados de Efésios:

1. A doxologia nos mostra que tudo é graça, que não podemos fazer o ministério por nós mesmos, que somos realmente desnecessários.

2. Os principados e as potestades nos afastam do nosso papel, nos fazem pensar que somos necessários, nos levam a esquecer ou confundir o nosso chamado, e tomam o que é bom e o estendem além da sua atuação adequada.

3. As narrativas bíblicas nos mostram quão desnecessários somos para a cultura à nossa volta, nos formam nesse papel desnecessário, e nos ensinam e nos lembram do projeto de Deus para o nosso chamado.

4. Como comunidade, descobrimos ainda mais que somos desnecessários, porque tudo depende daquele que é o nosso cabeça, precisamente Cristo. Enquanto isso, também aprendemos que cada um de nós importa supremamente porque somos parte do todo, o Corpo de Cristo, e participantes do seu crescimento.

Que essas verdades juntas levem a uma revitalização das diversas comunidades que compõem a Igreja — um corpo cósmico que é uma sociedade alternativa paralela que oferece ao mundo exatamente aquilo de que ele precisa! Graças a Deus!

Oremos: ó Deus Trino, a tua Palavra é a verdade. Continuemos todos nessa Palavra juntos, para que possamos verdadeiramente ser teus discípulos e conhecer a tua verdade. Que possamos ser formados pela tua Palavra para viver livremente a tua verdade, para sermos a Igreja e os servos da Igreja que tu projetaste e nos chamaste para ser. Nós ansiamos muito por isso. Dá-nos a coragem e a esperança para nunca desistir disso.

Amém.

Leitura adicional

BALTHASAR, Hans Urs von. Bernanos. São Francisco: Ignatius Press, 1996.

___ . The Glory of God, volume 3. São Francisco: Ignatius Press, 1986.

BANKS, Robert. Redeeming the Routines. Grand Rapids: Baker Books, 1993.

___ . The Tyranny of Time: When 24 Hours Is Not Enough. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 1997.

BARTH, Karl. The Christian Life: Church Dogmatics IV, 4 Lecture Fragments. Trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1981.

BRAATEN, Carl E. e Robert W. Jenson, org. Union with Christ: The New Finnish Interpretation of Luther. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.

BRUEGGEMANN, Walter. Finally Comes the Poet: Daring Speech for Proclamation. Minneapolis: Fortress Press, 1989.

. Theology of the Old Testament: Testimony, Dispute, Advocacy. Minneapolis: Fortress Press, 1997.

BURROWS, William. “Witness to the Gospel and Refounding the Church” em Confident Witness — Changing World, p. 189-202. Org. Craig Van Gelder. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999.

CLAPP, Rodney. A Peculiar People: The Church as Culture in a Post-Christian Society. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996.

, org. The Consuming Passion: Christianity and the Consumer Culture. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998.

COUPLAND, Douglas. Generation X: Tales for an Accelerated Culture. Nova York: St. Martin’s Press, 1991.

___ . Life after God. Nova York: Simon and Schuster, 1994.

COVINGTON, Denis. Salvation on Sand Mountain. Nova York: Addison-Wesley, 1995. DAVIDSON, Robert. The Vitality of Worship: A Commentary on the Book of Psalms. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.

DAWN, Marva J. “The Concept of ‘The Principalities and Powers’ in the Works of Jacques Ellul.” Dissertação de Ph.D., University of Notre Dame, 1992.

. “Hermeneutical Considerations for Biblical Texts” em Different Voices/Shared Vision: Male and Female in the Trinitarian Community. Org. Paul Hinlicky. Nova Delhi, NY: American Lutheran Publicity Bureau, 1992.

___ . I’m Lonely, LORD — How Long? Meditations on the Psalms. Edição revisada. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.

. Is It a Lost Cause? Having the Heart of God for the Church’s Children. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997.

. Joy in Our Weakness: A Gift of Hope from the Book of Revelation. St. Louis: Concordia Publishing House, 1994.

___ . Keeping the Sabbath Wholly: Ceasing, Resting, Embracing, Feasting. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1989.

___ . “I Timothy 2:8-15.” In: Different Voices/Shared Vision: Male and Female in the Trinitarian Community. Org. Paul Hinlicky. Delhi, NY: American Lutheran Publicity Bu reau, 1992.

___ . Reaching Out without Dumbing Down: A Theology of Worship for the Turn-of-the- Century Culture. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995.

___ . A Royal “Waste” of Time: The Splendor of Worshiping God and Being Church for the World. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999.

___ . The Sense of the Call: Kingdom Shalom for Those Who Serve the Church. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co. (no prelo).

___ . Sexual Character: Beyond Technique to Intimacy. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1993.

___ . To Walk and Not Faint: A Month of Meditations on Isaiah 40. Second edition. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997.

___ . Truly the Community: Romans 12 and How to Be the Church. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992; 1997 (reedição).

ELLUL, Jacques. A Critique of the New Commonplaces. Trad. Helen Weaver. Nova York: Alfred Knopf, 1968.

___ . The Ethics of Freedom. Trad. e org. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976.

___ . The Humiliation of the Word. Trad. Joyce Main Hanks. Grand Rapids: Wm. B. Eerd mans Publishing Co., 1985.

___ . Money and Power. Trad. LaVonne Neff. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1984.

___ . The New Demons. Trad. C. Edward Hopkin. Nova York: Seabury Press, 1975.

___ . The Political Illusion. Trad. Konrad Kellen. Nova York: Alfred A. Knopf, 1967.

. The Politics of God and the Politics of Man. Trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972.

. The Presence of the Kingdom. Trad. Olive Wyon. Nova York: Seabury Press, 1967.

. Propaganda: The Formation of Men's Attitudes. Trad. Konrad Kellen e Jean Ler ner. Nova York: Alfred A. Knopf, 1965.

___ . Sources and Trajectories: Eight Early Articles by Jacques Ellul That Set the Stage. Trad. e org. Marva J. Dawn. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997.

___ . The Subversion of Christianity. Trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Wm. Eerdmans Publishing Co., 1986.

. The Technological Bluff. Trad. Joyce Main Hanks. Grand Rapids: Wm. B. Eerd mans Publishing Co., 1990.

. The Technological Society. Trad. John Wilkinson. Nova York: Vintage Books, 1964.

. The Technological System. Trad. Joachim Neugroschel. Nova York: Continuum Publishing Co., 1980.

FARLEY, Edward. Deep Symbols: Their Postmodern Effacement and Reclamation. Valley Forge, PA: Trinity Press International, 1996.

FEE, Gordon. 1 and 2 Timothy, Titus. A Good News Commentary. São Francisco: Harper & Row, 1984.

FORE,William F. Television and Religion: The Shaping of Faith, Values, and Culture. Minneapolis: Augsburg, 1987.

FRETHEIM, Terrence. The Suffering of God. Minneapolis: Augsburg-Fortress, 1984.

GAVENTA, Beverly R. “He Comes as One Unknown”, em “The Challenge of Christmas: Two Views”. Christian Century 110, no 36 (15 Dec. 1993): 1.270-80.

GREENBERG, David. The Construction of Homosexuality. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

GUDER, Darrell L., org. Missional Church: A Vision for the Sending of the Church in North America. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.

HALL, Douglas John. “Metamorphosis: From Christendom to Diaspora.” In: Confident Witness — Changing World, p. 67-79. Org. Craig Van Gelder. Grand Rapids: Wm. Eerdmans Publishing Co., 1999.

HANSEN, David. The Art of Pastoring: Ministry Without All the Answers. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994.

HAUERWAS, Stanley. A Community of Character: Toward a Constructive Christian Social Ethic. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981.

HAVEL, Miroslav Václav. Living in Truth. Org. Jon Vladislav. Londres e Boston: Faber and Faber, 1989.

___ . Open Letters: Selected Writings 1965-1990. Paul Wilson, org. Nova York: Alfred Knopf, 1991.

HAYS, Richard B. The Moral Vision of the New Testament: A Contemporary Introduction to New Testament Ethics. São Francisco: HarperSanFrancisco, 1996.

HEALY, Jane M. Endangered Minds: Why Our Children Don’t Think. Nova York: Simon and Schuster, 1990.

. Failure to Connect: How Computers Affect Our Children’s Minds — For Better and Worse. Nova York: Simon and Schuster, 1998.

HINLICKY, Paul, org. Different Voices/Shared Vision: Male and Female in the Trinitarian Community. Delhi, NY: American Lutheran Publicity Bureau, 1992.

HOWATCH, Susan. Glittering Images. Nova York: Alfred A. Knopf, 1987.

HUNSBERGER, George. “Sizing Up the Shape of the Church.” In: The Church Between Gospel and Culture: The Emerging Mission in North America, p. 333-46. George R. Hunsberger e Craig Van Gelder, org. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996.

. e Craig Van Gelder, orgs. The Church Between Gospel and Culture: The Emerging Mission in North America. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996.

JOB, Rueben P. e SHAWCHUCK, Norman, org. A Guide to Prayer: For Ministers and Other Servants. Nashville: The Upper Room, 1983.

JOHNSON, Luke Timothy. Living Jesus: Learning the Heart of the Gospel. São Francisco: HarperSanFrancisco, 1999.

. “The New Testament and the Examined Life: Thoughts on Teaching.” Christian Century 112, no 4 (1-8 February 1995): 108ss.

___ . The Real Jesus Is the Christ of Faith. São Francisco: Harper San Francisco, 1997.

KELLY, J. N. D. A Commentary on the Pastoral Epistles. Londres: Adam and Charles Black, 1963.

KENNESON, Philip e STREET, James. Selling Out the Church: The Dangers of Church Marketing. Nashville: Abingdon Press, 1997.

KROEGER, Richard Clark e KROEGER, Catherine Clark. I Suffer Not a Woman: Rethinking I Timothy 2:11-15 in Light of Ancient Evidence. Grand Rapids: Baker Book House, 1992.

LEDDY, Mary Jo. “The People of God as a Hermeneutic of the Gospel.” In: Confident Witness — Changing World, p. 303-13. Craig Van Gelder, org. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999.

LENSKI, R. C. H. The Interpretation of St. Paul’s Epistles to the Galatians, Ephesians, and Philippians. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1937.

LEWIS, C. S. The Abolition of Man. Nova York: Macmillan, 1947.

LINDBECK, George. The Nature of Doctrine: Religion and Theology in a Postliberal Age. Filadélfia: Westminster Press, 1984.

LOUW, Johannes P. e NIDA, Eugene A, orgs. Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains. Nova York: United Bible Societies, 1988.

LUTHER, Martin. “The Bondage of the Will.” Trad. Philip S. Watson. In: The Career of the Reformer III, Philip S. Watson, org., volume 33 de Luther’s Works, Helmut T. Lehmann, org. geral. Filadélfia: Fortress Press, 1972.

Lutheran Book of Worship. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1978.

MIDDLETON, J. Richard e WALSH, Brian J. Truth Is Stranger Than It Used to Be. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995.

NORRIS, Kathleen. The Cloister Walk. Nova York: Riverhead Books, 1996.

NOUWEN, Henri J. M. In the Name of Jesus: Reflections on Christian Leadership. Nova York: Crossroad Publishing Company, 1989.

OLSEN, Charles M. Transforming Church Boards into Communities of Spiritual Leaders. Bethesda, MD: Alban Institute, 1995.

PELIKAN, Jaroslav. The Christian Intellectual. Londres: Collins, 1996.

PETERSON, Eugene H. Answering God: The Psalms as Tools for Prayer. São Francisco: Harper & Row, 1989.

. The Contemplative Pastor: Returning to the Art of Spiritual Direction. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1994.

. Five Smooth Stones for Pastoral Work. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992.

. A Long Obedience in the Same Direction: Discipleship in an Instant Society. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1980.

. The Message: The New Testament in Contemporary Language. Colorado Springs, CO: NavPress, 1994.

___ . The Message: The Wisdom Books. Colorado Springs, CO: NavPress, 1996.

. Subversive Spirituality. Jim Lyster, John Sharon e Peter Santucci, orgs. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997.

. Take and Read: Spiritual Reading, An Annotated List. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996.

. Under the Unpredictable Plant: An Exploration in Vocational Holiness. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992.

___ . Where Your Treasure. Is: Psalms That Summon You from Self to Community.

Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985.

. Working the Angles: The Shape of Pastoral Integrity. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987.

PHILLIPS, Timothy R. e OKHOLM, Dennis L. orgs. The Nature of Confession: Evangelicals and Postliberals in Conversation. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996.

POSTMAN, Neil. Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business. Nova York: Viking Penguin, 1985.

SCHMIDT, Thomas E. Straight and Narrow? Compassion and Clarity in the Homosexuality Debate. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995.

SCHNEIDERS, Sandra M. The Revelatory Text. Nova York: HarperSanFrancisco, 1991. SINE, Tom. The Mustard Seed Conspiracy. Waco, TX: Word Books, 1981.

TIEDE, David L. Prophecy and History in Luke-Acts. Filadélfia: Fortress Press, 1980.

TORVEND, Samuel e WILLIS, Lani, org. Welcome to Christ: A Lutheran Catechetical Guide. Minneapolis: Augsburg-Fortress, 1997.

. Welcome to Christ: A Lutheran Introduction to the Catechumenate. Minneapolis: Augsburg-Fortress, 1997.

. Welcome to Christ: Lutheran Rites for the Catechumenate. Minneapolis: Augsburg-Fortress, 1997.

TOWNER, Philip. The Goal of Our Instruction. Sheffield, Eng.: JSOT Press, 1989.

VAN GELDER, Craig, org. Confident Witness — Changing World. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999.

WALSH, David. Selling Out America's Children. Minneapolis: Fairview Press, 1995.

WESCHE, Kenneth Paul. "Eastern Orthodox Spirituality." Theology Today 56, no 1 (April 1999): 29-43.

WHITEHEAD, Barbara Dafoe. The Divorce Culture: Rethinking Our Commitments to Marriage and Family. Nova York: Alfred Knopf, 1997.

WILLIAMS, Charles. The Descent of the Dove. Vancouver, BC: Regent Publishing, 1997.

WINK, Walter. Naming the Powers: The Language of Power in the New

Testament. Filadélfia: Fortress Press, 1984.

WRIGHT, N. T. Jesus and the Victory of God. Volume 2 of Christian Origins and the Question of God. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

___ . The New Testament and the People of God. Minneapolis: Fortress Press, 1992. WUTHNOW, Robert. Sharing the Journey. Nova York: Free Press, 1994.

YOUNG, Frances M. The Theology of the Pastoral Epistles. Nova York: Cambridge University Press, 1994.

N

otas

Introdução

*

Como ficará claro no decorrer do livro, o autor não diferencia em importância o pastor ordenado e o leigo) o crente sem formação teológica). A diferença é didática, com o objetivo de mostrar que o ministério eclesiástico tanto de um como de outro é de igual importância (N. do T.)

Capítulo 1

1. TOWNER, Philip. The Goal of Our Instruction. Sheffield, Inglaterra: JSOT Press, 1989, p. 10.

2. BARTH, Karl. The Christian Life: Church Dogmatics IV. 4 Lecture Fragments. Trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1981, p. 79.

* Adotamos o título O pastor descartável, mais sugestivo (N. do E.).

Capítulo 2

1. Eu escrevo a palavra Igreja com “I” maiúsculo quando ela significa todos os membros da verdadeira “única santa Igreja católica apostólica” de Deus ao longo do tempo e do espaço. Escrevo-a com i minúsculo quando ela se refere a uma congregação local isolada, que pode incluir pessoas que não assumem realmente o compromisso de “ser Igreja”.

2. A tradição canônica dos primeiros cristãos ao nos transmitirem a Carta aos Efésios citou Paulo como seu autor. Dado que estas meditações sobre Efésios para a vida de clérigos e outros servos da Igreja não pretendem ser um comentário, mas ajudas devocionais e pastorais, não temos de debater a precisão histórica dessa ou de qualquer outra atribuição canônica. Em vez disso, neste livro nós reconheceremos a narrativa profunda e os benefícios descritivos de identificar as emoções e situações da Carta aos Efésios a Paulo em particular. Mesmo que você esteja convencido de que ele não a escreveu, imagine a influência dele sobre o autor da carta quando eu usar o seu nome para designar práticas literárias.

3. HOWATCH, Susan. Glittering Images. Nova York: Alfred A. Knopf, 1987. Não estou necessariamente recomendando este livro. Embora suas visões transmitidas especialmente por intermédio do diretor espiritual Jon Darrow tenham sido excepcionalmente úteis para mim e, frequentemente, sejam bastante surpreendentes em sua brilhante competência e profundidade bíblica, a grande quantidade de imoralidade sexual no livro e suas continuações foi bastante perturbadora.

4. Para uma magnífica resposta a diversas tentativas reducionistas de definir Jesus, veja especialmente Wright, N. T. Jesus and the Victory of God, vol. 2 of Christian Origins and the Question of God. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

5. JOHNSON, Luke Timothy. “The New Testament and the Examined Life: Thoughts on Teaching”, Christian Century 112, no. 4. 1-8 February 1995, p. 108-9.

6. JOHNSON, “The New Testament and the Examined Life”, p. 109.

7. JOHNSON, Luke Timothy. The Real Jesus Is the Christ of Faith. São Francisco: HarperSanFrancisco, 1997.

8. Veja Luke Timothy Johnson, Living Jesus: Learning the Heart of the Gospel (São Francisco: Harper- SanFrancisco, 1999).

9. WRIGHT, N. T., The New Testament and the People of God. Minneapolis: Fortress Press, 1992, p. 140-43. Veja o uso dessa maravilhosa ideia por outros em Middleton, J. Richard e Walsh, Brian J. Truth Is Stranger Than It Used to Be. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995, p. 182-84 e CLAPP, Rodney. A Peculiar People: The Church as Culture in a Post-Christian Society. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996, p. 138-39. Veja também a minha explicação dessa ideia em termos das necessidades da nossa cultura pós-moderna no capítulo 4, Pop Spirituality or Genuine Story? The Church’s Gifts for Postmodern Times, de A Royal “Waste” of Time: The Splendor of Worshiping God and Being Church for the World. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999.

10. Wright usa um esquema de cinco atos, mas considero mais útil dividir seu quinto ato para enfatizar as diferenças em nossas vidas (meu sexto ato) daquelas das personagens bíblicas em contato imediato com Jesus (quinto ato) e do fim dos tempos (ato sete) como um tipo inteiramente novo de drama.

11. Para uma exposição de diversas idolatrias em igrejas no tocante à adoração, consulte meu livro Reaching Out without Dumbing Down: A Theology of Worship for the Turn-of-the-Century Culture. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995. Ocasionalmente, mencionarei meus outros livros em notas de rodapé para incentivar uma busca mais aprofundada dos temas aqui introduzidos. Uma vez que os royalties dos meus livros da Eerdmans são doados a bolsas de estudo ou a ministérios que ajudam os pobres, sua leitura estendida também apoiará essa causa.

12. Veja LINDBECK, George. The Nature of Doctrine: Religion and Theology in a Postliberal Age. Filadélfia: Westminster Press, 1984. Veja também The Nature of Confession: Evangelicals and Postliberals in Conversation. Org. Timothy R. Phillips and Dennis L. Okholm. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996.

13. Walter Brueggemann enfatiza que os verbos são primários, seguidos pela generalização em adjetivos e, só então, em substantivos metafóricos. Veja Brueggemann. Theology of the Old Testament: Testimony, Dispute, Advocacy. Minneapolis: Fortress Press, 1997, p. 145-313.

14. No tocante à importância de conhecer esse medo bíblico, veja o capítulo 7, “The Cry of Transience”, em meu livro To Walk and Not Faint: A Month of Meditations on Isaiah 40, 2nd ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997, p. 39-44.

15. FARLEY, Edward. Deep Symbols: Their Postmodern Effacement and Reclamation. Valley Forge, PA: Trinity Press International, 1996, p. x.

16. Veja a magnífica crítica de Philip Kenneson e James Street denominada Selling Out the Church: The Dangers of Church Marketing. Nashville: Abingdon

Press, 1997.

17. Perguntas e reflexões para orientar processos congregacionais no desenvolvimento de tal plenitude na adoração estão incluídas em meu livro A Royal “Waste” of Time.

18. Eu prefiro denominar os primeiros três quartos da Bíblia “Primeiro Testamento” ou “Escrituras Hebraicas”, para evitar as conotações negativas da nossa cultura ao nome Antigo Testamento e para enfatizar a consistência da graça de Deus para todo o povo de Deus e a continuidade das alianças de Deus na Bíblia, primeiramente com Israel e, depois, adicionalmente, com os cristãos.

19. LEWIS, C. S. The Abolition of Man. Nova York: Macmillan, 1947, p. 13-35.

20. Veja POSTMAN, Neil. Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business. Nova York: Viking Penguin, 1985. Esse livro deveria ser leitura obrigatória para todos os pastores, para ajudá-los a entender por que, nos dias de hoje, é tão difícil conseguir voluntários em nossas igrejas e por que os membros não atuam sobre o que aprendem acerca da obra da congregação e da missão do reino de Deus.

21. Veja Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains. Org. Johannes P. Louw e Eugene A. Nida. Nova York: United Bible Societies, 1988, vols. 1 e 2. A abordagem e a metodologia desse léxico fazem uso das visões da linguística moderna; suas definições são baseadas nas características distintivas do significado de um termo específico em comparação e em contraste com outras palavras relacionadas no mesmo domínio semântico. As definições desse léxico serão marcadas, ao longo deste livro, com o número do campo semântico e o número específico da palavra citada — por exemplo, SD 4.17 é a referência para a palavra traduzida como bezerro, uma vez que ela é

a 17a palavra (moschos) no campo de animais (no 4).

* “digno de cinzas”. (N. do T.).

** Em inglês, o acrônimo de “Low Information-Action Ratio” (Baixa Relação Informação-Ação) forma a palavra “liar” (= mentiroso). (N. do T.).

Capítulo 3

1. Ao longo de todo este livro, usei as minhas próprias traduções de passagens de Efésios. Minhas citações de passagens de outros livros da Bíblia são tomadas, primariamente, da New Revised Standard Version.

2. A palavra bíblica shalom é definida mais minuciosamente em meu livro I’m Lonely, LORD — How Long? Meditations on the Psalms. rev. ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.

3. Veja A Royal “Waste” of Time: The Splendor of Worshiping God and Being Church for the World. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999.

4. PETERSON, Eugene H., Job 1. Em The Message: The Wisdom Books. Colorado Springs, CO: NavPress, 1996, p. 15.

5. Veja a minha explicação dessa fome em termos de Sehnsucht ou “profundo

anseio” no capítulo 6 de To Walk and Not Faint: A Month of Meditations on Isaiah 40. 2nd ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997; e ao longo do meu livro Is It a Lost Cause? Having the Heart of God for the Church’s Children. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997.

6. Essas formas de confissão e absolvição foram tomadas do Lutheran Book of Worship. Minneapolis: Augsburg, 1978, p. 56.

7. Devo essa visão a GAVENTA, Beverly R., “He Comes as One Unknown”. In: “The Challenge of Christmas: Two Views”, Christian Century 110, no. 36 (15 Dec. 1993): 1.270-80.

8. FRETHEIM, Terrence, The Suffering of God. Minneapolis: Augsburg-Fortress, 1984.

9. LUTHER, Martin, The Bondage of the Will, trad. Philip S. Watson, The Career of the Reformer III, org. Philip S. Watson, vol. 33 de Luther’s Works. Helmut T. Lehmann, org. gen. Filadélfia: Fortress Press, 1972, p. 15-295.

10. Uma visão que me parece muito útil para nos impedir de ter complexos de messias é a distinção de David Hansen entre ser um “símbolo de Deus” (o que coloca o fardo em nós) e uma “parábola de Jesus Cristo”, que nos permite sair do caminho. Veja HANSEN, David, The Art of Pastoring: Ministry Without All the Answers. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994, especialmente as p. 130-33.

11. Uma das melhores razões para os clérigos e outros servos da Igreja tirarem um dia sabático é aprender que não somos o Messias. No processo, descobrimos

que uma grande alegria é viver segundo o projeto de Deus para o trabalho e o descanso. Veja os meus livros Keeping the Sabbath Wholly: Ceasing, Resting, Embracing, Feasting. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1989; e The Sense of the Call: Kingdom Shalom for Those Who Serve the Church. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co. (a ser lançado).

12. Lutheran Book of Worship, p. 124.

* É de consenso entre os estudiosos que João Calvino tenha desenvolvido a doutrina da dupla predestinação, conceito adotado por grande parte dos teólogos reformados. No entanto, a autora compreende que Deus não predestinou pessoas para a perdição. (N. do T.).

Capítulo 4

Este capítulo é uma versão ligeiramente alterada de um artigo publicado em Romans and the People of God. Ed. SODERLUND, Sven K. e WRIGHT, N. T. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999, p. 283-94.

1. PELIKAN, Jaroslav. The Christian Intellectual. Londres: Collins, 1996, p. 70.

2. COVINGTON, Denis. Salvation on Sand Mountain. Nova York: Addison-Wesley, 1995, p. 203-4.

3. WILLIAMS, Charles. The Descent of the Dove. Vancouver, BC: Regent Publishing, 1997, p. 8.

4. SCHNEIDERS, Sandra M. The Revelatory Text. Nova York: HarperSanFrancisco, 1991, p. 31.

Capítulo 5

1. Um exemplo é PERETTI, Frank E. This Present Darkness. Westchester, IL: Crossway Books, 1986.

2. Veja as novas luzes sobre as compreensões desta doutrina por LUTHER, Martin, Union with Christ: The New Finnish Interpretation of Luther, org. Carl E. Braaten e Robert W. Jenson. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998. Para uma perspectiva ortodoxa oriental sobre teose, resumida na fórmula patrística "Deus se tornou humano (sem deixar de ser Deus) para que a humanidade pudesse tornar-se Deus (sem deixar de ser humana)", ver WESCHE, Kenneth Paul, "Eastern Orthodox Spirituality", Theology Today 56, no 1 (April 1999): p. 29-43.

3. O domínio semântico inteiro é cuidadosamente avaliado por Walter Wink no primeiro volume da sua série em três partes sobre os poderes, Naming the Powers: The Language of Power in the New Testament. Filadélfia: Fortress Press, 1984.

4. Para uma explicação minuciosa desse tema, veja DAWN, Marva J. "The Concept of 'The Principalities and Powers' in the Works of Jacques Ellul." Dissertação de Ph.D., University of Notre Dame, 1992.

5. Isso é mais bem esclarecido no livro de ELLUL, Jacques. The Subversion of Christianity, trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986. Eu não concordo com a maneira como Ellul reduz os poderes unicamente à sua atuação, mas ele foi brilhante em reconhecer que buscamos a coisa errada quando tentamos descobrir a sua essência.

6. Notar aqui a palavra filhos, cuja importância bíblica foi explicada no capítulo 3.

7. Um dos melhores livros sobre o assunto é Money and power, de Jacques Ellul, trad. LaVonne Neff. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1984. Veja também The Consuming Passion: Christianity and the Consumer Culture, org. Rodney Clapp. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998.

8. Após sua separação total dos judeus (precipitada na queda de Jerusalém no ano 70 d.C. e finalizada na revolução Bar Kochba no ano 135), os cristãos fizeram do domingo “o Dia do Senhor”, o seu sábado para adoração, por causa da ressurreição.

9. Para estudo adicional dos números simbólicos judaicos, especialmente porque compreendê-los torna o livro de Apocalipse menos assustador, sem uma abordagem de “contagem regressiva para o fim dos tempos”, veja meu livro Joy in Our Weakness: A Gift of Hope from the Book of Revelation. St. Louis: Concordia Publishing House, 1994.

10. Veja a definição de Ellul em The Technological Society. Trad. John Wilkinson. Nova York: Vintage Books, 1964.

11. Ver o capítulo 11 de A Royal “Waste” of time: the splendor of worshiping God and Being Church for the world. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999, p. 149-58.

12. Veja Hebreus 5.11-14, que enuncia o problema ainda mais energicamente do que tive a coragem de declará-lo.

13. O sociólogo e teólogo leigo francês Jacques Ellul foi profundamente mal compreendido — em grande parte por ter escrito em duas trilhas distintas que ele raramente conectava. Sua sociologia de estilo europeu não é como a sociologia dos EUA, que frequentemente se especializa em estatística; em vez disso, Ellul pintava com pinceladas amplas e deslumbrantes para esboçar em termos fortes as doenças fundamentais da nossa cultura política e tecnicizada. Veja, por exemplo, The Technological Society; The Technological System. Trad. Joachim Neugroschel. Nova York: Continuum Publishing Co., 1980; The Technological Bluff. Trad. Joyce Main Hanks. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990; e The New Demons. Trad. C. Edward Hopkin. Nova York: Seabury Press, 1975. Em razão de Ellul ter mantido seus livros teológicos, bíblicos, éticos em uma trilha distinta, sua sociologia é frequentemente criticada como excessivamente pessimista. Todavia, o teórico mantinha que a sua fé lhe deu a coragem para lançar um olhar realista à sociedade, enquanto seus livros cristãos (frequentemente escritos ao mesmo tempo em um paralelo intencional) forneciam a esperança com que os crentes podem ser sentinelas para a sociedade maior. Veja especialmente The Presence of the Kingdom. Trad. Olive Wyon. Nova York: Seabury Press, 1967. Como exemplos de obras a serem lidas aos pares, veja The Political Illusion. Trad. Konrad Kellen. Nova York: Alfred A. Knopf, 1967; e The Politics of God and the Politics of Man. Trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1972.

14. Veja Sources and Trajectories: Eight Early Articles by Jacques Ellul That Set the Stage. Trad. e org. Marva J. Dawn. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997.

15. Veja o livro de Ellul Propaganda: The Formation of Men's Attitudes. Trad. Konrad Kellen e Jean Lerner. Nova York: Alfred A. Knopf, 1965; A Critique of the New Commonplaces. Trad. Helen Weaver. Nova York: Alfred A. Knopf, 1968; e The Humiliation of the Word. Trad. Joyce Main Hanks. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985.

16. Veja KENNESON, Philip e STREET, James. Selling Out the Church: The Dangers of Church Marketing. Nashville: Abingdon Press, 1997.

17. ELLUL, Jacques. The Ethics of Freedom. Trad. e org. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976, p. 151-52. As referências às páginas deste livro na discussão a seguir aparecem entre parênteses no texto. Peço perdão aos leitores ofendidos pela linguagem não inclusiva de Ellul, mas os textos se tornariam demasiadamente pesados se todos os usos de "homem" sem gênero feitos por Ellul fossem alterados.

18. ELLUL. Money and power, p. 75-76. As referências às páginas deste livro nos parágrafos a seguir aparecem entre parênteses no texto. Este livro é uma expansão do artigo anterior de Ellul, "L'Argent", Etudes Théologiques et Religieuses 27, no 4 (1952).

19. Veja o capítulo 24, "Taking the Presence of Evil Seriously", em meu livro Joy in OurWeakness, p. 168-75.

20. Veja ELLUL. The Subversion of Christianity, p. 176. Este volume oferece uma explicação muito minuciosa das atuações dos poderes, embora ele divague demasiadamente ao limitar os títulos bíblicos a somente essas atuações.

21. ELLUL. The Humiliation of the Word, p. xi.

22. HEALY, Jane M. Endangered Minds: Why Our Children Don't Think. Nova York: Simon and Schuster, 1990. Veja também o seu livro Failure to Connect: How Computers Affect Our Children's Minds — For Better and Worse. Nova York: Simon and Schuster, 1998.

23. Veja WALSH, David. Selling Out America's Children. Minneapolis: Fairview Press, 1995.

24. FORE, William F. Television and Religion: The Shaping of Faith, Values, and Culture. Minneapolis: Augsburg, 1987, p. 16-17.

25. Esta pergunta é discutida em maior profundidade, com alternativas positivas, em Is It a Lost Cause? Having the Heart of God for the Church's Children. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997.

26. Para maneiras de conversar com os jovens sobre a bondade do projeto de Deus em vez do vazio dos métodos do mundo, veja DAWN, Marva J. Sexual Character: Beyond Technique to Intimacy. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1993.

27. Desenvolverei mais este estudo dos principados e potestades em meu próximo livro The Sense of the Call: Kingdom Shalom for Those Who Serve the Church, a ser também publicado pela Eerdmans.

* Cytisus scoparius. (N. do T.).

** Nessa passagem, traduzido como “ficar firmes”, “resistir”, “permanecer”, “estar firmes”. (N. do T.).

*** Dawn significa “alvorecer” em inglês, conforme Isaías 58.8. (N. do R.).

Capítulo 6

1. KELLY, J. N. D. A Commentary on the Pastoral Epistles. Londres: Adam and Charles Black, 1963, p. 50.

2. NORRIS, Kathleen. The Cloister Walk. Nova York: Riverhead Books, 1996, p. 154.

3. YOUNG, Frances. The Theology of the Pastoral Epistles. Nova York: Cambridge University Press, 1994, p. 75.

* Em tradução livre: “Construção da alma”. (N. do T.).

Capítulo 7

1. O novo livro de Luke Timothy Johnson, Living Jesus, acentua a verdade da ressurreição de Cristo de que Jesus pode ser encontrado no mundo hoje, mas a sua presença em toda a comunidade cristã não seria possível sem a ascensão. A obra de Johnson é uma excelente refutação das afirmações de Jesus Seminar e de outros que negam a revelação de Jesus pelas Escrituras. Veja Living Jesus: Learning the Heart of the Gospel. São Francisco: HarperSanFrancisco, 1999.

2. Aprendi essa importância fundamental da ascensão em um curso de pós-graduação com o estudioso de Lucas e Atos David L. Tiede, presidente do Luther Seminary, St. Paul, Minnesota. Veja seu livro Prophecy and History in Luke-Acts. Filadélfia: Fortress Press, 1980.

3. Olsen pode ter usado outros termos na apresentação de abertura, mas essas são as palavras que me ajudaram a lembrar da sua ideia, pela qual quero dar-lhe o devido crédito. Ele é especialista em permitir que líderes congregacionais sirvam de um modo mais espiritual. Para obter mais informações, consulte OLSEN, Charles M. Transforming Church Boards into Communities of Spiritual Leaders. Bethesda, MD: Alban Institute, 1995. Sua organização pode ser acessada por seu web site, www.worshipful-work. org; e-mail worshpfulw@aol.com; ou telefone +1-816-880-0586.

4. Outra maneira de pensar sobre os períodos do ano como trinitários poderia ser celebrar o Natal como o festival de Cristo, a iniciação de Jesus em toda a sua vida de sofrimento, e depois celebrar a Páscoa como o festival do Pai, uma vez que muitos textos das Escrituras enfatizam que foi ele quem ressuscitou a Jesus dos mortos e que, durante os 40 dias seguintes, Jesus ensinou sobre o reino de Deus. Esse esquema tem algumas vantagens, mas seria difícil de ensinar, uma vez que a maioria dos hinos da igreja focam o Cristo ascendendo, não no Pai elevando-o. Menciono isso somente porque precisamos continuamente expandir as nossas mentes e questionar as nossas categorias, para pensar mais amplamente sobre Deus ser uma Trindade.

5. Essa imagem me foi dada pela primeira vez por BRUEGGEMANN, Walter. Finally Comes the Poet: Daring Speech for Proclamation. Minneapolis: Fortress Press, 1989.

6. Esse é o tema principal do meu livro Reaching Out without Dumbing Down: A Theology of Worship for the Turn-of-the-Century Culture. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995: que a verdadeira adoração é centrada em Deus e, como resultado dessa concentração, nos formará como crentes individuais e comunidades.

7. Para informações adicionais sobre catequese em suas formas primitivas e práticas atuais, veja Welcome to Christ: A Lutheran Introduction to the Catechumenate, org. Samuel Torvend e Lani Willis. Minneapolis: Augsburg-Fortress, 1997. Esse livrete é o primeiro de uma série em três partes que também inclui Welcome to Christ: A Lutheran Catechetical Guide e Welcome to Christ: Lutheran Rites for the Catechumenate, também publicados por Augsburg Fortress em 1997.

8. Veja LINDBECK, George. The Nature of Doctrine: Religion and Theology in a Postliberal Age. Filadélfia: Westminster Press, 1984.

9. Esta é uma questão extremamente importante, rarissimamente discutida. Veja o massivo estudo de GREENBERG, David. The Construction of Homosexuality. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

10. O melhor tratamento ético do assunto que já vi e a melhor demonstração de interpretação bíblica para que o povo de Deus possa ser formado pelas Escrituras é HAYS, Richard B. The Moral Vision of the New Testament: A Contemporary Introduction to New Testament Ethics. São Francisco: HarperSanFrancisco, 1996, p. 379-406. Veja também, de SCHMIDT, Thomas E. Straight and Narrow?

Compassion and Clarity in the Homosexuality Debate. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995, que trata de maneira calma e lúcida de dimensões sociais, políticas, médicas e bíblicas dessas questões.

11. Veja COUPLAND, Douglas. Generation X: Tales for an Accelerated Culture. Nova York: St. Martin's Press, 1991, e também "The Needs of Our Being", capítulo 3 de Marva J. Dawn. A Royal "Waste" of Time: The Splendor of Worshiping God and Being Church for the World. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999, p. 21-36.

12. COUPLAND, Douglas. Life after God. Nova York: Simon and Schuster, 1994.

13. Veja WHITEHEAD, Barbara Dafoe. The Divorce Culture: Rethinking Our Commitments to Marriage and Family. Nova York: Alfred Knopf, 1997.

14. Para reflexão adicional sobre o presente e a prática desse dia santo, veja meus livros Keeping the Sabbath Wholly: Ceasing, Resting, Embracing, Feasting. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1989, e The Sense of the Call: Kingdom Shalom for Those Who Serve the Church. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., (no prelo).

15. Para estudo adicional sobre esse tema, recomendo sinceramente as obras de BANKS, Robert. The Tyranny of Time: When 24 Hours Is Not Enough. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 1997, e Redeeming the Routines. Grand Rapids: Baker Books, 1993.

16. David Hansen oferece maravilhosas visões sobre escutar o Espírito para

conhecer a vontade de Deus no capítulo 3, “The Holy Spirit”. In: The Art of Pastoring: Ministry Without All the Answers. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994, p. 42-59.

17. SINE, Tom. The Mustard Seed Conspiracy. Waco, TX: Word Books, 1981.

18. Uma maneira importante de escutar a direção do Espírito e ver a atuação de Deus por meio de nós é a orientação espiritual. As obras de Eugene Peterson sobre o tema são especialmente úteis. Veja particularmente Working the Angles: The Shape of Pastoral Integrity. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987.

19. Para uma consideração sobre descobrir a vontade de Deus no contexto de edificar a comunidade cristã veja “The Constant Adventure of Discovering God’s Will”, capítulo 6 do meu livro Truly the Community: Romans 12 and How to Be the Church. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992; 1997 (reedição), p. 46-55.

20. Isso me parece argumentar contra dividir as nossas igrejas em as que querem somente música “contemporânea” e as que preferem somente a “tradicional”. Para uma consideração estendida sobre por que e como podemos e devemos unir essas divisões, veja especialmente os capítulos 2, 13-17 e 26 de A Royal “Waste” of Time.

21. Este tópico é tratado em muito maior detalhe no meu livro Joy in Our Weakness: A Gift of Hope from the Book of Revelation. St. Louis: Concordia Publishing House, 1994.

22. Para uma exegese mais minuciosa dessa difícil passagem do que é possível aqui, uma fita de áudio do meu ensino em uma congregação — #330, “A New Look at Ephesians 5:21-33” — pode ser pedida a, ou emprestada de, Dottie Davis, Christians Equipped for Ministry Tape Ministry, 10918 NE 152nd Ave., Vancouver, WA 98682, +1(360)892-3618.

23. Para uma discussão minuciosa sobre o falso ensino em Éfeso e suas implicações na interpretação de 1Timóteo 2, veja a obra de KROEGER, Richard Clark e KROEGER, Catherine Clark. I Suffer Not a Woman: Rethinking I Timothy 2:11-15 in Light of Ancient Evidence (Grand Rapids: Baker Book House, 1992). Ver também meus artigos “Hermeneutical Considerations for Biblical Texts” e “I Timothy 2:8-15”. In: Different Voices/Shared Vision: Male and Female in the Trinitarian Community, org. Paul Hinlicky. Delhi, NY: American Lutheran Publicity Bureau, 1992.

24. FORE, William F. Television and Religion: The Shaping of Faith, Values, and Culture. Minneapolis: Augsburg, 1987, p. 74-75.

* O substantivo grego diákonos em Romanos 16.1 não se refere a um título oficial de “diaconisa” conferido a Febe, mas à sua postura de serva dentro da igreja. O mesmo uso é encontrado em Mt 20.26; Mc 9.35; Jo 12.26; 1Co 3.5. (N. do T.).

Capítulo 8

1. FEE, Gordon. 1 and 2 Timothy, Titus. A Good News Commentary. São Francisco: Harper & Row, 1984, p. xxiii-xxiv.

2. KELLY, J. N. D. A Commentary on the Pastoral Epistles. Londres: Adam and Charles Black, 1963, p. 235. Em outros textos, Paulo cita Menandro (1Co 15.33) e Arato (At 17.28), novamente demonstrando seu amor por metáfora e poesia.

3. KELLY. A Commentary on the Pastoral Epistles, p. 235.

4. NOUWEN, Henri J. M. In the Name of Jesus: Reflections on Christian Leadership. Nova York: Crossroad Publishing Company, 1989, p. 17.

5. TOWNER, Philip. The Goal of Our Instruction. Sheffield, Eng.: JSOT Press, 1989.

6. YOUNG, Frances M. The Theology of the Pastoral Epistles. Nova York: Cambridge University Press, 1994, p. 50.

7. YOUNG. The Theology of the Pastoral Epistles, p. 52.

8. YOUNG. The Theology of the Pastoral Epistles, p. 57.

9. YOUNG. The Theology of the Pastoral Epistles, p. 118.

10. YOUNG. The Theology of the Pastoral Epistles, p. 61.

11. YOUNG. The Theology of the Pastoral Epistles, p. 83.

12. Extraído de Pensées 172 de Pascal; citado em BALTHASAR, Hans Urs von. The Glory of God, vol. 3. São Francisco: Ignatius Press, 1986, p. 206.

13. KELLY. A Commentary on the Pastoral Epistles, p. 229.

14. BERNANOS, Georges. Citado em BALTHASAR, Hans Urs von, Bernanos. São Francisco: Ignatius Press, 1996, p. 32.

Capítulo 9

1. JOB, Rueben P. e SHAWCHUCK, Norman, org. A Guide to Prayer: For Ministers and Other Servants. Nashville: The Upper Room, 1983, p. 173 e 178. Essas orações foram separadas para as semanas do ano eclesiástico antes e durante as quais se realizou a conferência do Regent College. Modifiquei a pontuação para correção gramatical e escrevi Igreja com I maiúsculo para significar a única santa Igreja católica apostólica em todo o tempo e espaço.

2. Esses comentários na apresentação original no Regent College foram suscitados ao tomarmos conhecimento do tiroteio na escola de ensino médio de Springfield, Oregon. Um dos participantes da conferência era pastor de uma congregação nas proximidades; por isso, ele e seu ministério à comunidade enlutada foram incluídos nas nossas orações. Quando ocorrem tragédias como essa e crises em nossos corpos eclesiásticos e comunidades locais maiores, precisamos de rituais públicos que acolham a participação verbal real de todos nas orações corporativas. Ao mesmo tempo, precisamos de que esses rituais sejam verdadeiramente públicos, para que eles nos permitam lamentar

corporativamente e, assim, encontrar libertação das nossas esmagadoras confusões e agonias particulares.

3. Para uma exegese intensiva e perguntas para discussão referentes à edificação da comunidade, veja meu livro Truly the Community: Romans 12 and How to Be the Church. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992; relançado em 1997.

4. Veja especialmente ELLUL, Jacques. The Technological Society, trad. John Wilkinson. Nova York: Vintage Books, 1964; The Technological System, trad. Joachim Neugroschel. Nova York: Continuum, 1980; The Technological Bluff, trad. Joyce Main Hanks. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990; e The New Demons, trad. C. Edward Hopkin. Nova York: Seabury Press, 1975.

5. Essa é a tese fundamental do meu livro Sexual Character: Beyond Technique to Intimacy. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1993. O livro oferece maneiras positivas de discutir a intimidade com jovens e uma explicação minuciosa do lindo projeto de Deus para o verdadeiro amor na amizade e no casamento.

6. Sobre a obra do pastor como “amizade”, veja o capítulo 8 de HANSEN, David. The Art of Pastoring: Ministry Without All the Answers. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994, p. 117-33. Ele nos lembra de que “É melhor reconhecer que a nossa amizade é essencialmente desnecessária para as pessoas” (123).

7. Parece-me um retrocesso o idioma inglês ter apagado as suas distinções entre os pronomes “tu” e “vós”. Alguns idiomas europeus estão começando a seguir o exemplo, deixando de exigir a forma respeitosa formal do singular, que nessas línguas é, frequentemente, igual à do plural. Ao perdermos nosso vocabulário

para respeito nos EUA, também renunciamos a títulos (como “senhor”, “senhora” ou “professor”), que nos lembravam de que ainda precisamos da orientação dos mais velhos e (habitualmente) mais sábios do que nós. Nossas alterações de linguagem são sintomáticas do, e contributivas para o declínio da comunidade na nossa cultura. Distinguir entre “tu” como um conhecido íntimo, “vós” como alguém a quem não me dirijo em termos íntimos em virtude de respeito ou de um relacionamento menos desenvolvido, e “vós” como um grupo maior do qual sou apenas uma parte, ajuda-me a ter um sentido mais verdadeiro do meu lugar no todo.

8. Para uma discussão adicional sobre a importância da comunidade para aqueles que sofrem, veja meu livro Joy in Our Weakness: A Gift of Hope from the Book of Revelation. St. Louis: Concordia Publishing House, 1994.

9. Veja, por exemplo, PETERSON, Eugene H. Subversive Spirituality, org. Jim Lyster, John Sharon e Peter Santucci. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997.

10. Veja outros termos para esse equilíbrio dialético em Confident Witness — Changing World, org. Craig Van Gelder. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999. Compare especialmente com a noção de William Burrows, das igrejas como “áreas” que nos conectam à “verdade de casa” em “Witness to the Gospel and Refounding the Church”, p. 189-202; a imagem de Douglas John Hall de uma “existência de diáspora” em “Metamorphosis: From Christendom to Diaspora”, p. 67-79; e a referência de Mary Jo Leddy à descrição de Václav Havel das “culturas paralelas” checas em “The People of God as a Hermeneutic of the Gospel”, p. 303-13.

11. Leddy, “The People of God”, p. 311. Leddy cita Miroslav Václav Havel, Living in Truth, org. Jon Vladislav (Londres e Boston: Faber and Faber, 1989). O ensaio citado por ela, “The Power of the Powerless”, escrito em 1978, também aparece em Václav Havel, Open Letters: Selected Writings 1965-1990, org. Paul

Wilson (Nova York: Alfred A. Knopf, 1991), p. 125-214. Este livro contém várias referências adicionais a, e descrições de, “culturas paralelas” e “estruturas paralelas” em outros ensaios.

12. Essas sete necessidades de todos os seres humanos são elaboradas e exemplificadas, com excertos de COUPLAND, Douglas. Generation X: Tales for an Accelerated Culture. Nova York: St. Martin’s Press, 1991, em “The Needs of Our Being”, capítulo 3 do meu livro A Royal “Waste” of Time: The Splendor of Worshiping God and Being Church for the World. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999, p. 21-36.

13. Mary Jo Leddy usa essa frase adaptada da expressão “país amado”, do poeta e fazendeiro Wendell Berry em “The People of God”, p. 312.

14. Se a sua congregação está dividida sobre questões de adoração, deixe-me exortá-lo novamente a fazer uso das perguntas e reflexões contidas em A Royal “Waste” of Time pelo propósito de engajar-se em processos congregacionais que constroem unidade. Os direitos autorais desse livro fornecem bolsas de estudo a jovens músicos de fé, para que eles também possam aprender a construir unidade com a música. Essa formação em música eclesiástica é fornecida pelo Lutheran Music Program em suas agremiações de verão para músicos vocais e instrumentais do ensino médio. Para obter mais informações, entre em contato com o diretor executivo, Dr. Victor E. Gebauer, em 122 West Franklin Avenue, Suite 522, Minneapolis, MN 55404; telefone +1-612=879-9555 e fax +1-612-879-9547.

15. Meu uso do termo heroico para descrever o casamento cristão é tomado de HAUERWAS, Stanley. “The Public Character of Sex: Marriage as a Heroic Institution”, In: A Community of Character: Toward a Constructive Christian Social Ethic. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981, p. 184-93. Estendo o seu termo para incluir pessoas solteiras fiéis ao projeto de Deus para a castidade sexual, porque esse papel é igualmente difícil na nossa sociedade,

caracterizada por sua degradação familiar e suas idolatrias sexuais.

16. Para reflexões e perguntas para discussão referentes ao nosso coração pastoral e paterno pela criação das crianças nas nossas igrejas, veja meu livro Is It a Lost Cause? Having the Heart of God for the Church's Children. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997.

17. Veja WUTHNOW, Robert. Sharing the Journey. Nova York: Free Press, 1994.

18. Veja HUNSBERGER, George. "Sizing Up the Shape of the Church." In: The Church Between Gospel and Culture: The Emerging Mission in North America, org. George R. Hunsberger e Craig Van Gelder. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996, p. 333-46. Esse livro é o primeiro de uma série de recursos da Gospel and Our Culture Network para recuperação de "igrejas missionárias". Outros recursos da Network incluem GUDER, Darrell L. org., Missional Church: A Vision for the Sending of the Church in North America. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998, e GELDER, Craig Van, org. Confident Witness — Changing World (veja a nota 10). Para informações sobre a própria Network, contate Judy Bos, Administrator, ou Dr. George R. Hunsberger, Coordinator, The Gospel and Our Culture Network, 101 E. 13th St., Holland, MI 49423-3622.

19. LENSKI, R. C. H. The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Galatians, Ephesians, and Philippians. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1937, p. 510-11.

20. A evocação e o compartilhamento de dons espirituais são explorados mais detalhadamente no meu livro Truly the Community, especialmente nos capítulos 11-15 (p. 92-138). A obra pastoral de desenvolver a congregação para essa

evocação de dons será delineada adicionalmente no meu livro The Sense of the Call: Kingdom Shalom for Those Who Serve the Church. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co. (no prelo).

21. DAVIDSON, Robert. The Vitality of Worship: A Commentary on the Book of Psalms. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998, p. 214. As referências a páginas desse livro nos parágrafos a seguir aparecem entre parênteses no texto.

22. Veja especialmente o capítulo 9, “Don’t Let the People Cop Out of Witnessing”, e os capítulos 29- 30, “Worship to Form a Missional Community” e “Always Be Ready to Give an Account” em A Royal “Waste” of Time, p. 120-34 e 333-52.